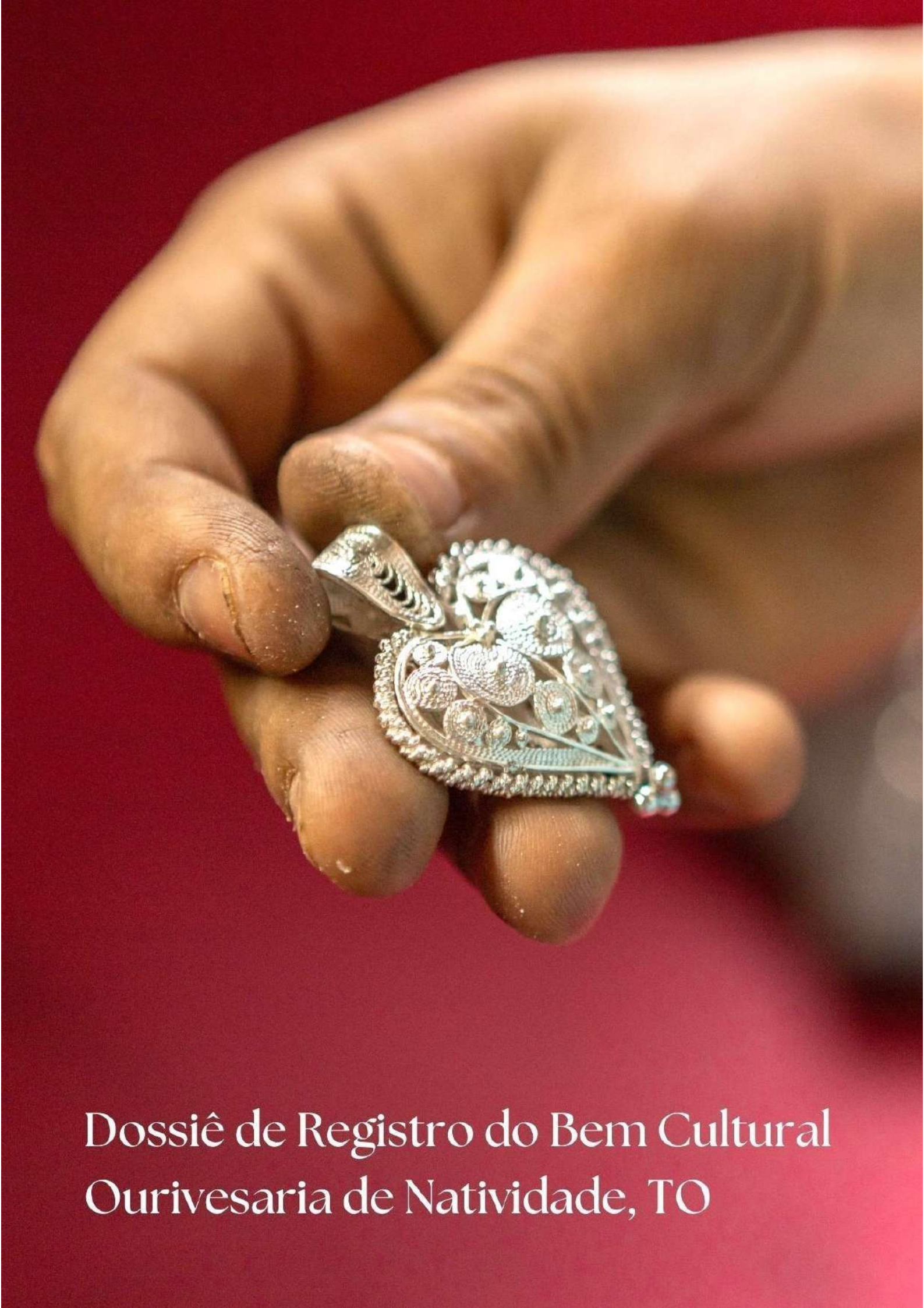


Dossiê de Registro do Bem Cultural
Ourivesaria de Natividade, TO

Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO

(Ref: Produto 5)

Processo SEI/IPHAN nº 01422.000120/2023-11

Palmas, TO, novembro de 2024

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Grass

Superintendente do Iphan no Tocantins
Cejane Pacini Leal Muniz

Chefe da Divisão Técnica do Iphan no Tocantins
Rômulo Macêdo Barreto de Negreiros

Chefe da Divisão Administrativa do Iphan no Tocantins
Silberto dos Santos Silva

Chefe do Escritório Técnico do Iphan de Natividade
Karen Gonçalves de A. Antero

Equipe de Pesquisa

Coordenadora
Noeci Carvalho Messias

Pesquisadores
Nei Clara de Lima
Noeci Carvalho Messias
Renata Ferreira da Silva
Rafael Petry Trapp

Vídeo
Daniel dos Santos Coelho Silva

Fotografia
Daniel dos Santos Coelho Silva
Rafael Petry Trapp
Jorge Cardoso Dias

Geoprocessamento
Rodolfo Alves da Luz

Bolsistas de Graduação Curso de Teatro da UFT
Dora Maria Soares de Oliveira
Lais Paz Duarte

Apoio técnico administrativo-financeiro
Míriam Lucas da Silva Parente

Equipe de Produção do Documentário

Direção e Roteiro
Getúlio Barros de Melo

Montagem/Edição e Assistente de direção
Leandro de Alcântara Silva

SUMÁRIO

Apresentação - Elos que entrelaçam as joias de Natividade 6
Prólogo - “Estou passando à rainha, cheia de dinheiro no corpo” 9
1 Introdução - A ourivesaria de Natividade como bem cultural 12
2 A economia do ouro no Norte Goiano (Tocantins colonial) 31
2.1 Natividade 31
2.2 Chapada da Natividade 39
3 O imaginário do ouro e da ourivesaria nos sertões do Norte Goiano 45
4 As festas religiosas em Natividade 61
5 A ourivesaria devocional nativitana 74
6 A historicidade do ofício da ourivesaria e do uso de joias em Natividade 114
6.1 A Associação Comunitária Cultural de Natividade e o ressurgimento da ourivesaria 131
7 A mesa: a construção do ourives nativitano como artista do ouro 145
8 Produção, circulação e consumo das joias artesanais de Natividade 160
9 Epílogo - De mãos dadas com Dizinha 173
10 Recomendações de salvaguarda 181
11 Conclusão 185
Referências 186
Apêndices 193
O processo da pesquisa baseada em Artes 193
Catálogos 213
A pele das joias 213
Joias Com Versos de Crianças 213
Ferramentas 213

Eu conto a história de um lindo arraial
De negros e brancos, de índios, enfim
O ouro brotava, da terra nascia
O negro cativo chorava e sofria
Buscando as riquezas que o branco queria
Com dores e lágrimas o arraial construía
Em cima da serra o povo vivia
O desbravador da serra desceu
E Natividade um dia nasceu
Nasceu a cultura de um povo mestiço
Que canta e dança com fé no Divino
O amor e a esperança
Ruas e casas história respiram
Na Igreja Matriz repousa a Santa bendita
Mãezinha querida que protege nossas vidas
Mostrando um passado de glórias vividas
Num concurso nacional que o Brasil elegeu
Uma das sete maravilhas Natividade venceu.

(Felisberta Pereira da Silva, mestre de suça de Natividade, TO)[1]

[1] Conferir. <https://www.youtube.com/watch?v=D4kDzMP7RbQ>.

Apresentação - Elos que entrelaçam as joias de Natividade

Natividade é uma cidade que já faz parte da minha trajetória desde metade dos anos 1980, quando por ali passei em visita a familiares. Mas, foi em 2005 como pesquisadora que participei do Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais de Natividade/Iphan. Essa pesquisa foi fundamental para que eu descobrisse uma conexão com suas manifestações culturais, levando-me a organizar um projeto de doutorado sobre a Festa do Divino Espírito Santo. Tempos depois, coordenei a Etapa I do Mapeamento da Capoeira na Região Sudeste do Tocantins/Iphan, na qual Natividade está incluída. Em 2023, retomei a tarefa de realizar outra pesquisa, o Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO como desdobramento da primeira. Desde então, minha presença em Natividade é recorrente, em especial, na ocasião dos festejos do Divino Espírito Santo.

E, o que eu descobri nesse processo de pesquisadora que me fez também pensar e repensar a minha conexão com Natividade tem a ver com a minha ancestralidade. Entre idas e vindas, descobri por meio de conversas informais e com parentes que vivem em Natividade ou em outras cidades, que uma tia-avó – Tia Natinha[2] – viveu e morreu na cidade. Embora eu não a tenha conhecido pessoalmente, fui aos poucos buscando e encontrando elos, que me fortalecem e sempre me trazem de volta a Natividade.

Portanto, se passaram quase vinte anos desde a primeira pesquisa até o convite para a coordenação do Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade. O trabalho de sistematizar e organizar a escrita deste Dossiê se fazia ainda mais desafiador, posto que anteriormente esta tarefa já tinha sido pautada a um grupo de pesquisadores, também da Universidade Federal do Tocantins que, entretanto, não teve continuidade no sentido do reconhecimento do bem pelo Iphan.[3] Essa situação deixou marcas na comunidade nativitana, o que dificultou a inserção de novos pesquisadores no sítio pesquisado. Inevitável foi maturar as dificuldades da coordenação do projeto, associadas à história do projeto anterior, às preocupações com o cumprimento de prazos e à responsabilidade do desafio de

[2] Maria Fortunata Messias de Souza (1896-1981).

[3] O primeiro pedido de registro do bem cultural ourivesaria de Natividade, TO foi feito pelos ourives e pela população nativitana ao Iphan em 2007. A equipe responsável pela pesquisa, da Universidade Federal do Tocantins (Arraias) empreendeu uma cuidadosa investigação. Foram elaborados relatórios, entrevistas, fotografias, vídeos e outros produtos. No entanto, em que pese a considerável dimensão dos registros documentais, o parecer técnico da 14ª Superintendência Regional apontou fragilidades no relatório final, que foi considerado insatisfatório. Posteriormente, em dezembro de 2008, foi entregue um novo dossiê, revisado e ampliado. Todavia, novos problemas técnicos fizeram com que o processo não prosseguisse.

organizar/escrever o Dossiê – escrito por várias mãos. Tudo isso conflui para um fluxo em que vieram as emoções vivenciadas na pesquisa e o texto de cada pesquisador/a da equipe.

Foi assim, que numa manhã, durante a pesquisa de campo, resolvi caminhar contornando os traçados tortuosos das ruas da cidade apreciando o casario. Atravessei o beco do cemitério velho e andei pelos seus arredores, que fica localizado no entorno do centro histórico. Invoquei a minha ancestralidade. Percorri o beco de volta e me sentei em um banco, na praça da igreja de São Benedito e me pus a refletir. Cheia de dúvidas. Angústias. Medo. Como organizar a escrita do Dossiê? Como explicar a quantidade enorme de ferramentas utilizadas pelos ourives? E as joias, com tantos detalhes, tipologias e beleza, como descrever cada uma delas? Como sistematizar o material coletado no ensaio fotográfico?

Em meio a este redemoinho de inquietações me veio a inspiração de organizar parte desse material em forma de catálogos. Pensei em três catálogos, sendo um para as joias, outro para as ferramentas e outro para o ensaio fotográfico. Essa inspiração que veio como uma luz me fez lembrar Clarissa Pinkola Estés, em *A ciranda das mulheres sábias*. A autora nos lembra que "todas nós pertencemos a uma linhagem longuíssima de pessoas que se tornaram lanternas luminosas a balançar na escuridão, iluminando o próprio caminho e os passos de outras".[4] Sim, sou herdeira da minha tia-avó Natinha e suas luzes continuam a oscilar no escuro, por meio de mim. Ela me inspirou a partir das suas inspirações.

Em seguida compartilhei essa força inspiradora com uma das pesquisadoras da equipe, que logo acolheu a ideia. E a partir dali a pesquisa ganhou forma e lindeza com sua diagramação de arte, com as imagens e os textos produzidos. Mas, nada seria tão inspirador se não fosse pela beleza e refinamento das joias; das ferramentas utilizadas pelos ourives; das pessoas da comunidade que acolheram e aceitaram participar do ensaio fotográfico que vieram compor um dos catálogos. A realização do ensaio – fundamentado na metodologia da *pesquisa baseada em artes* – foi um dos momentos mais significativos do trabalho, pois o convite aos moradores da cidade para o ensaio fotográfico, na sede do Escritório Técnico do Iphan, foi uma ação que proporcionou *a posteriori* uma das devolutivas àquela comunidade, a realização da exposição fotográfica *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*, na Praça Leopoldo de Bulhões, no Centro Histórico de Natividade, em setembro de 2023.

A receptividade desta ação entre os moradores foi tamanha que se desdobrou numa *exposição andarilha* que percorreu as escolas da cidade, com roteiro organizado pela própria

[4] Estés, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 60.

comunidade e com o apoio da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. Uma professora[5] de uma das escolas[6] desenvolveu uma ação educativa com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental de produzirem versos sobre as joias. A exposição e o trabalho pedagógico com as joias foram momento únicos no encontro entre a pesquisa e a comunidade local.

Como materialização desses encontros de experiências e saberes mediados por linguagens artísticas, fora produzidos três catálogos que integram este Dossiê. São eles *A pele das joias*; *Joias - com versos de crianças* e o das *Ferramentas*. Cada um deles aborda um aspecto singular do significado das joias de Natividade. Eles foram tramados tendo como fio condutor o caráter dinâmico do bem cultural que se apresenta com diversas faces históricas e culturais, mas todas elas produtoras de beleza e arte. Tal foi o envolvimento da comunidade no processo de pesquisa que resultou no convite para pessoas da comunidade e pesquisadores envolvidos com o tema para escrever o prefácio ou o posfácio de cada um dos catálogos.

Cabe destacar que a prática do saber fazer e usar as joias artesanais de Natividade só se mantém viva ao longo de gerações pela destreza e maestria dos ourives, que honram as tradições das manualidades, produzindo arte; das pessoas que as usam e do engajamento da comunidade nativitana. Sem esta comunidade com suas devoções religiosas e celebrações da vida, a poesia das crianças e as habilidades artísticas dos ourives certamente não haveria as joias artesanais e nem o cultivo desta tradição de longa data.

Quero expressar minha gratidão à ótima equipe de pesquisadores, cuja disponibilidade, cuidado, comprometimento e atenção tornaram possível este precioso trabalho; aos ourives e à comunidade nativitana, pelo acolhimento e afetos. E à minha ancestralidade pela inspiração.

Noeci Carvalho Messias

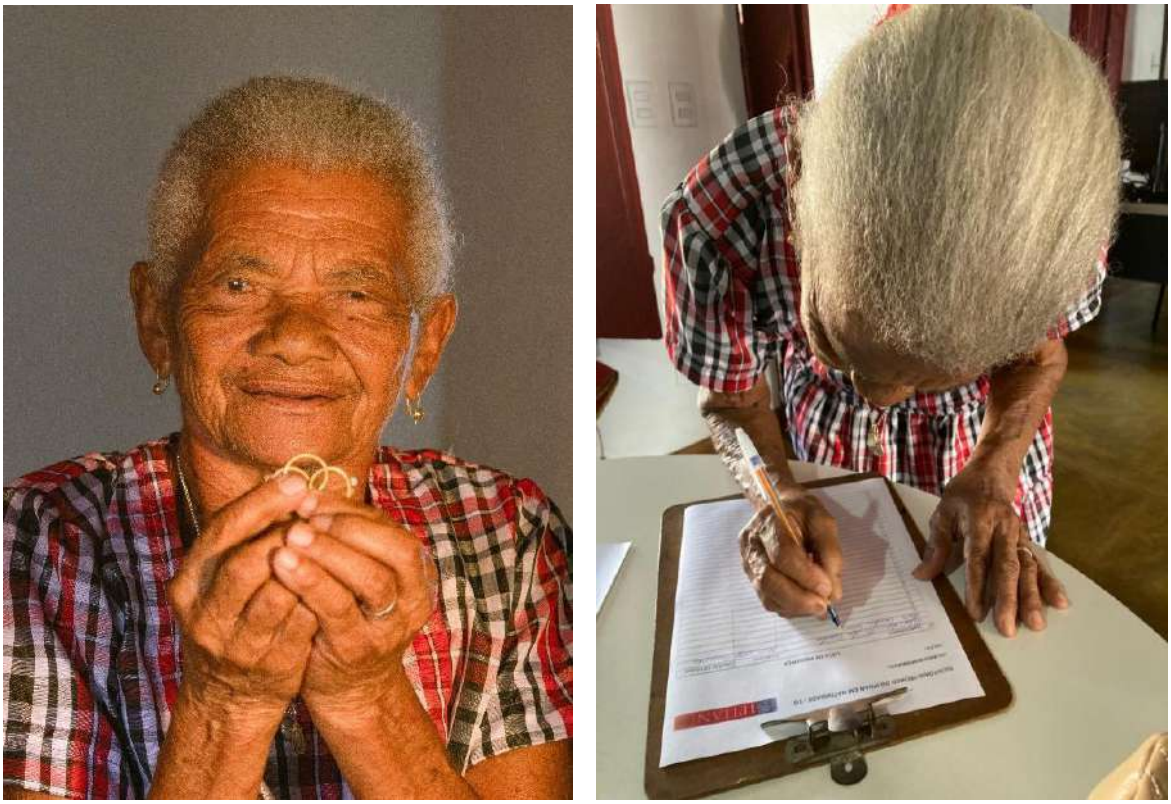
Coordenadora da Pesquisa

[5] Cássia Tavares de Albuquerque.

[6] Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira, Natividade, TO.

Prólogo - “Estou passando à rainha, cheia de dinheiro no corpo”

Dia do Bonfim Candeia, dona Dizinha, como é conhecida em Natividade, aos 87 anos, chegou ao Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na manhã do dia 14 de julho de 2023, atendendo ao convite da equipe de pesquisa do Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO para participar do ensaio fotográfico que estava acontecendo naqueles dias, conforme planejado como parte do trabalho de campo. Trajava um vestido xadrez nas cores branca, vermelha e preta; calçava sandália de tiras abertas; o cabelo, crespo e grisalho, penteado para trás, juntado num pequeno rabo-de-cavalo amarrado com uma fita vermelha.



Dona Dizinha, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

No ombro levava uma pequena bolsa de crochê na cor azul e no pescoço trazia um colar e dois pingentes de prata. Um deles era uma pedra de corvina incrustada em garras de metal prateado e o outro era uma medalhinha de santo. Nas orelhas trazia brincos de ouro, modelo *teta de moça*, e na mão esquerda um anel de prata, modelo *mãozinhas dadas*.

Depois de assinar os livros de registro de entrada no escritório do Iphan e as fichas de identificação e autorização de uso de imagem exigidos pela pesquisa, posou para os registros

do ensaio fotográfico. Desde a entrada no prédio, mostrou alegria e desenvoltura, tanto nas poses em que estava sozinha quanto em outras, como quando se juntou à sua amiga Filomena Batista de Amorim Moreira (Dona Filó, mãe do ourives nativitano Uardon Moreira da Cunha), que trajava algumas de suas mais preciosas joias, incluindo o brinco *cachinho de uva* articulado ao pingente *peixa*. Ela também veio para ser fotografada naquele dia.

Dona Filó e Dona Dizinha, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Finalizado o ensaio, conversamos numa entrevista gravada, quando dona Dizinha contou um pouco da sua história de vida. Nascida no interior do município de Almas, TO (que à época de seu nascimento era distrito de Natividade), às margens do Rio do Peixe. Disse que foi criada por uma família que não a sua consanguínea e que desde pequena trabalhou muito, sendo seu primeiro serviço "vigiar bicho na roça".[7] Contou ainda que sua avó era rezadeira e sua mãe parteira. Dizinha ganhou o nome em razão do dia de nascimento de sua mãe, ocorrido em 15 de agosto de 1915, dia do Senhor do Bonfim, e da devoção de sua avó à Nossa Senhora das Candeias, santa que, segundo ela, ajuda a "alumiá quem está no escuro".

Ao falar sobre as joias que enfeitavam seu corpo naquela ocasião – ela havia se arrumado para ser fotografada –, contou que ganhou o par de brincos *teta de moça* da sua mãe de criação, quando tinha 19 anos. Afirmou que a joia foi feita por mestre Juvenal e que nunca os tirou das orelhas[8], a não ser "quando chegou o cigano... o cigano é impossível!"[9] Encerrou

[7] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO [doravante "Dossiê"] por Dia do Bonfim Candeia, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.
[8] Mais adiante, na conclusão deste Dossiê trataremos de um acontecimento altamente significativo ocorrido com os brincos de dona Dizinha, evidenciando como a pesquisa em curso afetou a sua relação com esta joia.

seu breve relato biográfico atrelado ao de suas joias com um agradecimento: “Estou passando à rainha. Obrigada, meu Deus, por estar pegada no ouro do Juvenal!”

Naquela manhã, dona Dizinha expressou seu contentamento por se ver reconhecida nas lentes atentas e curiosas dos pesquisadores e por pensar nos sentidos de sua história e de sua identidade em relação à Ourivesaria de Natividade. Se transformou, deste modo, num guião grandiloquente e numa referência teórica nativa que informou a construção da pesquisa e a elaboração deste Dossiê, oferecendo-nos um leque entreaberto de significados, saturado de códigos da vida social daquele lugar: sobre o valor que as joias artesanais de ouro e prata possuem para os nativitanos; sobre as “matrizes culturais” coloniais desses signos, sobre a importância do ourives Juvenal Rodrigues Cerqueira (1901-1979) na memória local e dos ourives nativitanos atuais; sobre ser negra e “rainha” em Natividade, entre tantos outros.

No percurso histórico dessa localidade, a ação colonizadora portuguesa colocou lado a lado europeus e africanos em uma interação diuturna e conflituosa que encontrou na devoção católica, no culto aos santos cristãos e nos festejos religiosos, como os reinados do Divino e do Rosário, momentos de paz espiritual frente a uma realidade material e simbólica regida pelas violências da escravidão.[10] Como representação de beleza, distinção social e conexão com o sagrado em um mundo de luz e escuridão, as joias vêm adornando e, simultaneamente configurando a identidade das almas e dos corpos, além de forjarem ourives – como Mestre Juvenal – os artífices da singularidade cultural de Natividade.

Os gestos performáticos de dona Dizinha, naquela manhã, desde a sua chegada ao Iphan, passando pelas poses para as fotos, até o final da conversa em que, com as mãos postas para o céu, agradece a Deus “por estar pegada no ouro de Juvenal”, atualizam e agenciam o bem – as joias que traz no corpo – evocando costumes, valores e sentimentos de outras épocas e outros lugares que historicamente constituem a diversidade de Natividade em suas dimensões social, cultural e política. Atualizados, ressignificam nos dias de hoje o passado colonial dos tempos da ocupação do território em razão das riquezas de suas minas de ouro, dando-lhe novas e complexas configurações, como veremos ao longo deste Dossiê.

[9] É amplamente disseminado nos sertões interiores do país o estigma de que os ciganos, provavelmente pelo seu nomadismo, são um povo em que não se pode confiar. Dizem que por onde passam roubam não só bens, como cavalos, mas também crianças que ficam longe dos olhos dos pais.

[10] Apolinário, Juciene Ricarte. *Escravidão negra no Tocantins colonial*: vivências escravistas em Arraias (1739-1800). Goiânia: Ed. Kelps, 2000.

1 Introdução - A ourivesaria de Natividade como bem cultural

Na cidade histórica de Natividade, no Sudeste do Tocantins, a ourivesaria, por sua densidade temporal, é mais do que um objeto e a produção material que o conforma: trata-se de um bem cultural sedimentado na articulação entre a fabricação técnica e a fabricação sociocultural de joias em ouro e prata. Os ourives nativitanos extrapolam o lugar de profissionais joalheiros: eles são agentes da cultura, e as joias, na condição de referências de identidade, encenam os meandros da memória coletiva dessa paragem brasileira por meio dos usos e significados que as pessoas atribuem a esses adornos em suas vidas.

Transitar em Natividade é encontrar as pessoas e suas joias reluzentes ornadas com detalhes em filigrana – fios de ouro que desenham delicados arabescos – no interior das igrejas, nas casas antigas e novas – onde se faz o biscoito *amor-perfeito*, que tem forma de joia –, na Festa do Divino, nos giros das folias, nos movimentos da suça, na quietude ancestral do retiro espiritual de Mãe Romana no Sítio Jacuba, na Romaria do Senhor do Bonfim e no perfil hoje silencioso da serra cujos veios testemunham a história de uma cidade pontilhada de sonhos e objetos dourados. Nos entremeios dessa sociedade, a ourivesaria tradicional é um pilar de significação do cotidiano. As joias são o "símbolo da terra, da cidade, da cultura, que em outro lugar não tem não",[11] conforme as palavras da nativitana Genilze Grácia Camêlo, a dona Gracinha, a seguir ricamente paramentada:

Dona Gracinha, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

[11] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Genilze Grácia Camêlo, em Natividade, TO, em 26 ago. 2023.

A ourivesaria de Natividade, do ponto de vista técnico, integra um amplo conjunto de joias artesanais feitas com ouro e prata extraídos de garimpos da própria região. Utiliza-se para sua confecção múltiplas técnicas, sendo a filigrana uma das mais valorizadas. Esse modo de produção artesanal, que consiste no bordado de hastes finas de ouro (as mais finas têm a espessura de um fio de cabelo) com laterais serrilhadas, tem gênese e origem luso-mediterrânea e teria sido trazida, junto de outras técnicas, para o território do atual estado do Tocantins durante o período colonial por artesãos do Norte de Portugal, da região do Minho.[12] Na imagem a seguir, pode-se ver os fios de ouro enrolados na "bolinha de filigrana", ou "rococó de filigrana", que preenchem a armação da joia *coração nativo*, em prata:

Pingente *coração nativo*. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).[13]

No Brasil, foi apenas em Natividade que esse ofício se manteve como um dado fundamental da cultura, em firme associação aos arranjos produtivos locais, e é em suas oficinas de ourives que a filigrana foi elevada ao patamar de arte, de forma única: "A joia comum ela pode ter arte, mas a arte da filigrana, ela sobrepunha a joia comum. Que a filigrana é difícil mesmo. Tem que ter boa... boa visão, bom olho... pra você fazer filigrana", explica o mestre nativitano Jesumar Batista Borges.[14]

[12] Bonfim, Watila. *Os filigraneiros de Natividade*: patrimônio imaterial, identidade e turismo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFT, Porto Nacional, 2019.

[13] Nas fotografias de joias isoladamente, a informação sobre a propriedade será ocultada por razões de privacidade e segurança.

[14] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023. Utilizamos os termos "mestre" e "ourives" conforme as definições nativas identificadas nas entrevistas com os artesãos nativitanos durante a pesquisa. Um mestre é, geralmente, o ourives reconhecido como tal entre a comunidade profissional devido ao acúmulo de conhecimentos e à disposição e capacidade de transmiti-los.

Para o também ourives nativitano Mascarenhas Soares de Carvalho, existe um modo de fazer as joias que é característico de Natividade:

> Porque não existem essas ferramentas de desenho, elas não existem pra gente comprar aonde a gente compra insumos, [...] as ferramentas mesmo de joalherias... então não tem essas ferramentas, porque [é] específico aqui das joias da Natividade, não é um desenho que você encontra em qualquer joalheria. [É] específico daqui de Natividade, só aqui que a gente faz. E o trabalho artesanal quando ele é bem feito, bem elaborado e bem criado ele se torna único. Então, a joia que eu faço nunca vai ser igual a que o meu colega faz; nós dois sempre vamos ter técnicas diferentes de fazer, por mais que sejam peças iguais... Se você pegar um coração de filigrana que eu faço é diferente do que o Wal faz, do que o Uardon faz, do que o José Leal faz [...] por mais que a gente tenha aprendido no mesmo local, por mais que sejam as mesmas medidas, mas cada um tem um toque de um joalheiro. E é esse toque que faz a diferença![15]

Apesar de enfatizar a existência de uma referência cultural global – a ourivesaria de Natividade – ele diz que o traço de cada ourives "tem uma marca, uma identidade que é única do ourives, da confecção dele, da maneira dele ver a joia, digamos assim, de enxergar a joia".

Embora haja trabalhos em filigrana em outros lugares do Brasil, como na joalheria de Pirenópolis, GO e em algumas joias paraenses usadas no Círio de Nazaré, no Tocantins, a filigrana logrou notório refinamento técnico. Foi agenciada pelos ourives e pela comunidade como uma personagem da tradição ourivesareira e artefato simbólico representativo do cenário cultural de Natividade. Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, ourives nativitano e proprietário da Ourivesaria Bella Art, declara que "a filigrana de Natividade a gente tem mais amor em fazer, faz com mais dedicação pelo símbolo [...] a história da joia".[16] Na imagem a seguir, seus dois aprendizes moldam a filigrana em suas bancadas:

[15] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Mascarenhas Soares de Carvalho, em Natividade, TO, em 26 jul. 2023.
[16] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.

Produção da filigrana na Ourivesaria Bella Art, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Para Mascarenhas – hoje em dia ele possui uma oficina de ourivesaria em Gurupi, TO –, as joias nativitanas em filigrana são "parte da história da gente". Se a ourivesaria morresse, desapareceria "parte do que a gente é, porque justamente a joia traz esse sentimento das pessoas". As joias são bens que os nativitanos lançam mão tanto para louvar e demonstrar devoção às divindades e agentes sagrados quanto "para comunicar-se com os outros e para entender o que se passa a sua volta".[17] Acompanhando novamente o pensamento de Mascarenhas, as joias materializam sentimentos, ideias e paixões inscritas nos processos históricos e escrevem história em um mesmo gesto comunicativo:

> Então, [a ourivesaria] conta a história do povo sofrido brasileiro. Como que foi a construção do país… Como é que foi a construção da nação brasileira... Então, tudo teve muito sacrifício, tudo teve muito trabalho, muito suor derramado, muito sangue derramado. Então, a joia também faz parte da cultura.[18]

[17] Douglas, Mary; Isherwood, Baron. *O mundo dos bens*: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 149.
[18] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Mascarenhas Soares de Carvalho, em Natividade, TO, em 26 jul. 2023.

Uso de colar de *lantejoulas* com pingente *coração nativo* em pouso de folia de Chapada da Natividade, TO, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

A ourivesaria tem sido preservada em Natividade há mais de um século e continua sendo desenvolvida por vinte e quatro ourives, homens e mulheres, entre mestres e aprendizes – referência com base na pesquisa de campo, de 2023. Esses artesãos exercem suas atividades de confecção de joias em Natividade, que foi um dos mais importantes centros mineradores do Norte goiano de meados do século XVIII ao início do século XIX. Os ourives são os mestres que articulam as técnicas de fabrico legadas por gerações de artesãos com os conhecimentos mobilizados, no tempo presente, pelos habitantes de Natividade e região Sudeste que usufruem das joias como signos identitários. A ourivesaria é uma tradição resiliente e "continua a ser repassada, joias confeccionadas de modo artesanal, e cada peça tem sua própria alma e singularidade, traço significativo de lugar".[19]

No entanto, a ourivesaria experimentou um momento de desagregação e declínio da sua produção, no último quartel do século XX, devido principalmente ao falecimento dos principais mestres e à ausência de novos aprendizes de ourives. Por se tratar de uma arte

[19] Bonfim, op. cit., p. 85.

mecânica que requer um processo particular de maturação de aprendizado[20] para alcançar os saberes e habilidades necessários para a delicada e paciente confecção das joias, um interregno geracional sem a formação de novos ourives poderia comprometer o ofício.

Diante de um quadro que vinha configurando a perda iminente das técnicas e da cadeia social de transmissão dos saberes, a comunidade nativitana se mobilizou para atrair alguns mestres ainda em atividade à procura e ao encontro de novos aprendizes. Esse movimento foi dinamizado pela Associação Comunitária Cultural de Natividade (ASCCUNA), fundada em 1992 por iniciativa da economista e gestora cultural nativitana Simone Camêlo Araújo. Em 1979, quando o mestre ourives Juvenal Rodrigues Cerqueira, seu tio-avô, dava seus últimos passos, ela fez "uma promessa a ele que não deixaria a arte morrer".[21]

Com a criação da ASCCUNA um rol de ações profissionalizantes teve início com o projeto *Ourivesaria Mestre Juvenal*, e contou com a parceria dos ourives Wal (Joaquim Valdeídes Carvalho) e Bisa (Abisania Ferreira Gomes). Bisa relata ter comentado "com Simone e Wal [...] que eu tinha vontade de fazer umas mesas pra ensinar mais gente, que a profissão que nós tava fazendo tava acabando'".[22] Com o auxílio de uma rede de apoios de entes estatais e privados, eles fundaram a Ourivesaria Mestre Juvenal, uma oficina-escola alocada em um casarão do centro histórico de Natividade. De dezembro de 1996 a fevereiro de 1997, ocorreu a primeira fase do curso de formação de jovens aprendizes, denominada *Iniciação às Joias Artesanais*. De agosto de 1999 a julho de 2000, foi realizada a segunda fase do curso de formação, com o título de *Design das Joias Artesanais*.

Movidos pelo sonho comunitário de reerguer a tradição da ourivesaria e pelo desejo do Mestre Bisa de contribuir com a melhoria das condições socioeconômicas da população negra, esses cursos foram uma alavanca de inclusão social. Dos alunos participantes da fase inicial do curso, Edilma Pereira, a primeira mulher negra ourives de Natividade, segue até hoje na ativa. Formados na segunda fase, os ourives Uardon Moreira, José Leal e Mascarenhas Carvalho também permanecem em atuação. Com a iniciativa da ASCCUNA, a

[20] Segundo Richard Sennett (2009, p. 336), "Os artífices orgulham-se sobretudo das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; a habilidade precisa amadurecer. A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se aposse da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Maduro quer dizer longo; o sujeito se apropria de maneira duradoura da habilidade".
[21] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.
[22] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

reprodução social da ourivesaria foi garantida em aliança a um processo de ampliação de oportunidades de emprego e geração de renda para diversas camadas da sociedade.

Primeira turma da Oficina-Escola Mestre Juvenal, 1999. Fonte: Araújo; Wal, 2015, p. 6.

Na década de 2000, outros projetos foram realizados. No ano de 2002, uma comitiva de representantes de Associações Comerciais do Tocantins se fez acompanhar dos ourives Uardon Moreira e José Leal e de Simone Camêlo Araújo em visita a Gondomar, Portugal, para que eles conhecessem oficinas de ourivesaria do Norte português e negociassem projetos de intercâmbio, especialmente das técnicas da filigrana. Um deles foi o Projeto de *Apoio às Joias Artesanais de Natividade*, realizado pela Fundação Cultural do Estado do Tocantins em parceria com o Iphan no Programa Monumenta, em 2004. Esse programa restaurou o centro histórico e incentivou atividades produtivas ligadas ao patrimônio cultural, como o artesanato, a culinária e a ourivesaria. O Monumenta, "[...] com apoio de estados e municípios [visou propiciar] a essas comunidades descobrir o patrimônio cultural como fonte de conhecimento e de rentabilidade financeira, como meio, portanto, de inclusão social".[23]

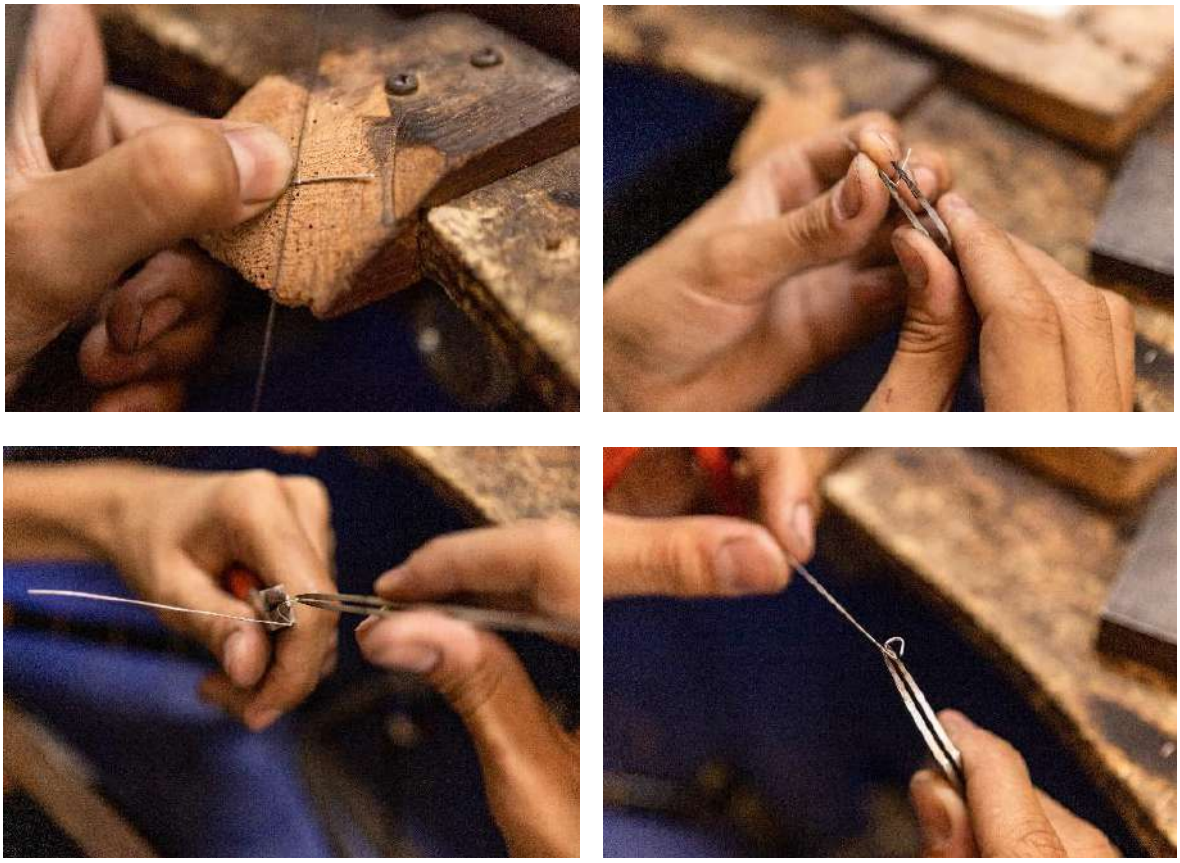
Por meio de cursos e consultorias, os ourives nativitanos receberam apoio para fortalecer e mesmo criar produtos mais alinhados com as tendências contemporâneas de mercado, destacando aspectos culturais e naturais da região, como os brincos *capim dourado* e *flor do cerrado*. Isso resultou no reforço de modelos baseados em temas da cultura local, como o *coração nativo* e a *flor de maracujá*, disponíveis como pingentes, colares, brincos, pulseiras e anéis. Além disso, a prata, obtida do ouro, vem sendo cada vez mais utilizada, tornando as joias mais acessíveis e populares. O incremento da produção com esse metal

[23] Iphan. *Joias artesanais de Natividade*. Brasília, DF: Iphan/Monumenta, 2006, p. 5.

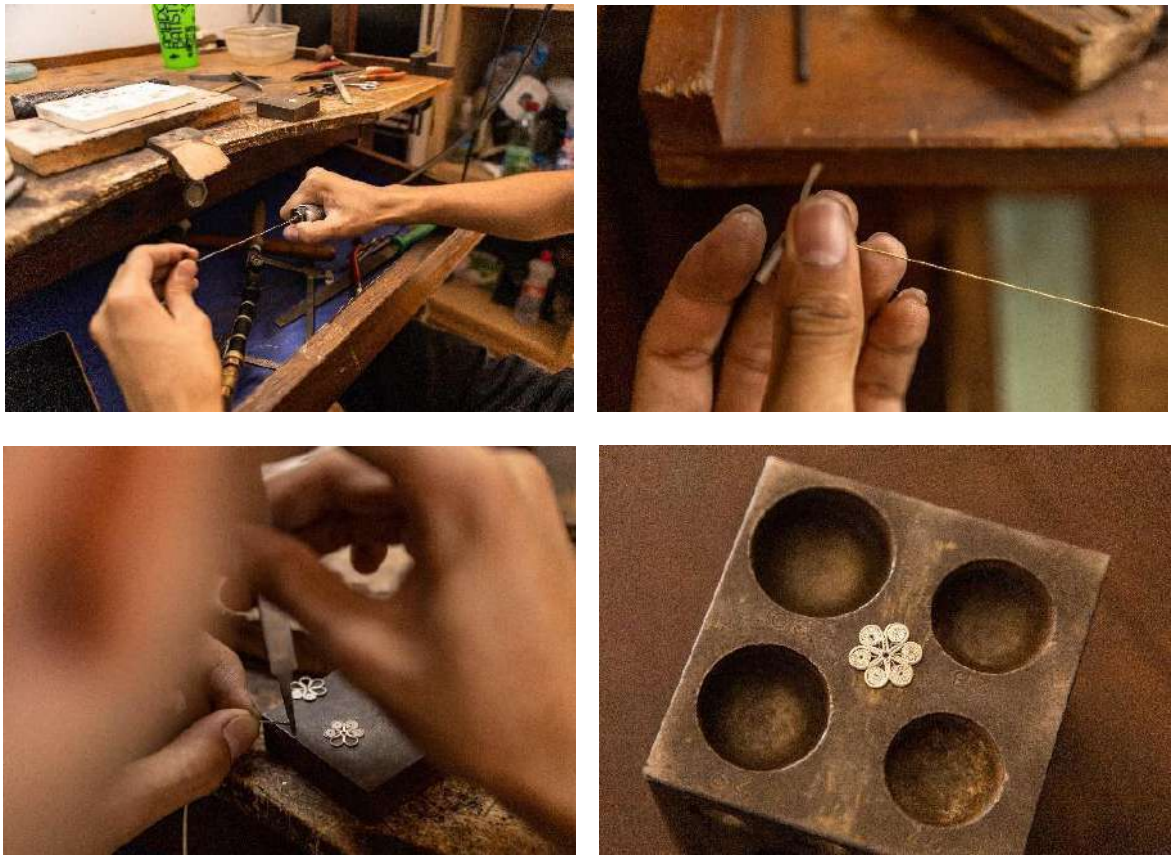
incorporou objetivos sociais e comerciais ligados ao esforço em preservar os modos de fazer e as formas de expressão associadas à ourivesaria:

> [No] nosso projeto a intenção era popularizar o uso das joias, e da mesma maneira popularizar o uso da prata. Então a prata tornou a joia um décimo do valor, para que todas as pessoas pudessem ter o acesso e ter um mercado forte…[24]

A seguir, artífice da Ourivesaria Bella Art demonstra algumas das principais fases do processo de fabricação do brinco *flor de maracujá* em prata com detalhes em filigrana:



[24] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.



Produção do brinco *flor de maracujá* em filigrana, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Com o desenvolvimento dessas ações para incentivar o aprendizado da confecção das joias artesanais – inclusive reavivando o conhecimento das técnicas da filigrana – a partir da primeira década deste século, o ofício de ourives vem sendo fortalecido e atualmente cerca de 24 deles, entre mestres e aprendizes, exercem suas atividades nas sete oficinas de Natividade. Ao longo de quase três décadas, essas iniciativas têm oferecido oportunidades para jovens de baixa renda aprenderem o ofício, gerando sustentabilidade econômica para as suas famílias. Desde então, vários deles se tornaram profissionais reconhecidos e abriram suas próprias oficinas, o que permitiu a continuidade do saber-fazer das joias artesanais, calcada na força histórica e na beleza da técnica da filigrana. É o caso do ourives Valdomilson Patrício Pereira (Pikeno), da Ourivesaria Vivi Joias, que mostra a seguir uma etapa do processo de confecção do *coração português* com a técnica da filigrana, ao lado de uma peça de sua autoria:

Produção do pingente *coração português* em filigrana, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

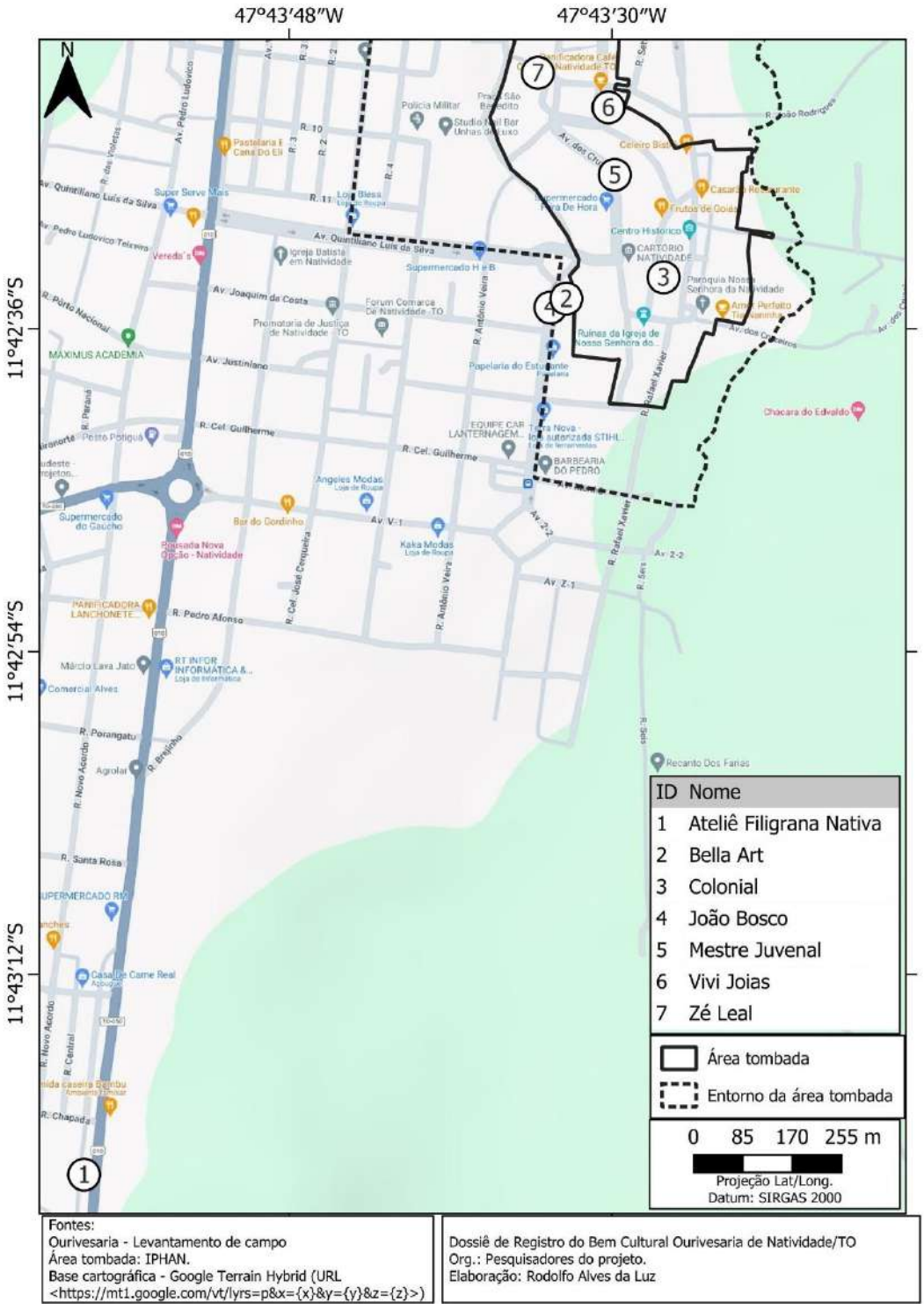
Atualmente, os mestres Jesumar Batista Borges, Abisania Ferreira Gomes e Alfredo Batista Borges estão aposentados e vivem em Natividade; Uaci Rodrigues Faria, filho adotivo e um dos discípulos do mestre Juvenal Rodrigues, está aposentado e vive em Palmas, TO. Alguns dos aprendizes dos cursos oferecidos nos anos de passagem do século XX para o XXI atuaram na área e mudaram de profissão, como Flávio Cavalera que, foi ourives por 10 anos e deixou a joalheria para ser guia turístico e fotógrafo. A seguir, alguns registros de ourives da atualidade na Oficina Mestre Juvenal e na Ourivesaria Colonial:

Ourives em oficinas de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

A seguir, apresentamos uma lista e um mapa das oficinas de ourivesaria em atividade na cidade de Natividade no ano de 2024, com seus respectivos profissionais:

	Oficina / Ourivesaria	**Ourives**
01	Ateliê Filigrana Nativa	Deuseílton Cardoso Lima
02	Bella Art	Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, Jefferson Pereira da Costa, Heric Henrique de Oliveira Almeida
03	Colonial	Anfrísia Pereira Cardoso (proprietária da ourivesaria); José Ricardo Tolentino dos Reis e Kauane Cardoso da Silva
04	João Bosco	João Bosco Nascimento (Mestre) e João Carlos Nascimento
05	Mestre Juvenal	Joaquim Valdeídes Carvalho (Mestre Wal); Uardon Moreira da Cunha; Edilma Pereira; Ernanny Pereira de Menezes; Antônio Luiz Alves de Souza Júnior (Júnior); Janaína Torres Pinto Abreu; Deusimar Rodrigues dos Santos (Pedão) e José Eduardo Fernandes Monteiro
06	Vivi Joias	Valdomilson Patrício Pereira (Pikeno); Rosângela Rodrigues Oliveira (Rosa), Tiago Ribeiro Magalhães e Viviane Carneiro Meneses
07	Zé Leal	José Leal Pereira da Silva (Mestre); Rodrigo Gonçalves Pereira e Kaik Lopes Guedes

Oficinas de Ourivesaria em Natividade, 2024. Fonte: Dados da pesquisa de campo.



Localização das oficinas de ourivesaria em Natividade, 2024. Fonte: Dados da pesquisa de campo (Mapa - Rodolfo Alves da Luz).

O caráter distintivo e que confere singularidade cultural à ourivesaria de Natividade está na morfologia e nos significados simbólicos das joias, que, entre outros sentidos,

mesclam elementos da natureza, com exemplares que remetem à flora brasileira, como a *flor de maracujá*; e, mais recentemente, peças com inspiração em plantas do Cerrado, como o capim dourado, e formas de expressão da vida religiosa local. As joias são feitas dos metais preciosos extraídos de garimpos da própria região, principalmente no distrito nativitano do Príncipe e nos municípios vizinhos de Chapada da Natividade, Conceição e Almas.

As práticas católicas no Brasil, especialmente o catolicismo popular vivenciado em diversas regiões do interior do país, são impregnadas de crenças e hábitos mágicos, herdadas do catolicismo português e de culturas sagradas indígenas e africanas. Em Natividade, a devoção aos santos e divindades católicas arregimenta os habitantes da cidade e regiões vizinhas em festividades anuais e fornece a matéria-prima das redes de sociabilidade e da cultura local. Nestas redes, compreendidas também como formas com as quais o grupo se expressa na sua singularidade, é possível perceber a herança colonial no hábito de uso diuturno de joias como adereços corporais, a exemplo dos festejos nativitanos do Divino Espírito Santo, da Romaria do Senhor do Bonfim e da Padroeira N. S. da Natividade.

Uso de joias artesanais na Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Joias artesanais e oficina de ourivesaria no Cortejo do Imperador da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Dessa forma, a joia artesanal é parte dos objetos e dos gestos devocionais, carregada de sentidos e intenções. A devoção ao Divino Espírito Santo é comunicada por meio do uso de pingentes em formas variadas da pomba do Divino ou da coroa do Divino; assim como o anel do Senhor do Bonfim sinaliza a devoção ao Cristo na cruz; o brinco *cachinho de uva* com uma *peixa* reúne numa mesma peça dois símbolos do cristianismo: o peixe e a videira etc.

Uso de joias artesanais de Natividade na Romaria do Senhor do Bonfim, em Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

A ourivesaria de Natividade produz itens de alto valor agregado, gerando empregos, e contribui decisivamente para compor a memória, a paisagem histórica e a riqueza cultural da identidade nativitana, bem como das Serras Gerais e do estado do Tocantins. Desempenha um papel importante no dinamismo econômico e turístico da região, especialmente nas festividades religiosas. Ela preservou temas tradicionais da ourivesaria portuguesa, como as peças *coração português*, relicários, cruzes e crucifixos. Neste processo de preservação, os ourives nativitanos transformam e criam modelos a partir da herança ibérica e, com isso, ressignificam culturalmente os contextos da longa duração da ourivesaria local, senão desde o período colonial, pelo menos desde princípios do século XIX, como veremos adiante.

Desse modo, tornaram-se parte do acervo da tradição ourivesareira a pulseira *escrava* e o anel *escravo*, usados como signo de distinção social durante décadas por mulheres de Natividade e região, possivelmente com origem nas antigas "joias de crioula" de Salvador, BA.[25] Não apenas a capital, mas outros pontos do estado baiano mantiveram historicamente estreitos vínculos econômicos e culturais com o Tocantins, como Barra e Barreiras.

Uma particularidade dessas ressignificações culturais é a transformação operada no modelo *coração português*, realizada pela ourivesaria local, criando o modelo *coração nativo* ou *nativitano* como se fosse uma inversão do "original" lusitano, com formas diferentes, mas ainda assim referenciadas àquele modelo. A criação *nativa* reuniu os dois modelos de *coração* em uma só peça, confeccionando o *coração português* de um lado e o *nativitano* de outro de modo que, ao serem unidos, possibilita o seu uso de duas maneiras, ora com o lado *português*

[25] Bonfim, op. cit., 2019.

à vista ora com o lado *nativitano*, uma espécie de pingente "dois em um". Em entrevista à equipe de pesquisa, a ourives Rosângela Rodrigues Oliveira, mais conhecida por Rosa, ao relacionar as joias mais demandadas atualmente à oficina onde trabalha, diz que "o coração metade nativo e metade português" é uma das mais solicitadas, e oferece uma explicação para essa preferência: "[...] porque ele é dois em um, a peça é metade de um *design* e metade de outro *design*. Você cansou de usar de um lado você pode virar e usar do outro".[26] Nas imagens a seguir, mostramos algumas peças do pingente *coração nativo* com a marca característica da ourives Janaína Abreu, da Ourivesaria Mestre Juvenal:

Pingente *coração nativo*, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Nas imagens a seguir, podem ser apreciadas algumas imagens do pingente no modelo de coração preenchido com filigrana que permitem entrever sua lenta e sensível transformação técnica e estética em solo nativitano no transcorrer do século XX:

[26] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Rosângela Rodrigues Oliveira, em Natividade, TO, em 15 jul. 2023.

Diferentes modelos do pingente em formato de coração em filigrana. Fonte: Acervo da pesquisa.[27]

Em Portugal, os usos da joia de coração filigranado possuíam ligação com simbologias envolvidas no culto ao sagrado coração de Jesus, e aludiam a sentimentos marcadamente religiosos. Da esquerda para a direita, a primeira peça é um *coração rendilhado*, popular no Norte de Portugal, marcado pela profusão de desenhos em filigrana e o vértice sintonizado com o formato real do coração humano. A peça seguinte, feita pelo Mestre Juvenal em Natividade, por volta da década de 1950, continua fazendo uso da filigrana e mantém rusticamente ainda o traçado da matriz portuguesa, mas parece mover as linhas da armação em uma direção diferente. A peça ao lado, saída das mãos de seu aprendiz Uaci nos anos 1970, modela o perfil do coração para satisfazer prováveis preferências atinentes ao romantismo amoroso, o que a última peça, feita pelo Mestre Wal nos anos 1990 e aperfeiçoada por ourives contemporâneos como os Mestres Uardon e Zé Leal, parece coroar no gosto popular nativitano, pois ela é, atualmente, uma das joias tradicionais mais vendidas nas oficinas da cidade – também pelo motivo de ser confeccionada frequentemente em prata, outra inovação da ourivesaria nativitana sintonizada com movimentos da sociedade para a democratização desse produto comercial e bem cultural.

Apesar das mudanças, mantiveram-se os nexos com os sentimentos cristãos, dado que o pingente de coração é uma joia onipresente nas celebrações católicas – a mais popular é o *coração nativo*, também usado como brinco –, tanto em missas e novenas quanto nos festejos e romarias. Para Simone Camêlo Araújo, a forma contemporânea do *coração nativo* foi dada pelos "meninos da ourivesaria [e] fica mais harmônico [...]. É importante a gente saber o

[27] Da esquerda para a direita: divulgação web (Pinterest); acervo particular; acervo da pesquisa (foto - Rafael Trapp); acervo da pesquisa (foto - Rafael Trapp).

seguinte, é aquela história: você não rompe com o passado, mas você tá evoluindo".[28] A seguir, exemplo de uso dessa joia em festejo católico tradicional de Natividade:

Uso de pingente e brincos *coração nativo* na Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

As mudanças na anatomia e na técnica do coração significam o próprio processo histórico-social que dá sentido à ourivesaria de Natividade como bem coletivo imerso nas condições de possibilidade da sociedade em que desempenha papel de referência significativa. O relativo despojamento das joias nativitanas em relação às congêneres portuguesas, sobretudo peças mais antigas e populares no século XX como o *peito de moça*, o *anel escravo*, a pulseira *escrava* e o próprio *coração nativo* (esses e outros modelos serão apresentados e descritos ao longo do Dossiê), representa um conjunto de adaptações e traduções técnicas e estéticas originais e organicamente conectadas ao mundo social e econômico dos sertões goianos na longa duração. A ourivesaria tocantinense está, portanto, em permanente transformação e mantém, ao mesmo tempo, forte sinergia com as tradições, pois preserva e refina a filigrana e outras características do ofício e do uso de joias.

[28] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.

Especificidades como essas, que configuram modos próprios de concepção, produção e circulação das joias; as heranças histórico-culturais; as tipologias das joias e sua fisionomia material e cultural, no uso cotidiano ou nas festividades religiosas são aspectos que corporificam a identidade da ourivesaria de Natividade. Neste Dossiê, serão descritos e interpretados etnograficamente o ofício do ourives – entendido como uma conjunção de saberes e técnicas corporais – e as formas de expressão relacionadas ao uso de joias pela população nativitana e tocantinense na paisagem cultural dessa região fundada no período colonial em que a mineração, entre outras razões, mobilizou a ocupação dos cerrados das Serras Gerais, no que agora é o Sudeste do Tocantins. Portanto, a ourivesaria de Natividade é enquadrada no seio das injunções antropológicas entre artefatos e subjetividades.

2 A economia do ouro no Norte Goiano (Tocantins colonial)

2.1 Natividade

No território originário dos povos indígenas Xerente, Xacriabá e Acroá dominado por incontáveis veredas cristalinas e pela paisagem natural do Cerrado desenrolou-se, a ferro e fogo, a colonização portuguesa nos arraiais mineradores do antigo Norte de Goiás – onde nasceu depois o estado do Tocantins – a partir do início do século XVIII. Entre as décadas de 1730 e 1750, do interflúvio do rio Tocantins e do rio do Sono às escarpas das Serras Gerais, na divisa do Norte goiano com a capitania de Pernambuco – atual região oeste da Bahia –, travou-se ferrenha disputa – principalmente entre os Acroá e os bandeirantes paulistas – que terminou por sagrar a economia da mineração como força vencedora de ocupação. Fosse pela expulsão, pelo extermínio nas "guerras justas" ou pela "pacificação" nos aldeamentos jesuítas, caso de São José do Duro, atual Dianópolis, TO, os povos originários do Sudeste, mesmo tendo resistido,[29] gradualmente foram expulsos da região em nome da ação exploratória, tanto do ouro quanto do gado, que ajudou a definir os rumos do processo histórico do Norte goiano.

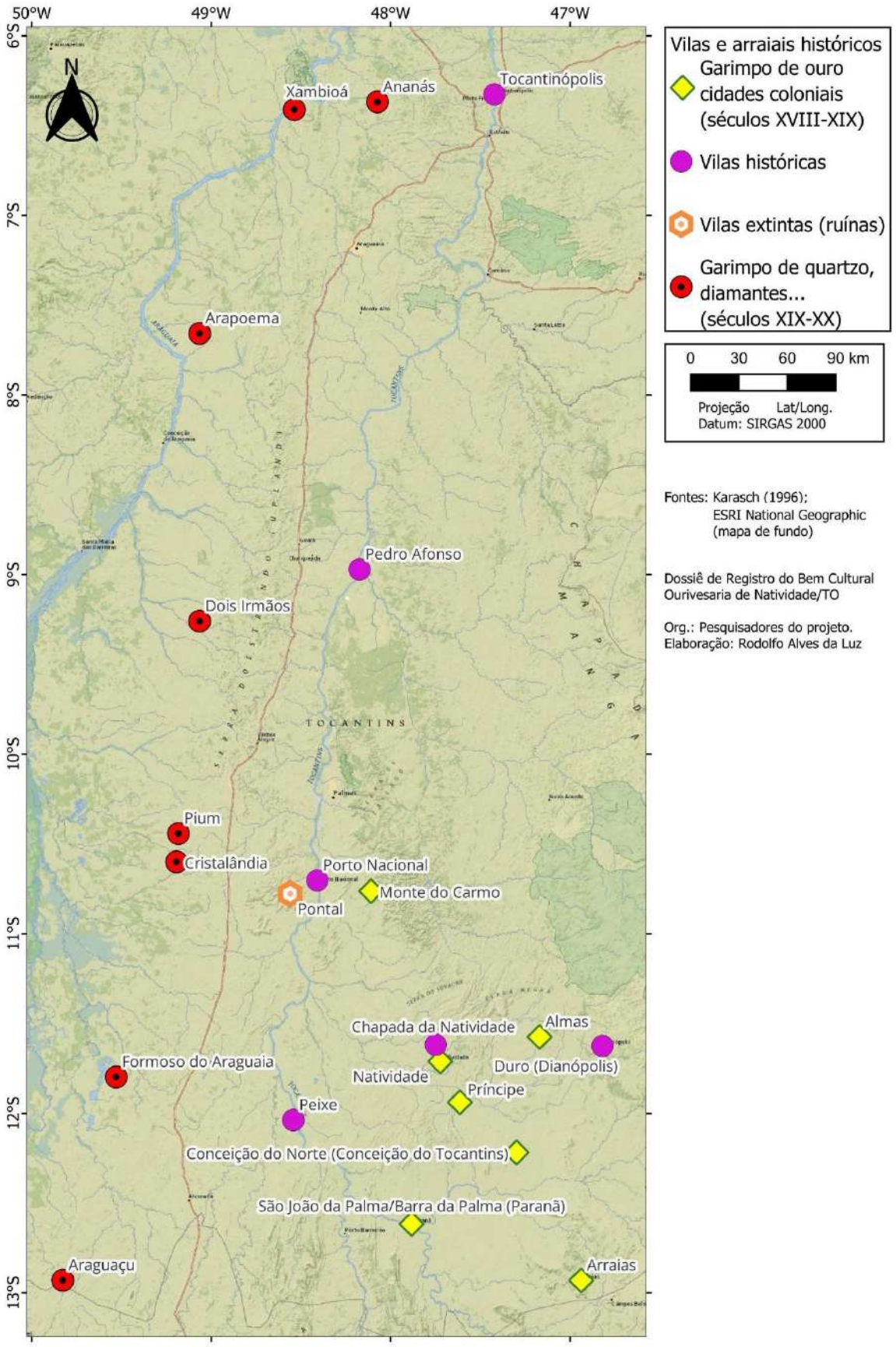
A ocupação colonial nos sertões goianos implicou radicais deslocamentos humanos e obedeceu a uma racionalidade econômica baseada inicialmente na exploração aurífera associada à propagação do cristianismo no campo religioso e da sua legitimação cultural. Externamente, no contexto de formação e expansão do capitalismo europeu moderno, a mineração respondia aos interesses mercantilistas do Império português que buscava obstinadamente em sua maior colônia os metais que dariam o lastro para o fortalecimento do estado monárquico e da burguesia mercantil lisboeta. Internamente, o povoamento visava escravizar e neutralizar politicamente os povos indígenas para ampliar os limites territoriais da América portuguesa e articular os diferentes núcleos econômicos da colônia pela imposição dos modos de produtividade material e das relações de trabalho e dos padrões civilizatórios luso-europeus, nomeadamente a língua portuguesa e o catolicismo.[30]

No caminho meridional das bandeiras paulistas, as "Minas dos Goyazes" formaram um sistema mais ou menos estável de produção em pequenos arraiais e vilas cuja existência – frequentemente efêmera – esteve atrelada à duração dos filões minerais ou às condições técnicas de exploração. Sua distribuição espacial se propagou em uma área de vastas

[29] Apolinário, Juciene Ricarte. *Os Akroá e outros grupos indígenas do sertão*: as práticas das políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás - Século XVIII. Tese (Doutorado) - PPGH, UFPE, Recife, 2005.
[30] Parente, Temis Gomes. *Fundamentos históricos do estado do Tocantins*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

dimensões, diferentemente de Minas Gerais e Mato Grosso, configurando uma zona descentralizada e apartada dos centros administrativos e de poder por imensas distâncias.

Os primeiros arraiais foram fundados no sul da capitania, como Santana, atual Cidade de Goiás, GO, (1722); Meia Ponte, atual Pirenópolis, GO, (1727); Corumbá, GO (1734) e Jaraguá, GO (1736). A segunda fase do avanço das povoações mineradoras ocorre no terceiro decênio dos setecentos, com o surgimento de Água Quente, GO (1732), desaparecido; Crixás, GO (1734); Traíras, atual Niquelândia, GO, (1735); Pilar, atual Pilar de Goiás, GO, (1736) e dos arraiais do Norte Goiano, como Natividade (1734); Chapada da Natividade (1736) e Pontal (1738), desaparecido. Em um quadro de rarefação do minério, aparecem novos arraiais no Centro-Norte, entre eles Arraias (1740), Cavalcante (1740), Conceição, atual Conceição do Tocantins, TO, (1741); Monte do Carmo (1741) e Santa Luzia, atual Luziânia, GO, (1746). A seguir, apresentamos um mapa com os principais arraiais e vilas do antigo norte goiano:



Arraiais mineradores do Norte Goiano. Fonte: Acervo da pesquisa (Mapa - Rodolfo Alves da Luz).

Natividade floresceu a partir de 1734 com os garimpos instalados no leito e margens dos riachos, desde o alto da Serra de Natividade. O método predominante foi a extração manual do ouro de aluvião, que se encontrava em depósitos sedimentares nas areias dos rios, ribeirões e córregos e/ou nas rochas próximas aos cursos d'água – ainda praticado por muitos nativitanos de forma esporádica nas redondezas da cidade. As minas de Natividade foram as mais rentáveis do Norte e chegaram a ocupar a terceira posição entre os arraiais goianos na arrecadação para a Coroa portuguesa na década de 1740, atrás apenas de Vila Boa e Meia Ponte.[31] A mineração nativitana fez uso em larga escala da mão de obra escravizada de africanos no século XVIII, primeiramente no Arraial de São Luís, no alto da Serra de Natividade, que ainda hoje possui ruínas de habitações, canais e represamentos visíveis em um pequeno vale no platô da cadeia montanhosa, conforme as imagens a seguir:

Ruínas do Arraial de São Luís, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Em algum momento do final da década de 1730, os exploradores portugueses decidiram transferir o núcleo urbano para o sopé da serra, às margens do córrego Prainha, provavelmente devido às dificuldades em manter um fluxo regular de pessoas, víveres e ferramentas para a lida mineratória em condições adversas nos contrafortes da serra. Esse movimento erigiu o arraial de Natividade, que conheceu um dinâmico e efêmero esplendor até o final do século XVIII, quando o ouro começou a escassear nas lavras desse sítio de tipo aluvionares – e em toda a capitania de Goiás –, em razão principalmente da ausência de tecnologia apropriada para explorar os veios auríferos para além da sua superfície.

[31] Palacín, Luís. *O século do ouro em Goiás 1722-1822*: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas. 4. ed., Goiânia: Editora UCG, 1994; Bonfim, Wátila M. F. *Natividade*: história, esplendor e resistência (1734-1840). Palmas: Nagô, 2015.

Embora a criação extensiva de gado já estivesse presente na região antes mesmo da mineração, conforme alguns estudiosos da história regional, o que se segue ao declínio da exploração do ouro é a agricultura de subsistência e o predomínio das atividades com o gado bovino.[32] É preciso destacar que a retração das atividades mineratórias não significou, ao longo do tempo, o seu desaparecimento definitivo, pois os garimpos artesanais permanecem até o tempo presente como atividade econômica subsidiária, possibilitando a geração de renda para muitas famílias, o que, por sua vez, contribui para a oferta praticamente intermitente de matéria-prima para a produção de joias da ourivesaria nativitana. Na imagem a seguir, vê-se a Igreja Matriz N. S. da Natividade, edificações históricas e a Serra da Natividade:

Centro histórico e Serra da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Considerando as contingências estruturais, a faina aurífera teve papel crucial na composição histórica de Natividade e região. Forjou-se com mãos calejadas e heterogêneas uma sociedade caracterizada pela pluralidade das interações entre povos e culturas de diferentes origens, sobretudo exploradores paulistas, colonos europeus, africanos escravizados e a população mestiça, parda e indígena, interligadas culturalmente por manifestações do catolicismo popular, como as festas do Divino Espírito Santo, entre outras. A história e a cultura desse lugar foram ressignificadas por meio do processo de tombamento do patrimônio edificado das igrejas, cemitérios, prédios públicos e residências do centro histórico (imagem a

[32] Cf. Bertran, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central*: eco-história do Distrito Federal. Do indígena ao colonizador. Brasília: Editora da UnB, 2011.

seguir) que foi reconhecido como patrimônio cultural brasileiro pela Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan, atual Iphan), em 1987.[33]

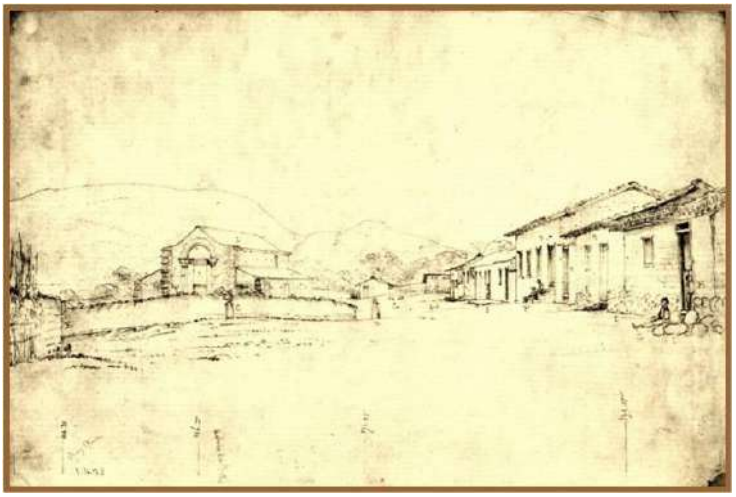
Centro histórico e Serra da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Destacam-se, nesse conjunto, os templos católicos, localizados na área tombada, referências culturais significativas para a população local. A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade, levantada no século XVIII guarda a imagem da santa homônima, enfeitada com coroas e joias feitas pelos ourives nativitanos. A santa é a padroeira de Natividade e também do estado do Tocantins. A Igreja de São Benedito, de princípio uma capela, foi erigida no final do século XVIII por artesãos negros que se identificavam com o culto ao santo de origem etíope, popular entre os escravizados[34].

[33] Messias, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção*: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO. Goiânia, GO. Tese (Doutorado em História) - UFG, Goiânia, 2010.
[34] Messias, Noeci Carvalho. Patrimônio Cultural: sentidos e significados nos espaços públicos de Natividade, TO. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 43-51, jun. 2023.

Igreja de São Benedito, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

No Largo do Rosário, a partir da década de 1780, com o uso de pedra e tijolos cozidos artesanais, por meio da técnica do canjicado,[35] ergueu-se a majestosa Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Assim como o templo de São Benedito, foi obra de pretos africanos reunidos na então Irmandade do Rosário de Natividade.[36] A edificação teria restado inacabada pela carência financeira dos trabalhadores negros no refluxo minerador, embora haja indícios de que tenha cumprido a função de igreja no século XIX, de acordo com pintura do viajante inglês William J. Burchell de 1828, que a retratou com telhado e muros laterais.



Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, 1828. Fonte: William J. Burchell apud Ferrez, 1981, p. 144.

[35] Iphan; Taipa Arquitetura e Patrimônio Cultural. *Projeto Executivo de Consolidação e Complementares* - Ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos/Natividade, TO, Caderno de Estudos, Volume 1. Belo Horizonte: Taipa Arquitetura e Patrimônio Cultural/Iphan, 2018.

[36] Karasch, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: Reis, João José; Gomes, Flávio (org.). *Liberdade por um fio*: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 240-262.

Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

O cristianismo católico, parte integrante do empreendimento colonial, teve um papel fundamental nos processos legitimadores da ocupação dos territórios da colônia, desde as tentativas de conversão e de sujeição dos chamados gentios da terra, considerados selvagens e primitivos; e, posteriormente, o uso das mesmas estratégias voltadas para os diversos tipos de controle dos africanos e dos conflitos gerados pelas iniquidades do sistema escravocrata. De forma hegemônica ou, no mais das vezes, misturado às cosmologias religiosas dos povos assujeitados, postos em contato nesse processo, o catolicismo se constituiu, na história brasileira, como forma dominante de expressão religiosa guiando sociabilidades, crenças, hábitos e práticas sociais que, em contínuo processo de transformação e reprodução, vem alimentando e dando sentidos a muitas formas de pensar e de ser da sociedade brasileira.

No apogeu da mineração, ao longo da segunda metade do século XVIII, a sociedade colonial nativitana era integrada por africanos e negros escravizados e por uma população livre de pretos, pardos e brancos pobres, burocratas e militares a serviço da Coroa, garimpeiros, comerciantes, fazendeiros, vaqueiros, roceiros, ferreiros e artífices do couro, entre outros serviçais. Heterogênea do ponto de vista cultural e de classe, predominava, no entanto, a população masculina, tanto escravizada quanto livre. Em 1804, na diminuição das atividades auríferas de aluvião, as vilas e arraiais do Norte Goiano somavam 14.048 habitantes, sendo 38,8% de escravizados e 20,4% de negros livres, a maioria em Natividade.[37]

Os escravizados que viveram em Natividade entre os séculos XVIII e XIX eram indivíduos procedentes em sua maioria de grupos da África ocidental (atual região do Benin e Nigéria), como os Mina, os Nagô e os Haussá, do tronco etno-linguístico sudanês, e da África

[37] Parente, op. cit.

Centro-ocidental (atual região de Angola), como os Angola, Congo, Benguela e Cabinda, de origem etno-linguística banto.[38] Em Natividade como em Arraias e em outros arraiais do Norte Goiano, os sudaneses totalizavam o contingente mais numeroso das etnias africanas estabelecidas ali. Isso se explica, por um lado, pelo fato de terem sido retirados de uma região situada na rota marítima de tráfico de pessoas entre a África ocidental e o porto da cidade de Salvador, BA, que no período colonial foi referência comercial e cultural do Norte de Goiás. Por outro lado, esses africanos eram cobiçados no Brasil por sua experiência e pelos conhecimentos em mineração e metalurgia desenvolvidos secularmente em solo africano.[39]

Em Natividade, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, rústica e solene, repousa hoje no largo do mesmo nome como um testemunho vivo das experiências religiosas vivenciada pelos africanos e seus descendentes à época do cativeiro e, posteriormente, na permanência de seus efeitos no pós-abolição. Esse edifício do passado colonial expressa no presente uma obstinada resistência à opressão. Cada bloco de pedra acomodado hábil e delicadamente em suas grossas paredes forja uma fortaleza sagrada onde residem as experiências e os sonhos daqueles que com a cabeça, os pés e as mãos conformaram uma expressão específica ao território do Sudeste tocantinense, fisionomia que tem na ourivesaria de Natividade um de seus pilares culturais.

2.2 Chapada da Natividade

A inclusão de Chapada da Natividade – município vizinho à Natividade, com distância de cerca de 20 km entre as sedes – no Dossiê de Registro se justifica por diversas razões, entre elas, pelo compartilhamento de uma mesma matriz cultural originária da formação histórica e territorial do Brasil, qual seja, a busca do ouro. A presença do ouro nas duas cidades se verifica especialmente nas jazidas do minério e nas suas várias formas de extração nas serras da região e no gosto pelo uso de joias, em especial as confeccionadas pela ourivesaria de Natividade. Seja no cotidiano ou no decorrer das festividades religiosas das duas localidades é possível observar mulheres e homens de várias idades se apresentarem frequentemente adornados com brincos *flor de maracujá*, *peixa* e *peito de moça*; anéis do tipo *escravo* e *Senhor do Bonfim*; colares; pingentes de várias tipologias, como *coração nativo*, *coração*

[38] Salles, Gilka V. Ferreira. *Economia e escravidão na Capitania de Goias.* Goiânia: Ed. UFG, 1992. Santos, Cláudia Borges dos. *Joias de Natividade*: confluências e conflitos. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - UFT, Palmas, 2005; Bonfim, Wátila. M. F. *Senhores, escravos e forros no julgado de Natividade*. Goiânia: Ed. Kelps, 2023.

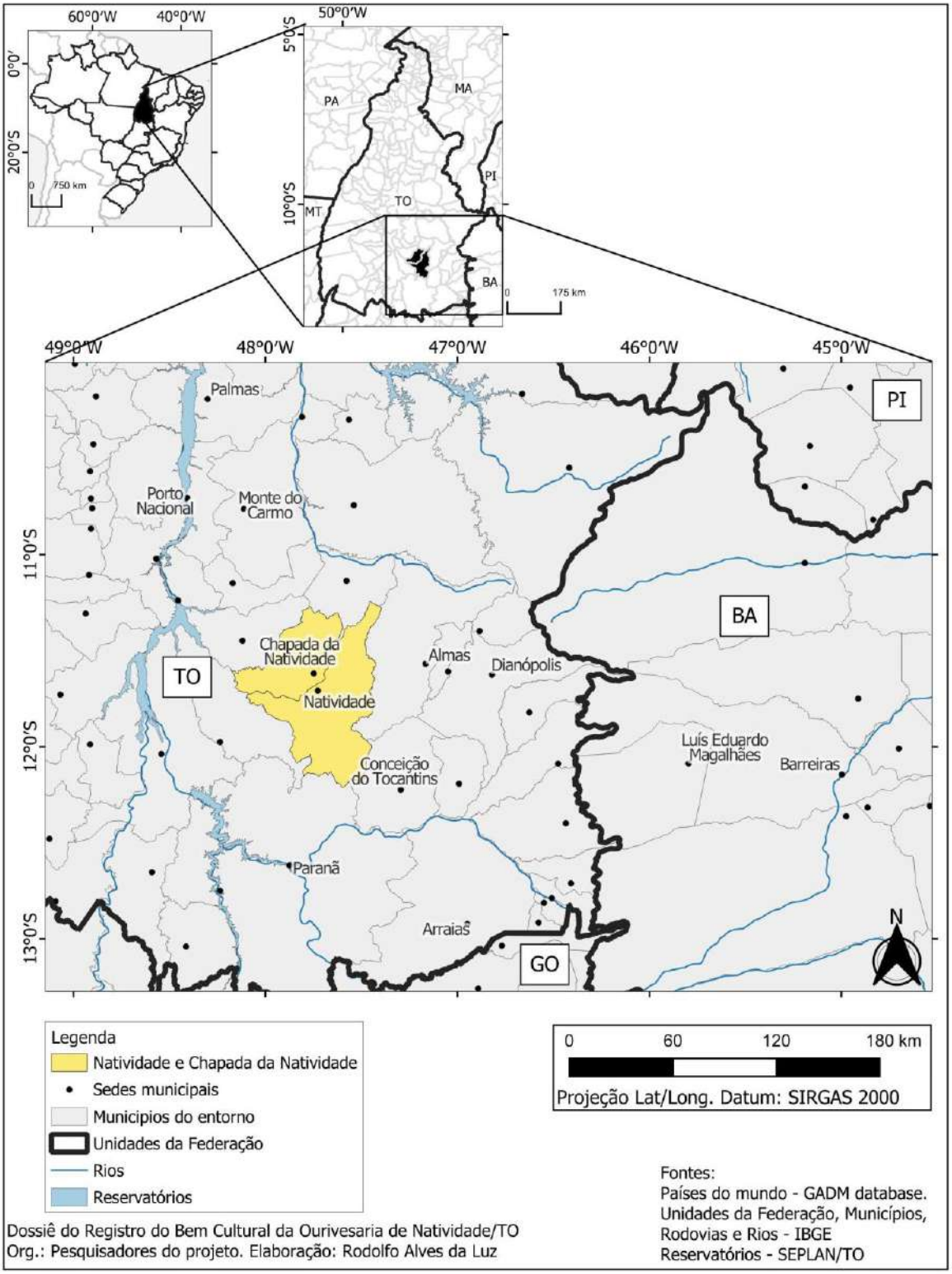
[39] Silva, Alberto da Costa e. *A África e os africanos na história e nos mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

português, pombas do Divino, flor da vitória etc. confeccionadas pelos ourives e identificadas pelos moradores como sendo joias tradicionais de Natividade.

Em Chapada, enquanto a equipe do Dossiê observava o cortejo do reinado do Imperador, na Festa do Divino Espírito Santo de 2023, e conversava com os participantes da festa sobre o costume do uso de joias nessas ocasiões, uma transeunte e moradora comentou: "Natividade faz a joia, mas o ouro é da Chapada". Esse comentário mostrou à equipe a necessidade de incluir o município no Dossiê, ampliando a compreensão de que o alcance desse bem cultural em termos de memória e identidade se estende além de Natividade.

Assim, enquanto Chapada da Natividade fornece a matéria-prima, o ouro, Natividade o transforma e produz as joias que os nativitanos e chapadenses, além de moradores de outros municípios da região, como Almas, Conceição do Tocantins, Dianópolis, Paranã e Santa Rosa do Tocantins apreciam e usam, principalmente nas festividades religiosas praticadas nas respectivas comunidades, reafirmando trocas e entrelaçamentos culturais muito significativos.

Chapada da Natividade está localizada no Sudeste do Tocantins, a cerca de 211 km da capital Palmas. Apesar de atualmente estar situada na região geográfica imediata de Porto Nacional, TO, no centro do estado, o município possui suas raízes históricas ligadas à colonização mineradora do Norte Goiano e aos trânsitos econômicos e culturais com a Bahia.



Localização regional de Chapada da Natividade e Natividade. Fonte: Acervo da pesquisa (Mapa - Rodolfo Alves da Luz).

Uma grande estrutura geológica suporta seus terrenos, constituindo rochas antigas, formadas entre 1,6 e 3,6 bilhões de anos atrás (Eras Paleo-proterozóica e Meso-arqueana).

Nestas rochas ocorrem as reservas auríferas exploradas pelos garimpos que alimentam a ourivesaria de Natividade. Nas margens dos principais cursos d'água ocorrem coberturas sedimentares mais recentes que podem ainda estar em formação ou terem sido depositadas há até alguns milhares de anos e que compõem os depósitos aluvionares do Período Quaternário que também podem conter minério de ouro, o chamado "ouro de aluvião".

O município de Chapada da Natividade tem suas raízes históricas fincadas no período da mineração colonial no Brasil, no século XVIII. O arraial de Chapada da Natividade foi fundado em 1736 pelo garimpeiro paulista Carlos Marinho, em uma área situada a cerca de duas léguas da povoação de Natividade, fundada em 1734, no então Norte de Goiás.

Das elevações baixas que caracterizam seu relevo é possível observar, no horizonte ao sul, os contrafortes da Serra de Natividade, por onde passa o filão aurífero que atravessa a região e que deu sentido histórico à instalação do empreendimento colonial. Por várias décadas após a sua fundação, a economia local girou em torno da mineração manual e artesanal do ouro – ainda comum na área rural –, e usou fartamente o trabalho escravizado de africanos nos garimpos de aluvião que abundavam nos cursos d'água que nascem no sertão do então arraial. Próximo ao núcleo de povoação, existiu uma "contagem", posto oficial responsável pelo controle fiscal de escravizados e tributação de mercadorias como o gado.

O militar Raimundo José da Cunha Matos, em 1824, durante uma viagem oficial ao Norte Goiano, se referiu à Chapada como "um arraial extenso, mas pouco populoso, com setenta e quatro casas, a bella igreja de Sant'Ana com três altares, muita prata; e estão construindo a igreja do Rosário".[40] A Igreja de Santana, progressivamente abandonada ao longo do tempo, se tornou praticamente uma ruína no século XX, embora recentemente iniciativas institucionais – resultado de parcerias entre o Iphan, TO e a Prefeitura da Chapada da Natividade – estejam ocorrendo para preservar e talvez recuperar o que restou da estrutura, seguindo o bem-sucedido processo de recondicionamento dos vestígios da edificação da Igreja de Nossa S. do Rosário dos Pretos realizado pelo Iphan, TO entre 2022-2023.[41]

O naturalista escocês George Gardner, em 1840, durante sua viagem pelo sertão Norte-Goiano, hospedou-se em uma fazenda do município chamada Sociedade. Percorreu áreas do termo e anotou em seus diários algumas impressões sobre Chapada da Natividade:

[40] Matos, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 37, v. 48, p. 213-398, 1874, p. 352.
[41] Disponível: https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/ruinas-da-igreja-nossa-senhora-do-rosario-dos-pretos-passam-por-melhorias. Acesso em: 15 jan. 2024.

> Tem mais ou menos a metade do tamanho de Natividade e está situada em terras baixas e planas, que se chamam chapadas e donde lhe vem o nome. A região circunvizinha, como a de Natividade, foi revolvida à cata de ouro; mas os que outrora empregaram seus escravos nestes labores acham agora mais proveitoso empregá-los em plantações. Há ainda uns poucos pretos velhos forros que ganham escasso meio de vida com lavagem de ouro.[42]

As observações do viajante europeu foram certeiras ao diagnosticar características e problemas de longa duração no município. A febre do ouro deixou como herança sobretudo o arruinamento econômico parcialmente relativizado por investimentos precários na agricultura de subsistência, e colocou os antigos operários escravizados da mineração em condições de desesperança e pobreza nos séculos XIX-XX. Contudo, seus descendentes souberam resistir às adversidades e, alguns anos após a emancipação de Chapada, em 1996, instituíram o núcleo urbano como uma comunidade quilombola, que foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 01 de março de 2004.[43] Logo depois, em 2017, outro quilombo, desta vez na área rural, obteve reconhecimento: a comunidade quilombola São José.

Chapada possui itens importantes de patrimônio edificado do passado minerador e poderia ser integrada ao turismo das Serras Gerais. Elas compõem um mosaico regional de rotas turísticas e unidades de conservação juntamente com a Chapada dos Veadeiros, o Jalapão e Nascentes do Parnaíba. A exploração turística nas Serras Gerais ainda é incipiente, principalmente em comparação ao Jalapão, e sua institucionalização tramita na Câmara Federal no projeto de lei que cria a Rota Turística das Serras Gerais do Tocantins. No entanto, empresas de turismo e o próprio governo do Tocantins têm explorado e divulgado os atrativos da região. Apesar do potencial, Chapada da Natividade, ao contrário de Natividade, ainda não ocupa um papel central no turismo patrimonial e cultural, necessitando de planos e programas que permitam a exploração turística equilibrada de seus bens com vistas a preservá-los.

Nos últimos anos, os chapadenses vêm enfrentando problemas ambientais e de saúde pública por causa da exploração aurífera da mineradora brasileira Engegold, que abriu uma gigantesca mina em uma área praticamente contígua ao centro histórico da cidade (que, lembramos, faz parte de um território quilombola), afetando casas de muitos moradores e a própria Igreja de Santana, como pode ser percebido na imagem a seguir:

---

[42] Gardner, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975, p. 160.
[43] Brasil. *Portaria Interna da Fundação Palmares nº 06 de 01 de março de 2004*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, nº 43, Brasília, DF, de 04 de março de 2004.

Mineração industrial em área contígua ao centro histórico de Chapada da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Jorge Dias).

A mineradora imprimiu uma nova escala às atividades de exploração do ouro no município, realizadas habitualmente de maneira artesanal – que alimentava até o passado recente a produção das ourivesarias de Natividade –, pois implementou uma poderosa estrutura industrial que vem trazendo nuvens de poeira para os moradores de Chapada e drenando os lucros e o próprio ouro para longe do sítio em que está localizada. Além dos problemas ambientais e de saúde pública decorrentes do empreendimento, como a poeira, comprometimento da estrutura física das casas decorrente da explosão de bombas no subsolo, possível contaminação de cursos d'água e lençol freático por rejeitos[44] e poluição sonora, muitos moradores também alegam que a maioria dos empregos de maior qualificação da mineradora são recrutados fora do município, criando insatisfações junto à população local que se encontra alijada do restrito mercado formal de trabalho na cidade.

A ourivesaria de Natividade vem sendo prejudicada por esse novo padrão de extração do ouro, pois as grandes empresas de mineração compram terrenos auríferos onde se fazia a garimpagem tradicional, feita usualmente com manejo artesanal, e dragam o metal e seus dividendos para o exterior. Ademais, não vendem o minério em pequenas quantidades, reservando o produto da exploração para os mercados de capital e bolsas de valores, auxiliando na exclusão de pequenos compradores, como os ourives de Natividade.

Diferentemente da afirmação da chapadense de que "Natividade faz a joia, mas o ouro é da Chapada", o minério local não mais alimenta a fabricação das joias nativitanas; resistiu na cidade, todavia, como memória e identidade cultural.

[44] Há grande carência de estudos científicos sobre os impactos ambientais da mineração (principalmente de ouro e de calcário) e da agropecuária (atividade dominante) da região de Chapada da Natividade e Natividade.

3 O imaginário do ouro e da ourivesaria nos sertões do Norte Goiano

Nos então longínquos sertões interiores do Brasil, no século XVIII, a busca do ouro dá início à ocupação territorial do que viria a constituir o país nos séculos seguintes e ali vai erigindo núcleos populacionais misturando povos de várias origens: portugueses, africanos e indígenas, conforme o sistema de organização escravocrata de exploração econômica que conformou a vida coletiva na colônia nos seus primórdios. Algumas dessas misturas fundaram modos de pensar e ser que estão – ainda que ressignificados – em pleno vigor nos dias atuais, como os dados etnográficos e os argumentos desenvolvidos no Dossiê pretendem apresentar.

O ouro, ao longo da história de sua existência, possui um vasto e rico simbolismo. Atualmente o metal é utilizado como medida e lastro de riqueza possuindo alto valor monetário nas bolsas de valores. Ao relacionar as inúmeras propriedades físicas do ouro e lembrar sua raridade em termos de ocorrência geológica, Ana Cristina Sousa argumenta em favor de ele ser considerado o metal mais precioso entre os demais:

> A sua beleza e propriedades físicas, juntamente com a sua durabilidade, fizeram do ouro um símbolo histórico e mundial de excelência, qualidades acrescidas por um outro fator fundamental que é o da sua raridade. Apesar de profusamente distribuído e explorado em todos os continentes, as quantidades recolhidas ao longo dos tempos afiguram-se relativamente baixas se comparadas com outros metais [...].[45]

Não é sem razão que o ouro tenha mobilizado em grande medida os empreendimentos coloniais na América hispânica e portuguesa. Em sua busca e de outros metais e pedras preciosas, levas de gentes enfrentaram caminhos e lugares desconhecidos, perigos reais e imaginários, atrás de tesouros fabulosos e de veios auríferos, alcançando e conquistando grandes extensões de terras interiores do país em formação. Natividade e cidades do seu entorno, bem como muitas outras dos atuais estados do Tocantins, Goiás, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais são originárias de arraiais e vilas fundados nessa época e em torno desses objetivos. Com isso, o controle da colônia pela metrópole portuguesa era estendido a distâncias cada vez maiores em termos territoriais e mais riquezas eram descobertas e extraídas, sendo que a maior parte delas era transferida para o centro metropolitano. O ouro foi um chamariz potente desse eldorado, mesmo quando a falta de tecnologias apropriadas não permitisse a extração muito além da sua presença em depósitos aluvionares. A

[45] Sousa, Ana Cristina Correia. *Ourivesaria estampada e lavrada*: uma técnica milenar numa oficina de Gondomar. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Faculdade de Letras, UP, Porto, 1997, p. 20.

historiografia que se ocupa desse período da vida brasileira e vem examinando os dados registrados à época sobre essas limitações tecnológicas tem argumentado principalmente sobre a rápida exaustão das minas e o tempo curto de duração do chamado ciclo do ouro nas regiões ocupadas inicialmente em função da sua extração.

Por ora, o que nos interessa aqui é identificar esses arranjos sociais e culturais que as populações estabelecidas nesta região criaram, deram forma e reproduziram nesses últimos três séculos que ecoam hoje, entrelaçados a arranjos modernizadores, fornecendo modelos de sociabilidades e códigos comportamentais que os nativitanos vivenciam e expressam. A religião foi um desses territórios simbólicos de trocas e conflitos que ora unia ora separava – como atualmente – os grupos sociais e suas expressões religiosas e cosmológicas. Junções e disjunções que, no decorrer do tempo, vêm formando na sociedade brasileira uma cultura religiosa eivada de crenças e práticas híbridas, em trânsito contínuo.

Festa do Divino de Chapada da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Em Natividade e seus arredores essa configuração é exuberante. Por exemplo, o ritual de Agradecimento de Mesa nos pousos das folias do Divino, herdado da religiosidade portuguesa, é experimentado, muitas vezes em seus momentos finais, com o grupo de foliões cantando dançando a suça, bailado de origem africana, celebrando sensualmente o Divino. O batuque que faz mover as dançarinas e os dançarinos é realizado pelos mesmos foliões devotos da divindade cristã, que realizam ritos em louvor ao Divino, com suas cantorias entrelaçando quadrinhas e versos acompanhados de toques de viola e batidas nos pandeiros.

Grupo de Suça Mãe Ana de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Em Natividade, como no país, as populações que ali se estabeleceram são herdeiras de práticas católicas e, nessas condições, continuam atualizando e dando novos sentidos a elas no decorrer do tempo. À medida em que as cidades, vilas e arraiais eram fundadas, igrejas eram erguidas, santos padroeiros eram escolhidos, irmandades – embora fossem entidades laicas – em nome de santos protetores eram criadas.[46] Assim, a ocupação colonial do que veio a se tornar o Brasil, se fez acompanhar daquilo que o historiador francês Serge Gruzinski[47] chamou de "colonização do imaginário" por meio da disseminação de suas crenças e rituais.

Entretanto, as vastas distâncias das vilas e arraiais dos espaços interiores em relação ao litoral, dificultavam a presença constante e regular da igreja oficial. Só de tempos em tempos, seus representantes apareciam para oficiar as desobrigas e os sacramentos como batizados e casamentos. No mais das vezes, as irmandades em suas atividades religiosas cotidianas, é que se ocupavam de espalhar o catolicismo nos núcleos urbanos e nas áreas rurais do interior do país, tornando-o a forma predominante da vida religiosa dos brasileiros. Mas como de resto já bastante estudado pelas ciências sociais brasileiras, trata-se da herança de um catolicismo sensual "carente" de formalidade, se comparado ao ascetismo puritano dos credos protestantes modernos, com pouca propensão aos códigos rígidos de separação entre o sagrado e o profano. Esses trânsitos e passagens de crenças e maneiras de viver as diferentes religiosidades se presentificam na vida dos nativitanos, desde a sua formação inicial.

As celebrações religiosas nas cidades originadas no período colonial têm a longevidade da história desses lugares. Nessas localidades, comemorar o santo protetor ou

[46] Cf. Messias, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO*. Tese Doutorado, Goiânia: Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, UFG, 2010.
[47] Gruzinski, Serge. *La colonización de lo imaginario*. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

uma divindade do panteão católico, alargado por divindades de outros sistemas de crenças serviram como canais de sociabilidade e convívio de uma população rarefeita vivendo num território geográfico expandido. Custódia Selma Sena assim descreve o isolamento das regiões interiores do país, conhecidas também como sertão:

> O isolamento, medido pelas léguas e dias gastos para percorrer, a pé, a cavalo ou em carro de boi, a distância entre fazendas ou entre fazendas e vilas – potencializada pela precariedade dos caminhos e pelos perigos naturais de bichos e chuvas – levava à busca das ocasiões de sociabilidade nas festas, na visita à rua, ao povoado. A comunhão maior, porém, é com a natureza – matos e rios que pareciam não ter dono. Intermitentemente, no entanto, quebradas nos ajuntamentos de gentes nas feiras, novenas de vizinhos, rezas, festas de santos, leilões de prendas e bailes; nos mutirões afamados de Goiás, treições e casamentos de roça.[48]

A sociedade que lentamente foi sendo erigida nas regiões interioranas do país plantou suas raízes numa economia extrativista e escravocrata, exigência do regime colonial então vigente, movida por um complexo jogo de interesses imperiais entrecruzados a interesses privados familiares. Uma cultura patriarcal encontrou solo fértil nesse universo. A vida nos arraiais mineradores, nas fazendas de gado e nas lavouras era conduzida por homens que exerciam as atividades simultâneas vinculadas às fazendas, aos negócios, à mineração, à política governamental, por serem também os donos das terras, da escravaria, das minas etc. A eles cabia a vida pública enquanto às mulheres era reservado o espaço doméstico, o recesso do lar. Por sua vez, a grande massa de trabalhadores, escravizados ou livres, aderida ao regime, contribuía para a reprodução desse universo tecido de patriarcalismo, quer dizer, marcado por uma forte separação de gênero e hierarquizada pelos homens no topo e as mulheres na base da vida social, tanto em suas configurações públicas quanto nas privadas.

Esses territórios designados de sertões, descritos no mais das vezes como lugares opostos ao que é visto como civilização apresentam estilos de vida que, atribuídos à tacanhez e escassez de recursos da região, são vistos com poucas diferenciações nos modos de viver entre as classes e camadas sociais daqueles tempos – em que pese a desigualdade e a hierarquia que presidem essa sociedade. Para alguns cronistas da época, os mundos sertanejos eram tidos por pobres e tacanhos sob vários aspectos. Baseado em inventários do atual estado de São Paulo, Alcântara Machado observa: “Imagine-se, pelo que se vê no reino, o que vai

[48] Sena, Custódia Selma. *De sertões e sertanejos*. In: Chaul, N. Fayad (org.). *Goiás*. Goiânia: AGEPEL, 2005, p. 113.

por aqui, neste sertão e cabo do mundo, no desamparo e miséria da colônia. Vestem-se todos pobremente, por figurinos desuetos, ou, como dizem certas avaliações, 'pelo uso antigo'".[49]

As festas religiosas, em especial as do calendário litúrgico do catolicismo, incluindo as geridas pelas Irmandades, levavam às poucas ocasiões em que as mulheres podiam se mostrar – e portarem suas joias. É ainda Alcântara Machado que explica esse quadro social:

> Chama-se vestido de igreja o vestido de gala. Onde, com efeito, se não nas festividades religiosas, podiam as senhoras daquele tempo dar o espetáculo de sua beleza e galanteria?
>
> Sem joias não há damas que se considere suficientemente vestida. A paulista, sobretudo, filha do português, em que é ingênito o gosto por essas coisas, e do índio, tão amigos de atavios e bugiarias.
>
> Se as pulseiras são raras, os rosários aparecem com frequência. Constituem eles o complemento indispensável do vestuário feminino de grande gala. É só na igreja que a mulher tem ocasião de fazer-se e de mostrar-se bela...[50]

O padre Joatan Macedo, nascido em Almas, TO, conhece muito do passado colonial brasileiro, nas suas especificidades locais, por ter vivido e pregado naquela região. A partir de suas vivências como nativo e como clérigo secular de Natividade e atuante em outros municípios da região, relatou eventos de suas memórias de infância em entrevista à equipe de pesquisa. Essas memórias evocam acontecimentos das cidades de Almas e Natividade análogos às observações de Alcântara Machado a respeito das roupas de festa usadas na região paulista, em tempos passados:

> Essa chita bonita não existia não. Aí quando era pras festas, meu pai... Por isso que eu falo... [roupa] chique só pra hora da festa. Ninguém tinha roupas como hoje. Vocês vêm aqui [com uma roupa] e amanhã vocês já vão vestir outra roupa. Naquele tempo não, você chegava da missa ou do terço: "Vai tirar essas roupas." Quantas vezes minha mãe [dizia]: "Vai tirar a roupa e guardar. Vai vestir seu calção." Ninguém vivia exibindo roupa não.
>
> Então o ouro também era só pra essas horas, pra ir pra missa, para ir pra… Hora chique. Todo mundo ia pra missa, pra um terço, uma festa […] ia todo mundo com seu colar, bem arrumado.
>
> Então o ouro, com relação à vida do povo e essas festas, tem uma relação muito profunda no sentido de que? De se preparar para celebrar, né? Que ele ajudava a ser um dos elementos da beleza das celebrações. A devoção ao Divino Espírito Santo é muito

[49] Machado, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980, p. 87.
[50] Ibid., passim.

> grande… Essas imagens importantes de Nossa Senhora, todas elas... Santo Antônio, todos tinham resplandor de ouro. Fazia parte da [indumentária do santo]. O ouro então acompanhou [...] também as bandeiras do Divino... Sempre botava no bico da pombinha um ourinho pra carregar... E ela levava três caroços de conta [as contas que formam o rosário]. Então o fechinho ficava no biquinho costurado.[51]

Uso de joias nativitanas por Simone Camêlo Araújo na Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

O frei José Maria Audrin, cronista da região em que viveu grande parte da sua vida religiosa, descreveu os modos de vestir masculinos observados nos rituais da Romaria do Senhor do Bonfim, em Natividade, nas primeiras décadas do século XX:

> O espetáculo é variado e curioso durante as funções sagradas, dentro ou fora da capela. Vê-se homens trajados com luxo, mostrando anéis, botões e correntes de ouro, assistindo à missa com os pés descalços.[52] Vimos outro suportar longa missa cantada e sermão, de joelho, braços cruzados, olhos fixos no chão, evitando o mínimo gesto; como vestimenta,

[51] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.

[52] Embora o texto do Frei não mencione a cor da pele do devoto que assiste aos festejos na capela do Bonfim, a descrição feita lembra o hábito dos negros escravizados de andarem descalços, adquirido do rol das interdições a que estavam submetidos no regime escravista.

> apenas uma calça dobrada acima dos joelhos, entretanto uma bela gravata de seda ornava seu pescoço![53]

Esses relatos, referidos aos tempos antigos, assinalam o estado de escassez dos modos de vida das populações sertanejas, por um lado. Por outro, eles trazem também informações significativas sobre a presença recorrente de um sinal de riqueza entre essas populações – o ouro, transformado em joias, a maioria delas alusivas ao universo devocional do catolicismo. Segundo a etiqueta do bem vestir das camadas altas da sociedade colonial, era regra trazer ornamentos de ouro nas ocasiões cerimoniais dos festejos religiosos.

Simone Camêlo Araújo, ao descrever as cerimônias da Festa do Divino, como o Cortejo do Imperador, mostra que nos tempos atuais vigora a imposição do costume de usar roupas "de festa", incluindo as joias artesanais nos rituais religiosos. Segundo ela,

> [...] a solenidade exige indumentária a rigor. É tradição em Natividade o uso de joias artesanais em ouro, confeccionadas por ourives locais, orgulhosos de sua arte [...]. As peças criadas em ouro refletem o profundo sentimento de religiosidade do povo. A pomba do Divino é reproduzida em anéis, brincos, broches e pingentes. Usam-se também crucifixos variados, peixes articulados, brincos em forma de cacho de uva, corações em filigrana, colares de contas e lantejoula. Faz parte da cultura local presentear uma criança, no dia do nascimento ou do batizado, com um pingente do "Divininho" se for menino, ou com uma "peixinha" para as meninas.[54]

[53] Frei Audrin (1946) apud Pedreira, Mons. Jones Ronaldo do E. S. (org.). *Romaria do Senhor do Bonfim*. Porto Nacional: R&M Gráfica e Editora, 2016, p. 13.
[54] Araújo, Simone Camêlo. A Festa do Divino. In: Pacheco, Ana; Ribondi, Alexandre (org.). *Alma do Norte*: nove bens do patrimônio imaterial brasileiro. Brasília: Eletronorte, 2005, p. 24.

Uso de joias nativitanas na Festa da Padroeira de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

A descrição dos modos de vestir exigidos para certos momentos dos festejos do Divino Espírito Santo feita por Simone Camêlo Araújo abre algumas trilhas interpretativas para a compreensão das joias feitas em Natividade e sua articulação com o universo das crenças católicas e suas singularidades locais.

Mas, antes de entrarmos por esses caminhos na busca de compreensão das articulações da ourivesaria nativitana com as expressões religiosas de sua população, comecemos por percorrer as trilhas da paisagem cultural desenhada pela Serra de Natividade. Os desenhos que a história da região nos traz até aqui são feitos de um imaginário em que a busca de riquezas se deu em meio à disseminação do cristianismo para povos considerados incréus, processos conduzidos simultaneamente pelos colonizadores portugueses. Naqueles tempos, por não comungarem inicialmente da fé cristã do colonizador, as populações autóctones e os africanos eram considerados desprovidos de religião ou "adoradores de fetiches", para usar a expressão de Bruno Latour.[55] Desse embate que juntou economia e cruzada pela conversão dos infiéis, é notável, nesses lugares, o imaginário construído de lendas e concepções morais que, no mais das vezes, associam o real e o ficcional, com base naquilo que Sérgio Buarque de Holanda chamou "[...] mescla de espiritualidade e riqueza, de devoção e ambição, da religião do Cristo e do culto do bezerro de ouro, que se acha à base de demanda obstinada".[56]

Folcloristas, estudiosos e compiladores da tradição oral brasileira registraram um sem-número de lendas e histórias que trazem imagens de santos gravadas em rochedos; de santos e eremitas que aparecem sinalizando proteção para pessoas e grupos em perigo, sejam os escravizados ou os bandeirantes abrindo caminhos nos sertões inóspitos; da mãe do ouro indicando os lugares do ouro enterrado etc. Um rico imaginário que vai simultaneamente cristianizando e desenhando no território a ser conquistado montanhas de ouro maciço, lagoas que guardam ouro nas suas funduras, cidades inteiras construídas do metal aurífero.[57]

Esse imaginário ainda ecoa de várias formas. Nos dias de hoje, moradores de Natividade recriam narrativas orais, articuladas ao que pode ser considerado um lendário derivado dos tempos coloniais, como as da Lagoa Encantada e da Serpente Emplumada.

[55] Latour, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.
[56] Holanda, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 34.
[57] Cf. Lima, Nei Clara. *Narrativas orais*: uma poética da vida social. Brasília: Editora da UnB, 2003.

Lagoa Encantada na Serra da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

A ex-prefeita de Natividade, Martinha Rodrigues Neto, contou o que ouvimos também de outros moradores da cidade, sobre a riqueza aurífera da Serra de Natividade:

> [Das] muitas famílias [daqui] que têm joias [...] [o ouro] foi catado na porta mesmo. Depois que passava a chuva, eles achavam as pedrinhas de ouro [...]. Onde passava a enxurrada, tinha as pedrinhas de ouro [...]. Então, Natividade é uma cidade rica de ouro. E essa serra tem muito ouro.[58]

Ao perguntarmos se conhecia outras histórias acerca do ouro de Natividade, ela narrou uma versão oral da Lagoa Encantada juntamente com trechos da versão da Serpente com Penas no Corpo, ou Serpente Emplumada:

> É uma lenda…[Dizem] que tem uma serpente... Que tem uma lagoa encantada em cima da serra. E que essa serpente está de lá, da serra até aqui na Igreja Matriz… E que tem muitas pessoas mais velhas que oram, que ficam em oração aqui na Igreja Matriz o que faz com que a serpente não venha a fazer nenhum prejuízo pra cidade… Então ela é mantida pelas orações das pessoas mais velhas aqui na Igreja Matriz. Ela tá embaixo da terra… Uma parte dela está na lagoa encantada e a outra parte aqui embaixo da Igreja Matriz. [Dizem] que a serpente está junto com o ouro... Aí é preciso rezar muito pra manter ela quieta [porque] ela pode destruir a cidade.

[58] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Martinha Rodrigues Neto, em Natividade, TO, em 12 ago. 2023.

Amália Hermano Teixeira, historiadora nativitana que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Natividade, registrou, em versão escrita nos anos 1960, a lenda da Lagoa Encantada que também se encontra associada à Serpente com Penas no Corpo. Antes do registro dos contos, ela apresenta uma interessante abordagem da relação da tradição oral com o mundo contemporâneo, por entendê-la como elo entre os tempos passado e presente:

> No alto da serra de Natividade, no nordeste goiano, lá pelas bandas do rio Tocantins, no segundo quartel dos setecentos, no apogeu da mineração, um enorme tanque de pedra foi construído pelos escravos para represar uma nascente usada na lavagem do cascalho aurífero. O passado com sua fabulosa riqueza mineral, bandeirantes intrépidos, portugueses cheios de ambição, escravaria sofredora liga-se ao presente através das lendas, dos encantamentos, das estórias de inigualável sabor. O tanque de dois séculos atrás é a Lagoa Encantada [...].
>
> Quem chegar à lagoa, debruada de verdes touceiras de capim, cautelosamente, em silêncio, verá uma linda veadinha com cordão e guiso de ouro ao pescoço a correr flutuando sobre as águas límpidas. É a guardiã da ourama escondida no fundo pelos escravos do tempo de Dom Luís de Mascarenhas, o capitão-general de São Paulo que subiu a serra para presidir à extração do ouro no arraial que por algum tempo teve o seu nome.
>
> Espreitando à distância, dizem ser visto um galheiro [veado de grandes cornos], tentado pela graciosa veadinha, garboso, com suas muitas pontas de cada lado da cabeça, entrar na lagoa; então, duas enormes cobras vermelhas, cabeças alevantadas no ar, como uma forquilha, de repente enrolam nos galhos do veado, sumindo tudo nas profundezas das águas.
>
> E ninguém ousa buscar tesouro assim guardado por séculos na serra dos "Olhos d'água", também conhecida por serra de Natividade, por causa da santa padroeira do garimpo de ouro [...].[59]

E prossegue a contar o lendário incrustado no imaginário do ouro:

> Outra lenda sobre Natividade, a cidade norte-goiana que mais ouro forneceu a Portugal, é a da serpente que só não a destrói, bem como a outros centros populacionais do norte-goiano, pelo sortilégio das rezas de velhinhas nativitanas [...] A serpente mora na caverna que principia debaixo da Igreja da Matriz e vai acabar na Lagoa Encantada. A cabeça fica debaixo da Lagoa, a muitos metros da superfície, no fundo; a ponta do rabo está justamente no sub-solo da matriz. No corpo da serpente vão surgindo penas, que, com oito dias, lhe dão forças para estrondar o chão e sair de sua caverna, destruir casas e habitantes não só de Natividade, mas das fazendas em redor, até às cidades de Chapada, Bonfim, Conceição do Norte, Arraias, Dianópolis, Porto Nacional e Peixe.

[59] Teixeira, Amália Hermano. *História de Goiás.* Organização de Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi. Goiânia: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; Editora Kelps, 2011, p. 129-130.

> E isso não aconteceu até hoje porque as velhinhas de Natividade todos os santos sábados rezam um ofício de Nossa Senhora na Igreja da Matriz ou na casa da mais idosa delas. Aí a serpente perde as penas e a força e quando as cria novamente a oração das velhinhas as faz cair, e Natividade está a salvo da sanha da serpente.[60]

Igreja Matriz com a Serra de Natividade ao fundo. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Nei Clara de Lima).

A história e a cultura da região – inscritas nas fontes documentais, na geografia, na memória coletiva, no imaginário social, nos costumes, no traçado da cidade e em seus casarios, na tradição oral e nos textos de cronistas e memorialistas – constroem uma paisagem que articula, no plano simbólico e social, experiências, valores e temporalidades da sociedade colonial aos dias de hoje, fazendo com que as novas gerações encontrem sentidos – mesclados e reinterpretados à luz de novas combinações culturais – no cultivo da vida religiosa e de seu ciclo de festividades, onde encontram também os lugares de exibição e visibilidade de seus ornamentos feitos da ourivesaria artesanal local, que é também uma das formas de demonstrarem a devoção aos santos e o apego às tradições nativitanas.

[60] Ibid., p. 130-131.Uma referência significativa dos trânsitos culturais entre Natividade e regiões do sertão do São Francisco, no Oeste da Bahia, como as cidades de Bom Jesus da Lapa e da Barra, está no possível compartilhamento da lenda da Cobra de Asas pelas populações dessas regiões. Encontramos em Luis da Câmara Cascudo uma versão da serpente de asas da Lapa, às margens do rio São Francisco, região do Velho Chico, registrada pelo padre Turíbio Villanova Segura: "Mais à esquerda existia uma cova, chamada da serpente, com várias estalactites, despontadas antigamente pelos romeiros; esteve fechada desde tempo imemorial até o ano de 1936. Diz a lenda que nesta cova havia uma serpente com asas, que quando saísse devoraria a todos. E dizem que um grande Missionário, Frei Clemente, que pregou na Lapa como também na Barra e outros lugares do Rio São Francisco, no fim do século dezoito, aconselhou que todos rezassem o ofício de Nossa Senhora porque cada vez cairia uma pena à serpente e, uma vez caídas todas, não poderia mais voar e morreria [...]". Cascudo, Luis da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983, p. 252.

A ourivesaria de Natividade, como vimos buscando interpretar, está assentada no histórico de ocupação colonial do território que veio a se tornar o Tocantins e o Brasil com suas confluências e dissensos raciais, culturais, econômicos e sociais que configuram nos dias de hoje uma sociedade multifacetada, sendo a questão racial um dos legados mais visíveis dessa complexidade. Uma das formas de dizer sobre essa questão, que se apresenta de forma expressiva na cultura local e no tema pesquisado para compor este Dossiê, é a narrativa de Mãe Ana – uma rainha sudanesa escravizada que se acredita ter vivido em Natividade e que joga um papel central na história da construção discursiva da tradição afro-diaspórica que constitui a região. Mãe Ana alegoriza a história da escravidão colonial por meio de memórias que afirmam e reproduzem, entre outras coisas, os hibridismos da devoção religiosa que associa santos, festejos, sortilégios, batuques, crenças e benzimentos ao ouro e à ourivesaria.

O relato escrito mais antigo sobre Mãe Ana remonta a 1935, na crônica do poeta goiano José Lopes Rodrigues intitulada "A Cova de Mãe Ana". Nessa versão, lemos que uma "mucama bonita e requestada" vivia como escrava em um lúgubre casarão na Rua dos Cruzeiros, no arraial de Natividade, protegido por cães ferozes, onde sua senhora escondia "centenas de moedas de ouro e joias de fino lavor".[61] Um dia, dois escravizados sem nome teriam proposto furtivamente à cativa que lhes permitissem invadir a casa na penumbra noturna "até onde estava a arca empoeirada guardando imenso tesouro",[62] que seria dividido entre os três integrantes do ardil. Cedendo ao alvitre, Ana teria sido traída por seus irmãos de condição escrava, que levaram consigo as moedas e as joias e a enforcaram em uma árvore nos rumos da estrada do Lajeado, na saída para São Valério da Natividade. Seu corpo foi ali mesmo enterrado em uma cova que se converteu desde então em lugar de devoção popular.

Quase cinquenta anos depois, em 1983, o escritor nativitano Maximiano da Matta Teixeira, na crônica também chamada "A Cova de Mãe Ana" retomou a história inspirado no que José Lopes Rodrigues havia dito, mas a subverteu em muitos níveis. Diferentemente do poeta goiano, que escrevera em uma época de depressão econômica, social e política - as primeiras décadas do século XX foram cenário de sangrentos conflitos coronelistas no Norte Goiano, sobretudo em Dianópolis[63] – e que retratara negativamente a traição de escravizados contra senhores e de negros contra negros motivada pela cobiça do ouro, Teixeira adotou uma abordagem positiva sobre a lenda de Mãe Ana em um momento de revalorização da história e

[61] Rodrigues, José Lopes. A cova da Mãe Ana. In: Mota, Ático Vilas Boas; Gomes, Modesto (org.). *Aspectos da cultura goiana*: antologia de artigos. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971, p. 205.
[62] Ibid., p. 206.
[63] Episódio narrado pelo escritor goiano Bernardo Élis em *O Tronco* (1956).

das manifestações culturais de Natividade visando à patrimonialização da cidade pelo Sphan, em 1987. Esse processo contribuiu para a rediscussão e a reconstrução da identidade do Norte de Goiás como embrião do estado do Tocantins, o que viria a se concretizar em 1988.

O escritor conta que conversou com dezenas de pessoas em Natividade e em Goiânia para saber o que guardava a tradição oral acerca da figura de Mãe Ana, uma "negra mina, alta, esbelta"[64] que teria sido no passado uma princesa no Sudão. A descrição evoca o lendário Chico Rei das Minas Gerais, antigo soberano africano no Congo que fora cativo em Vila Rica, no século XVIII, e que, depois de conquistar sua alforria, arregimentou uma irmandade de negros libertos para erguer uma capela à Nossa Senhora do Rosário e Santa Ifigênia e auxiliar seu povo na busca da liberdade, postura que o transformou em uma espécie de monarca simbólico dos africanos escravizados e dos negros no Brasil, celebrado nas festas católicas, nos reinados do Rosário e nas congadas do sertão mineiro.[65] Apesar de intrigantes semelhanças com a história do Chico Rei, a lenda de Mãe Ana possui um enredo eivado de personagens que falam muito de perto sobre as singularidades de Natividade.

Na versão coligida por Teixeira, a cativa Mãe Ana foi alforriada por uma sinhá bondosa que lhe deixou antes de morrer um "aprazível sítio nos arredores da vila, ouro em pó, lavrados e muitos patacões de prata"[66] como reconhecimento pela fidelidade ao trabalho e a sua senhora. Com o avançar da idade, Mãe Ana acumulou fama de protetora dos escravizados fugitivos e empenhou-se nas artes curandeiras, dom que alcançava a negros e brancos indistintamente. Mãe Ana semeava em seu terreiro conhecimentos ancestrais e plantas medicinais cerradeiras no mesmo quintal onde tinha por hábito reunir seus protegidos nos animados períodos festivos. Em uma dessas celebrações, todavia, seu destino seria selado de morte, pois sua atuação era vista como um perigo social para as elites e para o próprio sistema escravocrata. Muitos de seus amigos a alertavam de maquinações para sua eliminação.

Acompanhando as tradições, durante o festejo de São Benedito, os comensais levavam dias fazendo farinha de mandioca, pilando arroz para bolos e milho para doces – alimentos onipresentes nas festividades religiosas até a atualidade. Em uma dessas festas, comidas e licores estavam sendo servidos ao lado de uma frenética "imbigada" tocada por bandurras e tambores que ouviram Mãe Ana cantar: "– Glorioso São Benedito, escravo de Nosso Sinhô,

[64] Teixeira, Maximiano da Matta. *Outras estórias de Goiás*: lendas, terra, gente. Goiânia: Unigraf, 1983, p. 7. A identidade mina (sudanesa) atribuída a Mãe Ana coincide com a origem étnica da maioria dos africanos de Natividade de meados dos séculos XVIII e XIX, conforme as pesquisas do historiador Wátila Bonfim (2023).
[65] Souza, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista*: história da festa de coroação de Rei Congo: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
[66] Teixeira, op. cit., p. 7.

óia pra esse povo aflito, seja dele o salvadô".[67] Na manhã seguinte, pressentindo uma tocaia e vendo se aproximar a hora derradeira, a matriarca popular se dirigiu para a missa na Igreja de São Benedito, onde entrou majestosamente trajando elegante vestido azul e chamando a atenção de todos. Na cabeça, usava uma única joia confeccionada por um ourives do arraial:

> Ao contrário das outras vezes, seu cabelo não trazia o menor adorno. Somente sua testa ostentava artístico diadema a lembrar a nobreza de sua origem. Ao lado de inúmeras peças que herdara da dadivosa sinhá, esta ela a mandou confeccionar por competentes ourives, sempre repetindo que esse ornato era para acompanhá-la na cova. Ela a estava usando pela primeira vez naquela cerimônia religiosa.[68]

Dias depois, seu corpo foi encontrado intacto debaixo de folhas de piaçaba, com uma ferida na altura do coração. Trazia o mesmo vestido e o diadema dourado que usara na missa de São Benedito, e deste modo foi enterrada no ponto que hoje é a Cova da Mãe Ana. Desde então, Mãe Ana foi entronizada como santa popular, e sua sepultura resiste debaixo de cajueiros na estrada para São Valério da Natividade, conforme imagem a seguir:

Cova de Mãe Ana, em Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

[67] Ibid., p. 8. Ver também: Messias, op. cit., 2010.
[68] Teixeira, op. cit., p. 9. Ver também: Messias, op. cit., 2010.

A personagem lendária foi escolhida para nomear uma associação cultural da cidade, o Grupo de Suça Mãe Ana. A suça é uma dança de matriz afrotocantinense caracterizada por compassos alegres e frenéticos embalados por tambores, roncadeiras e palmas que marcam o ritmo de passos que homens e mulheres trocam em círculo, em movimentos que misturam sensualidade e irreverência. O grupo tem como uma de suas fundadoras a raizeira e benzedeira Felisberta Pereira da Silva, que o batizou em homenagem àquela que "curava as dores, vestia quem estava precisando, dava comida a quem necessitava"[69] e que, embora tenha sofrido e morrido nas mãos de um tempo em que era "inconcebível um preto ter a posse que ela tinha", foi santificada na "memória viva do povo".[70]

Felisberta é irmã de Romana Pereira da Silva, a Mãe Romana, notória artista, médium e líder religiosa que muitos acreditam ser a reencarnação de Mãe Ana. Assim como a ancestral, Romana é um pilar da comunidade negra de Natividade e do Tocantins que atende aos que a procuram no generoso e misterioso universo do Sítio Jacuba. Localizado nos arredores da cidade, o lugar é casa de seres celestiais que habitam centenas de pinturas e esculturas de pedra com referências ao Divino Espírito Santo.[71] Essas entidades dividem o mesmo território das joias de Natividade que Romana carrega consigo, em particular o brinco *peito de moça* e o pingente *coração nativo,* peças que diz terem sido feitas pelo Mestre Juvenal com o ouro catado nas ruas após a chuva:

> Isso foi o Senhor Juvenal, que era o ourives mais velho daí. Mas é catado, nessa época nós catava muito, fazia aí igual muita gente. Passava chuva, passava aquela enxurrada… Assim que tava esvaziando, cê só via gente de cócoras ali catando ouro… Nós catava muito ouro.[72]

Ela tira o brinco apenas quando seus guias assim o exigem. A seguir, pode-se ver uma imagem de Romana com o brinco *peito de moça*:

[69] Ninho Cultural. *Mãe Ana*: histórias e memórias de um grupo de suça. Palmas: Ninho Cultural, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D4kDzMP7RbQ&t=745s. Acesso em: 28 dez. 2023.
[70] Teixeira, op. cit., p. 11.
[71] Cf. Iphan. *Levantamento Preliminar para a Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais no Município de Natividade, TO* (Relatório Final). Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2005.
[72] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Romana Pereira da Silva, em Natividade, TO, em 25 jul. 2023.

Mãe Romana de Natividade com o brinco *peito de moça*. Fonte: Divulgação (Facebook).[73]

Os diversos personagens dessa história, sejam os reais ou imaginários, descortinam a ourivesaria de Natividade como uma tradição antiga e resiliente que deu ensejo a um complexo cultural elaborado por meio das joias em associação com os signos da religiosidade popular. Mãe Romana, Dona Felisberta, Dona Dizinha, cada uma à sua maneira, traduzem, assim, os passos de Mãe Ana e de seus ancestrais ao lado dos ourives de Natividade na produção, valorização e preservação da diversidade cultural brasileira.

[73] Disponível em: <https://web.facebook.com/profile.php?id=100063608227095>. Acesso em: 03 jan. 2024.

4 As festas religiosas em Natividade

Uso de joias nativitanas no Encontro das Folias da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Com motivação religiosa ou não, as festas são espelhos da vida social ou, dito de outro modo, são lugares rituais de expressão e construção da própria sociedade e, por isso, podem ser tratadas analiticamente como miniaturas da vida coletiva, por meio das quais é possível enxergar sínteses, representações e interpretações dos modos de vida expressos na cultura. Pierre Sanchis, antropólogo estudioso das romarias portuguesas, ensina que

> [...] por um lado, é da comunidade que emana a festa e, vê-lo-emos, em geral como reflexo da sua própria configuração, mas, por outro lado, uma vez criada, a própria festa contribui para estruturar o tempo social, quadro no interior do qual se desenvolve a vida coletiva e mais ainda o ritmo de pulsação desta. E esta segunda dimensão poderá tornar-se dominante. Neste sentido a festa impõe-se à comunidade.[74]

[74] Sanchis, Pierre. *Arraial*: festa de um povo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983, p. 83.

Moradores de Natividade, independentemente se vivem no centro histórico ou se além dos limites do espaço tombado pelo Iphan, bem como aqueles que vivem nas áreas rurais do município, realizam um intenso calendário de festas religiosas com o fim de cultuar a devoção aos seus santos e divindades.[75] A prática do catolicismo ora de face mais clerical ora com face mais popular, na maior parte das vezes, é experimentado e reproduzido em suas formas híbridas, de conformidade com os arranjos socioculturais de longa data da região, desde a mestiçagem racial às misturas das crenças religiosas dos povos originários e dos africanos de várias nações que aqui vieram como escravizados.

Ainda que as festas religiosas de Natividade formem contextos de significação para o uso de joias da joalheria local, elas não serão descritas em toda sua exuberância, em razão principalmente do nosso olhar que buscou compreender mais especificamente a ourivesaria como um fato social total.[76] É fora de questão, entretanto, que as festividades católicas são momentos especiais no calendário social de uso de joias em Natividade e região. Adiante, veremos como muitas joias são imbuídas de significados devocionais.

No ano de 2023, as seguintes festividades foram acompanhadas e observadas pela equipe do Dossiê, com registros etnográficos, fotográficos e audiovisuais:

- 18 de maio - Encontro das Folias do Divino Espírito Santo de Natividade

Uso de joias nativitanas no Encontro das Folias da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

[75] Messias, op. cit., 2010.
[76] Mauss, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. In: Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 185-318.

- 27 e 28 de maio - Ápice dos Festejos do Divino Espírito Santo de Natividade, contendo os seguintes rituais: Festa do Capitão do Mastro, Esmola Geral e Reinado do Imperador

Comidas e joias nativitanas na Festa do Capitão do Mastro da Festa do Divino de Natividade, 2023.
Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Uso de joias nativitanas na Esmola Geral da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

Uso de joias nativitanas no Reinado do Imperador da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

- 16 e 17 de junho - Festa dos Ajudantes, Festa do Capitão do Mastro e Reinado do Imperador do Divino

Licores e comidas nas festas dos Ajudantes e do Imperador do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

- 23 e 24 de junho – Festa de São João de Natividade

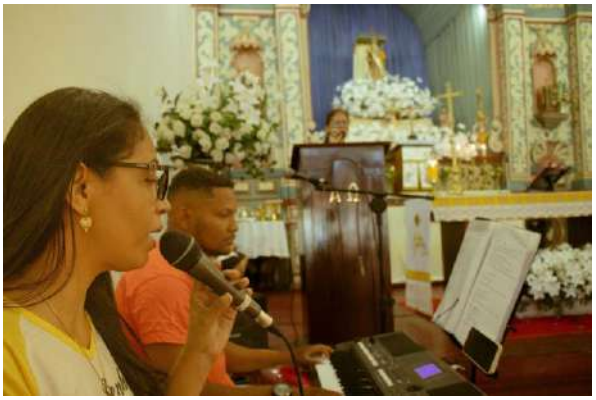
Uso de joias nativitanas na Festa de São João de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Simone Camêlo Araújo[77]).

- 14 a 17 de agosto – Romaria do Senhor do Bonfim

[77] Referente às duas últimas imagens (2016), cf. <http://joiasdenatividade.com/s/arquivos/3343>.

Uso de joias nativitanas na Romaria do Senhor do Bonfim, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

- 6 a 9 de setembro – N. S. de Natividade – Padroeira da cidade de Natividade e do estado do Tocantins.



Uso de joias nativitanas na Festa da Padroeira de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos e Rafael Trapp).

A seguir faremos uma breve descrição de duas das festas mais importantes de Natividade, segundo seus moradores, a fim de mostrar o alcance que exercem sobre os nativitanos, mobilizando e envolvendo os moradores na preparação e realização de cultos que renovam a devoção e, com ela, a sociabilidade amalgamada de religiosidade.

Festejos do Divino Espírito Santo

É preciso mencionar que o tempo completo dessas festas inclui diversos rituais e preparativos. Por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo – considerada uma das mais exuberantes por ser a que mais congrega a devoção dos nativitanos e também porque exige uma série de atividades preparatórias e ritualísticas – prevê saídas, giros, pousos e encontro de folias, missas, procissões, cortejos, levantamento de mastro, reinado do imperador, soquete, almoços, jantares, entre outros ritos em devoção ao Divino. A festa requer a confecção de insígnias, como as bandeiras que são conduzidas pelos foliões; bandeirolas, folders e outros materiais de divulgação e enfeites para os ambientes que receberão os devotos; confecção das roupas de gala das jovens que alegorizam os 7 dons do Espírito Santo e acompanham o casal de imperadores do Divino no Cortejo do Reinado; ornamentação das igrejas; reformas nos espaços da casa do Imperador, bem como a pintura da casa e do muro, na cor vermelha com desenho da pomba e seus raios resplandecentes; construção de barracões e de fornos e fogões nas áreas externas como espaços de produção das comidas a serem servidas aos devotos; arrecadação e preparação dos alimentos para os encontros, almoços e pousos o que demanda um grande contingente de pessoas e recursos de várias ordens para realizar uma festa a contento. O ciclo inteiro dos festejos do Divino dura um ano. No último dia da festa, Dia de Pentecostes, chamado de Reinado do Imperador, são sorteados o Imperador e o Capitão do Mastro que conduzirão os festejos do próximo ano, de modo que parece não haver interrupção entre o começo e o final da chamada Festa do Divino Espírito Santo[78].

[78] Messias, op. cit., 2010.

Uso de joias na Festa do Divino Espírito Santo de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

É tal o volume de atividades e ações que se desenrolam em função dos festejos que, em julho de 2023, assistimos a uma reunião, na sede da ASCCUNA com o casal imperador – imperatriz dos festejos 2023-2024, estudando os simbolismos dos dons do Divino, seus significados, cores, desenhos etc. utilizando o acervo e os conhecimentos de Simone Camêlo Araújo acerca do tema, para “evitar erros” na confecção das bandeiras e “evitar os falatórios”.

Numa outra viagem de campo, entre os meses de fevereiro e março de 2024, a equipe acompanhou, em Natividade, as reformas que estavam sendo realizadas na casa do Imperador, como a construção de fornos, fogões e o nivelamento de parte da área externa da casa, local

onde será instalada a arrumação da festa. À noite, o casal de Imperador e Imperatriz recebeu rezadeiras – grupo formado principalmente por mulheres – para rezarem o terço.

Parece não haver outra divindade que seja mais representativa da adesão dos nativitanos ao catolicismo do que o Divino. A sequência de atividades cerimoniais e o alcance dos preparativos e dos festejos em seu louvor, ao longo do ano, chamam a atenção pela exuberância ritual e o compromisso com que seus devotos se entregam na realização da festa. A devoção, no entanto, não é apenas vivenciada e comunicada nos festejos, mas no uso também largamente difundido, do pingente *pombinha do Divino* pelos moradores, especialmente pelos homens.

Romaria do Senhor do Bonfim

O calendário da romaria do Senhor do Bonfim tem início no dia 1º de agosto, quando os peregrinos começam a chegar ao povoado de Bonfim, e a ali se instalarem; os romeiros a cumprirem percursos a pé, em grupo ou individualmente; os cavaleiros a realizarem as cavalgadas, percorrendo em grupo trechos que separam sítios e fazendas do povoado etc.

Nos quinze dias em que os romeiros acampam no povoado do Bonfim, ocorrem missas, casamentos, batizados e rituais de cumprimento de promessas feitos ao santo milagreiro – encarnado na imagem de Jesus crucificado –, a maioria delas, de caráter sacrificial, com os penitentes percorrendo trechos de joelhos, inclusive a escadaria que leva ao andar superior do Santuário, até passarem diante da imagem do Senhor do Bonfim e lá permanecerem algum tempo contemplando-a em oração. No decorrer desses dias, o povoado de Bonfim – que passa a maior parte do ano com poucos habitantes – se transforma num polo de devoção e fé, atraindo peregrinos de várias localidades que se deslocam até ele para participarem dos inúmeros rituais conduzidos pela igreja, mas também para encontrar parentes, amigos e fazer compras. Muitos comparecem à romaria para as festas "profanas", por assim dizer, ao som de piseiro e sertanejo.

Somente no dia 18 de agosto a romaria termina, com os devotos retornando às suas moradias, muitas delas em outros municípios do Tocantins e de outros estados. A memória da romaria do Senhor do Bonfim diz que ela se renova anualmente há quase três séculos.

O frei José Maria Audrin relata sobre a romaria do Senhor do Bonfim, quando acompanhou Dom Domingos Carrerot, o primeiro bispo da Diocese de Porto Nacional, nas primeiras décadas do século XX, em visita ao povoado durante a romaria:

> Alguns começam a cumprir seus votos ao sair das suas casas; viajam então dois, três e mais dias, em companhia de mulher, filhos e tropeiros, sem pronunciarem uma só palavra. Somente o Bom Jesus poderá soltar-lhes a língua, depois de oferecida e acesa uma vela ao pé da santa imagem.
>
> Mulheres entram e permanecem no santuário, na hora das rezas, carregando na cabeça uma pedra pesada. Outras sustentam um pote de água fresca e com uma vasilha na mão atendem com devoção aos romeiros com sede. Outras ostentam uma vasta coroa de bambus trançados sobre a qual fixam e acendem uma dúzia de velas, cuja cera deixam estoicamente derramar em sua cabeleira.[79]

Mas além de se dirigirem para o povoado em nome da devoção e pagamento de promessas, os romeiros também se deslocam motivados pelo encontro com parentes e amigos e também aproveitam para comprarem coisas – principalmente os que moram em áreas rurais – já que as principais ruas do povoado são ocupadas por comerciantes vindos de vários lugares, com os mais diversos produtos. Ali, no meio das ruas, são colocados à venda, desde vestuários, alguns deles trazendo imagens de "nossas senhoras", crucifixos etc. utensílios e ferramentas domésticas, brinquedos, eletroeletrônicos de várias procedências, bem como de uma profusão de bancas exclusivas de imagens de santos, terços, rosários, além de restaurantes improvisados.

A romaria do Senhor do Bonfim, segundo observações levantadas em campo e depoimentos de párocos envolvidos na sua realização, expressa na cultura religiosa local, uma configuração da sociedade baseada na agropecuária que, juntamente com a mineração, estabelece as bases da vida coletiva daquela localidade.

No mito de origem da romaria a imagem cultuada é encontrada por um homem sertanejo na sua lida com o gado. O padre Joatan Bispo de Macedo, com base em histórias de seus antepassados e de antigos romeiros, conta sobre como a imagem do Cristo crucificado foi encontrada e instituída a romaria para a sua devoção:

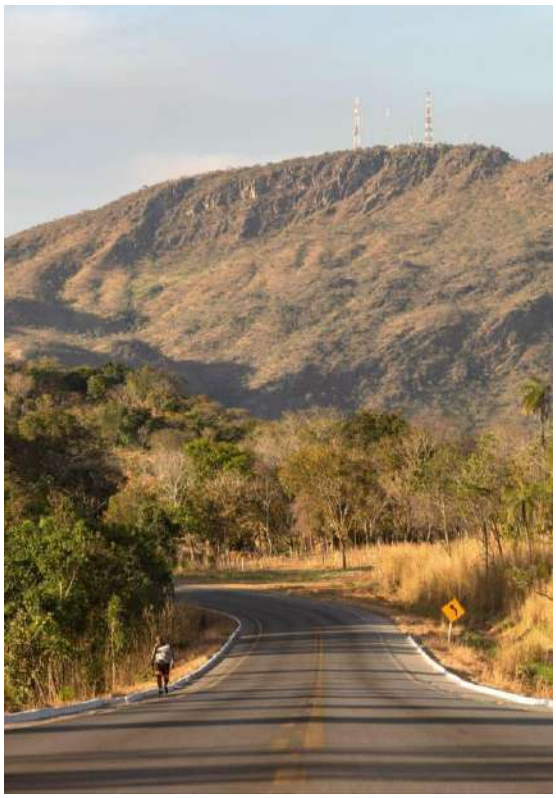
> Pequena porção do quase tricentenário Município de Natividade, uma fazenda de gados, como tantas outras deste vasto sertão [...] um rude vaqueiro, que pelos campos e matas à procura de seu gado, bois, vacas e outros, encontra ali, no meio da exuberante mata que se levantava às margens do caudaloso Rio Manoel Alves, à beira do Ribeirão Salobrinho, sobre um velho e rústico toco de resto de árvore, quem sabe decepada pela ação humana

[79] Audrin, op. cit., p. 12-14.

ou até mesmo pelo fogo devastador, carcomido pelo tempo, teve a graça de contemplar entronizada pelas mãos humanas ou mesmo quem sabe pelas mãos do próprio Deus a imagem do Senhor, minúsculo corpo repousando sobre o madeiro da Santa Cruz, esta era quem sabe ou com certeza, a pepita mais preciosa do mundo encontrada longe das grandes escavações em busca do ouro. Portanto, ali à vista de todos a Santa Cruz e nela cravada a imagem do Salvador da humanidade, Jesus, o Filho de Deus, o Senhor do Bonfim.

Encontra-a e certamente começa ali, com sua família e vizinhos a erguer no silêncio gritante da oração sertaneja, da reza dos seus benditos, o gigantesco templo da fé estava sendo assim construído [...] assim é que foi tomando corpo o que nós temos hoje, a belíssima e fervorosa Romaria do Senhor do Bonfim [...] Das mãos de um vaqueiro para um tosco oratório em seguida, quem sabe, para uma pobre ermida.

Logo, fiéis que começavam a vir de municípios vizinhos como: Almas, Paranã, Conceição, Porto Nacional e outros mais distantes, com suas ofertas e devoções [...].[80]



[80] Macedo, Joatan apud Pedreira, op. cit., p. 27-28.

Romaria do Bonfim, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

5 A ourivesaria devocional nativitana

Os brincos

A alegoria das coisas em que cremos
pende dos brincos por causa de que
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,
para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho
na carne magra das mulheres do povoado.
Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.
Caros quadros comprados em domingos de romarias.
Ali colocamos o retrato dos vivos e dos mortos:
os antepassados, seus filhos e os netos.
Da parede nossa gente nos olha, sagrada como os santos e deuses
pendurados por igual entre os nomes da família.
Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns
que ali ficam por gerações de anos e anos,
figuras ao vento nessas terras onde bandeiras que há
são as que viajam em janeiro e viajam em maio
à frente dos tropéus de foliões de Reis e do Divino.
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadros da memória.
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,
virgens, santos pretos de almanaque e senhores do céu.
Não somos como os ricos que comem à volta de mesas
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.
Comemos em pratos de alumínio. Catamos com os dedos
nas panelas de barro as porções do almoço
e acocorados à volta do fogão comemos na cozinha.
Flores que colhemos no campo à volta do trabalho,
ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro
com as ervas antigas de onde tiramos a saúde,
colocamos em pequenos vasos de porcelana barata
debaixo do retrato dos ancestrais.
A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes
que as filhas colhem para os santos e os mortos, seres
que os ritos da memória tornam iguais e imortais.
Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa
com os chapéus de domingo que tinham na cabeça
e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.
Vivos, tanto quanto nós.

Carlos Rodrigues Brandão[81]

[81] Brandão, Carlos Rodrigues. *O vento de agosto no pé do ipê*. Goiânia: Editora da UCG, 2005, p. 92-93.

Simone Camêlo Araújo com joias nativitanas diante de N. S. da Conceição no Santuário do Senhor do Bonfim, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Buscar compreender o uso de joias em Natividade observando apenas a superfície das informações culturais que esta prática produz e desencadeia pode levar a crer que se trata de ostentação e satisfação privada ou pessoal por parte de quem as usa. Durante a pesquisa de campo, as pessoas geralmente iniciavam as conversas explicando o gosto nativitano pelo uso de joias na ornamentação corporal como expressão de um desejo pessoal de se destacar dos demais, de mostrar beleza associada a objetos de valor, que é o mesmo que sinalizar distinção social e outros privilégios advindos dela. Colhemos vários depoimentos nesse sentido:

> [...] tem que usar pra mostrar; minha mãe botava colarzão, tinha umas joias bonitas [...] chegava na festa todo mundo olhava minha mãe, ela se sentia poderosa; [...] na [festa] da Padroeira [...] cada dia você usava uma joia pra mostrar que você tinha aquela joia, você tinha o ouro, entendeu? [...] a gente ia à missa da Festa do Divino com elas [joias], cada vez você usava uma joia diferente [...] então era um desfile de joias.[82]
>
> [...] nas festas tradicionais, a gente sempre usa… na Festa do Divino, na Festa da Padroeira, um aniversário, um baile [...] a família dá de presente… é ouro, como se diz, ouro daqui; é uma coisa, como se diz, de raiz… faz parte da nossa tradição.[83]

Ao dizerem dos sentimentos de bem-estar experimentados pela posse e uso das joias, no entanto, os nativitanos estão revelando um dos vários códigos com que a gramática da ornamentação corporal com joias é vivenciada na região. De fato, o que se verifica é uma

[82] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ilma Batista Borges Vilela, em Natividade, TO, em 25 ago. 2023.
[83] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, em Natividade, TO, em 11 jul. 2023.

polissemia sígnica que está no uso dos adornos de ouro e prata entre eles e outros tocantinenses da região, historicamente colonizada pelo empreendimento minerador.

A convivência maior com os moradores, bem como a participação e observação das festas religiosas de um calendário anual recheado de rituais devocionais, permitiu à equipe de pesquisa identificar e compreender outras expressões e sentidos das práticas de ornamentação corporal por meio do uso das joias, principalmente as de ouro, confeccionadas na ourivesaria local. Nas conversas, bem como na observação das cerimônias festivas e do cotidiano pudemos perceber que o uso das joias significa muito mais do que consumo e ostentação conspícuos, mas o compartilhamento de um universo religioso materializado em crucifixos, *cachinhos de uva*, *peixas*, *pombinhas do Divino* e tantas mais expressões de devoção tributadas aos santos e divindades do catolicismo praticado na localidade, o que faz girar por sua vez uma boa parte da indústria joalheira artesanal nativitana. Devoção religiosa, pertencimento a um grupo familiar e relações de amizade – rituais de nascimento, batizado, namoro, casamento, morte etc. – e fabricação de identidade nativitana, entre outros motivos se entrelaçam e se inscrevem no uso desses ornamentos, como veremos a seguir.

A vida religiosa em Natividade é experimentada tanto por um rico e complexo calendário anual de festas, como resumido anteriormente, ocasiões em que as pessoas renovam a fé por meio de cultos aos seus santos de devoção e demais divindades, associando aos ritos propriamente religiosos outros arranjos cerimoniais como o *uso de traje a rigor*, no dizer de uma nativitana, o que pede, por sua vez, ornamentos em ouro, com joias alusivas ao santo cultuado na ocasião.

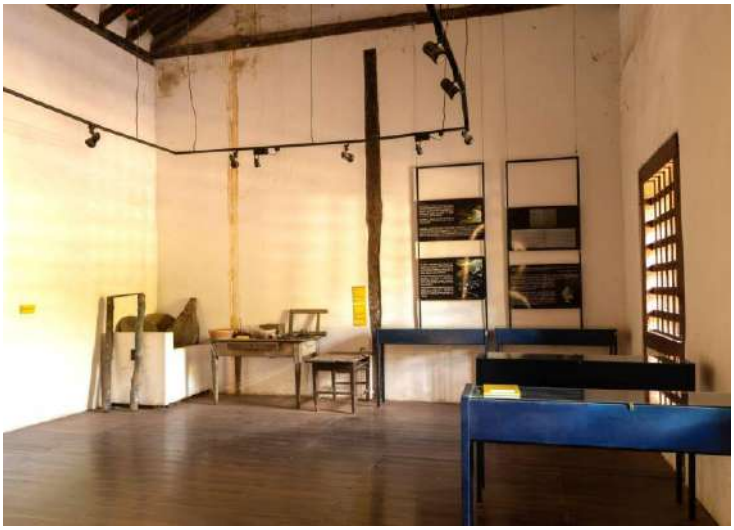
Uso do pingente *pombinha do Divino* e outras joias nativitanas no Encontro das Folias do Divino de Chapada da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

Esta associação de fé religiosa e do uso do ouro, seja pela posse ou pelo uso social de joias, advém dos tempos coloniais e de seus hibridismos trazidos e ressignificados na atualidade. Valores e modos de vida lusitanos, entre eles, a religião católica, são recriados de várias formas na então colônia sul-americana, conforme ensina Manuel Diegues Jr., estudioso da formação étnica e cultural da sociedade brasileira:

> [...] técnicas de trabalho, organização da família, vida doméstica, certos estilos de vida da população portuguesa [incluindo o cristianismo católico, por nossa conta] foram disseminados pelos colonos: os pequenos lavradores, os artífices, os artesãos, por exemplo. Constituíram esses colonos a base sobre que assentou a implantação da cultura portuguesa nas várias áreas de colonização ou de ocupação lusitana.[84]

A expografia do Museu Histórico de Natividade revela o que consideramos, de forma esquemática, as duas faces visivelmente entrecruzadas da cultura nativitana que, por sua vez, se articulam às formas econômicas predominantes, desde o período colonial: a criação de gado e a exploração do ouro. Em duas salas, uma defronte à outra – uma com acervo referente aos festejos do Divino Espírito Santo e outra com a ferramentas do ourives mais lembrado da região: Juvenal Rodrigues. De um lado, a representação de uma economia baseada na criação de gado, incorporada aos festejos do Divino e seus simbolismos: o giro dos foliões feito a cavalo, percorrendo as casas dos devotos nas áreas rurais; os pandeiros e caixas dos músicos feitos com o couro de gado; a musicalidade referenciada à vida na roça etc. E, de outro, a síntese de uma atividade manufatureira desenvolvida pela ourivesaria artesanal, devido à presença do ouro na região. Tanto quanto o acervo mostrado no Museu Histórico, a densidade e o vigor da vida religiosa dos nativitanos expressam e reinscrevem, com muita eloquência, as matrizes dos tempos passados nos dias de hoje.

[84] Diegues Jr., Manuel. *Etnias e culturas do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes. 3. ed., 1963, p. 73.



Exposição sobre a ourivesaria nativitana no Museu Histórico de Natividade, 2023. Fonte: Acervo do Museu Histórico de Natividade (Foto - Rafael Trapp).

Embora os ourives nativitanos do tempo presente produzam joias de fabricação e *design* modernos e estejam constantemente se atualizando devido às necessidades do mercado e do gosto dos clientes, existe um forte apego à tradição. Esse apego é alimentado por um sentimento de pertencimento dos ourives à história de Natividade. Nas paredes das oficinas se penduram quadros com referências à herança portuguesa da filigrana e aos antigos mestres. Sua identidade profissional se inscreve na terra que gera a matéria-prima cuja imagem manufaturada encontra correspondência no reflexo das joias. Nesse sentido, os ourives costumam citar algumas joias consideradas mais representativas da tradição nativitana.

O Mestre Jesumar Batista Borges, hoje aposentado, é categórico. Segundo ele, a joia mais tradicional "é o peixe" (*peixa*); depois é o *coração*; e a *flor de maracujá*".[85] Sua escolha demonstra uma percepção geral, compartilhada por outros colegas. Um de seus parceiros de ourivesaria nos tempos de aprendizado com o Mestre Juvenal, nos anos 1960-70, Uaci Rodrigues diz que "Natividade é joias antigas, mais é filigrana [...] é crucifixo, é *divino*, é anel *escravo*, pulseira *escrava*…".[86] Para Alfredo Batista Borges, o Borginha, contemporâneo de Jesumar e Uaci e também aposentado da lide com o ouro, a *peixa* é a joia nativitana por excelência, e a filigrana a técnica mais distintiva: "Só tem aqui, a *peixa*... você só acha de filigrana feita aqui, não adianta o cara fazer que não sai igual isso daqui não".[87]

[85] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.
[86] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Uaci Rodrigues Faria, em Palmas, TO, em 7 jul. 2023.
[87] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Alfredo Batista Borges, em Natividade, TO, em 26 ago. 2023.

A ourives e empresária Anfrisia Pereira Cardoso diz que "a *flor de maracujá* e o *coração* são as mais vendidas, tanto a de ouro como a de prata".[88] O ourives Ernanny Pereira de Menezes também informa que a joia tradicional que ele mais vende "é o *coração*. Todos falam do *coração* e da *peixa* que também é muito famosa, o *crucifixo* masculino, aqueles crucifixos grandes, *Senhor do Bonfim* é muito tradicional mesmo". Mas, sua escolha pessoal em termos de tradição vinculada à cultura e à imagem de Natividade, recai na "*peixa* e o *coração*, não tem como fugir".[89] O ourives Orleid Sérgio Pinto de Carvalho defende que "as mais tradicionais são o *coração nativo*, a *lantejoula*, [...] a pulseira *escrava*, a *peixa*, [...]".[90] Para o ourives Uardon Moreira da Cunha,

> [a joia] que é reconhecida como nativitana é o peixe, as *peixas* [Depois] vem o *coração nativo* [...] um colar *lantejoula* também é uma peça única daqui [...] tem o brinco *flor de maracujá*, tem a que é conhecida também como *teta de moça* [...] esses daí são tradicionais, mas a mais tradicional que o povo mesmo realmente se identifica como joia nativitana é a *peixa*.[91]

O ourives Antônio Luiz Alves de Souza Júnior, o Júnior, colega de Uardon e Ernanny na Ourivesaria Mestre Juvenal, lista as seguintes joias e reflete sobre seu uso:

> [...] Eu não consigo enumerar qual a principal, mas as que mais saem são: o *coração nativo* e *português* e a *flor de maracujá*. São as mais queridinhas. Aí depois vem anel *escravo*, o colar *lantejoula*, *flor da vitória* [...] *flor do cerrado*, o *elo português*. [...] A *peixa* sai bastante também com *cachinho de uva* ou com a *flor de maracujá*. As meninas [mais jovens] não querem usar a *peixa*, elas acham assim [...] o pessoal que mais usa as *peixas* são as mulheres mais de idade… Só que elas não sabem que [essas mulheres] ganhavam isso quando tinha 15 anos ou 18 [anos].[92]

Suas observações sobre características de percepção geracional das joias são importantes porque esses movimentos vêm levando a modificações nas razões e critérios de

[88] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Anfrísia Pereira Cardoso, em Natividade, TO, em 24 jul. 2023.
[89] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ernanny Pereira de Menezes, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.
[90] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.
[91] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Uardon Moreira da Cunha, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.
[92] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Júnior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.

escolha estética, tanto dos usuários quanto dos ourives. Tais alterações ensejaram, nas últimas décadas, a produção e o desenvolvimento de novos modelos, sobretudo o pingente *flor de maracujá*, que vem substituindo o *peito de moça* na preferência das mulheres ao longo das últimas décadas. Trataremos do *peito de moça* e de seus simbolismos mais adiante.

Tipologia das joias nativitanas[93]

A seguir, apresentaremos a descrição sucinta de algumas joias usadas pelos nativitanos, com especial atenção àquelas que possuem caráter devocional, indicando suas características físicas, os contextos de uso e os significados mais relevantes. Além disso, algumas delas, como veremos, informam sobre o valor canônico da família entre os nativitanos, assim como indicam gênero, classe de idade etc.

Peixa

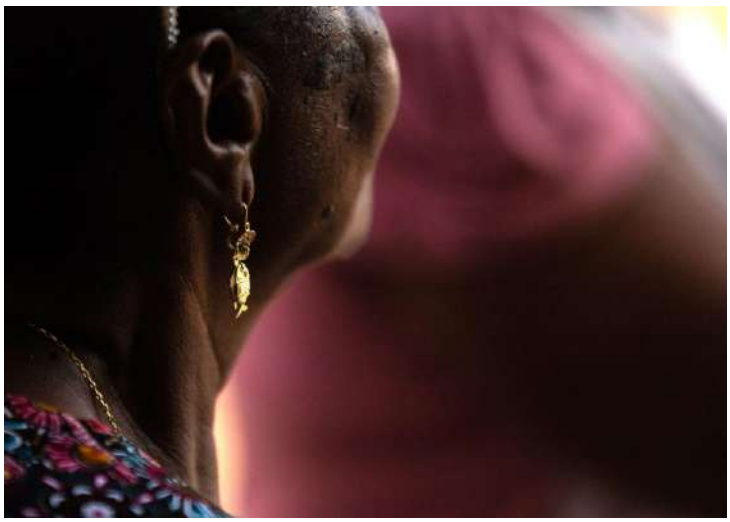
Trata-se de uma joia, em geral, trabalhada em ouro para ser usada como pingente, às vezes, com o cravejamento de alguma gema para representar os olhos do peixe. O corpo da *peixa* é feito de pequenas placas (também chamadas de chapa) com escamas desenhadas por cinzel e partes soldadas ao qual se articulam o rabo, a cabeça e as nadadeiras por meio de solda. No passado, era comum confeccionar a *peixa* em desenhos que engranzavam numa mesma peça ouro e prata, ouro e madrepérola ou ouro e pedras de corvina.[94]

[93] Elencamos um rol de modelos que foram mais citados em entrevistas com os detentores do bem cultural (ourives e usuários de joias de Natividade) e em informações das principais referências bibliográficas sobre o assunto, a saber Iphan (2005, 2007), Santos (2005), Araújo e Wal (2017) e Bonfim (2019).

[94] São cristais que crescem no aparelho auditivo do peixe corvina. Acredita-se que, como o ouro, são impregnadas de poder curativo e protetivo. Cf. Bonfim, op. cit., 2019.

Pingentes *peixa*. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).

Quando os pingentes, usados nas orelhas, são pendurados em outras peças, geralmente brincos em forma de *cacho de uvas*. No entanto, o mais usual é o uso da *peixa* em tamanhos maiores, como pingente de colares. Moradores, incluindo os ourives, distinguem entre a *peixa pacu*, ou *pacuzinha*, de formato mais arredondado, e a *piaba*, de corpo mais alongado, dizem, como os peixes dos rios da região.[95]



Uso do conjunto articulado *peixa* e *flor de maracujá* no Encontro das Folias do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Segundo os entrevistados, a *peixa* é a joia mais tradicional da ourivesaria nativitana. Mais que todas as outras, é a que materializa a memória dessa ourivesaria e a das famílias nativitanas, pois geralmente os mais abastados presenteavam as filhas com uma *peixinha*

[95] Araújo, Simone Camêlo; Wal, Mestre. *Manual 7 joias artesanais de Natividade - Tocantins por mestre Wal*. Natividade: 10 - Empresa de Comunicação, 2015; Iphan, op. cit., 2005.

quando ainda eram crianças. Os entrevistados também afirmaram que é a joia que representa a religião católica. Filomena Batista A. Moreira resume, numa afirmação categórica, a relação do modelo *peixa-cacho de uva* com o cristianismo: "Essa *peixa*, esse *cacho de uva*… Isso aqui representa a ceia do Senhor, porque a uva é o vinho. E a *peixa* é o peixe da ceia,". Segundo o Padre Joatan de Macedo, a *peixa* atravessa tempos e gerações:

> Todo mundo usava essa *peixa*, isso era comum. Essa *peixa* não é própria de Juvenal, Juvenal chegou e já achou essa tradição da *peixa*. Por isso que é interessante saber, porque [...] ele aprendeu com alguém. A *peixa* não é um original dele, todo mundo naquele tempo tinha *peixa*, povo mais novo, mais velho [...] crucifixo *Senhor do Bonfim*. *Coração* onde guarda relicário e brincos [...] Lá em Almas, em momentos solenes, 'cê via quem tinha condição usava o ouro.[96]

Uso do pingente *peixa* e *pombinha do Divino* no Festejo de São João Batista e do Divino de Paranã, TO, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Cláudia Borges dos Santos[97] informa que a *peixa* era uma joia conhecida largamente no estado de Goiás por volta dos anos de 1960, quando os ourives circulavam pelas várias cidades da região comercializando os pingentes e brincos com o formato de peixes articulados. Existem poucas informações sobre a ocorrência dessa joia fora de Goiás e do Tocantins. A equipe do dossiê encontrou um exemplar de *peixa* em um acervo particular na cidade de Paracatu, MG, pertencente à professora Terezinha Guimarães, sem evidência de que tenha sido confeccionada nessa localidade, embora tenha havido ourives na trajetória dessa

[96] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.
[97] Santos, Cláudia B. *A ourivesaria tradicional e o tombamento de Natividade*. Palmas: UFT, 2006.

cidade mineradora. Borges acredita, por isso, que o saber-fazer tenha sido conservado em Natividade, o que os pesquisadores do Dossiê endossam. No entanto, em sua pesquisa, encontrou menções à *peixa* ou "pescaditos de oro" na ficção de Gabriel García Márquez, o que leva a indícios de sua existência na Colômbia, também confeccionadas por ourivesaria tradicional, semelhante à ourivesaria nativitana:

> Quando o Coronel Aureliano Buendía voltou a abrir a oficina, seduzido por fim pelos encantos pacíficos da velhice, Aureliano Segundo pensou que seria um bom negócio dedicar-se à fabricação de peixinhos de ouro. Ficou muitas horas no quartinho encalorado vendo como as duras lâminas de metal, trabalhadas pelo coronel com a paciência inconcebível do desengano, iam-se convertendo pouco a pouco em escamas douradas.[98]

As hipóteses da autora sobre as semelhanças da *peixa* nativitana com a colombiana, por via da ficção literária, alcança outra obra de García Márquez, sua autobiografia,[99] em que o romancista diz ter se inspirado nas *artesanías* com ouro do seu avô para tramar o Coronel Aureliano Buendía se ocupando do mesmo ofício – a ourivesaria –, como o próprio trecho citado assinala. Sabe-se que em Mompox, e outras cidades na Colômbia, bem como no Peru e México existem a tradição ourivesareira da filigrana, indicando que a técnica, originária da Antiguidade, chega à América Latina por meio da colonização ibérica. Nos dias atuais, a preservação dessa tecnologia artesanal de produção joalheira é cada vez mais restrita a essas localidades referenciadas anteriormente, em especial Natividade.

O pendente em formato de peixe de características similares à *peixa* de Natividade também foi elemento onipresente nas *pencas de balangandãs* da joalheira negra baiana dos séculos XVIII e XIX,[100] na produção amulética das chamadas "joias de crioula", assunto que será esmiuçado em capítulo posterior, neste Dossiê.

[98] Márquez, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 186 e passim.
[99] Idem. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
[100] Silva, Simone Trindade Vicente da. *Referencialidade e representação*: um resgate do modo de construção de sentido nas pencas de balangandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – UFBA, Salvador, 2005, p. 117-118.

Uso do conjunto articulado *peixa* e *cachinho de uva* na Esmola Geral da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Crucifixo

A imagem de uma cruz, às vezes acrescida com o corpo de Cristo nela cravado e/ou com os raios de um resplendor é também arrolado como joia tradicional de Natividade; alude ao Cristo supliciado, símbolo primevo do cristianismo. A cruz possui um formato alongado na vertical, sendo confeccionada em ouro ou prata. Às vezes, é esculpida em madeira cujas pontas são finalizadas com placas de ouro, podendo também ter relevos desenhados em arabescos de ouro. Seu uso é preferencialmente masculino, não sendo, entretanto, exclusividade dos homens. Em Natividade e redondezas, mulheres, principalmente as mais velhas, foram vistas com muita frequência durante a pesquisa de campo trazendo no peito ou nas orelhas pingentes em forma de crucifixo. São usados como pingente de colar, mas, às vezes em formatos pequenos, como pingentes de brincos. Os de maior poder aquisitivo, fazem uso dele pendurado num colar de *lantejoulas*. Se em tempos passados, eram em sua maioria feitos de ouro, atualmente, são preferencialmente confeccionados em prata.

Crucifixo com detalhe em filigrana. Fonte: Acervo particular (Foto - Rafael Trapp).

Numa conversa casual com Formosina Camêlo da Silva, dona Mirinha, de 93 anos, ocorrida em frente a sua casa, perguntamos por que ela usa o crucifixo, que ela diz ser a imagem do Senhor do Bonfim. Ela responde: "Se não usar, a morte vem". Disse também que, em Natividade, "as meninas ganham *peixa* e os meninos ganham *crucifixo*", modulando a versão de que os meninos nativitanos ganham *pombinhas do Divino* ao nascerem. Disse ainda que desde criança é ela quem entoa o canto da Esmola Geral na Festa do Divino. E que foi ela que trouxe a música da Esmola Geral [ritual importante na Festa do Divino] de Conceição do Norte [hoje Conceição do Tocantins] para Natividade. Ela conta também que representava a África nas Pastorinhas[101] de antigamente.

[101] Pastorinhas é um auto teatral natalino cantado, de origem ibérica. É apresentado por crianças e adolescentes para comemorar o nascimento de Jesus Cristo. Maria Rodrigues de Oliveira, dona Maroquinha, explica sobre o teatro que faziam: "Ah, o Baile das Pastorinhas da tia Belita! Participei das Pastorinhas... Era 25 de dezembro, porque não tinha outra coisa pra fazer [...] Belita e seu Juvenal eram quem treinava as Pastorinhas... Fazia... escrevia os papéis... Aí, ela que treinava... É igual um drama. Aí, você decora e depois todo mundo sabe as "deixa" e tudo... Era uma comédia, só que era cantado... Cada um com seu traje [...]".

Uso de crucifixo, colar de *lantejoulas* e *pombinha do Divino* na Esmola Geral da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Em Natividade e Chapada da Natividade, o crucifixo com o Cristo está associado ao Senhor do Bonfim, divindade cultuada pelos moradores da região cuja romaria está incluída no calendário das festividades religiosas do lugar. Mas também se vincula a outras devoções, como explica Belarmino Romão Ferreira, mostrando o crucifixo de prata com Cristo e resplendor pendurado no pescoço num colar de *lantejoula*:

> [...] Essa joia parece a festa de N. S. da Natividade. É onde os filhos e filhas de Natividade se arrumam, usam as suas joias, como diz a linguagem popular… Se emperiquitam pra aparecer na Festa de Nossa Senhora![102]

O crucifixo vem sendo remodelado contemporaneamente e é uma das joias mais usadas pelos ourives, como pode ser visto a seguir. Na imagem à esquerda, ourives confecciona joia na bancada e usa corrente e crucifixo de sua própria lavra; à direita, devota usa crucifixo como pingente feito de *flor de maracujá* na romaria do Senhor do Bonfim:

[102] Entrevista concedida para a Equipe do Dossiê por Belarmino Romão Ferreira, em Natividade, TO, em 08 set. 2023. Conferir fotografia representativa desta descrição no Catálogo *A pela das Joias*.

Uso de crucifixos pelo ourives José Ricardo, da Ourivesaria Colonial, e por devota na romaria do Bonfim, em Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

***Pombinha do* Divino**

Pingente confeccionado em ouro ou prata, de vários tamanhos e formatos, usado em colares, por homens de todas as idades. Nas entrevistas, é recorrente ouvir dos nativitanos que os meninos, ao nascerem, ganham um *divininho* e as meninas ganham uma *peixinha*, mas esse costume não impede de as mulheres trazerem colares e brincos com pingentes da *pombinha do Divino* ou anel com o mesmo motivo.

Pombinha do Divino. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).

Nos dias de hoje, os vários formatos da pombinha nos pingentes e nos anéis são produzidos por meio da técnica da fundição em cera. Na tradição de presentear com ouro, os meninos nativitanos ganham esses pingentes, muitas vezes acompanhados por colar, ou ainda,

presos aos pulsos em fitinhas vermelhas. Há também pingentes com a *pomba* do Divino, em filigrana, usados preferencialmente pelas mulheres.

Uso da *pombinha* e da *pomba do Divino* na Esmola Geral da Festa do Divino de Natividade, 2023.
Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

São formas de cultivar a devoção ao Divino Espírito Santo, sendo um desvelo praticado com mais frequência no âmbito familiar; dádivas dadas pelos pais para marcar o ritual do nascimento dos filhos, assinalando a continuidade da devoção ao Divino Espírito Santo aos descendentes. E também já amealhando para o futuro, conforme as posses da família, a "fortuna" em ouro do recém-nascido. Além dos pais, é um presente dado também pelos padrinhos e madrinhas aos afilhados, nas cerimônias do batizado. A devoção ao Divino Espírito Santo, largamente vivenciada na região, encontra nessas dádivas associadas ao universo ritual de recém-nascidos um campo fértil para o uso das *pombinhas* do Divino em forma de pingentes e anéis. Por crescerem participando, desde crianças, dos festejos anuais do Divino Espírito Santo, os moradores da região, principalmente os homens tornam-se usuários dessas peças como forma de expressão da fé nos poderes da graça do Divino.

Peito*, ou *teta de moça

Trata-se de um brinco inteiramente confeccionado em ouro, que apresenta, em uma forma compacta, a configuração de um seio feminino. Pode ter o contorno guarnecido com uma fita de filigrana. Atualmente parece estar em desuso pelas novas gerações, sendo visto mais frequentemente nas orelhas de mulheres mais velhas. Era comum, em tempos passados, as famílias presentearem as meninas quando deixavam a infância para trás, marcando uma espécie de rito de passagem. Um presente para a menina-moça que anunciava a sua entrada na adolescência, ou a idade em que se abria para os namoros e os casamentos.[103]

Uso do brinco *peito de moça* na Festa de N. S. da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

Além de marcador de idade, a presença do brinco *peito de moça* simboliza estratificação social, conforme nos diz Mestre Jesumar Batista Borges, ao descrever os usos das joias artesanais de Natividade:

> [Pessoas] de classe social mais baixa usava um brinquinho, um *peito de moça*. Mas a joia assim, essa pulseira *escrava*… só a classe alta.[104]

[103] Numa pesquisa em museus de cidades de origem mineradora de Minas Gerais, o historiador da equipe do Dossiê, Rafael Trapp, encontrou referências ao modelo *peito de moça* em uma instituição, o Museu Arquidiocesano de Arte Sacra, em Mariana, MG.

[104] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

Uso do brinco *peito de moça* na Romaria do Senhor do Bonfim, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Dona Vicença Cardoso Tito Cavalcante conta sobre o seu *teta de moça*:

> [...] o brinco de ouro eu peguei de herança de minha mãe. Que era de minha mãe [...] Aí, ela dividiu o ouro com os filhos tudo… O que foi meu, mandei fazer isso aqui [mostra o brinco *teta de moça* na orelha]. De lembrança, pra lembrar de minha mãe porque num conheci ela. Minha mãe tá no meu coração! Aí, ela morreu e ficou pra mim… o meu… ficou pra mim. Eu só tiro ele pra lavar e pronto! Durmo com ele, viajo com ele… Nada mexe, que Deus num deixa![105]

O ourives Mestre Bisa ressalta a antiguidade do modelo *peito de moça* conjugado às memórias que o brinco traz no imaginário das nativitanas mais velhas.

> Aqui tinha um brinco que até hoje você só via ele aqui [...] o *peito de moça* [...] Ele é uma bandinha assim com uma bolinha… e nós botamos [o nome] nele de *peito de moça*. Esse que nós restauramos em 1992, eu que peguei de uma mulher lá das Cangas [...] Aquela senhora falou que aquele brinco era da vó dela, que tinha dado pra [mãe] e que a mãe dela tinha dado pra ela. [Naquela época] aquela mulher já tinha uns 60 anos [...].[106]

[105] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Vicença Cardoso Tito Cavalcante, em Natividade, TO, em 08 set. 2023.
[106] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

Uso do brinco *peito de moça* durante a Festa do Divino de Chapada da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Zé Leal, um dos mestres contemporâneos da ourivesaria, relata o seguinte:

> Esse brinquinho *teta de moça* também é característica dos antigos. Tem muita gente que tem esse brinco, muitos usam da região de Arraias mesmo. Também já teve gente [que disse que] já teve ourives lá em Arraias que fabricava esse brinco também.[107]

Embora não esteja mais na preferência das mulheres jovens e, por essa razão, seu uso tende a desaparecer (o que pode explicar sua descontinuidade nas cidades do ouro de Minas Gerais, onde foi popular no passado),[108] o brinco *peito de moça* é, talvez junto da *peixa*, a joia de maior densidade temporal na ourivesaria nativitana. São as únicas peças feitas por ourives locais que vêm sendo usadas comprovada e continuamente pelas mulheres do Norte Goiano e do Tocantins desde ao menos o início do século XX. O *peito de moça* integra uma tradição técnica e estética de longa duração, sendo herdeira de modelos gregos, etruscos, portugueses e baianos, em um formato singular que perdura há milênios e que resiste em Natividade de modo único no Brasil. Seu perfil mais simples e despojado comparativamente a peças em ouro de formato similar na joalheira baiana do século XVIII (parentesco mais recente, próximo e provável), como o brinco modelo *pitanga*, entre outros, reflete as condições austeras da vida econômica e social do Norte Goiano nos decênios de empobrecimento generalizado que se sucederam ao relativo fausto da mineração colonial. O *peito de moça* é

[107] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por José Leal Pereira da Silva, em Natividade, TO, em 11 jul. 2023. No capítulo 6 deste Dossiê, "A historicidade do ofício da ourivesaria e do uso de joias em Natividade", apresentamos imagens do uso disseminado dessa joia entre mulheres de Arraias no século XX.
[108] Cf. discussão sobre esse tema no Capítulo 6 deste Dossiê.

um índice singelo e ao mesmo tempo eloquente da complexidade dos processos históricos que dão lugar e sentido à ourivesaria de Natividade como bem cultural.

Flor de maracujá

Atualmente há uma universalização do uso de brincos modelo *flor de maracujá*[109] entre as nativitanas e entre as chapadenses. Nas duas cidades, é comum ver esse adorno em crianças de colo, mas também em mulheres jovens e mais velhas. O modelo é antigo (ourives do passado o produziam em chapa, sem filigrana) e se popularizou após os anos 1990, em versão criada pelo mestre Wal, ganhando a preferência das nativitanas e chapadenses, sobretudo as mais jovens, em virtude do preço mais acessível, visto que é uma joia produzida em ouro ou prata filigranados.[110] É uma peça que pode ser utilizada em diversas ocasiões ou no dia a dia. Às vezes, são usados em conjunto com um pingente do mesmo modelo dependurado em um colar. São confeccionados em ouro ou em prata com a técnica da filigrana. Há também a confecção de gargantilhas e de pulseiras usando fileiras de *florzinhas de maracujá*. Nesse caso, seu uso é restrito a mulheres com maior poder aquisitivo.

Flor de maracujá. Fonte: Acervo particular (Fotos - Daniel dos Santos).

Em Chapada da Natividade, durante o Encontro das Folias da Festa do Divino Espírito Santo, conversamos com uma mulher que trazia uma criança de colo com brincos *flor de maracujá*. Ela nos contou ter três filhas e que já presenteou duas delas com o brinco desse

[109] Embora os nativitanos não tenham explicitado nenhuma associação direta entre religiosidade e a joia *flor de maracujá*, não é despropositado lembrar que no Brasil essa flor é largamente associada à Paixão de Cristo. Quando os missionários europeus chegaram à América se encantaram com a exuberância da flor e associaram de imediato alguns dos seus elementos ao calvário de Cristo.
[110] Bonfim, op. cit., 2019.

modelo e que, no próximo ano (2024) iria comprar o da terceira filha. Ressaltou que adquiriu os brincos pagando o ourives de forma parcelada.

Uso de brinco e colar de *flor de maracujá* na Festa do Divino de Chapada da Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Mais recentemente, os ourives nativitanos têm introduzido inovações nesse modelo. Uma delas é a substituição do conjunto de bolinhas de ouro que formava um aglomerado, imitando o "miolo" da flor, do modelo antigo, por uma pedrinha colorida semipreciosa no centro do brinco. Outra inovação é a criação da *flor do cerrado,* sendo uma variação do modelo *flor de maracujá*, mais antigo. A inovação consiste em confeccionar as pétalas da flor dando-lhe um feitio mais pontiagudo, diferente do arredondado da *flor de maracujá*.

Flor de maracujá em fabricação e em uso na Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos e Rafael Trapp).

Coração nativo/nativitano

O *coração nativo* ou *nativitano* é uma versão local do coração *português*, típico da ourivesaria popular do norte de Portugal. Como o similar europeu, é totalmente elaborado com a técnica da filigrana e confeccionado em vários tamanhos, tanto em ouro como em prata. Em tamanhos maiores, são usados como pingentes de colares e gargantilhas; nos menores, é comum o seu uso como brincos. É especialmente com essa joia que os ourives explicam a filiação portuguesa da ourivesaria nativitana.

Coração nativo. Fonte: Acervo particular (Fotos - Daniel dos Santos).

Do mesmo modo que o brinco *flor de maracujá,* é também bastante usado no dia a dia pelas mulheres da região, em especial os confeccionados em prata, sendo considerada uma das marcas identitárias das nativitanas. As usuárias e os ourives que as confeccionam gostam de dizer que as mulheres, quando estão em outras localidades usando um *coração nativo* são imediatamente reconhecidas como nativitanas, se vistas por pessoas que conhecem a região. É

como se a joia fosse uma marca de nascença, uma marca à flor da pele, que conferisse a identidade feminina às nativitanas.[111] No entanto, seu uso não está restrito às nativitanas, pois é uma das joias mais demandadas atualmente por mulheres de outras localidades.

Uso do *coração nativo* em colar de *lantejoulas* na Festa do Divino de Chapada da Natividade, 2023.
Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Como já mencionado, uma das peculiaridades dessa joia é o fato de poder ser confeccionada formando uma articulação dos dois modelos, criando um modelo dois-em-um. Essa prática atende uma clientela de menor poder aquisitivo porque, ao articular dois modelos numa só peça, incorpora as duas tipologias, criando a possibilidade de usá-la de dois lados, como se fossem joias diferentes. O que é interessante também é que essa espécie de artifício que *duplica* a peça em faces diferentes, criando a impressão de duas joias, é uma *articulação técnica* que termina por revelar uma outra confluência, de natureza histórica e cultural, entre Portugal e Brasil, fazendo reverberar as origens ibéricas da ourivesaria de Natividade.

[111] Douglas; Isherwood, op. cit.

Relicário

Essa joia confeccionada com placas de ouro, tem o formato de uma caixinha de duas bandas que articulam o seu abrir e fechar por meio de pequenas dobradiças. O que pode ser considerado a "tampa" da caixa recebe decoração com desenhos em alto relevo, bem como arremates em filigrana, de maneira a refinar o seu acabamento. Podem ser fechados, por meio de um pequeno parafuso que funciona como uma chave. No decorrer da pesquisa de campo, foram raras as referências ao seu uso corporal atual, sob a alegação de que são joias *pesadas*, isto é, são muito valorosas pela quantidade de ouro que contém, o que favorece e os põem em risco de roubos e furtos. São usadas como repositórios de lembranças de família. Guardam essências, bilhetes apaixonados, fotografias. Por isso, são também chamados de *Memória.*[112]

Relicário com detalhes em filigrana. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).

Ilma Borges relata que

> [...] meu pai sempre contava que eles tinham […] namoravam e mandavam, pelas pessoas, esse [relicário] com um bilhete dentro. Aí, minha mãe viu o bilhete e mandou bater o parafuso, cravar assim, pra não abrir, com medo de perder, por ser uma relíquia que hoje ninguém faz [...] ninguém usa uma joia pesada.[113]

[112] A pesquisadora da ourivesaria popular portuguesa, Rosa Mª Mota Santos, define o caixilho chamado de Memória como "pequeno pendente de vários formatos que se abre como um livro ou uma caixa onde se guardam fotografias ou pequenas recordações, como uma mecha de cabelo, uma oração, uma letra do nome ou um fragmento de vestiário". Rosa Mª dos Santos Mota apud Ozanan, Luiz. *A joia mais preciosa do Brasil*: joalheria na comarca do Rio das Velhas (1735-1815). Belo Horizonte: EdUEMG, 2017, p. 242.

[113] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ilma Batista Borges Vilela, em Natividade, TO, em 25 ago. 2023.

Anel *escravo*

Anel largo confeccionado manualmente em ouro, sendo sua face externa ornamentada com desenhos cinzelados no próprio aro. Em Natividade, é também chamado de *anelão*. Usado tanto por homens quanto por mulheres. A quantidade de ouro usada na sua confecção e o trabalho meticuloso de ornamentação faz com que seja uma peça de alto custo, restrita aos mais abastados. É usado como aliança de casamento.

Anel *escravo*. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).

Uso do anel *escravo* na Esmola Geral da Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Anel *mãozinhas dadas*

Anel feito em ouro ou prata, numa articulação de três aros estreitos que, ao serem fechados, formam o desenho de duas mãos enlaçadas, expressando a união de duas pessoas, no ato de dar as mãos. Conta-se que o Mestre Juvenal confeccionava os anéis *mãozinhas dadas* com *pombinhas do Divino* para presentear crianças na Semana Santa.

Anel *mãozinhas dadas*. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Encastoador de cabelo

Em formato de barril, traz ornamentação e acabamentos em filigrana. É usado para enfeixar e guardar – como uma espécie de relicário – pequenas mechas de cabelo como lembrança do primeiro corte do cabelo de crianças ou do cabelo de parentes falecidos.

Encastoador de ouro com detalhes em filigrana no canto superior direito. Fonte: Acervo particular (Foto - Daniel dos Santos).

Colar ou cordão de *lantejoulas*

Ornamento de pescoço, de ouro ou prata. É composto de aros achatados que se engrazam uns nos outros, formando uma grossa corrente nas quais são pendurados pingentes como crucifixos, *corações, pomba do Divino* e *peixas*. Homens e mulheres os usam com muita frequência tanto no dia a dia quanto no período das festas religiosas. O ourives Orleid explica sua fabricação:

> A lantejoula primeiro você vai puxar o fio na fieira, pegar uma bitola redonda para enrolar o fio e fazer o zero redondo. Depois do zero junta a ponta e achata para dar esse formato brilhoso, aí depois vai encaixando um elo no outro, fazendo formato de cruz, e tem um ferrinho para apoiar para soldar. Geralmente solda só a parte de cima, aí encaixou solda mais dois elos, solda a parte de cima.[114]

Pingente *coração nativo* em *colar de lantejoulas* (à esquerda, ourives Zé Leal, da Zé Jóias), 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

Colar *elo português*

Também chamado de *trancelim,* confeccionado em ouro ou prata. O colar é montado com elos finos, oblongos, que se sobrepõem uns aos outros, num trançado estreito, formando

[114] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.

uma grossa e robusta corrente com valor comercial diferenciado devido à quantidade de metal nele contido. É feito tanto em ouro quanto em prata.

Colar *trancelim* (à esquerda, ourives Thiago, da Vivi Jóias) 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Colar e pulseira de *contas – rosário de contas – rosarinho*

Durante a pesquisa de campo, raramente foram observadas pessoas usando joias desse modelo. Elas compunham os "tesouros" pessoais, guardadas e mostradas aos pesquisadores como relíquias de família. Nativitanos disseram serem usadas apenas em ocasiões especiais. Trata-se de peças feitas com pequenas contas, as chamadas contas ocas, especialidade de ourives muito treinados. São colares e pulseiras, geralmente de ouro. Em Almas, contudo, foi registrado o uso dessa joia no festejo de Nossa Senhora do Rosário, que na vizinha Natividade não sobreviveu. Nas imagens a seguir, vê-se elegante senhora portanto o brinco nativitano *flor do cerrado* (versão estilizada da *flor de maracujá*) e posicionando coroa de prata com o braço enfeitado por *pulseira de contas* no reinado da Imperatriz do Rosário na Igreja Matriz:

Uso de *pulseira de contas* e brinco *flor do cerrado* na Festa de N. S. do Rosário de Almas, 2023.

Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

Além da função meramente ornamental, as contas estão presentes nos rosários, objetos que se manuseiam enquanto se *reza o terço*, ritual católico que encadeia e marca numericamente – por meio das contas – as repetições das principais orações do catolicismo, como pai-nosso, ave-maria, salve-rainha.

A ourivesaria e a religiosidade

Em Natividade, a associação entre religião e ourivesaria coloca as pessoas em relação de proximidade com seus santos de devoção, entre outras coisas, por meio do uso de joias. Esta mediação entre o devoto e o santo, operada pelas joias, estreita também o contato entre o "profano" e o "sagrado" – como pode se esperar do legado do catolicismo lusitano –, desencadeando uma multiplicidade de sentidos que articula e afirma, em várias modulações sígnicas, os valores familiares e do catolicismo, as marcações de gênero e classe, preferências de gosto estético etc. e conferindo singularidades culturais à região.

A devoção ao Divino Espírito Santo nasce praticamente com o bebê recém-nascido, pois assim que chega ao mundo, os pais e/ou seus futuros padrinhos têm a obrigação – à maneira da dádiva maussiana – de presenteá-lo com uma *pombinha do Divino*, no caso do sexo masculino, como foi visto anteiormente. Esse presente, por sua vez, obriga essa pessoa, desde a infância, a realizar as contraprestações da dádiva, encerradas na devoção ao Divino, cuja expressão se dá, entre outras coisas, pelo uso do ornamento que o simboliza – *a pomba do Divino* – em forma de joia e a participação nos festejos em seu louvor. Enquanto realiza e participa dos festejos, o devoto vive sob as graças e bênçãos do Divino Espírito Santo.

Criança usando o *divininho* na Festa do Divino de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Quando chegamos para realizar a entrevista com o padre Joatan de Macedo, ele nos informou que àquela hora terminara de realizar o benzimento de uma joia para uma criança:

> Acabei de benzer um cordão de ouro, uma corrente de ouro, com um *divininho* [*pombinha do Divino*], pra por no pescoço de um menino... Mora bem aqui [do lado] o

> menino. Acabei de benzer pra ele. Eu falei: Pois é, aqui em Natividade os meninos homens tem que trazer a pomba do Divino, porque a maior devoção pra um homem é o Divino Espírito Santo.[115]

O relato que o religioso fez desse evento informa de maneira exemplar sobre as práticas religiosas que os nativitanos realizam em nome da devoção aos seus santos e divindades. Nesse caso, trata-se do uso ritual de joias de ouro, em demonstração de devoção ao Divino Espírito Santo, cuja reciprocidade é dada em forma de graças e bênçãos ao devoto. No caso, a devoção ao Divino é da avó, que a transfere ao neto por meio do *divininho* presenteado – que se vê recoberto pela potência do benzimento – o que, por sua vez, estende e garante a devoção aos descendentes daquela família.

As joias integram não apenas o corpo do devoto que acrescenta à sua indumentária os adereços sagrados, mas também se apresentam na indumentária do santo, quando nos dias de seu culto, se mostram enfeitados com joias. O caso de N. S. da Natividade é exemplar dessa prática. A padroeira da cidade, além de uma coroa, possui peças de ouro como colares, rosários e crucifixos. As joias da Padroeira provavelmente derivam de um hábito lusitano de atribuir às joias um sentido votivo.[116]

[115] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.

[116] Mota (op. cit., 2021, p. 21) explica motivação da mesma ordem, verificada no universo religioso-cultural português, no seu estudo sobre a ourivesaria popular lusitana: "Além dessa subordinação imediata com a devoção, todas as tipologias [de joias] foram usadas como ex-votos, no pagamento de promessas, passando a integrar os tesouros de imagens sacras pelo País afora [...] muitas imagens de invocações marianas e de algumas santas desfilam nos seus andores ornamentadas com adornos de ouro de sua propriedade".

Imagem de N. S. da Natividade usando joias artesanais nativitanas no Festejo da Padroeira, 2023.

Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

O padre Joatan de Macedo, ao lembrar o trabalho artesanal do Mestre Juvenal Rodrigues, contou que a coroa de N. S. de Natividade e o ramo de angélica que a imagem carrega na mão são peças feitas em ouro maciço e que a sua antiga coroa, de 500 gramas de ouro, fora roubada, anos atrás. Diante disso, explicou que:

> O povo de Natividade ficou consternado com isso e falaram: "Não pode deixar Nossa Senhora assim". Aí, todo mundo tirou seus pertences, ouro em pó que tinha... brinco, braceletes... "Vamos dar pra Nossa Senhora". Disseram pra Juvenal Rodrigues: "A coroa você vai fazer". Aí ele fez, a que tem aí é obra dele [...] que se coloca na cabeça [...] Quando eu tomei posse aqui, em 1984, o bispo foi lá e disse: "Na hora do ato de sua posse, eu te dou nas suas mãos essa imagem [N. S. de Natividade]. É das minhas mãos para as suas mãos, porque é a maior relíquia que esse Tocantins tem [...] É a maior relíquia que existe neste estado [...].[117]

[117] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.

A equipe de pesquisa não conseguiu detectar informações de que as joias de N. S. da Natividade tenham se originado de promessas. No entanto, a se crer nas inúmeras relações estabelecidas entre o devoto e o santo mediadas por objetos votivos – as materialidades do sagrado – na vida religiosa nativitana, não é estranho pensar que a oferta de "ouro em pó, brincos e braceletes" para serem transformados nas joias que adornam N. S. da Natividade tenha outras razões que não sejam doações com vistas à obtenção de graças.

Portanto, o desapego de pertences, bens de alto valor econômico e estético ofertados à santa provavelmente encerra a expectativa de serem abençoados com saúde, riqueza e outros benefícios oriundos da esfera celestial. É de se esperar que se sintam merecedores dessas bênçãos ao participarem da festa da padroeira e poderem ver a santa ornamentada com joias de ouro enquanto é conduzida em procissão à frente da igreja que leva o seu nome. Dessa forma, o princípio da promessa e do circuito que ela desencadeia entre o santo e o devoto preside a oferta das joias e a ornamentação da imagem de N. S. da Natividade.

Heranças lusitanas mescladas às africanas de várias origens étnicas é também a atribuição, em Natividade, de propriedades curativas e protetivas às joias e à principal matéria-prima de sua confecção, o ouro. Do mesmo modo como o uso de joias devocionais estreita a relação entre o crente e seu santo, conferindo-lhe graças e proteção em troca de certos sacrifícios e rituais, a joalheria nativitana materializa, em várias e disseminadas práticas, a crença de que o ouro e as joias confeccionadas com ele produzem e asseguram cura e proteção aos seus usuários. Vários depoimentos nesse sentido foram colhidos nas entrevistas com os moradores, como veremos a seguir.

Lidiane Bonfim P. da Silva conta que sua mãe acreditava e realizava a prática de ferver joias de ouro para extrair delas o poder de livrar alguém de energias negativas:

> Aqui tem essa crença que fala que o ouro espanta o mau-olhado. Então, quando a gente tá tipo assim com a energia negativa ou com alguma coisa que atraiu de ruim… Aí minha mãe tinha o hábito de pegar os brincos [...] de cachinho de uva. Colocava na panela, colocava água e colocava lá no fogo pra ferver. Aí, depois tirava os brincos, deixava essa água esfriar, colocava numa jarra. Aí, no dia em que diz que tava assim com essas energias negativas, tomava. E muitas vezes usava até pra banhar crianças… quando diz que as crianças tavam chorando, inquietas [...] Que diz que tirava essas energias negativas.[118]

[118] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Lidiane Bonfim Pereira da Silva, em Natividade, em 16 out. 2023.

Dona Vicença Cardoso Tito Cavalcante explica que a prática de tomar água fervida junto com uma peça de ouro salvou a vida de um sobrinho:

> [...] Menino tá com quebrante nas tripas [...], ocê faz a água, bota ele [o ouro] pra ferver na água e dá ao menino pra beber. Eu já fiz isso aí. O meu sobrinho tava doente, ruim pra morrer, e eu tirei esse brinco daqui [mostrando um brinco *peito de moça*] da orelha direita, botei água pra ferver com ele, tirei a água e dei pro menino beber. Taí hoje aí, ó![119]

Patrício Dias Santana, folião do Divino, conhecido também como Patrição, conta que

> Antigamente, quando se tinha criança [...] Aí, a gente [ia] e [dava] um ouro. Umas contas… Que antigamente chamava contas de ouro. Dava pra aquela criança, amarrava num cordão vermelho, botava no braço pra mode quebrante, mau-olhado.[120]

Ilma Batista Borges relembra os dizeres do pai sobre os códigos sociais inscritos no uso da *figuinha* de ouro:

> Meu pai contava da *figuinha de ouro*… Por exemplo, ele falava que quando a criança nascia, e era homem, colocava [a figuinha] com a fitinha vermelha no braço pra evitar gases… E as meninas, as mulheres, recebiam o brinquinho de cacho de uva… E usavam ali, pra saber que tinham família.[121]

Nesse caso, o uso da joia carrega e comunica tanto o poder curativo do ouro em forma de figa quanto a informação e a reafirmação da localização da criança dentro de um grupo familiar e social, quer dizer, de uma família que se distingue das demais pela posse de joias de ouro. Assim, as joias, além de simbolizarem as condições econômicas das famílias nativitanas, são também marcadores de passagens rituais. Como já dito, o nascimento de uma criança é comemorado com presentes de joias, conforme explica Tânia Nunes Cerqueira:

[119] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Vicença Cardoso Tito Cavalcante, em Natividade, TO, em 08 set. 2023.
[120] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Patrício Dias Santana, em Natividade, TO, em 08 set. 2023
[121] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ilma Batista Borges Vilela, em Natividade, TO, em 25 ago. 2023.

> As crianças quando nasciam na família... pessoas que tinham mais condição doavam... Os pais doavam ou os futuros padrinhos doavam... Os meninos era [a *pombinha*] *do Divino*; se fosse menina, era o brinquinho *cachinho de uva*. Era a tradição. Nas festas de 15 anos dá [o brinco] *flor de maracujá,* o pingente ou o brinco [...] Ou então junta a família e dá uma joia grande.[122]

E descreve como tradição local os poderes protetivos do ouro:

> Eu sei que o ouro protege a gente, fecha o corpo contra… olho-grande. É tradição. Você tem que ter um ourinho pra espantar o mau-olhado... Tem que ter uma coisa de ouro pra proteger, fechar o corpo [...] [A medalha] *os olhos de Santa Luzia* acaba sendo o mais protetor que outras [medalhas], porque é olho.

Padre Joatan menciona também o poder da água fervida com uma *peixa* ou com as *contas do Divino*, dada às crianças, para rebater o quebranto. E amplia o alcance interpretativo do poder do ouro, aqui em forma de *contas de rosário*, para evitar o duplo perigo daqueles que estão com o "corpo aberto". No caso, aqueles ofendidos, isto é, picados por cobra, ou os que são acometidos pela erisipela podem se proteger seguindo as regras mágico-religiosas:

> [...] Se você era ofendido [picado] de cobra, amarrava aqui [mostra a perna na altura do tornozelo] algo de [ouro]... cinco ou seis caroços de conta de rosário no pé, de lado.... Porque o ouro retira o olho-ruim... Se você é ofendido de cobra, você tem que esconder, porque se entrar um olho-ruim, você morre. O ouro rebatia. [...] Ou então a erisipela, sabe o que é? Inflamação da [pele]. Bota um ouro pra rebater…[123]

Romana Pereira da Silva alude à eficácia simbólica do ouro, e sua capacidade de transferir a força que lhe é inerente por meio de um ritual que põe em contiguidade mágica o ouro e aquilo que se quer fortalecido pela transferência do poder de um ao outro:

> Sempre quando a criança começava a nascer dente, pegava uma peça de ouro e dava pra ela morder. Diz que era pra os dentes ficarem fortes.[124]

[122] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, em Natividade, TO, em 11 jul. 2023.
[123] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.
[124] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Romana Pereira da Silva, em Natividade, TO, em 25 jul. 2023.

Genilze Grácia Camêlo, a dona Gracinha, também compartilha dessa noção:

> [...] Eu vejo falar que quando tá nascendo na criança o primeiro dentinho, dão uma pitada [de ouro] bem miudinha pra criança [beber] e amarra um pedacinho de ouro aqui, ó [indicando com as mãos a região do pescoço], ouro puro. Faz um furo nele, aí põe um cordãozinho vermelho e amarra. Fica aí até a criança fazer um ano. Fica aí e a criança não tem nada, nada, nada! Criança saudável toda a vida. Desse jeito [...] Tem gente que faz [...] pessoa assim da zona rural, por exemplo, faz, que mora aqui faz…[125]

Além do ouro – em estado puro ou como joia – proteger aquele que estiver em contato com uma dessas formas, é preciso também que se observem as ações que potencializam esses poderes, entre elas, o benzimento da peça, como o que o padre realizou sobre o *divininho* a ser doado ao neto de sua vizinha; associá-lo a uma fita ou cordão de cor vermelha; ou ainda realizar limpezas regulares das peças. Acredita-se que o mau-olhado termina por acumular-se na joia – que funciona como um anteparo protegendo seu usuário de receber os malefícios que se fazem acompanhar da inveja o que, por sua vez, requer, em intervalos de tempo regulares, a limpeza e o descarrego dos infortúnios, sob pena de perder a eficiência na contenção das energias negativas. Esse procedimento é realizado pelos ourives.

Dona Gracinha explica também os poderes do ouro oriundos da força da terra e os procedimentos de despoluição das joias:

> [Usar ouro] pra mim dá sorte. Porque esse ouro ele vem da terra e a terra tem poder, ela é forte contra inveja. Eu sou muito protegida, graças a Deus! Não tiro [o colar] [...] Se você tiver uma garrinha de ouro puro, do garimpo mesmo, da terra aqui, ocê pode ficar toda vida com ele usando [...] inveja não pega em você não. Tenta pegar, mas não te derruba porque é forte, o ouro é forte [...] As energias ele [o colar de ouro] puxa pra ele [...] Aí depois eu mando dar um banho de brilho, limpar tudo [...] de cinco em cinco meses por aí eu levo pra [os ourives] limpar, tirar as impurezas.

Assim, os ourives, além de confeccionarem as joias e de realizarem pequenos consertos quando danificadas, são demandados também para realizarem a limpeza das peças. Os consumidores das joias nativitanas procuram as oficinas de ourivesaria para limparem as

[125] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Genilze Grácia Camêlo, em Natividade, TO, em 26 ago. 2023

suas peças, assim que as consideram sujas, sem brilho e carregadas de energias. Quer dizer, é preciso de tempos em tempos descontaminar esses objetos, realizando a lavação para extrair delas as impurezas decorrentes do uso diário e do acúmulo de forças negativas o que, além de retirarem o brilho com que a joia deve ser mostrada, provoca a perda da capacidade de resguardar seu usuário/dono de ser atingido por feitiços, olho-ruim ou encantamentos.

A se considerar os argumentos de dona Gracinha, depois de um tempo no corpo atraindo para si o olho-ruim, o mau-olhado e a inveja, o minério precisa ser despoluído, isto é, suas propriedades protetivas precisam ser reativadas, readquirindo suas qualidades intrínsecas – a força da terra –, aquilo de que o ouro é impregnado e que o dota de um poder protetivo para aqueles que o detém. A fim de garantir o seu resguardo o usuário precisa realizar a manutenção do objeto ao qual a proteção se integra e, para tanto, recorre ao ourives para que, por meio de manipulações com produtos químicos – como se realizasse rituais alquímicos – limpe a joia, renovando-a em seguida com "um banho de brilho". Com esse ritual de despoluição, o ourives realiza o descarrego do mau-olhado impregnado na joia e recupera seus atributos protetivos. Nesses casos, os ourives se tornam – provavelmente sem ter a consciência de que o fazem – agentes da proteção divina e das forças da natureza. Integram o circuito da produção de forças benfazejas trazidas pelo ouro, sua posse, manipulação e uso.

Em Natividade, além da posse e do uso de joias materializar crenças, relações e eventos simbólicos do cristianismo católico – recheado de hibridismos com as tradições religiosas africanas – possuir ouro em forma de joias significa também poupar, ter valores em reserva a serem buscados em eventuais momentos de dificuldade financeira. Na entrevista com o padre Joatan de Macedo, ele mencionou sobre isso:

> A relação do ouro com a sociedade é muito profunda, nesse sentido de que o ouro como metal precioso ele não é apenas para um momento celebrativo ou [para] destacar você. Ele tem uma função social [...]. Quer dizer, o ouro também é uma espécie de poupança. Quem tem seus ouros [tem] uma poupança.[126]

Existem situações que revelam a relutância dos nativitanos de desfazerem de suas joias, pois elas agregam muito mais do que valores pecuniários, são afetividades familiares, devocionais etc. No entanto, contratempos financeiros terminam por os obrigarem a ceder e a

[126] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joatan Bispo de Macedo, em Natividade, TO, em 22 jul. 2023.

se desfazerem delas. Ouvimos relatos de moradores que venderam suas joias em ocasiões de aperto financeiro. Tânia das Mercês N. de Cerqueira, envolvida na preservação das tradições nativitanas, nos contou que adquiriu parte de sua coleção de joias de pessoas que precisavam ou queriam fazer dinheiro e, assim, se desfizeram das peças, vendendo-as para obterem a liquidez de que precisavam:

> Essa [mostra uma pulseira *escrava*] eu adquiri de uma pessoa que precisava… [A pessoa] não tava usando [a joia] e queria fazer dinheiro. Eu achei muito bonita a pulseira e adquiri. Essa do *cachinho de uva* com a *peixinha*, que é das mais tradicionais aqui de Natividade, eu comprei do Bisa. Uma senhora foi lá [na oficina dele]... Por necessidade, foi desfazer da joia, e ele pegou e sabia que eu gostava. Ele que me vendeu.[127]

Embora as evidências da pesquisa tenham trazido para o centro da atenção a relevância religiosa-devocional da joalheria de Natividade, outros aspectos culturais, isto é, simbólicos, se fazem presentes no hábito nativitano de possuir e usar joias.

Como já mencionado, elas constituem índices que marcam os rituais de nascimento e morte, mudanças de idade além de serem também marcadores de gênero. Às vezes, esses marcadores se sobrepõem como, por exemplo, o *divininho* ou *pombinha do Divino* que indica a condição de nascimento de meninos e o *cachinho de uva* e a *peixinha*, o nascimento de meninas. Como marcador etário, o brinco *peito de moça* indica a passagem da idade infantil para a "adolescência" das meninas, demarcação cuja função simbólica atualmente vem sendo substituída pelo brinco *flor de maracujá*.

[127] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, em Natividade, em 11 jul. 2023.

Uso de joias nativitanas (*cachinho de uva*, *divininho* e *flor de maracujá*) por Lidiane Bonfim e sobrinha, Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Em tempos passados, a viuvez das mulheres era marcada pelo uso de brincos feitos de ouro e coco, ou o brinco inteiro era coberto com um tecido preto que simboliza a condição da pessoa enlutada. Ouvimos esses relatos entre os moradores e acompanhamos um cortejo fúnebre, mas não logramos ver nenhuma peça com essa característica.

Rosa Maria dos Santos Mota menciona a existência dessa prática entre as mulheres da região do Minho, Portugal:

> Contudo, no mundo rural, seria impensável uma mulher não usar brincos, chegando a cobri-los com tecido preto, no caso de luto. Costume ainda identificado como activo nos anos 60 do século XX, embora sem ser prática generalizada.[128]

As joias nativitanas, dessa forma, são objetos duráveis, oriundos de minerais considerados consistentes e de alto valor econômico, além de trazerem a marca de uma tradição ourivesareira local de longa duração e que é reconhecida pelos moradores, incluindo os próprios ourives, como tendo origem na vinda de artífices portugueses para a região do Norte Goiano no século XIX. Por mediarem (e também pelo fato de estarem mediadas por) várias relações da sociedade local, elas constituem símbolos poderosos de vários aspectos da vida nativitana e do Sudeste tocantinense. As joias sinalizam poder econômico e distinção social, marcam eventos e definem obrigações nos rituais privados da vida familiar – que se

[128] Mota, Rosa Maria dos Santos. *A Ourivesaria Popular Portuguesa em Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2021, p. 19.

estendem dos recessos das casas à vida pública –, do nascimento à morte e servem às configurações (manifestas ou não) de gênero, raça, classe social e idade.

Mas, entre todas as relações sociais configuradas no uso das joias, as que mais se destacam em Natividade são aquelas alusivas às práticas e às concepções mágico-religiosas – as devoções populares, às divindades do panteão católico e às diferentes práticas mágicas e curativas associadas às joias e ao ouro *in natura*. O conjunto entrelaçado dos simbolismos das joias nativitanas expressa e reconfigura o passado da região, formado por diferentes populações, trânsitos e temporalidades, e faz ecoar, nos dias de hoje, suas memórias, ancestralidades e cosmogonias. Em uma palavra, sua identidade cultural.

6 A historicidade do ofício da ourivesaria e do uso de joias em Natividade

A arte da ourivesaria aportou no Brasil, ainda no período colonial, "à sombra de artífices vindos de Portugal".[129] Em Natividade, menções à origem portuguesa das joias e das técnicas de sua fabricação – destacando-se a filigrana – são visíveis em quadros, catálogos e fôlderes nas oficinas e nas entrevistas concedidas ao Dossiê. Pesquisas realizadas anteriormente[130] consideram a herança lusitana sobre o ofício da ourivesaria nativitana, mas reconhecem o entrelaçamento histórico de saberes europeus e africanos na moldagem de um patrimônio cultural brasileiro singular, percepção compartilhada por outros pesquisadores.[131] O mestre Bisa comenta o seguinte sobre a herança lusitana da ourivesaria de Natividade:

> Eles trouxeram os ourives para cá, com certeza, trouxeram os caras com conhecimento, e aí eles começaram nessa exploração do ouro, vieram os portugueses e eles trouxeram ourives e eles que começaram aqui. E aí por isso que tem muita joia portuguesa [...] eles que trouxeram os conhecimentos de lá pra cá.[132]

A ourivesaria é reconhecida como um elemento distintivo da identidade artística portuguesa, especialmente na região aurífera do Minho, no norte do país, onde cumpre um papel relevante na vida cultural e econômica, em cidades como Póvoa de Lanhoso, a "capital da filigrana", e Gondomar, a "capital da ourivesaria" de Portugal, que capitalizam também o turismo em torno dessa atividade. Remontando ao século XII, época dos mais antigos vestígios arqueológicos de joias encontrados no solo de uma nação atravessada por intensos trânsitos comerciais e culturais, por terra e mar, os ourives de Portugal, ao longo da história, agregaram influências etruscas, fenícias, moçárabes, entre outras, no desenvolvimento de estilos originais de confecção de joias com metais nobres – alimentados, nos setecentos, pelo caudaloso fluxo de matéria-prima vinda do Brasil – aplicados aos gostos religiosos –

[129] Rosa, Mercedes. Ourivesaria baiana colonial: os ourives e suas obras. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 7., Lisboa. *Anais [...]*. Porto: Cepese, 2007. p. 403.
[130] Santos, op.cit. 2005; Bonfim, op.cit. 2019.
[131] Iphan. *Levantamento Preliminar para a Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais no Município de Natividade, TO (Relatório Final)*. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2005; Iphan. *INRC de Natividade*: estudos para o registro da ourivesaria em filigrana de Natividade, Tocantins como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2007; Iphan. *Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO*. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2007 (pesquisa inacabada).
[132] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

historicamente ligados ao catolicismo – ou simplesmente a predileções estéticas pessoais.[133] Nas imagens a seguir, pode-se perceber o esplendor envolvido por essa tradição:

Mulheres lusitanas usando joias da ourivesaria portuguesa (séc. XX). Fonte: Mota, 2021, p. 14 e 28.

A ourivesaria minhota fez ao longo do tempo uma sólida conexão com as expectativas e anseios das classes sociais urbanas e das populações do campo, e teve nas mulheres o público mais fiel. O segmento feminino adornou-se com joias de modo abundante "durante o trabalho e em momentos de festa, modificando-se as tipologias exibidas segundo as circunstâncias e a fortuna".[134] Entre as peças mais representativas da ourivesaria popular produzida desde meados do século XVII – segundo as evidências documentais da existência de joias comprovadamente feitas por artesãos do Norte de Portugal[135] –, estão os brincos *à rainha*, os colares de *contas* e os *corações filigranados*, considerados "como as joias maiores dos artistas da filigrana".[136] Expressivamente barroca, tanto no formato das joias quanto em

[133] Mota, op. cit., 2021.
[134] Idem, ibidem, p. 19.
[135] Rosas, Manuel. Introdução às joias e ao ouro do norte de Portugal. In: ARPPA/AIORN (org.). *Ourivesaria do Norte de Portugal*. Porto: Casa do Infante, 1984. p. 89-112.
[136] Mota, Rosa Maria dos Santos. O coração na ourivesaria popular portuguesa. *Res Mobilis - Revista internacional de investigación en mobiliario y objetos decorativos*, Oviedo, v. 5, n. 5, 2016, p. 179.

seu uso, a ourivesaria portuguesa pode ser entendida como um fato social total,[137] o que parece ser o caso do circuito ourivesareiro popular de Viana do Castelo, no Alto Minho:

> A ourivesaria popular portuguesa revelou-se uma importante forma de ornamentação áurea, um modo de manifestar a ligação com o divino, um sinal exterior de riqueza e um símbolo de realização pessoal. Ao mesmo tempo que marcava a ascensão na escala social determinava hierarquias familiares, acumulava reservas de valor e originava legados entre gerações. Constituiu, ainda, a materialização de momentos e ritos de passagem únicos, revelou-se um espelho da vaidade e um catalisador emocional.[138]

Os fatos sociais totais são aqueles fenômenos que misturam, conjugam e às vezes fazem chocar de forma complexa as múltiplas instituições da realidade social: as instituições religiosas, jurídicas, morais e econômicas, "sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam".[139] O caráter multifacetado, contínuo e onipresente da ourivesaria tradicional portuguesa como prática cultural disseminada na sociedade do Minho espelha muitos atributos que marcam a dinâmica histórica da ourivesaria de Natividade, embora a linhagem tocantinense tenha se constituído em uma conjuntura espaço-temporal de idiossincrasias e descontinuidades.

Há notícias da utilização de prataria litúrgica e de joias entre reinóis e brasileiros desde os primeiros séculos da colonização na América portuguesa.[140] Entretanto o ofício da ourivesaria é registrado de fato no Brasil a partir da descoberta das riquezas auríferas de Minas Gerais, no final do século XVII, e de Mato Grosso e Goiás, no século XVIII. As possibilidades de ganho trazidas pela mineração levaram à formação de uma sociedade nas regiões mineiras composta de uma gama diversificada de profissionais, o que fez com que muitos ourives portugueses migrassem para os centros urbanos – sobretudo Salvador, BA – e para as novas áreas econômicas da colônia "atraídos pela matéria-prima em abundância e também pelo crescimento constante do mercado comprador de joias e alfaias".[141]

À dinamização econômica colonial correspondeu o surgimento de necessidades e desejos próprios de uma sociedade fundada em diferenças, hierarquias e privilégios sociais. Se, na metrópole como na colônia "sem joias não há dama que se considere suficientemente

[137] Mauss, op. cit.
[138] Mota, op. cit. 2021, p. 61.
[139] Mauss, op. cit., p. 187.
[140] Bracante, Mª Helena. *Os ourives na história de São Paulo*. São Paulo: Ed. Árvore da Terra, 1999.
[141] Guarnieri, Thais; Ribeiro, Mariana. *Filigrana*: história e técnica. São Paulo: LCTE Editora, 2012, p. 43.

vestida",[142] no contexto brasileiro ampliou-se o leque de usos possíveis de joias por mulheres de extrações sociais e raciais divergentes das damas de origem portuguesa ou senhoras brancas. Efetivamente, é sabido que "a joalheria colonial se destinava a enfeitar as famílias dos abastados senhores de engenho ou dos burgueses enriquecidos",[143] contudo em Minas Gerais e Rio de Janeiro e principalmente em Salvador, nos séculos XVIII e XIX, criou-se entre as mulheres negras escravizadas e forras o costume de ornamentação por meio de joias "com várias finalidades, muitas como demonstração de distinção e poder, outras como forma de pecúlio, ou ainda como proteção".[144] As peças usadas no Brasil eram frequentemente trazidas de Portugal, mas, no período em questão, passaram a ser feitas em grande quantidade também por uma indústria de ourivesaria instalada nos núcleos mineradores coloniais.

As artes mecânicas em ouro e prata foram introduzidas por ourives europeus na colônia, mas africanos, negros e mulatos cumpriram papel fundamental no desenvolvimento criativo desse ofício no Brasil. Sua habilidade no manejo de metais nobres era notória, e foi parte do motivo para os africanos minas (sudaneses) – que dominavam técnicas de mineração e metalurgia em África – terem sido trazidos forçadamente para o Brasil. Maria Graham escreveu em 1824 que "os negros e mulatos [...] são melhores artistas e artífices" e "excelem em todas as artes de engenho mecânico";[145] Luiz dos Santos Vilhena, nas famosas *Cartas* publicadas alguns anos antes, menciona que dominavam a ourivesaria em Salvador.[146]

A contribuição negra para a ourivesaria brasileira se deu apesar das tentativas da Coroa portuguesa em restringir e mesmo proibir sua participação no ofício, como no Alvará de 20 de outubro de 1621, que, ainda antes do descobrimento das lavras minerais na colônia, dizia que "nenhum mulato, negro ou índio, mesmo liberto, podia exercer o cargo de ourives".[147] Buscando controlar a circulação do ouro e evitar o contrabando, a ourivesaria chegou a ser proibida no Brasil entre 1684 e 1703, tendo sido permitida novamente em 1730 – para variados segmentos sociais. Em 1766, todavia, uma nova ordem metropolitana determinou que os ourives pretos e pardos em atividade fossem distribuídos pelas milícias reais, ordenação revogada somente em 1815. Independentemente, as ordenanças portuguesas surtiram pouco efeito, pois a ourivesaria continuou sendo praticada clandestinamente, e foi,

[142] Machado, op. cit., 1980, p. 101.
[143] Gola, Eliana. *A joia*: história e design. São Paulo: Editora SENAC, 2008, p. 85.
[144] Ozanan, op. cit., p. 20.
[145] Graham, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 220.
[146] Vilhena, Luiz dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas*. Salvador: IOE, 1921.
[147] Rosa, op. cit., p. 406.

por sinal, justamente nessa época e pela ação de ourives negros – escravizados, livres e libertos – que essa arte começou a adquirir uma identidade propriamente brasileira.

Uma emancipação estética e, a seu modo, política da ourivesaria no Brasil em relação à matriz portuguesa, e que prefigura a identidade histórica da ourivesaria de Natividade, aconteceu na Bahia dos séculos XVIII e XIX, com o advento das joias de crioula. O tema é bem conhecido na historiografia da ourivesaria brasileira. O hábito de adorno de mulheres negras escravizadas, alforriadas e livres com joias de ouro, associada a outros materiais como gemas, pedrarias e corais era comum na sociedade colonial. Na vila de Sabará, MG, mulheres afro-brasileiras valeram-se cotidianamente de joias "para evocar os antepassados africanos, ou como forma de demonstrar a conquista da liberdade, ou mesmo como símbolo de riqueza nas festas anuais".[148] Em Salvador, no entanto, a apropriação negra dos usos ressignificou e transformou as concepções estilísticas e as técnicas de fabrico joalheiro, em joias como as desta mulher não identificada, fotografada por Marc Ferrez no final do século XIX:

Mulher baiana com joias de crioula, 1885. Fonte: Acervo do Instituto Moreira Salles (Foto - Marc Ferrez).

As joias de crioula da Bahia foram assinaladas pela opulência, grandeza de volume e profusa decoração em luxuosos colares, braceletes, brincos e anéis que eram usados por

[148] Ozanan, op. cit., p. 25.

mulheres escravizadas em ocasiões públicas, principalmente nas festas católicas, demarcando assim a fortuna de senhores enriquecidos e da elite colonial, mas também por "crioulas", ou seja, mulheres pretas e pardas nascidas no Brasil que alcançaram a liberdade e que simbolizavam sua condição de prestígio social pela ostentação desses ornamentos corporais, com os quais, muitas vezes, compravam alforrias.[149] Eram populares as chamadas pulseiras *escravas*, os colares de *contas* e os brincos *pitanga* – joia de provável origem etrusca que, no contexto baiano, mimetizava um elemento da florística brasileira –, amiúde granulados e filigranados, além das *pencas de balangandãs*, jogo de diversas joias que se configuravam como pendentes em ouro e prata com significados religiosos, mágicos e amuléticos.[150]

Mulher baiana com joias de crioula (séc. XIX). Fonte: Museu do Ipiranga (Artista desconhecido).

As joias baianas guardam semelhança com suas congêneres minhotas e com peças da Martinica e de tradições Akan (sudanesas), mas perfazem uma bricolagem intrínseca às condições históricas brasileiras. Sua influência foi grande e se estendeu além-mar, pois ourives lusos retornados do Brasil popularizaram na metrópole as *contas brasileiras*, que apresentavam "forma oval [constituídas] por [...] calotas estriadas longitudinalmente e com

[149] Cunha, Laura; Milz, Thomas. *Joias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
[150] Silva, Simone Trindade Vicente da. *Referencialidade e representação*: um resgate do modo de construção de sentido nas pencas de balangandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – UFBA, Salvador, 2005.

um fio de filigrana que lhes dá consistência e efeito estético".[151] Joias como o *colar de contas* filigranado e as *pencas de balangandãs* são tipicamente baianas.[152] A singularidade desses objetos reside no fato de terem sido feitas com identidade estética específica a partir das escolhas do grupo feminino negro, que se distanciavam em muitos pontos dos desejos das mulheres brancas, no geral mais apegadas a peças com diamantes e outras gemas. Ademais, foram elaboradas por ourives de origem africana no quadro multiétnico e transcultural de Salvador, cidade de predominância negra e espaço brasileiro dos malês, exímios metalúrgicos sudaneses que são os prováveis autores – rotineiramente clandestinos, devido às leis régias – das joias crioulas, que eram trabalhadas no dia a dia das oficinas com o uso do cinzel.[153]

Foram, portanto, artefatos transversais no horizonte das negociações simbólicas de poder e na construção de estratégias de resistência à escravidão pelos ourives e pelas usuárias de joias, em movimentos de fluxo e contrafluxo cultural.[154] Mais tarde, no final do século XIX, essas joias se presentificaram em rituais e na indumentária de mulheres praticantes de religiões de matriz africana da Bahia, como o candomblé, com o qual são mais associadas na contemporaneidade.[155] A ourivesaria popular baiana, na tecnologia, nos usos e sentidos, legou uma contribuição ímpar para a história ibero-brasileira das artes mecânicas em ouro e prata, com sensíveis repercussões na trajetória da ourivesaria de Natividade.[156]

Na imagem a seguir, Anfrísia Cardoso, da Ourivesaria Colonial, em Natividade, usando diversos anéis em filigrana, observa semelhanças e diferenças entre pulseiras usadas por mulheres negras baianas do passado e a *pulseira escrava* produzida tradicionalmente (embora venha caindo em desuso, por ser muito cara) nas oficinas tocantinenses:

[151] Mota, Rosa Mª dos Santos. O cordão e o colar de contas na ourivesaria popular portuguesa. In: Souza, Gonçalo Vasconcelos (org.). *Matrizes da investigação em artes decorativas IV*. Porto: CITAR, 2013, p. 139.
[152] Oliveira, Octávia Corrêa dos Santos. Ourivesaria brasileira. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, 1958, p. 30.
[153] Cunha; Milz, op. cit.
[154] Factum, Ana Beatriz Simon. *Joalheria escrava baiana*: a construção histórica do design de joias brasileiro. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – USP, São Paulo, 2015.
[155] Lody, Raul. *Jóias de axé*: fios-de-contas e outros adornos do corpo: A joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
[156] Santos, op. cit., 2005; Bonfim, op. cit., 2019.

Ourivesaria baiana e nativitana (pulseira *escrava*) em comparação. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

A ourivesaria de Natividade, no que se refere aos significados atribuídos às joias e ao seu uso no cotidiano e no tempo dos rituais festivo-religiosos guarda uma forte influência dos tempos da escravidão por meio da provável influência das joias de crioula. A proximidade geográfica e cultural com a Bahia explica, de muitas maneiras, o gosto pelo uso de joias e muitos dos significados que a elas são atribuídos. Conforme já discutido, a história lendária de Mãe Ana, largamente mencionada entre os moradores locais, inclusive em seus narradores memorialistas, é uma das sínteses mais eloquentes dessas ligações entre diferentes territórios por intermédio do ouro e da ourivesaria afinados à religiosidade e aos hibridismos culturais.

Se, por um lado, modos de vida portugueses – incluindo artes mecânicas como a ourivesaria – foram transplantados e disseminados principalmente entre africanos – numa pretensa hegemonia cultural europeia – as relações interétnicas entre esses povos produziu (e vem produzindo) contribuições muito substantivas dos afrodescendentes nas práticas sociais e valores culturais que se desenvolveram em Natividade, conformando, ao longo do tempo, territórios e patrimônios culturais e religiosos de múltiplas faces e significações. Legado da tradição lusitana, como no Tocantins, mas eivado também de crenças e práticas africanas.

A ourivesaria em Natividade (séculos XIX-XX)

Em um primeiro gesto de atenção para a importância da ourivesaria nativitana pelo Sphan, no dossiê que descreveu o conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade para o tombamento como patrimônio nacional ocorrido em 1987, foi relatada a existência de

um "artesanato [...] rico e variado" feito por ourives "discípulos de um antigo artesão local"[157] como vocação turística da cidade. Esse artesão certamente seria Juvenal Rodrigues de Cerqueira, o Mestre Juvenal, falecido anteriormente, em 1979, aos 78 anos. Embora seja a maior referência para os ourives nativitanos presentemente – cujo percurso formativo será analisado adiante –, ele fez parte de uma história mais antiga da ourivesaria no Tocantins.

O cônego Luiz Antonio da Silva e Souza, pioneiro historiador de Goiás, reportou em 1812, com base em arquivos administrativos da província goiana, que a então capital Vila Boa (Goiás, GO) contabilizava, entre os "officiaes mecânicos", "8 ourives"; em São João da Palma (atual Paranã, TO), "1 ourives, com 3 officiaes e 1 aprendiz"; em Conceição do Norte (atual Conceição do Tocantins, TO), "2 ourives e 5 aprendizes"; em Arraias, TO, "3 mestres de ourives com 12 aprendizes"; em Cavalcante, GO, "3 ourives e 3 aprendizes"; e, em Natividade, TO, "3 latoeiros, ourives e officiaes e 4 aprendizes".[158] É interessante notar que, excetuando-se a capital, a maioria dos ourives trabalhavam no Norte Goiano, e que o ouro, apesar do declínio produtivo da metade do século XVIII, ainda era um dos principais itens de exportação de Goiás (ao lado do gado de corte e couro de boi) para outras províncias, sobretudo Bahia e Pará, o que significa que era comercializado internamente, garantindo assim as condições materiais para a ocupação dos ourives locais.

Os dados apresentados por Silva e Souza não permitem saber a origem ou a condição jurídica dos ourives, se nascidos no Brasil ou em Portugal, se livres ou escravizados, se brancos ou negros, mas o número considerável de aprendizes mostra certo dinamismo nesta atividade e aponta indícios de um padrão de reprodução social que se mantém até os dias atuais em Natividade: a coexistência entre mestres e aprendizes nas oficinas. Além disso, sabendo que a maior parte dos intercâmbios econômicos do Norte Goiano nos séculos XVIII e XIX era realizado com as capitanias de Pernambuco, atual região Oeste da Bahia, onde estão os centros comerciais de Barra e Barreiras, e da Bahia, é grande a chance de os ourives de provável origem lusitana terem chegado em Goiás por Salvador, onde, por outro lado, o ouro legal ou clandestino importado do sertão goiano alimentava a feitura das joias de crioula.[159]

Presumivelmente, nos lugares listados por Silva e Souza com a presença de ourives o uso de joias devia ser corriqueiro, mas, por meio desses dados, não se pode saber qual o

[157] Iphan. *Processo de Tombamento n. 1.117-T-84 – Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico da cidade de Natividade, estado de Goiás*. Arquivo Central do Iphan, Brasília, 1985, p. 37.
[158] Souza, Luiz Antonio Silva e. *Memória Estatística da Província de Goyaz*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1832. As citações se encontram, em ordem crescente e respectiva, nas páginas 12, 55, 60, 79, 83 e 64.
[159] Parente, op. cit.; Vaz, Maria Diva Araújo Coelho. *Natividade*. Brasília: MEC/Pró-memória, 1985.

destino da produção das ourivesarias. Entretanto, alguns relatos de viajantes estrangeiros e brasileiros documentaram a presença da joalheria na cultura Norte-Goiana no século XIX. O militar Raimundo José da Cunha Matos, em 1837, ao se referir às mulheres de Vila Boa, hoje cidade de Goiás, disse que "não usam de águas cheirosas: põem muitas joias de ouro no pescoço e braços",[160] o que lembra os hábitos de adornamento joalheiro das mulheres negras baianas daquela época. Mencionando talvez peças litúrgicas feitas na região, esse mesmo autor descreveu Chapada da Natividade como "um arraial extenso, mas pouco populoso, com setenta e quatro casas, a bella igreja de Sant'Ana com três altares, *muita prata*; e estão construindo a igreja do Rosário".[161] Já o naturalista escocês George Gardner, em 1840, ao perceber a população de Arraias receosa com a perambulação dos balaios maranhenses na região, registrou em seu diário que "nenhuma das mulheres se via mais com anéis nos dedos, ou brincos nas orelhas, ou colares de ouro no pescoço, que usam costumeiramente".[162]

Em Natividade, os viajantes que a visitaram não comentaram diretamente sobre as joias, mas o naturalista austrícao Johann Emanuel Pohl, em 1819, aludiu à sobrevivência da população desta maneira: "Essa população vive do cultivo de cana-de-açúcar, da aguardente que dela se extrai, das plantações de algodão, milho, mandioca, legumes e um pouco de fumo. [...] Cria-se gado. Encontram-se também artífices".[163] Em suas andanças, o naturalista presenciou também o festejo de Nossa Senhora da Natividade, hoje padroeira do estado do Tocantins, em que "apareceram todos os habitantes em grande gala".[164] Supõe-se que os trajes fossem adornados por ornamentos, e que os artífices fossem também os ourives.

Apesar da ausência de descrições e da carência iconográfica sobre os adornos e os tipos humanos populares do norte de Goiás, uma área raramente alcançada por pintores e fotógrafos nos períodos colonial e imperial, nos inventários do século XIX depositados no 1º Cartório Cível de Natividade (guardados pelo Fórum da Justiça Estadual do Tocantins) "há a presença de joias em ouro em quase todos os documentos, demonstrando que o hábito de ostentar e possuir esses adereços vem desde os primórdios da cidade".[165] São muitos exemplos de joias que, mesmo na condição de herança ou penhor, estiveram inscritas nos hábitos culturais da cidade. Entre centenas de documentos, ressaltamos apenas alguns.

[160] Matos, op. cit., p. 311.
[161] Idem, ibidem, p. 352. Grifo nosso.
[162] Gardner, op. cit., p. 172.
[163] Pohl, Johann E. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1976, p. 272.
[164] Idem, ibidem, p. 273.
[165] Bonfim, op. cit., 2019, p. 54.

O inventário de Francisco Fernandes Cerqueira, de 1802, arrolou variados *bens*: escravizados, tachos de cobre, balança de pesar ouro, panelas de ferro. Quanto às joias: 1 cordão e 1 crucifixo de ouro, no valor de 29 oitavas de ouro; 1 castiçal de ouro, no valor de 30 oitavas e ¼ e 3 vinténs de ouro; 2 pares de botões em ouro. No inventário de Ana Barreto, uma preta forra, de 1805, junto de escravizados havia roupas, balanças e tachos de cobre, entre outros *bens,* e joias: 1 laço de ouro lavrado, no valor de 2 oitavas de ouro; 1 laço de ouro, no valor de 1 oitava e ¾ vinténs; 1 par de brincos de ouro; 1 par de botões, no valor de 1 oitava e 7 vinténs; 5 voltas de fios de miçangas verdes de ouro, no valor de 1 oitava e ¼ de ouro. O inventário de Maria José da Costa, de 1819, apresenta, além de escravizados, cavalos, tecidos e outros *bens jurídicos* e joias: 1 relicário de ouro com 4 voltas, no valor de 52 oitavas de ouro; 1 relicário de ouro com vidro de ambas as bandas, no valor de 56 oitavas; 1 par de brincos com pedras roxas, no valor de 1 oitava; 1 colar fino de ouro, no valor de 6 oitavas e 4 vinténs; 1 par de botões de ouro, no valor de 1 oitava e mais ¾ de vinténs; entre outras.[166]

Percebe-se a gama de joias que circulava na sociedade nativitana dezenovista, em exemplares que misturavam o ouro com pedras preciosas e materiais orgânicos (miçangas verdes feitas de coral, um gosto africano), de modo similar ao que se passava na ourivesaria baiana nessa mesma época, lugar de onde talvez essas joias vieram, ou de onde proveio a inspiração para a produção da joalheria nos confins do Norte de Goiás. Também parecido com a Bahia foi a evidência de estratégias de resistência por parte de Ana Barreto, uma mulher negra que possivelmente portou joias com significados autoafirmativos diante das pressões e das exigências de um mundo dominado pelas forças políticas e morais da escravidão. Contudo, ela mesma proprietária de escravizados não escapou aos conflitos, contradições e desigualdades que distinguem a identidade histórica de Natividade e do Brasil.

De acordo com informações recolhidas pelo historiador tocantinense Osvaldo Póvoa, o ourives oficialmente conhecido mais antigo de Natividade foi José Fernandes Belo, registrado como ourives em uma lista de eleitores da vila de Natividade em 1881.[167] Então com 42 anos, Mestre Cazuza, como era chamado, "já era ourives em Portugal".[168] É o mestre que, na passagem do Império à República e ao virar o século XIX para o XX dá impulso à ourivesaria em uma época de reavivamento econômico da região por meio do incremento da pecuária frente ao dinamismo do centro comercial de Barreiras, BA, que por sua vez foi incentivado pelo advento da exportação da borracha de mangabeira (abundante nos Cerrados baianos) e do

[166] Idem, ibidem, p. 58-61.
[167] Póvoa, Osvaldo. *Crônicas de outros tempos*. Conceição do Tocantins: [editora do autor], 1983, p. 60.
[168] Idem, ibidem, p. 70. O autor se baseou na tradição oral de Natividade para fazer essa afirmação.

gado e seus derivados em vapores nos rios Preto, Grande e São Francisco até Juazeiro, BA. É possível que esse e outros ourives cujos nomes não se preservaram tenham vindo da Bahia, pois no final do dezenove foram trazidos pedreiros, carpinteiros, seleiros e também ourives por meio de Barra, BA para a renovação da cidade frente ao novo contexto econômico.[169]

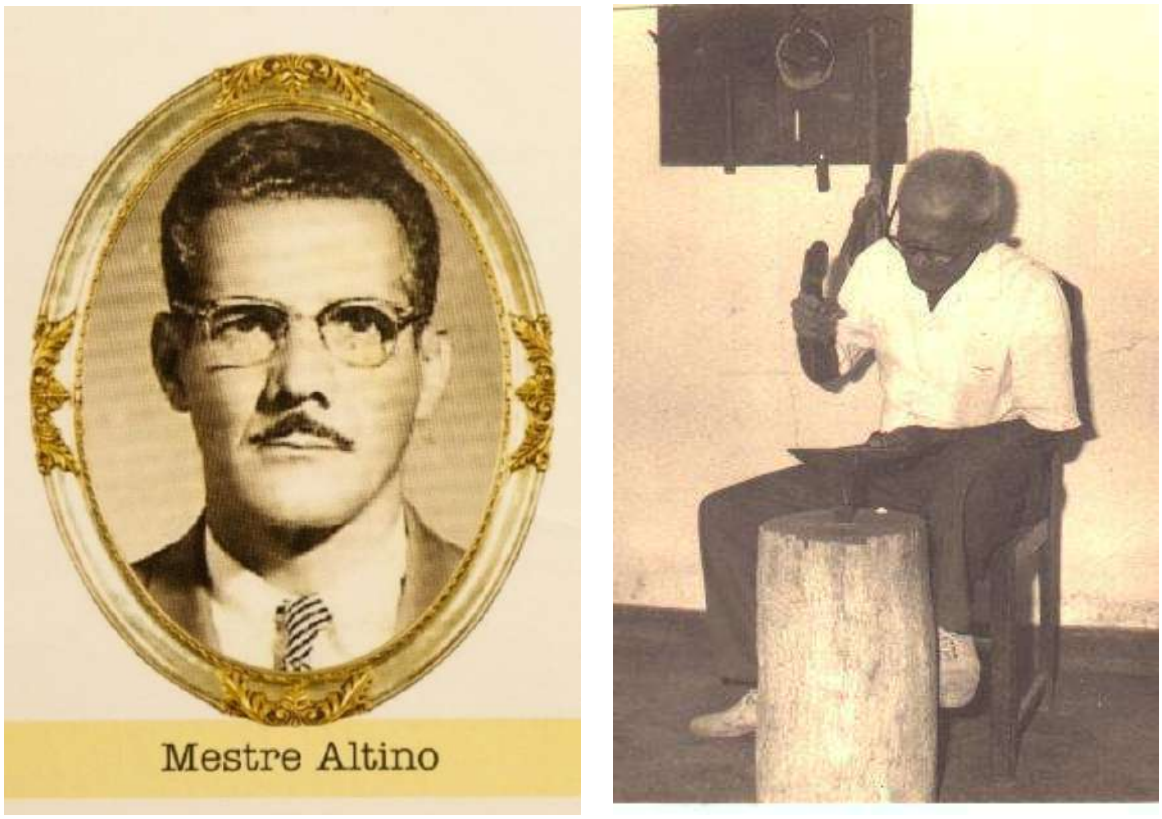
Além de Mestre Cazuza, a genealogia mais estabelecida conta que foram ourives nesta fase de relativa efervescência econômica e cultural no Norte Goiano – uma espécie de *belle époque* sertaneja visível nas configurações ecléticas da arquitetura do casario do centro histórico nativitano desenvolvidas nas décadas finais do século XIX – seu filho Bernardino de Sena Fernandes, seu neto Altino de Sena Fernandes e Leopoldo Hermano, naturais de Natividade, e Antônio Nunes da Silva, artesão de Conceição do Tocantins que, radicado em uma oficina na rua da Contagem, atual rua Rafael Xavier, em Natividade, resguardou o ofício e a técnica da filigrana para as mãos do nativitano Juvenal Rodrigues de Cerqueira.

Mestre Antônio Vicente Nunes (início do século XX). Fonte: Araújo; Wal, 2015, p. 11.

Com relação ao Mestre Cazuza e seu filho Bernardino, há poucas informações biográficas. O seu neto Altino de Sena Fernandes (1908-1981) aprendeu a ourivesaria em Natividade com seu pai e avô, e trabalhou em oficinas de Goiás, Goiânia e Anápolis, para

[169] Santos, Cláudia B. *A ourivesaria tradicional e o tombamento de Natividade*. Palmas: UFT, 2006.

onde emigrara nos anos 1930. Ensinou o ofício de ourives para seus quatro filhos, mas apenas um seguiu a profissão do pai. Na cidade de Goiás, Altino atuou junto de Leopoldo Hermano, ourives que em 1905 ficou marcado por um crime envolvendo um suposto roubo de ouro lavrado para joias em Conceição do Tocantins, então Conceição do Norte, GO.[170]



Mestres Altino de Sena Fernandes e Leopoldo Hermano (início do séc. XX). Fonte: Araújo; Wal, 2015, p. 12.

São do período em que esses mestres trabalhavam concentrados em Natividade, nas duas primeiras décadas do século XX algumas importantes fotografias representativas da ourivesaria como hábito cultural no Norte Goiano, mais especificamente no raio de influência de Natividade. Em algumas fotos, tiradas por ocasião de uma expedição do Instituto Oswaldo Cruz ao vale do rio Tocantins, em 1911, pode-se ver membros não identificados do povo

[170] A Leopoldo teria sido confiado ouro para confecção de joias de Joana Silva Guedes, em Conceição, o que não se concretizou. O esposo de Joana, coronel poderoso e temido da região, teria contratado um jagunço baiano para eliminar o ourives. Mas Leopoldo se antecipou, matando o pistoleiro. O episódio estaria na raiz dos eventos sangrentos do Duro (atual Dianópolis, TO) de 1919, onde se chocaram membros das elites regionais do Sudeste entre si e com a polícia goiana. Aparentemente, Leopoldo trabalhava em uma oficina em Conceição. O episódio é relatado em: Britto, Francisco de. *Memórias de outro tempo (1904-1959)*. Goiânia: Editora Abertura, 1980, p. 47-48; e Póvoa, Osvaldo. *Caminhos de outrora e de hoje*. Dianópolis: [editora do autor], 1986, p. 67-68.

indígena Xerente em Porto Nacional, TO usando joias, possivelmente confeccionadas na região (Porto Nacional também teve ourives):

Xerente usando joias possivelmente tocantinenses em Porto Nacional, TO, 1911. Fonte: Acervo da Fiocruz (Fotos - João Stamato).[171]

Em outra expedição científica da mesma instituição, em 1912, desta vez aos vales dos rios Tocantins e São Francisco, fotografou-se uma mulher negra não nomeada usando um *colar de contas* com miçanga de material orgânico não identificado e o brinco *peito de moça*, possivelmente em ouro. Formada por uma concha oca de chapa encimada com um pequeno ponto de metal, essa joia tem afinidade morfológica com brincos da joalheria afrobaiana, e foi um dos enfeites de orelha mais populares entre as mulheres pobres e camponesas de Natividade no século XX, na cidade e na área rural. Ela era dada de presente para as jovens assim que chegavam à adolescência.[172] Hoje, é usado preferencialmente pelas mulheres idosas. O itinerário da expedição indica que a foto foi feita entre Paranã e Porto Nacional:

[171] Disponível: https://basearch.coc.fiocruz.br/r/fundacao-oswaldo-cruz-casa-de-oswaldo-cruz/1/5/158426/02-10-20-35-001-062.jpg e https://basearch.coc.fiocruz.br/r/fundacao-oswaldo-cruz-casa-de-oswaldo-cruz/1/5/158484/02-10-20-35-001-078.jpg. Acesso em: 17 dez. 2023.
[172] Informação de diversos depoentes da pesquisa do Dossiê.

Mulher com colar de contas e brinco peito de moça no Norte de Goiás (atual Tocantins), 1912. Fonte: Acervo da Fiocruz (Fotógrafo desconhecido).[173]

Verificou-se na pesquisa de campo deste Dossiê seu uso generalizado em Natividade e Chapada da Natividade, mas também em Almas, Dianópolis, Paranã e Santa Rosa do Tocantins, mormente nos festejos católicos. Foi uma peça popular igualmente em Minas Gerais, mas sua fabricação e uso diminuíram sensivelmente. Em entrevista com artesãos da Ourivesaria Dutra, em Mariana, MG, em julho de 2023, um dos pesquisadores da equipe do Dossiê constatou a existência, em catálogos antigos, do brinco *peito de moça* e de outras peças similares às de Natividade. Porém, segundo artesãos mais velhos, a tradição praticamente desapareceu ao longo do século XX na região das cidades históricas mineiras. De todo modo, ainda se conserva a técnica de sua produção, pois, em setembro de 2023, a Ourivesaria Dutra fez uma postagem no Instagram anunciando o seguinte: "Sim! Ainda fabricamos aquele brinco antigo, que traz muitas recordações".[174] Diamantina, Minas Gerais, foi um dos poucos lugares onde a ourivesaria tradicional resistiu como modo de produção cultural e econômica, com as joias de coco e ouro. Algumas delas também se assemelham às joias de Natividade, onde o uso de coco, por sua vez, já foi popular, mas desapareceu.[175]

Ainda no início do século XX, outras fotografias, desta vez em estúdio, retratam hábitos femininos e rituais familiares na região Sudeste do Tocantins que mostram o uso das

[173] Disponível em: https://basearch.coc.fiocruz.br/r/fundacao-oswaldo-cruz-casa-de-oswaldo-cruz/1/6/161949/02.10.20.35.003.140.jpg. Acesso em: 17 dez. 2023. A imagem foi recortada devido à condição de saúde da retratada, com evidências de deformações causadas pelo bócio na região do pescoço.
[174] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CzBki4NunPU/. Acesso em: 20 dez. 2023. A equipe do Dossiê encontrou um par do brinco peito de moça no acervo do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana, MG.
[175] Mestre Altino de Sena dominava as técnicas de manufatura de joias em coco e ouro, principalmente para as chamadas joias de luto, identificadas pela cor escura da casca do coco. Informação oral concedida por Simone Camêlo Araújo. Cf. Teixeira, op. cit., 1980.

joias artesanais. É o caso da imagem seguinte, que mostra a família de Felismina Leal (natural de Conceição do Tocantins) usando uma *peixa* em ouro com seu esposo Nicésio Cavalcante, natural de Dianópolis, TO e filha, em 1915. Para Simone Camêlo Araújo e ourives, a peça deve ter sido feita pelo mestre Vicente Nunes e integra seguramente a tradição joalheira nativitana, devido ao corpo mais bojudo – que remete ao peixe pacu – dessa joia quando comparada a outros pingentes em formato de peixe conhecidos das *pencas de balangandãs* da Bahia e em alguns lugares de Minas Gerais. Assim como o brinco *peito de moça*, foi bastante difundida entre as mulheres de Natividade e região no século XX, e na atualidade pode ser vista ornamentando mulheres mais velhas durante as missas, novenas e festas religiosas.

Felismina Leal usando o pingente *peixa* em Dianópolis, TO, 1915. Fonte: Acervo do Museu Histórico Municipal de Dianópolis, TO.

A partir de meados do século XX, com a ampliação de acesso a máquinas fotográficas portáteis, a iconografia das joias nativitanas é incrementada. A popularização da fotografia,

ainda que de forma restrita, atingiu os sertões do Norte Goiano e registrou mulheres de Arraias, TO portando joias de estilo nativitano como o *peito de moça* e a *peixa*:

Mulheres usando *peixas* e o brinco *peito de moça* em Arraias, TO (século XX). Fonte: Divulgação (Facebook).[176]

O acervo mais detalhado e importante de fotografias e documentos da ourivesaria de Natividade pertence a Simone Camêlo Araújo, sobrinha-neta do Mestre Juvenal. Essa economista e produtora cultural graduou-se e trabalhou na capital de Goiás por muitos anos,

[176] Cf. <https://www.facebook.com/groups/927567797369110/media/photos>. Durante a pesquisa de campo, alguns depoentes fizeram menção à existência pregressa de ourives em Arraias, antigo arraial minerador. Contudo, a profissão ali não sobreviveu, e o uso de joias tradicionais atualmente é incomum nesta localidade.

mas em 1990 retornou a sua terra natal para cuidar dos negócios de sua família. Envolveu-se em projetos comunitários na cidade e, movida por uma antiga promessa feita a Juvenal de que lutaria para preservar as joias de Natividade, se voltou para ações que resultaram na continuidade desta tradição, que esteve sob sério risco de desaparecer na década de 1980. Esse processo promoveu transformações no perfil social do ourives e da ourivesaria.

6.1 A Associação Comunitária Cultural de Natividade e o ressurgimento da ourivesaria

O Mestre Juvenal Rodrigues Pinto de Cerqueira é, sem dúvida, o grande responsável pela disseminação da ourivesaria de Natividade no século XX. Nascido em Natividade em 1901, sua iniciação profissional foi realizada aos 12 anos, sob a responsabilidade do mestre Vicente Nunes, que lhe ensinou a técnica da filigrana, de difícil execução naquela época, pois as ferramentas eram rústicas e as máquinas elétricas incipientes. Em 1923, reputado como mestre, abriu sua própria oficina, onde produzia as peças religiosas alinhadas aos rituais e preferências católicas que a comunidade demandava. Segundo Simone Camêlo Araújo, "na época do mestre Juvenal a importância das joias [estava] ligada à religiosidade", e reforça:

> A *peixa* e o crucifixo como símbolos cristãos [...] é o que ele mais produzia. Tinha os *corações*, ligados [ao] Sagrado Coração. E também [simbolizando] o amor. Aí vem umas peças que tinha a filigrana que ele produzia, [como a] pulseira *escrava*, que não é tanta filigrana, mas tinha os detalhes. Os brincos que ele produzia bastante era o brinco de *bolinha*, quando a pessoa nasce [...] usa o brinco de *bolinha*. O brinco do *cachinho de uva* [...] também como símbolo cristão. Tem o *teta de moça* [...]. Tem os brincos maiores, a *peixa* pendurada no *cacho de uva.*[177]

[177] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.

Mestre Juvenal Rodrigues em sua bancada (década de 1960). Fonte: Araújo; Wal, 2015, p. 9.

Sua primeira oficina foi aberta na cidade do Peixe, TO. Ali confeccionou coroas de ouro com pedras preciosas para imagens religiosas; anel *de mãos dadas* (possui um mecanismo que, ao ser aberto, mostra 3 aros); *anelão* simples; *anelão* com pedras; anel de *moldura;* colar de *lantejoula*; volta simples; cordão, volta de contas; volta de correntinha, pulseiras com pedras de corvina; pulseiras de argola; pulseira de berloques; pulseiras para relógio; pulseiras de mistério (imitação de contas de rosário); crucifixo; *peixes* de 15g; *pacus* e *piabas*; abotoaduras e anéis para maçons. Só trabalhava com ouro 22 quilates. Quando instado para mudar e trabalhar com ouro 18 quilates, o ouro oficial, dizia: "Quem trabalhou desde moço em ouro de 22 quilates, baixar agora para 18, deprecia o que construiu em longo tempo. E acrescenta, estabelecendo paralelo entre a função e o artista: "se com a forja e o cadinho apura-se o ouro, com os anos de trabalho apura-se a personalidade do artesão".[178]

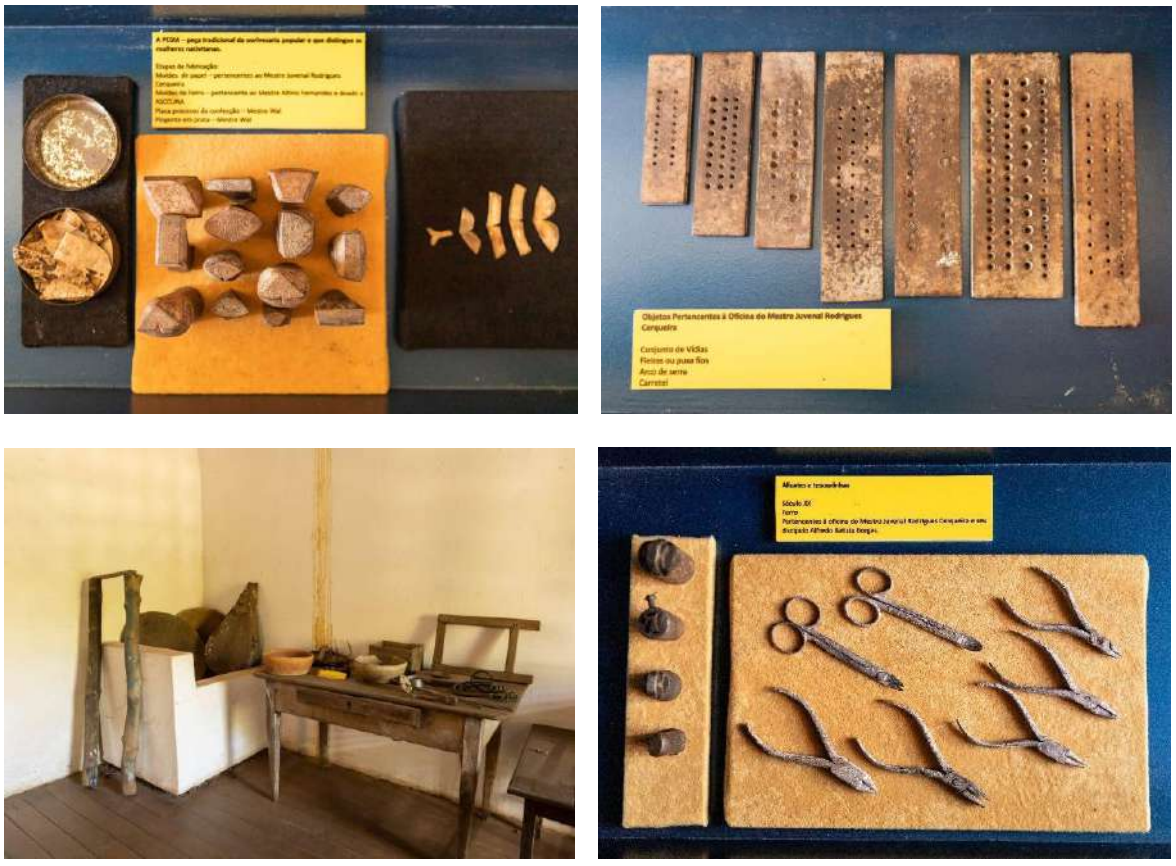
Sobre Belita, sua esposa e inspiração, ele diz: "Quando ela achar que a peça não corresponde ao nome, à tradição que sustento há mais de 50 anos, aí deixarei de trabalhar. Belita é que lavrará o decreto de minha aposentadoria como artista".[179]

O Mestre Juvenal tornou-se exímio fabricante de joias que foram alçadas à posição de símbolos da cultura nativitana, como a *peixa*, o anel *escravo*, a *pomba do Divino*, o colar *de lantejoulas* e o *coração nativo*.[180] Esse nativitano exerceu um relevante papel de mediação geracional. Juvenal legou os fundamentos técnicos e os princípios éticos do trabalho artesanal com o ouro para artífices que estariam na base da formação contemporânea da ourivesaria de

[178] Teixeira, Amália Hermano. Juvenal Rodrigues Pinto de Cerqueira. *O Popular*, Goiânia, 15 jul. 1978, p. 5.
[179] Ibid.
[180] Araújo; Wal, op. cit.

Natividade, nos anos 1980-1990. Entre eles, estão os ourives Alfredo, Francisco, Josafá, Jorge, Uaci e Jesumar. Juvenal faleceu em 1979, não sem antes lembrar para todos: "o fogo de minha oficina não tardará a se apagar. Mas, quando eu me for desta vida, gerações futuras verão o que minhas mãos plasmaram".[181]

Sua bancada e seus instrumentos de trabalho compõem uma exposição permanente que o Museu Histórico de Natividade abriga no centro da cidade. Para seus aprendizes, dizia: "Evoluir é necessário, mas sem corromper a consciência do que se firmou no passado".[182]



Ferramentas do Mestre Juvenal no Museu Histórico de Natividade. Fonte: Acervo do Museu Histórico de Natividade (Fotos - Rafael Trapp).

O mestre Juvenal permaneceu por mais de meio século debruçado na transmutação de metais preciosos extraídos dos garimpos do Príncipe e de Chapada da Natividade em joias e coroas. Sobre as joias que Juvenal costumava produzir, sua neta Dorane Rodrigues Farias, filha de Uaci Rodrigues Faria, discípulo do mestre, comenta o seguinte:

[181] Araújo; Wal, op. cit., p. 12.
[182] Idem, ibidem.

> Então foi assim. E meu avô [...] as joias dele eram aquelas de sempre. [...] ele não tinha inovação, foram as que ele aprendeu, que o pai dele pagou pra ele aprender [...] Então era crucifixo, *peixa*, brinco de *cachinho de uva*, brinco de *florzinha*... Não tinha esse *florzinha de maracujá* não, era a *florzinha*... antigamente era uma côncavazinha. O *coração* sim, *coração* era... esse é bem antigo. O anel *escravo* que é aquele largo…Tinha um anel de *mãozinha* [*dada*], que abria e que [era presenteado] em [ocasiões de] noivado.. *Peixas* pequenas e grandes.[183]

O ourives Jesumar Borges relata que Mestre Juvenal também confeccionava joias religiosas: "Ele fazia essas joias de igreja. Essas coroas bonitas que tem aí, tudo era feito por Mestre Juvenal, por Leopoldo e pelo Antonio Nunes [...] E o ouro vinha de garimpeiro aqui da serra mesmo, tinha muito ouro aqui na época".[184]

Na fotografia a seguir, vê-se alguns dos discípulos do Mestre Juvenal. Da esquerda para a direita, estão Uaci Rodrigues Faria, o mestre Juvenal, Alfredo Batista Borges e Jesumar Batista Borges. Alfredo segura um fio ainda grosso de metal, futura filigrana:

Ourives Uaci Rodrigues Faria, Juvenal Rodrigues de Cerqueira, Alfredo Batista Borges e Jesumar Batista Borges, 1964. Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

Uaci era filho adotivo de Juvenal e morou com o pai até sua morte. Depois, seguiu carreira de ourives em Palmas, TO, onde ainda vive. Segundo relatos de parentes e outros moradores de Natividade que tiveram convivência com ele, Mestre Juvenal ensinava apenas pessoas de sua família ou quem ele entendesse como tal. Uaci diz que o mestre ensinava apenas seus familiares: "Só parente dele, ou então, vamos supor, se a mãe dele fosse amiga…

[183] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Dorane Rodrigues Farias, em Palmas, TO, em 10 out. 2023.
[184] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

igualzinho o Dázinho [que] era filho do vaqueiro, ele botou para aprender, foi criado lá em casa".[185] Alfredo, o Borginha, comentou que "O mestre era duro".[186] Uaci não fez discípulos, diferente de Jesumar, que na época da foto anterior tinha 14 anos.

Jesumar nasceu na cidade do Peixe, TO. Aprendeu a ourivesaria com Juvenal e, em 1971, mudou-se para Goiânia, onde atuou na oficina do ourives português Antonio Fernandes Neves por 11 anos. Tornou-se mestre em sua própria oficina, na qual fazia joias modernas. Sobre sua contribuição, Jesumar pontua: "Eu me sinto um mestre... feliz... muito feliz mesmo. Porque eu não fui mestre só pra mim. Eu acho que o mestre tem que ensinar, dar luz pra muita gente, pra eles viver. Porque hoje em dia tem que viver em paz, viver bem."[187] Na sua oficina, em Goiânia, GO, recebeu e instruiu os jovens nativitanos Joaquim Valdeides Carvalho (Mestre Wal) e Abisania Ferreira Gomes (Mestre Bisa), que depois espalharam os saberes da ourivesaria antiga, herdada da linhagem profissional de Juvenal. Por motivos diferentes, tanto Jesumar quanto Wal e Bisa retornaram à Natividade no final da década de 1980.

Por causa do falecimento de Mestre Juvenal e do deslocamento de Jesumar para Goiânia, a ourivesaria esteve perto de acabar em Natividade nos anos 1970-1980. Apesar da perícia de alguns ourives remanescentes, não houve a preocupação, nessa época, em renovar a tradição, sem haver preocupação em transmitir aquele saber-fazer. Em um contexto nacional de crise econômica, ao mesmo tempo, faltavam aprendizes, pois muitos dos que poderiam se interessar haviam migrado para Goiânia, Brasília ou Gurupi. Naquela ocasião, quase não havia oportunidades dignas de trabalho e sustento para os jovens nativitanos. Os laços de transmissão social da ourivesaria ameaçavam, portanto, um rompimento irreparável.[188]

Foi uma iniciativa coletiva e comunitária o fator que garantiu sua continuidade. Simone Camêlo Araújo, retornada de Goiânia, onde fizera uma pós-graduação em cooperativismo, articulou, com agentes culturais de Natividade, entre eles Wal e Bisa - que haviam também voltado e estabelecido uma modesta oficina - a criação da Associação Comunitária Cultural de Natividade (ASCCUNA). Essa entidade, criada em 1992, visava representar os segmentos produtivos autônomos locais diante das fragilidades do espírito cooperativista no Tocantins.[189]

---

[185] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Uaci Rodrigues Faria, em Palmas, TO, em 7 jul. 2023.
[186] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Alfredo Batista Borges, em Natividade, TO, em 26 ago. 2023.
[187] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.
[188] Iphan, op. cit., 2006.
[189] Disponível em: <http://joiasdenatividade.com/s/asccuna>. Acesso em: 25 jan. 2024.

Um dos maiores objetivos da Associação era a recuperação da ourivesaria em sintonia com as tendências da modernidade. Simone Camêlo Araújo queria promover, em uma visão de economia social, o turismo e a geração de renda em uma cidade histórica que tinha grandes potencialidades em termos de patrimônio cultural e economia criativa. A promessa feita ao Mestre Juvenal, seu tio-avô, em seu leito de morte implicara uma "missão das joias, de não deixar morrer, de resgatar, que já estava se perdendo".[190] Simone, Wal e Bisa formaram a tríade que conduziu e reergueu a ourivesaria a partir de então.

Entre as razões para esse processo, estavam problemas propriamente sociais. O mestre Bisa nasceu no sul do Piauí e se considera nativitano de coração, mas se sentia agastado pelo fato de que, em uma cidade de predominância negra, ele ter sido o primeiro ourives autodeclarado negro a aprender a profissão e a ganhar o estatuto de mestre.

Mestre Juvenal fazia parte de uma espécie de clã familiar que controlava o ofício localmente, e o ensinava apenas para aqueles que ele conhecesse a origem ou reconhecesse como confiável. E eram sempre homens: "na época dele as pessoas... tinha os meninos e as meninas. Você escolhia pros homens costura (alfaiataria que falava) e ourivesaria. E as mulheres iam pros bordados, pra cozinhar".[191]

Nesse ponto, há diferenças com relação a Portugal, em que as mulheres foram geralmente aceitas no trabalho das filigranas, considerado adequado a supostos predicados de gênero (delicadeza e criatividade). Pelas contingências de uma região abatida historicamente por desigualdades raciais, os ourives de Natividade possuíam gênero definido e pele mais clara. Enfrentando o racismo entranhado no tecido social, Bisa queria que o sonho de ser ourives fosse oportunizado e abraçado por seus irmãos de cor:

> Queremos convidar meninos pretos, porque na época, na minha lembrança eu não lembro de nenhum ourives preto. Tudo de pele clara pra branca, na velha guarda, velha geração. Aí eu falei: "Vamos dar prioridades para essa turma mais escura aí." Hoje quase tudo são escuros [...]. Parece que eles ouviram meus pedidos. Hoje só tem o Uardon branco lá dessa turma. Os outros são moreno escuro, é mais pro tom escuro. E eu falei pra Simone que aqui pra trás até parece que tinha algo contra preto, não ensinava preto, sendo que a região nossa [...] surgiu por preto, por escravos, os nativos de Natividade. Hoje esses quilombolas aí é de geração de escravos lá de trás. [...] Aí veio uns quatro a cinco bem escuros. Veio Zé Leal bem escuro, veio Benjamim bem escuro, já tinha eu… E assim foi

[190] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.
[191] Idem, ibidem.

entrando os meninos… o Pedrão bem escuro... E assim tá todo mundo lá na cor escura mesmo.[192]

Ourives Pedrão e Uardon, Ourivesaria Mestre Juvenal, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

A seu modo, o Mestre Wal também demonstra uma consciência para com a sorte dos subalternizados que, na cidade, são predominantemente negros. Nascido em Ponte Alta do Bom Jesus, TO, vivencia Natividade como lar. Usando palavras que Juvenal diria, mas com sentido oposto, sempre que um novo candidato a aprendiz aparece, pergunta: "Você é filho de quem? Eu vou olhar o poder aquisitivo dele, ver se ele quer aquilo mesmo [...] a gente tem que dar continuidade."[193]

No espírito de enfrentamento das desigualdades e de contribuir com processos de inclusão social que inspirou os fundadores da ASCCUNA foram implementados projetos nos anos vindouros, ministrados por Bisa e Wal. O primeiro deles começou em 1996, na sede da ASCCUNA, intitulado *Oficina Educativa Ourivesaria Mestre Juvenal.* A primeira turma teve

[192] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.
[193] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Joaquim Valdeides Carvalho, em Natividade, TO, em 12 jul. 2023.

doze alunos, mas, por falta de recursos, não prosperou. Em 1998, com o apoio da Embaixada Britânica, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, TO e da Universidade Luterana do Brasil, além do governo do Tocantins, puderam investir em bancadas, ferramentas e matéria-prima. Doze pessoas fizeram o curso, das quais quatro seguiram: Benjamin, Edilma, Uardon e Zé Leal. Este último abriu sua própria oficina, a Zé Joias. Os outros aprendizes se juntaram à equipe da Ourivesaria Mestre Juvenal, uma oficina hoje localizada na rua dos Cruzeiros, no perímetro tombado do centro histórico.

Turma de aprendizes do projeto *Ourivesaria Mestre Juvenal*, 1996. Mestre Wal está atrás, na porta, de boné branco; Mestre Bisa aparece à esquerda, de calça jeans. Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

Folder da Ourivesaria Mestre Juvenal, 2016. Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

Outros projetos se sucederam nos anos 2000. Um deles foi o projeto de *Apoio às Joias Artesanais de Natividade*, executado por um convênio da Fundação Cultural do Estado do Tocantins com o Iphan por meio do Programa Monumenta, em 2004. Esse programa promoveu obras de restauração e revitalização do centro histórico e buscou, em paralelo, fomentar atividades produtivas associadas ao patrimônio tombado, como a ourivesaria.

Mestre Wal e artesãos na oficina. Uardon (camiseta colorida) e Zé Leal (óculos), já são mestres

Ourives formados e em atuação na Ourivesaria Mestre Juvenal, 2015. Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

Tal iniciativa, por meio de cursos e consultorias, deu fôlego redobrado aos ourives, que foram instados a criarem linhas de produtos mais afinados às tendências de mercado, valorizando, por exemplo, aspectos da cultura e da paisagem natural do Sudeste do Tocantins, como os brincos *capim dourado* e *flor do cerrado*. Essas transformações visavam responder a um novo cenário de políticas de turismo desenvolvidas pelo governo estadual após a conquista da autonomia do estado nos anos 1990 para a valorização da cultura associada ao patrimônio natural do Tocantins, sobretudo o Jalapão e as Serras Gerais.

Mestre Wal com o então aprendiz Júnior, Ourivesaria Mestre Juvenal, 2012. Fonte: Araújo; Wal, 2015. p. 8.

Houve também a multiplicação de modelos de joias com base nas peças *coração nativo* e *flor de maracujá* (em funções de pingente, colar, brinco, pulseira, anel, entre outras), o que, aliado à crescente incorporação da prata, tornou-as mais acessíveis financeiramente e muito populares entre as mulheres da região.

Essas inovações expandiram os negócios no mesmo ritmo em que respeitaram as práticas e usos tradicionais,[194] pois, além de as peças de modelo antigo terem permanecido

[194] Outro acontecimento relevante deste contexto foi a publicação do *Manual das 7 Joias Artesanais de Natividade* (2015), com recursos do Banco da Amazônia. Inspirados na dificuldade que Wal e Bisa tiveram em desvendar o método de fabricação da *peixa*, que havia se perdido, Wal ele mesmo e Simone Camêlo Araújo se empenharam em descrever minuciosamente, neste livro, as etapas e os processos técnicos de confecção das principais joias nativitanas, para assim assegurar o acesso aos conhecimentos acumulados e estabelecidos em Natividade para futuros ourives. Sobre esse material, Wal comenta: "Nós fizemos um manual das sete joias, mas ficou mais joias fora. Ficou a *pulseira escrava*, porque quando você fala *pulseira escrava* lá pra fora é uma... é aquela fininha. Você já viu? Pra nós não, é essa larga. É essa larga com filigrana, com os tubos… E a *peixa*. Hoje já entrou a linha *flor de maracujá* e o *coração*. Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Joaquim Valdeides Carvalho, em Natividade, TO, em 12 jul. 2023.

sendo produzidas, embora mais fortemente para as festividades religiosas, a filigrana passou a ser cada vez mais habitual no trabalho joalheiro, tanto nas joias tradicionais quanto nas novas invenções estilísticas, como pode ser observado no folder a seguir:

Folder da Ourivesaria Mestre Juvenal com peças tradicionais e modernas, 2017. Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

A filigrana se converteu em um emblema da ourivesaria nativitana, e conquistou a partir de então grande visibilidade, inclusive nos meios políticos e midiáticos. Exemplo disso, é o fato de o ex-governador e um dos atores políticos mais importantes na criação do Estado do Tocantins, Siqueira Campos, falecido em 2023, ter levado consigo sua onipresente *pombinha do Divino* de Natividade. Quando esteve à frente do governo estadual, costumava presentear personalidades e autoridades com joias nativitanas, as quais ele tinha muito apreço. As joias também inspiraram outro governador do Tocantins na imagética publicitária de governo. Segundo Dorane Rodrigues, filha do ourives Uaci Rodrigues:

> Quando o Moisés Avelino foi governador do Estado [1991-1995] o símbolo dele era uma *mãozinha dada* [referência ao anel *mãozinhas dadas*], então, meu pai fazia para ele assim, era de 20 anéis daquele para dar de presente para as visitas que vinham aqui. Ele deu pra esse povo, esses ministros, embaixadores, pessoal que vinha visitar Tocantins, o presente que ele dava era o anel de *mãozinha*.[195]

As joias e a técnica distintiva da filigrana foram apropriadas pelo setor turístico local e estadual como representação da maestria do artesanato tocantinense, em paralelo à valorização do artesanato com o capim dourado. Outro exemplo a destacar, é o fato de as joias

[195] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Dorane Rodrigues Farias, em Palmas, TO, em 10 out. 2023.

artesanais de Natividade, como expressão da cultura e do artesanato tocantinense, terem sido objetos de reportagens e divulgação em várias mídias. Em 2017, a Rede Globo de Televisão produziu a novela *O Outro Lado do Paraíso*, ambientada em algumas regiões do estado do Tocantins (principalmente o Jalapão), e que, por sua vez, divulgou as joias nativitanas; uma das personagens ostentava um colar de *lantejoulas* com pingente *coração nativo*. A seguir, reportagens sobre essa e outras aparições das joias e dos ourives na mídia impressa:

Reportagens sobre a ourivesaria de Natividade na mídia impressa (anos 2000-2010). Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo.

Pela primeira vez, a diversidade social e cultural dessa região vem alcançando visibilidade e reconhecimento nacional, para além do local e regional. Talentosamente, os

artesãos nativitanos contribuíram para essa visibilidade e, simultaneamente, fizeram dessa arte o alicerce de sua autonomia econômica. Pelas mãos brancas e negras dos artesãos, homens e mulheres, a resistência da ourivesaria expressou a tenacidade do povo e plasmou a história que as joias corporificam em pessoas carregadas de detalhes e sonhos. Um desses sonhos é alcançar a profissão de ourivesaria. Ele foi realizado por Janaína Torres, uma das mulheres a se tornar ourives na cidade.[196] Ela conta que nasceu "para ser ourives":

> [...] o Antônio Luiz [Júnior]… a gente era colega de aula [estudava] no 2º ano [do 2º grau]... Em 2013, teve o projeto de colocar pessoas, mulheres na joalheria… Ele me chamou. [Depois do curso] trabalhei dois anos e fui pra Palmas e trabalhei em uma joalheria, só uns 20 dias [...] Depois de três anos [...] eu queria voltar pra joalheria de novo. Aí, eu vim aqui no Mestre Wal e ele falou que tinha vaga, mas não tinha a mesa. Meu pai tirou a madeira e eu mandei fazer a mesa [...]. Comecei a trabalhar na joalheria e tô aí até hoje, já tem 9 anos.[197]

Oficina *Trançando Fios de Ouro* na Ourivesaria Mestre Juvenal, 2012. À esquerda, na bancada, Janaína Abreu; de pé; Edilma Pereira; ao fundo, Mestre Wal. Fonte: Acervo particular de Simone Camêlo Araújo Araújo.

[196] A primeira mulher ourives foi Edilma Pereira. Trabalha atualmente na Oficina Mestre Juvenal, juntamente com Janaína Torres.
[197] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Janaina Torres Pinto Abreu, em Natividade, TO, em 15 jul. 2023.

Janaína Torres em sua bancada, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Ao longo de quase três décadas, iniciativas como as da ASCCUNA têm oferecido oportunidades para jovens negros de baixa renda aprenderem o ofício, gerando sustentabilidade econômica para as famílias desses aprendizes. Desde então, vários deles se tornaram profissionais reconhecidos e abriram suas próprias oficinas, o que permite a continuidade do saber-fazer da joalheria artesanal em Natividade e sua preservação como patrimônio cultural. Sobre a continuidade social do ofício, o Mestre Wal explica:

> Então, o Pedrão, aquele moreno forte que era... Ele está conosco também, foi eu que trouxe… era menino. E aí também vai dar continuidade. Então o Pedrão de repente traz um primo, traz uma filha pequena. O Ernanny daqui a pouco traz um dos filhos dele [...] eu tô achando que vai dar continuidade, porque nós ali temos vínculo. Então o nosso futuro está garantido.[198]

[198] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Joaquim Valdeides Carvalho, em Natividade, TO, em 12 jul. 2023.

7 A mesa: a construção do ourives nativitano como artista do ouro

> [...] não se pode pensar nos objetos sem os gestos
> que os engendram e que lhes dão sentido.[199]
>
> Lucas de Mendonça Marques

A ornamentação do corpo com joias feitas de metais e pedras preciosas; com desenhos formando pintura corporal; com adornos de penas de aves, de fibras, sementes e fios vegetais, de ossos ou outros materiais orgânicos e inorgânicos; com escarificações; maquiagem etc é praticada largamente nas sociedades conhecidas, tanto as contemporâneas quanto as do passado, uma vez que, nesse caso, testemunhos arqueológicos têm mostrado a existência de adornos corporais de várias tipologias em túmulos de sítios pesquisados mundo afora.

A cidade de Natividade, como mostrado nos capítulos antecedentes, guarda singularidades especiais quanto ao uso de joias em ouro ou prata. Seus usos demonstram poder econômico, mas também sinalizam devoção a santos; ritualizam vínculos e eventos da vida familiar, como nascimento, batizado, casamento e luto; indicam classes de idade e gênero; são amuletos contra malefícios de várias ordens e têm poderes curativos e protetivos.

Se no passado o costume da ornamentação com joias demandou a importação desses artefatos de outros centros produtores, desde há muito tempo a ourivesaria nativitana é uma manufatura artesanal cuja cadeia produtiva é inteiramente local,[200] começando pela matéria prima, adquirida na região; a confecção – empregando técnicas artesanais e tipologias tradicionais – e o consumo. Isto é, as joias usadas pela população da cidade e de seus arredores, são produzidas com o ouro da região, confeccionadas por ourives nativitanos, cujo saber-fazer é transmitido/aprendido num longo convívio entre mestres e aprendizes. Desse modo, a continuidade da ourivesaria nativitana depende dessa corrente de transmissão de técnicas e gestualidades que atravessa tempos e faz cruzar gerações de nativitanos.

Na investigação que realizamos entre os ourives de Natividade, percebemos que nem todos que se iniciam no aprendizado do ofício continuam. São várias as razões da desistência, mas a que mais veio à tona nas conversas é a ausência de predisposição para uma atividade profissional que requer um tempo longo e muita paciência para a aquisição das técnicas e o

[199] Marques, Lucas Mendonça. *Forjando orixás*: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. 2014. Monografia (Bacharelado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, UnB, Brasília, 2014.
[200] Nesta passagem, o sentido do vocábulo *local* indica não apenas o município de Natividade, mas outros próximos, como Chapada da Natividade, Almas, Conceição do Tocantins, Dianópolis, entre outros.

domínio das habilidades que o ofício exige. Alguns inclusive reforçaram que é preciso ter paciência para aprender e paciência para ensinar, transmitir o que aprenderam.

A seguir, descreveremos algumas características do ofício de ourives, enfocando eventos que conformam processos de transmissão de conhecimentos – quase sempre em forma de técnicas – que contribuem para forjar o ourives nos jovens aprendizes durante o tempo em que convivem com os mestres em suas oficinas.

A ourivesaria artesanal é um ofício cujo aprendizado busca formar destrezas corporais que encadeiam conhecimentos e técnicas numa engenharia de gestos ritmados e repetitivos, próprios do trabalho manual, para transformar matérias brutas em arte. Aos olhos de quem observa o trabalho executado numa oficina de ourivesaria – e escuta as histórias da formação dos ourives contadas por eles mesmos –, o aprendizado requer a frequência do aprendiz em uma oficina, após a anuência de um mestre que executará uma espécie de tutoria sobre o tempo e as tarefas do aprendiz sob a sua orientação.

O começo desse aprendizado é caracterizado pela observação dos modos de fazer que incluem, entre outras coisas, a escolha do minério a ser adquirido; a fundição e a separação química das impurezas; o trabalho de laminação para a transformação do lingote em chapa ou fio. Esses são os passos iniciais para a confecção da joia. A partir daí, cada modelo requer um conjunto de operações diferentes que exigem, por sua vez, movimentos associados ao uso de ferramentas específicas para aquilo que se quer obter: se a armação de um *coração* ou de uma *flor de maracujá* ou os elos de um colar, entre inúmeras pequenas peças que, juntadas por meio de soldas e outros mecanismos de articulação, formam a joia.

Não se inicia no ofício da ourivesaria sem esse período de observação do trabalho do mestre, intercalado com a realização de pequenos serviços, dentro e fora da oficina, sob as ordens do mestre. Em tempos passados "[...] os pais que não dispunham de recursos, levavam os meninos a fazer o curso, [que] nas folgas das lições, trabalhavam para o mestre".[201]

Vários ourives contaram sobre o seu aprendizado. Antônio Luiz Alves de Souza Jr. trabalha na Ourivesaria Mestre Juvenal e conta que, quando tinha 14 anos de idade, foi até à oficina pedir para ser aprendiz. Mestre Wal o aceitou, mas antes, esclareceu que "Aqui a gente não começa ganhando dinheiro, não. Primeiro, você vai ter um processo de aprendizado pra futuramente você desenvolver e começar a fazer os outros serviços [...]."

[201] Teixeira, op. cit., 1978, p. 18.

Júnior, como é conhecido na cidade, aceitou as condições postas por Mestre Wal e explicou que quando ingressou na oficina

> [...] não tinha nenhuma *mesa* disponível pra mim trabalhar. Eu aprendi um pouco assim olhando eles fazendo [...] observando eles trabalharem [...] ia nos lugares que eles precisavam [...]. Fui observando, aprendendo. Eu puxava fio pra eles [...] puxava a chapa, fundia, adiantava alguns serviços pra eles [...].[202]

Mascarenhas Soares de Carvalho se interessou por ourivesaria quando era criança:

> [...] Na época, foi lá na joalheria do Jesumar. Aí eu comecei a ter curiosidade por aquilo ali. Eu perguntei se ele me ensinava e ele falou: "Entra aí, vai ficando aí, vai aprendendo, vai observando e a gente vai te ensinando" [...]. Aí eu fui pra lá e ficava muito tempo lá… Ia pra escola e voltava, meio período, e ficava lá ajudando. Às vezes, puxando um fio, fazendo um polimento, foi assim que eu comecei.[203]

Atualmente, Mascarenhas é proprietário de uma joalheria em Gurupi, Tocantins. Atua indistintamente como joalheiro industrial, fazendo joias com o uso de tecnologias e máquinas especializadas e como ourives de joias artesanais. Ao falar sobre a profissão, ele distingue o ourives de *bancada* daquele especializado ou em uma única joia ou em técnicas compartimentadas. Define o primeiro como "[...] aquele joalheiro tradicional que cria a peça do zero, confecciona a peça do zero [...] A *bancada* em si compõe-[se de] vários utensílios de fabricação [...] pra você construir uma joia do zero [...]".

[202] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Júnior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.
[203] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Mascarenhas Soares de Carvalho, em Natividade, TO, em 26 jul. 2023.

Mestre Wal e seu antigo aprendiz Mascarenhas, Ourivesaria Mestre Juvenal, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

No segundo caso, trata-se do “joalheiro que não é tanto de bancada, mas o que tem uma particularidade única. Por exemplo, tem o cravador que só trabalha com cravação, tem um soldador [...] tem o que faz a parte de puxar fio [...]. É muito difícil você achar um joalheiro [que faz a joia do começo ao fim]”.

Com essa explicação, Mascarenhas, que atua nas duas formas da produção de joias, distingue entre a ourivesaria artesanal – aquela feita por um único ourives que realiza todas as operações, do começo ao fim da peça – e a ourivesaria industrial – aquela em que as etapas de confecção são feitas, como numa linha de montagem, por diferentes ourives (e/ou maquinários e tecnologias) especializados em diferentes momentos da cadeia produtiva.

Visita do ourives Mascarenhas, atualmente instalado em Gurupi, TO, a seus mestres e colegas na Ourivesaria Mestre Juvenal, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Com essa distinção, termina por atribuir à ourivesaria artesanal uma qualidade superior à chamada industrial, pois reconhece na primeira um valor histórico e cultural inestimável agregado à joia, pois ela "[...] conta a história do nosso país".[204]

Num resumo simplificado de um processo longo e complexo que é o domínio da fabricação de uma joia artesanal, podemos descrevê-lo como tendo seu início na observação do saber-fazer do mestre, passando por pequenos experimentos práticos envolvendo a repetição de inúmeros procedimentos como calcular e misturar as quantidades de minérios a serem fundidos, usar o fogo para transformar o metal no tempo adequado, segurar o cadinho com firmeza e despejar o minério derretido na rilheira, laminar lingotes, puxar fios, soldar, entre outros que, por sua vez, requerem movimentos corporais precisos com os quais se obtém as habilidades requeridas para se tornar um ourives, reconhecido pelos pares e pela comunidade. À imitação dos gestos experientes do mestre o discípulo segue aperfeiçoando movimentos em treinamentos que articulam o corpo e ferramentas na cadência de um saber-fazer que, embora venha sofrendo modificações com maquinários industriais, como o maçarico, o chicote, tornos etc. permanecem reproduzindo técnicas antigas. Ainda que com essas modificações, o artífice realiza a cadeia produtiva da joia na sua integralidade. As técnicas da ourivesaria artesanal continuam sendo domínio do artesão artista.

Alguns ourives nos falaram sobre as aptidões para o ofício. Alfredo Batista Borges, hoje aposentado, lembrando o seu tempo de aprendiz com Mestre Juvenal, conta que ele "era

[204] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Mascarenhas Soares de Carvalho, em Natividade, TO, em 26 jul. 2023.

duro, ele ensinava você, você aprendia logo, porque a paciência dele não era muito boa não… Crespo, rígido mesmo… Tem que ser rígido". Disse ainda que, para ser um bom ourives, "tem que ter paciência e boa visão. Por exemplo, ourives não pode ter mãos trêmulas".[205]

Ourives Borginha, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Jesumar Batista Borges, mestre aposentado da ourivesaria nativitana, reconhece, tão quanto Borginha, que para ser um bom ourives "tem que ter paciência e boa visão." E também é preciso *ter técnica*. Segundo suas palavras, "Ele [Mestre Juvenal] me ensinou a fazer joia, porque se não tiver a técnica não faz. Hoje eu passei minha técnica pra eles [alguns ourives nativitanos], pra essa juventude. Se não ensinasse pra eles, não faziam [...]".[206]

[205] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Alfredo Batista Borges, em Natividade, TO, em 26 ago. 2023.
[206] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun.2023.

Mestres Jesumar e João Bosco, na oficina do último, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Mestre Wal aprendeu a confeccionar as joias tradicionais com Mestre Jesumar, em Goiânia. Contou que aprendeu a técnica de filigrana depois que voltou da capital goiana para Natividade. Ele conta que "pra fazer *peixa* e esse anel *escravo*, a gente tornou a fazer uma ferramentazinha [...] a gente fazia as ferramentazinhas, um marcador, escama, olho [...]". Na sequência, descreve as minúcias de parte da confecção da *peixa*, considerada por muitos a joia mais representativa da ourivesaria artesanal nativitana. As técnicas de sua confecção são tão detalhadas que certamente exigem a paciência do ourives para desenvolver seu trabalho:

> [...] fazia uma pecinha, fazia as escamas de ferro, ia marcando… botava ela [a chapa de ouro] no betume e … tan tan tan… [imitando a cadência da batida do martelo]. E foi por isso que eu falei que a *peixa* é um pouquinho mais complicada… Talvez não é nem a hora de você marcar, que às vezes o betume não tá pegando. Você coloca ele, dá duas pancadinhas e ele solta… Você tem que dar um forninho, esperar esfriar e tornar a bater. Mas é na hora da montagem que é mais difícil. Você cortou certinho o que você vai montar [as pequenas escamas, por exemplo] e dá alguma coisa errada ali.[207]

[207] Entrevista concedida para a equipe do dossiê por Joaquim Valdeides Carvalho, em Natividade, TO, em 12 jul. 2023.

Mestre Wal em sua bancada, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

João Bosco Nascimento, que aprendeu o ofício em Goiânia, conta que um de seus mestres, Alfredo Rangel, "viu que minha paciência [era] boa", e o estimulou a prosseguir a aprendizagem, dizendo: "Você tem paciência, vamos aprender!"[208]

Ourives João Bosco em sua bancada, 2023. Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

[208] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por João Bosco Nascimento, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

Tiago Ribeiro Magalhães, jovem ourives e suçeiro de Natividade, também compartilha do pressuposto, amplamente disseminado entre eles, de que para ser ourives a pessoa "tem que ter bastante paciência".[209]

Assim, as lições do mestre, a observação e a imitação dos seus gestos, os treinamentos experimentais iniciais com o manuseio das ferramentas e dos minérios vão, ao longo do tempo,[210] como numa corrente de transmissão, formando o autocontrole corporal – incluindo o desenvolvimento, entre outras, da aptidão *paciência* – necessário para a passagem da condição de aprendiz para a de ourives. Quer dizer, o ourives é aquele que passa a trabalhar por conta própria, recebe encomendas e produz autonomamente uma joia. Em tempos passados, a se considerar a crônica de Amália Hermano sobre Mestre Juvenal, os aprendizes recebiam o título de artista depois de cinco anos de aprendizagem.[211] Nos dias de hoje, o tempo de observar, imitar e fazer os experimentos iniciais por parte do aprendiz varia muito, mas não passa de dois anos. No entanto, muitos ourives nos disseram que estão sempre consultando e pedindo opinião para os mais experientes, indicando que o tempo de aprimoramento das técnicas é mais largo do que aquele do aprendizado inicial.

A oficina de ourivesaria é o ambiente em que ocorre tanto a confecção das joias artesanais quanto o processo de transmissão do seu saber-fazer, além de ser um espaço de sociabilidade. As oficinas atuais de Natividade são instaladas em edifícios, a maioria deles, localizados no centro histórico. A sala principal da maioria das oficinas possui, logo à entrada, um balcão onde as encomendas e a comercialização das joias são realizadas; às vezes, o balcão guarda catálogos com as principais joias ali confeccionadas, ou ainda expõe joias de baixo valor monetário e bijuterias, principalmente de prata. Atrás do balcão, em salas contíguas ou outros aposentos mais distantes da entrada do prédio ficam os ourives, cada um com sua *mesa* que, por sua vez, integra um conjunto de ferramentas. Como veremos a seguir, a *mesa* ou *bancada* é o ambiente que faz simultaneamente joias e ourives.

O processo de aquisição das técnicas que formam o saber-fazer do ourives, num determinado momento, exige uma condição que é um mobiliário – a *mesa*, sem a qual não há como haver o chamado amadurecimento[212] das aptidões, ou a consolidação da prática da ourivesaria. Em várias das histórias que ouvimos sobre a formação dos ourives, a *mesa* ganha

[209] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Tiago Ribeiro Magalhães, em Natividade, TO, em 24 jul. 2023.
[210] "A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se aposse da habilidade". Sennet, op. cit., p. 336.
[211] Teixeira, op. cit., 1978, p. 18.
[212] Sennet, op. cit.

destaque, mas ocupa lugares e tempos diferentes nesses processos. Por exemplo, no passado, a *mesa* aparece junto com o *diploma de artista*[213] ao fim do tempo de aprendizagem junto ao mestre. Nos dias de hoje, as *mesas* aparecem quase sempre nos momentos iniciais do aprendizado, como aconteceu, por exemplo, nos cursos oferecidos pela ASCCUNA, por meio de projetos que, entre outras coisas, providenciou a aquisição de *mesas* para os aprendizes.

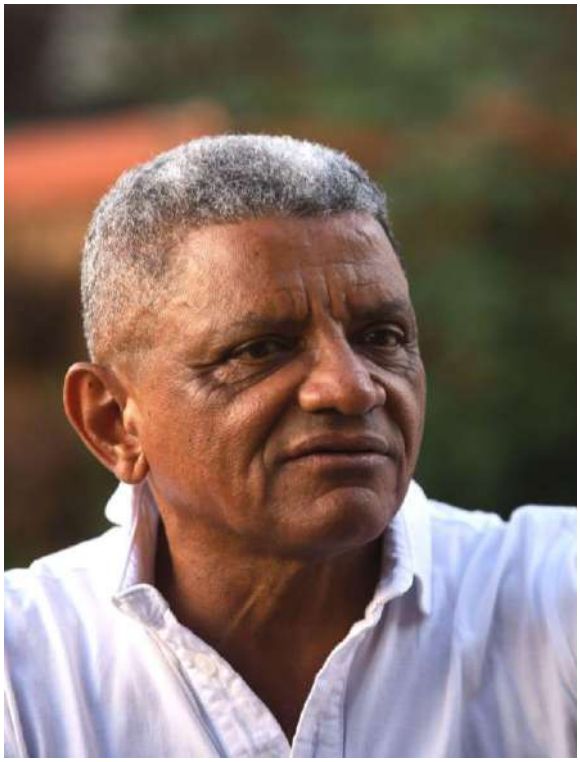
Ernanny Pereira de Menezes, que trabalha na Oficina Mestre Juvenal e aprendeu o ofício na primeira turma do curso organizado pela ASCCUNA, diz que

> a gente fala que os meninos de hoje tem a oportunidade de chegar e trabalhar na *banca*... Naquele tempo, na minha época, não tinha... Se não fosse pelo projeto [cursos da ASCCUNA] tinha que esperar, porque a loja [oficina] não tinha espaço e também não tinha as *bancadas* disponíveis.[214]

Ourives Ernnany fundindo o ouro e trabalhando em sua *bancada*, Ourivesaria Mestre Juvenal, 2023.
Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp).

[213] Cf. Teixeira, op. cit., 1978.
[214] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ernanny Pereira de Menezes, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.

Mestre Bisa, que "já não senta mais na *bancada*",[215] pois está aposentado devido a limitações na visão, contou que quando retornou de Goiânia e começou a trabalhar de ourives em Natividade juntamente com Mestre Wal, comentou com Simone Camêlo Araújo e o colega Wal que "tinha vontade de fazer umas *mesas* pra ensinar mais gente, porque a profissão que a gente tava fazendo tava acabando [...] Aí, Simone acatou a ideia."[216]



Mestre Bisa, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Antônio Luiz Alves de Souza Jr. contou ainda que, no decorrer do seu processo de aprendizagem, quando algum ourives faltava na oficina, sentava-se nas *mesas* dos "faltantes" para treinar as habilidades fazendo pequenas peças da ourivesaria:

> Eu aproveitei uma época que o Deuseílton tinha ido girar na folia [do Divino Espírito Santo], que ele gosta muito... Eu fiquei... Foi o tempo que eu mais usei a *mesa*. Aí, quando ele voltou, eu ficava assim na *mesa* de quem não ia no dia, fazia uma coisinha, fazia outra. E assim ia. Fiquei quase um ano desse jeito, sem *mesa* pra trabalhar, mas continuei [...] Aí, ganhei uma *mesa*. Foi quando eu comecei a ter a minha *mesa* pra

[215] "Não sentar mais na *bancada*" é uma forma corrente de referir-se ao ourives que já se aposentou.
[216] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

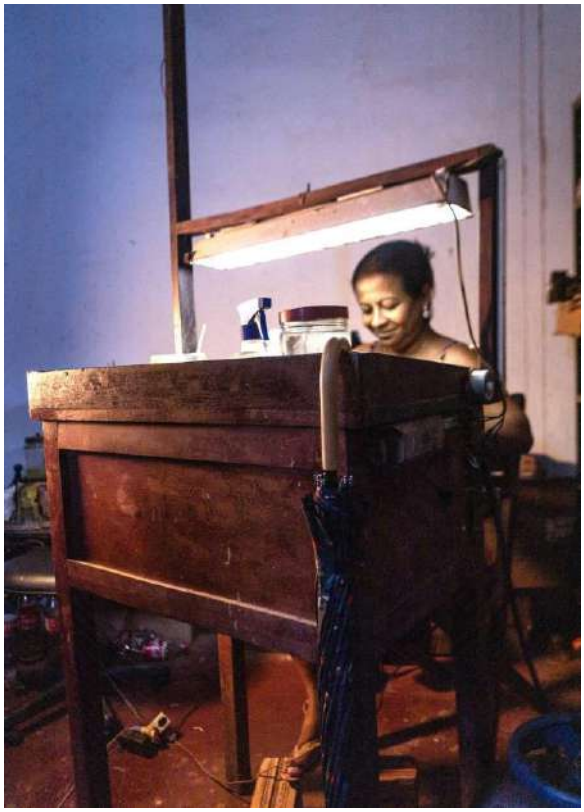
> trabalhar, porque o Deuseílton recebeu uma proposta pra ir morar fora. Aí ele foi e cedeu a *mesa* pra mim.[217]

A *mesa*, o lugar de trabalho do ourives, é um móvel com tampo, confeccionado em madeira, contendo uma gaveta de pouca altura (5cm aproximadamente), mas de extensão próxima ao tamanho do tampo, e mais outras pequenas gavetas. A gaveta maior é onde o trabalho de manipulação do metal e vários de seus processos de transformação são realizados. Nessa gaveta, usada aberta e, por isso, ficando mais próxima do corpo do ourives, são depositados os minúsculos fragmentos do ouro serrado e cortado que resvalam enquanto a matéria-prima está sendo processada. Esses restos não são desperdiçados, pois, de tempos em tempos, são recolhidos por um profissional específico que faz o uso de um ímã para guardá-los em vidros ou outros pequenos recipientes para que sejam reaproveitados futuramente.

Ourives em suas bancadas na Ourivesaria Bella Art, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Em geral, as gavetas menores são utilizadas para guardar objetos pessoais do ourives, assim como ferramentas de menor porte e mais delicadas. A *mesa* é encimada por uma estrutura também de madeira que funciona como um suporte para lâmpada fluorescente, tomadas elétricas e pregos em que se penduram alicates, pinças, lixas etc.

[217] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Júnior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.



Ourives Edilma em sua bancada, Ourivesaria Mestre Juvenal, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Quando os ourives falam da *mesa*, não se referem apenas ao mobiliário físico. Nessas falas, a expressão *mesa* supõe e integra o conjunto de ferramentas usadas para transformar chapas, pequenos lingotes e fios de várias espessuras em colares, pingentes, anéis, pulseiras etc. A *mesa* engloba o objeto de madeira, o móvel, e as ferramentas. Nesse sentido, a *mesa* constitui o ambiente que materializa os saberes de uma memória ourivesareira ancestral e o comunica às novas gerações, por meio de pequenas experiências que, ao se repetir indefinidamente, permitem aos aprendizes amadurecerem suas habilidades, criando autonomia em relação aos mestres e simultaneamente possibilitando a transferência de processos intencionais e autorais para as peças confeccionadas.

Ourives Pikeno em sua bancada, Ourivesaria Vivi Jóias, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Sentar-se na *mesa*, ter acesso a ela, na maioria das vezes, marca a passagem da condição de aprendiz para a de ourives. Ter uma *mesa*, sentar-se nela equivale à obtenção de um diploma que autoriza a pessoa a se posicionar como ourives; é quando se começa a trabalhar por *conta própria*, seja numa oficina de sua propriedade, ou dividindo espaços (mas não a *mesa*) com outrem. Nos dois casos, o mais usual é o ourives trabalhar por *conta própria*, quer dizer, quando ele adquire a matéria-prima para confeccionar suas encomendas e receber o dinheiro de seu trabalho. Na maioria dos casos em que a oficina tem mais de um ourives trabalhando, são divididas as despesas comuns de aluguel, eletricidade e equipamentos utilizados coletivamente, como maçarico, cilindro de gás, fieira, entre outros.

Comumente, a perícia técnica requerida a um ourives começa a ser reconhecida quando o aprendiz se senta na *mesa* ou *bancada*, isto é, quando ocupa um lugar específico dentro da oficina que não aquele de um simples observador e prestador de pequenos serviços para os ourives veteranos. Pode-se, então, dizer que a *mesa* constitui ontologicamente o ourives como artista, pois nela o aprendiz tem à mão não somente a *bancada* onde apoiar o conjunto de ferramentas necessárias para a produção da joia, mas também a base material sobre a qual as transformações da matéria-prima em artefato ocorrem. Essas transformações terminam também por moldar o ourives, ao forjar gestos e posturas no corpo e na mente daquele aprendiz que se dispôs a ser iniciado por um mestre joalheiro. Nesse sentido, a *mesa* totaliza o ourives no sentido do seu aprendizado, pois contém as ferramentas, os instrumentos e a memória do saber-fazer.

Como vimos, a *mesa* é adquirida pelo próprio ourives, por sua família ou ainda por herança de mestres depois de falecidos. O caso que descreveremos a seguir refere-se à uma

mesa que foi doada duplamente, reforçando o que parece ser definidor de uma linhagem profissional que reafirma os laços familiares e de amizade, mas também entre os artífices.

Segundo conta Amália Hermano, "quando Leopoldo [Hermano] morreu, sua filha Eunice presenteou Altino com peças e ferramentas do seu pai: laminador, fieira, bigorna, martelo, maçarico, fole, limas, serras, brocas, cadinhos".[218]

Durante o trabalho de campo, Simone Camêlo Araújo nos contou que, após a morte de Altino de Sena, sua mesa foi doada para a Oficina Mestre Juvenal, o que significa que, pelo menos, uma parte das ferramentas de Leopoldo Hermano "retornou" para o circuito produtivo de Natividade, uma vez que Altino, embora tenha aprendido o ofício nesta cidade, atuou primeiramente em Porangatu, depois na Cidade de Goiás e em Anápolis, no estado de Goiás.

A imersão em campo, tanto nas entrevistas com os ourives, quanto na pesquisa documental, nos possibilitou compreender os sentidos que a *mesa* adquire no contexto da ourivesaria nativitana. Simone continuou explicando:

> Seus filhos preservaram a *mesa.* Quando o senhor Altino morreu, os filhos doaram o conjunto de ferramentas próprias para a confecção da *peixa* para a Oficina Mestre Juvenal. O Wal pegou essas ferramentas e construiu um conjunto semelhante, baseado nelas.[219]

A doação da *mesa*, ao que parece, propiciou não só a transferência de ferramentas, mas também a transmissão do saber-fazer de um ourives para outro.[220] Este não seria o caso da preservação dos instrumentos e técnicas da confecção da *peixa*, repassadas de Leopoldo Hermano para Altino de Sena que chegaram ao conhecimento de Mestre Wal? Ao ter acesso ao legado daquela doação (hoje presentes no Museu Histórico da cidade), Mestre Wal pôde copiar e adaptar, como ele próprio diz, as ferramentinhas para fazer a *peixa*. Atualmente, é um dos ourives de Natividade que segue, como Aureliano Buendía, transformando "as duras lâminas de metal [...] em escamas douradas [...] em peixinhos de ouro".[221]

---

[218] Teixeira, op. cit., 1978, p. 18.

[219] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.

[220] "Um objeto – pode ser uma pedra ou um pedaço de madeira – torna-se uma ferramenta ao ser associado a uma técnica, e as técnicas, como vimos, são propriedades de sujeitos habilidosos [...] Assim, a ferramenta não é um mero complemento mecânico do corpo, servindo para intregar um conjunto de comandos emitidos pela mente; ao invés disso, estende à pessoa inteira [...]". Ingold, Tim. The Perception of Environment: Essays on Livelihood, dwelling and Skill. London: Routledge, 2021, p. 319 (Tradução livre).

[221] Márquez, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. 41. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995, p. 186.

8 Produção, circulação e consumo das joias artesanais de Natividade

A ourivesaria de Natividade é um bem cultural brasileiro atrelado à história do norte Goiano e representa a diversidade de identidades e memórias da população nativitana e do Tocantins. As joias são artefatos simbólicos que circulam nos mais variados contextos sociais, políticos e culturais em que seus portadores vivem, seja em casa, no trabalho ou nos momentos de diversão, com prevalência acentuada no cotidiano das manifestações culturais tradicionais, como os festejos religiosos. Para o ourives Júnior, suas encomendas aumentam na "época que antecede o festejo do Divino, Senhor do Bonfim, Padroeira, Dia dos Namorados, Dia das Mães e festas de fim de ano [...]".[222] Suas palavras demarcam uma espécie de perenidade do uso das joias associado à cultura de Natividade e região Sudeste. No mesmo sentido, o Mestre Bisa relata a frequência e os motivos das encomendas e vendas:

> Nós estamos numa cidade de festas tradicionais, festas folclóricas. Tem a do Divino, da Padroeira... Então, o pessoal vai às festas de final de ano [...] Faz mais encomendas pra essas datas. "Eu quero uma joia pra eu usar na festa do Divino. Eu quero uma joia pra eu usar no Bonfim" [...] Mas compra é diária, mensal.[223]

No mesmo sentido, a nativitana Tânia Cerqueira também assinala essa preferência pelo uso das joias nas festas tradicionais:

> Nas festas tradicionais a gente sempre usa. Na Festa do Divino, na Festa da Padroeira, um aniversário, um baile… Mas, assim, normalmente [...] no dia a dia eu uso as mais simples.[224]

[222] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Junior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.
[223] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023. Relativamente à Romaria do Bonfim, a dificuldade no uso diz respeito a questões de segurança, dado ser um momento de romaria que congrega milhares de pessoas das mais diversas proveniências, inclusive de outros estados. Todavia, a equipe observou, enquanto acompanhou a romaria em 2023, que há um uso generalizado de joias artesanais "mais simples", conforme a classificação de Tânia Cerqueira.
[224] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, em Natividade, em 11 jul. 2023.

Uso do brinco *peito de moça* em pouso de folia da Festa do Divino de Chapada da Natividade, 2023.
Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

A ourivesaria também tem uma dimensão propriamente comercial. Se a instalação da colonização portuguesa e a criação de atividades produtivas em Natividade e demais áreas mineradoras do Norte Goiano tiveram fortes razões econômicas, como vimos anteriormente, a ourivesaria não poderia deixar de refletir, a seu modo, lógicas de consumo conectadas às demandas materiais da economia e às tendências e preferências de mercado em voga nas diferentes temporalidades de circulação social das joias.

Na maior parte de sua trajetória no século XX, o consumo das joias artesanais, feitas pelos antigos mestres, tais como Vicente Nunes, Juvenal e seus discípulos, Uaci e Jesumar, se pautava em motivos principalmente religiosos[225] e no gosto feminino. O Mestre Jesumar relata o seguinte: "Juvenal já dizia: 'Enquanto existir mulher, ourives não passa fome', porque mulher é vaidosa e gosta de joia. [...] Nós pegávamos encomendas aqui da região todinha de Arraias, Natividade, Conceição, de Peixe e Porto Nacional."[226] Até os anos 1990, com a autonomia do estado do Tocantins, associada ao processo de renovação da ourivesaria nativitana levado a cabo pela ASCCUNA, a circulação cultural e comercial das joias ocorria quase que apenas localmente e regionalmente. Para o Mestre Bisa, algumas condições técnicas estavam implicadas nesse cenário mais restrito: "Elas [as joias] eram vendidas mais aqui mesmo. Porque [...] o pessoal parece que é... uma mão de obra meio lenta. Então você pega... demora a encomenda. Fica aí uns três, quatro, cinco dias pra poder entregar".[227]

[225] Iphan, op. cit., 2006.
[226] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Jesumar Batista Borges, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.
[227] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Abisania Ferreira Gomes, em Natividade, TO, em 24 jun. 2023.

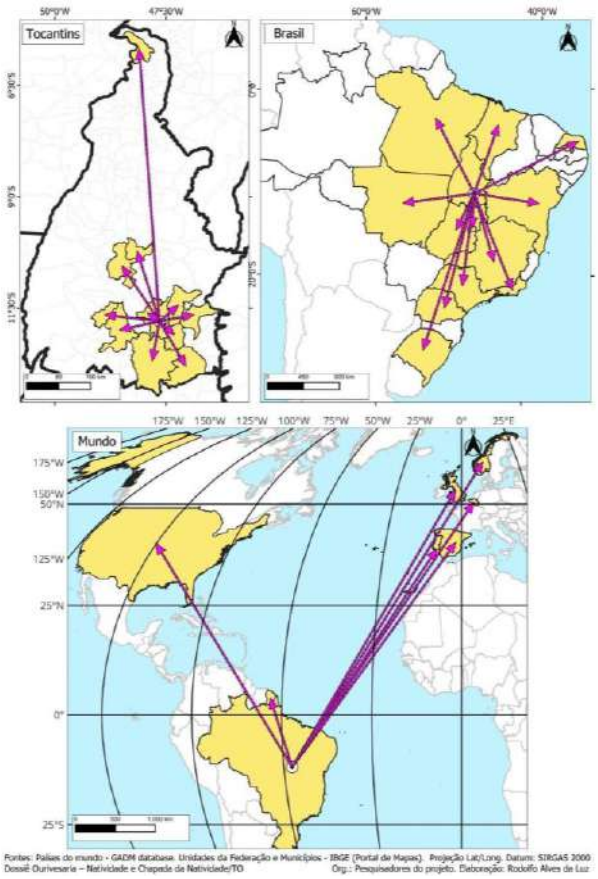
Em grande medida, Natividade, o entorno do Sudeste do Tocantins e cidades médias tocantinenses como Gurupi e a capital Palmas foram e continuam sendo mercados internos importantes das joias artesanais. Vários ourives enfatizam as frequentes vendas para clientes residentes na jovem capital fundada em 1988. Todavia, os artesãos expõem uma amplitude maior na geografia da comercialização que aumenta o dinamismo dos usos das joias.

Segundo o ourives Orleid, "geralmente o povo [...] é de Palmas, do Paraná [...] da Bahia."[228] Para o ourives Ernanny, "a maioria [dos clientes] são de Palmas" e de "Luiz Eduardo [Magalhães, BA], Goiânia, São Paulo, Brasília; Maranhão também vendo muito".[229] A ourives Janaína diz que tem "mais clientes das redondezas [...] e de Goiânia e São Paulo… Tenho mais clientes de fora do que daqui [de Natividade]".[230] O ourives Zé Leal comenta que "aqui de Natividade [há] pessoas que compram pra presentear outras pessoas, muitas vezes presentear eles mesmos que têm aquele sonho de ter aquelas joias... Mas, hoje a gente trabalha muito também com regiões circunvizinhas [e] cidades mais distantes, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, do Sul".[231]

[228] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Orleid Sérgio Pinto de Carvalho, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.
[229] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ernanny Pereira de Menezes, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.
[230] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Janaina Torres Pinto Abreu, em Natividade, TO, em 15 jul. 2023.
[231] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por José Leal Pereira da Silva, em Natividade, TO, em 11 jul. 2023.

Ourives Zé Leal mostrando joias no balcão de sua oficina, a Ourivesaria Zé Joias, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Considerando os relatos dos ourives, parte significativa das joias artesanais produzidas em Natividade são adquiridas por compradores dos municípios de Chapada da Natividade, Porto Nacional, Palmas, Dianópolis, Arraias, Conceição do Tocantins, São Valério, Almas, Araguatins, Gurupi, Peixe e Paranã, além, é claro, de Natividade. Fora do estado do Tocantins, a comercialização das joias nativitanas atinge estados como Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, São Paulo e o Distrito Federal. Relativamente ao comércio exterior, as joias já alcançaram os seguintes países: Estados Unidos, Portugal, Espanha, Inglaterra, Bélgica, Noruega e Guiana Francesa. Trata-se, portanto, de um bem cultural que circula e divulga a cultura nativitana e tocantinense local, regional, nacional e internacionalmente no compasso de diferentes rotas comerciais, como pode ser observado no mapa a seguir:



Principais destinos comerciais das joias artesanais de Natividade, 2023. Fonte: Dados da pesquisa de campo (Mapa - Rodolfo Alves da Luz).

O ourives Zé Leal aponta uma característica central dos usos contemporâneos da joalheria nativitana. Para ele e outros profissionais, presentear a outrem se configura num dos principais motivos para as compras da clientela, o que confere às joias valores afetivos e simbólicos, gesto em estreita sintonia com práticas tradicionais de consumo, principalmente em Natividade, onde a ourivesaria conforma uma economia de dádivas[232] atravessadas por diferentes intenções sentimentais. Para o ourives Júnior, são os homens os seus maiores clientes no sentido da compra. Afinados com o espírito romântico que ajuda a dar sentido hoje em dia a joias como o *coração nativo*, os "homens presenteiam mais que as mulheres, porque… assim… os homens eles compram pra mãe, pra esposa, pras filhas; as mulheres compram mais pro uso próprio."[233] Todavia, de acordo com o ourives Ernanny, que trabalha

[232] Mauss, op. cit.
[233] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Junior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.

lado a lado com Júnior, seus clientes são na maior parte mulheres. Contudo, ele ressalta que os "homens também são muito consumistas, [compram] peças mais pesadas".[234]

Como se pode perceber, o costume de presentear com joias perpassa gêneros, lugares e gerações e movimenta o fluxo comercial das ourivesarias. Os profissionais trabalham quase sempre por encomenda, pois o capital de giro das oficinas é baixo e a oferta da matéria-prima, sobretudo o ouro, nem sempre está assegurada em compasso com a demanda de produção, devido à constante instabilidade técnica e jurídica dos garimpos da região. A maior parte dos ourives ainda compra o ouro de garimpeiros da região, devido ao preço, à facilidade de acesso e ao costume consolidado em décadas de confiança recíproca, particularmente do povoado do Príncipe, Distrito de Natividade, além de Conceição do Tocantins e Almas. A ourives Janaína Abreu reforça que compra o minério "em Conceição, na Chapada, no Príncipe. Tem muita gente que vem aqui também, trazer ouro pra nós".[235]

O metal é extraído artesanalmente por meio de profundas caixas projetadas verticalmente no subsolo, que dão lugar a galerias horizontais perseguindo a direção dos veios auríferos. Dali são extraídas as rochas que posteriormente são moídas em máquinas trituradoras na superfície, que ao final de um longo processo manual e químico produzem a separação do ouro. A Ourivesaria Colonial, que é composta de oficina e loja, é uma exceção nesse sentido, pois compra a maior parte do ouro da Bolsa de Valores de São Paulo. Com relação a esse tópico, a ourives e empresária Anfrísia Cardoso descreve o seguinte:

> Porque, assim, eu nunca comprei com mineradoras. Eu comprava muito ouro com o pessoal do garimpo. Hoje pra mim não tem dificuldade nenhuma, porque também eu compro ouro em São Paulo que é pela Bolsa de Valores [...] já tem a empresa certa que eu compro, chega com nota fiscal. Eu não tenho problema com isso.[236]

[234] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Ernanny Pereira de Menezes, em Natividade, TO, em 13 jul. 2023.
[235] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Janaina Torres Pinto Abreu, em Natividade, TO, em 15 jul. 2023.
[236] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Anfrísia Pereira Cardoso, em Natividade, TO, em 24 jul. 2023.

Ourives e empresária Anfrísia mostrando modelos inovadores de joias tradicionais (*coração* em filigrana), na Ourivesaria Colonial, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Com relação à divulgação, os ourives são praticamente unânimes em ressaltar, além da costumeira transmissão oral informal – o popular "boca-a-boca" – a importância fulcral das redes sociais, com destaque para o Instagram, a principal rede utilizada, o Whatsapp e o Facebook. Com exceção do ourives João Bosco, que alegou preocupações de segurança, os demais profissionais possuem perfis virtuais individuais. Algumas ourivesarias têm perfil institucional de loja, como a Ourivesaria Colonial. Nesses meios virtuais, os ourives expõem sua arte e gerenciam os contatos com antigos e novos clientes: "Hoje eu trabalho sob encomenda por meio de WhatsApp e Instagram. Às vezes eu já tenho um cliente lá em São Paulo, 'ah, passei seu contato pra fulano, vai te procurar'. Assim, vai o mundo todo".[237]

[237] Idem, ibidem.

Ourivesarias de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

Com relação aos desafios para a sustentabilidade econômica, legal e ambiental do arranjo produtivo local que cerca a ourivesaria de Natividade, podemos elencar pelo menos duas ordens de fatores. São eles o desenvolvimento do espírito associativista entre a categoria dos ourives e o equacionamento de garantias econômicas, ambientais e jurídicas de suprimento da principal matéria-prima utilizada nas oficinas, o ouro.

Não existe, até o momento de conclusão deste Dossiê, uma entidade representativa específica dos ourives de Natividade. A categoria possui um assento no Conselho da ASCCUNA, mas carece de uma estrutura organizacional própria. A ASCCUNA, de acordo com Simone Camêlo Araújo, por sinal, foi criada como entidade ecumênica reunindo vários segmentos de profissionais artesãos autônomos da cidade como estratégia de arregimentação de setores historicamente atomizados e isolados politicamente em suas atividades. O ourives Pikeno comenta sobre as demandas possíveis de uma associação:

> Pra mim eu achava que deveria ter mais diálogo. Porque realmente os ourives de Natividade [...] não estão sabendo compartilhar as informações que têm… E agrupar o grupo, entendeu? [...] E em questão de [...] suporte, por exemplo, financiamento… Você precisa financiar um maquinário? Você precisa fazer uma viagem? Não tem um suporte, entendeu? [Você] precisa [...] chamar alguém lá de fora que sabe fazer outro tipo de peça

> […] Isso também poderia ser implementado. [...] Então uma Associação com esse tanto de ourives ia ser muito bem-vinda pra melhorar pra nós. Porque aprender novas técnicas também é bem interessante.[238]

Além dele, outros ourives informaram sentir necessidade de uma associação que organizasse seus interesses e os represente em editais e na proposição de demandas perante o estado e entidades de fomento. Todavia, as poucas ações intentadas nesse sentido não prosperaram, por motivos de ordem cultural relacionadas a aspectos da cultura política local e à relativa precariedade de algumas das instituições públicas e dos órgãos representativos em geral, como as instituições dos poderes executivo e legislativo local, entre outras, além de diferenças de pensamento e de trajetória entre os próprios ourives quanto a esse tópico.

Ourives na Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).[239]

Com relação ao acesso à matéria-prima, principalmente o ouro e, em menor medida, a prata, há desafios para aquilatar a problemática da origem do minério que chega às oficinas. A maior parte do ouro é comprada de garimpeiros da região que são denominados pelos ourives

[238] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Valdomilson Patrício Pereira, em Natividade, TO, em 12 jul. 2023.
[239] Da esquerda para a direita: José Ricardo, Deuseilton, João Carlos, Pikeno, Juan, Orleid, Heric, João Bosco, Wal, Jesumar, Bisa, Uardon, Ernanny, Zé Leal, Edilma, Júnior, José Eduardo, Kaik e Rodrigo.

de “pequenos”. Em garimpos tradicionais nas cercanias de Natividade, como no Distrito do Príncipe, e em lavras garimpeiras de municípios vizinhos como Almas e Conceição, trabalham dezenas de homens que diuturnamente exploram os recônditos do subsolo. E assim, em “caixas” verticais de grandes profundidades, garimpeiros e suas picaretas acompanham o rumo dos veios auríferos que conduzem a incontáveis galerias.

Muitos desses garimpos são clandestinos, e aqueles que eventualmente conseguem regularização formal vivem em permanente estado de incerteza jurídica. Também existe a extração de ouro no leito de rios como o Manoel Alves com o uso de dragas e maquinário pesado, atividade totalmente vetada pela legislação, diferentemente dos garimpos em terra firme, que podem ser regularizados – embora isso nem sempre aconteça.

Trata-se de uma atividade perigosa, insalubre e cercada de fiscalização e repressão de órgãos de controle do estado, sobretudo o Ministério Público Federal e o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins). Simone Camêlo Araújo descreve como se dá o acesso à matéria-prima aos ourives de Natividade e reflete sobre os problemas contemporâneos dessa relação:

> Então, hoje o ouro tá mais difícil [...] porque o mercado fornecedor de ouro [para] Natividade era o garimpo do Príncipe e da Chapada, que eram os fornecedores principais. A Chapada industrializou [...] e você não sabe a quantidade de ouro que sai, a quantidade que fica… Praticamente não fica [porque] vai para o mercado da bolsa [...] Quem [...] fornece para a ourivesaria são os garimpeiros, os pequenos garimpeiros [...].[240]

[240] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Simone Camêlo Araújo, em Natividade, TO, em 16 jul. 2023.

Ouro em pó amalgamado em ourivesaria de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Alegando dificuldades burocráticas e custos para legalizar os garimpos, muitos garimpeiros permanecem na ilegalidade ou desenvolvem o trabalho de garimpagem de ouro sazonalmente nos mais diversos recantos do Sudeste tocantinense de maneira informal e em sintonia a outras atividades produtivas, como a pecuária e o trabalho em fazendas de soja. Os "pequenos", como são definidos na linguagem dos ourives, são contrapostos aos "grandes", ou seja, às empresas mineradoras privadas de estrutura industrial que se instalaram na região nos últimos anos. Com abundância de recursos e poder econômico e político, empresas como a Engegold (capital brasileiro), em Chapada da Natividade, e a Aura Minerals (capital canadense), em Almas, passaram a imprimir novo ritmo à extração do ouro na região nos últimos anos. Esse processo é relatado pelo ourives Júnior:

> Aumentou bastante as mineradoras. Na Chapada [da Natividade] tinha um garimpo que tinha um fornecimento de ouro bem grande, transformou em mineradora. Em Almas tinha também, agora já são mineradoras. Isso diminui a questão do ouro que fica na região, porque a mineradora não vende de pouco. Elas [mineradoras] extraem o ouro, purifica e vende pra fora [...] Transformam em barras de ouro pra investimento, [pra] banco, casa de penhores [...]. É uma boa forma de investimento, comprar o ouro e deixar lá [...] O ouro que tá ficando na região [...] são de garimpos, de pessoas que sabem onde tem [...]. Aí diminuiu um pouco [a oferta de ouro para os ourives].[241]

Os grandes empreendimentos diminuem os pequenos garimpos ao drenar a mão de obra. Em que pese o relativo incremento da renda dos moradores e no caixa de municípios pequenos como Almas e Chapada da Natividade, a maior parte do lucro dessa atividade não permanece nos municípios (ou, quando permanece, geralmente fica concentrada em poucas mãos), pois o afluxo real de recursos por meio de impostos e comércio é no mais das vezes fugaz e episódico – conforme aconteceu em Almas no início da década de 1990, durante a passagem da empresa Vale do Rio Doce (que minerou por alguns anos onde hoje está localizada a área de exploração da Aura Minerals, especialmente a mina do Paiol), que foram rápidas e intensas e tiveram pouca relevância para o desenvolvimento do município no médio e longo prazo. Nesse sentido, seus resultados não fazem girar a roda econômica local de forma duradoura e sustentável. É fato que tal característica (parca contribuição à economia

[241] Entrevista concedida para a equipe do Dossiê por Antônio Luiz Alves de Souza Junior, em Natividade, TO, em 14 jul. 2023.

local) se aplica também aos garimpos tradicionais. Os municípios do Sudeste tocantinense jamais tiveram seu panorama econômico modificado estruturalmente e em larga escala pelo segmento minerador. Essa é a realidade de praticamente todos os municípios mineradores da região, principalmente Almas, Chapada, Conceição do Tocantins e Natividade.

No que diz respeito à ourivesaria, no entanto, as empresas, por trabalharem com a comercialização de ouro tão somente por quilo em quantidades grandes e tabeladas – que se destinam sobretudo para reservas monetárias nas bolsas de valores internacionais e de São Paulo, no Brasil –, não estão habilitadas e aparentemente, até o momento (2023), não têm interesse em vender para os ourives que, por sua vez, pelas características de sua produção, têm pouco capital de giro e frágeis condições de investir em grandes quantidades de minério.

Há denúncias das contradições e problemas nas atividades desse setor. Elas são realizadas em mecanismos formais, como nos órgãos de justiça e de defensoria pública, e informais, pela voz de movimentos sociais em manifestações e protestos em audiências públicas de casas legislativas, reportagens de imprensa e nas redes sociais. Apontam-se irregularidades e deficiências nos processos de licenciamento ambiental e os potenciais impactos em termos de degradação ambiental (no presente e no futuro) da exploração das grandes mineradoras,[242] principalmente a contaminação de cursos d'água e lençóis freáticos por produtos químicos e rejeitos.[243] Pela ótica do desrespeito e violação dos direitos humanos, são também denunciados os processos de construção e aplicação de protocolos de consulta das empresas às populações rurais e povos tradicionais afetados direta ou indiretamente pelos grandes projetos minerários, em aspectos como segurança e saúde pública, particularmente entre as comunidades quilombolas da bacia do Rio Manoel Alves.[244]

[242] Conferir: <https://www.cbntocantins.com.br/programas/cbn-tocantins/cbn-tocantins-1.318013/moradores-da-chapada-da-natividade-reclamam-de-poeira-gerada-por-mineradora-1.2499291>.

[243] Um dos únicos estudos científicos sobre a relação entre a mineração de ouro e questões de saúde pública na região foi feito em Chapada da Natividade na dissertação de Seyna Mendes (2017). Em sua pesquisa, foi analisado o teor de mercúrio no cabelo de crianças expostas a esse minério vaporizado em áreas vizinhas (principalmente quintais de residências) de garimpos artesanais de Chapada. Apesar de haver maior teor mercurial em indivíduos expostos ao minério (em relação a indivíduos não expostos) nesta amostragem, as taxas não excederam a concentração máxima (normal) recomendada por agências internacionais de saúde para exposições ocasionais. Apesar desse resultado, a autora ressalta a necessidade de outros estudos sobre o tema no Tocantins. Destacamos a necessidade de extensão de estudos sobre esse tema para outras atividades minerárias, sobretudo a exploração de calcário, hoje em dia a modalidade de mineração dominante em Natividade.

[244] A Aura Minerals, que começou as atividades de extração de ouro em 2023, prevê que a viabilidade produtiva e econômica das minas em Almas deva durar cerca de 17 anos. A empresa alega trabalhar com princípios ESG voltados ao meio ambiente, comunidade e governança. Cf. Fornari, Mara. Aura inicia ramp-up do Projeto de Ouro Almas, no Tocantins. *Brasil Mineral*, São Paulo, n. 430, p. 30-32 jun. 2023. Os princípios éticos e as ações da empresa, todavia, vêm sendo questionados (inclusive juridicamente) por movimentos sociais e setores governamentais voltados à proteção aos direitos humanos de povos tradicionais do Tocantins, como a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins (COEQTO). A esse respeito, cf. <https://conexaoto.com.br/2023/11/07/quilombos-denunciam-impactos-da-mineracao-no-Sudeste-do-tocantins-

Na condição de bem cultural, a ourivesaria de Natividade é um "espaço de lutas simbólicas" cortado "transversalmente por questões de ordem política".[245] O edifício colonial luso-brasileiro e as formas culturais que dele derivam, como a dominação da língua portuguesa, as leis, as edificações, os costumes, os regramentos morais, a religiosidade, as festas populares católicas e a própria ourivesaria tiveram como condição de possibilidade a obliteração violenta e radical de povos e culturas indígenas e o uso disseminado da escravidão africana. Contemporaneamente, a realidade conflitual e complexa da mineração aurífera no Sudeste do Tocantins constitui um desafio para a ourivesaria de Natividade, que, como expressão do patrimônio cultural brasileiro, deve representar e contribuir para favorecer o "desenvolvimento sustentável",[246] tal como preconizado pela *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, acordo internacional da qual o Brasil é signatário.

A ourivesaria nativitana, em que pese as contradições do processo histórico que lhe deu ensejo e que, em muitos sentidos, permanecem vivas como "passados presentes",[247] como o racismo, foi lida e apropriada pelas classes populares, sobretudo por africanos e seus descendentes como uma exteriorização possível de resistência, liberdade e dignidade humana. De Mãe Ana a dona Dizinha, dos passos da suça aos pilares da Igreja do Rosário dos Pretos, as joias iluminam a paisagem cultural do Tocantins como reinvenções. Nesse sentido, os sujeitos envolvidos na salvaguarda do bem cultural ourivesaria de Natividade, TO, reunindo os diferentes atores sociais e institucionais que lhe dão o suporte material (detentores do bem, agentes estatais e da iniciativa privada), deverão assumir a responsabilidade coletiva de discutir e conciliar a mineração de ouro com a sustentabilidade socioambiental, de modo a promover os direitos culturais como direitos inerentes à vida humana e não humana.

---

ao-governo-federal>. e <https://reporterbrasil.org.br/2024/05/mineradora-estudo-ambiental-antigo-ignora-quilombolas-to/>.

[245] Barbosa, Frederico. Direitos humanos, patrimônio cultural e políticas públicas. In: Soares, Inês Virgínia Prado; Cureau, Sandra (org.). *Bens culturais e direitos humanos*. São Paulo: Edições Sesc, 2015, p. 89-90.

[246] Unesco. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Tradução do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Paris: Edições Unesco, 2006 [2003], p. 4.

[247] Abreu, Martha; Mattos, Hebe; Dantas, Carolina V. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. *Antíteses*, Londrina, v. 3, n. 5, p. 21-37, 2010.

9 Epílogo - De mãos dadas com Dizinha

Dia do Bonfim Candeia, dona Dizinha, personagem que abre este Dossiê, com *performances* excepcionais, foi um guião da pesquisa sobre a ourivesaria de Natividade. A clareza com que mostrou sua importância, com seus enraizamentos, hibridismos e atualidade na cultura nativitana são de uma riqueza ímpar. Em poucas, mas expressivas palavras, e com uma retórica altamente pedagógica, nos entregou "de mão beijada" chaves interpretativas relevantes da história cultural de Natividade. Com frases e gestos lapidares, ela jogou luz no processo histórico-cultural, como uma exímia artista-ourives da vida social nativitana.

Como já indicado no Prólogo, ela esteve presente em dois momentos significativos da pesquisa. No primeiro deles, atendeu de pronto ao convite para participar do Ensaio Fotográfico, no mês de julho de 2023, e, mais tarde, em setembro do mesmo ano, participou da abertura da exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem;* um evento[248] que expôs as fotos do Ensaio Fotográfico e de outros momentos da pesquisa de campo, numa espécie de primeira devolutiva da pesquisa à comunidade. Nos dois momentos em que esteve com a equipe ela encenou, como num ritual, itens elementares da cultura nativitana do ponto de vista da ourivesaria que ali é produzida, criando não só artefatos, mas também signos importantes do conjunto dos marcadores identitários dos moradores da cidade e da região.

No dia em que foi ao Escritório do Iphan para ser fotografada, Dizinha trazia integrada à sua vestimenta brincos de ouro do modelo *teta de moça*, tesouro que trazia nas orelhas desde que os tinha ganhado da mãe de criação, aos 19 anos de idade, conforme nos contou na ocasião. Completavam o conjunto de seus ornamentos algumas peças em prata: um anel *mãozinhas dadas* e uma corrente com duas medalhinhas de santo. Sem que lhe perguntássemos ou fizéssemos menção a essa ornamentação corporal, ao final desse encontro, olhando para os céus e com as mãos postas, exclamou: "Estou passando à rainha,[249] cheia de dinheiro no corpo". Finalizou esses agradecimentos, com mais uma pérola retórica: "Obrigada, meu Deus, por estar pegada no ouro do Juvenal!".

Numa visível demonstração de alegria por compartilhar da pesquisa, base deste Dossiê, se deixando fotografar com sua coleção particular de joias, nos presenteou com essas expressões iluminadas sobre a ourivesaria de Natividade, mostrando-se uma autêntica

[248] Conferir: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/33087-moradores-de-natividade-to-comentam-exposicao-fotografica-que-exalta-a-cultura-local-atraves-das-joias-artesanais>.

[249] No norte de Portugal, especialmente em Viana do Castelo, é muito usada a joia filigranada brincos *à rainha*, cuja nomenclatura alude a uma provável visita de D. Maria II à cidade em 1852. Segundo Rosa Mota, são considerados os pendentes de orelha mais aparatosos do ouro popular. Cf. Mota, op. cit., 2021. Esta nota é apenas para chamar a atenção para as aproximações das expressões *passar à rainha* no Tocantins e em Portugal.

intérprete dos processos culturais locais, dos quais é parte integrante. Dessa forma, *de mãos dadas* com Dizinha e nos deixando levar pelo fulgor das palavras que ela proferiu para *dizer* de como se sentia usando as joias nativitanas, adentramos o universo dos festejos religiosos, das oficinas de ourivesaria, do cotidiano e da memória social e da documentação histórica da região para adensar etnograficamente alguns dos significados contidos nos ditos, considerados como abracadabras semânticos: "estou passando à rainha, cheia de dinheiro no corpo".

"Passar à rainha" é estar "com dinheiro no corpo". São formas de enunciar o valor atribuído à materialidade aurífera, criando jogos de equivalência entre ouro e realeza, ouro e dinheiro, ouro e poder, ouro e identidade. Expressões locais, altamente significativas, derivadas de histórias mobilizadoras da mineração colonial que se estendem aos dias atuais.

A relação colônia-metrópole do passado certamente é trazida nessas evocações em que o uso de joias de ouro alude à posse de dinheiro e a posição majestática de reis e rainhas que foram e continuam sendo imagens saturadas de noções de riqueza, poder e dignidade, como nos reinados e congadas do sertão que o Tocantins também guarda. E mais do que a história colonial brasileira, desde tempos imemoriais, não só no ocidente, mas também em muitas sociedades orientais, o ouro ocupa um lugar central nessas equações que fazem dos bens "a parte visível da cultura".[250] É medida de valor de riqueza. É a isso que Dizinha se refere, pois ao usar sua coleção de joias sente-se *como se* fosse rainha, com o corpo cheio de dinheiro. Um empoderamento simbólico, propiciado pelo corpo ornamentado de ouro e prata.

Ao completar a sequência das expressões usadas para falar da sua alegria de sentir-se "passando à rainha" – referindo-se a essa quase universalidade do valor do ouro – ela o singulariza ao especificar que o "dinheiro que trazia no corpo" era por estar "pegada no ouro do Juvenal!" Quer dizer, a riqueza que trazia pegada no corpo, "não como uma luva, mas como uma pele",[251] era muito mais do que o ouro em si, medida de riqueza que ele carrega por si só. Não, ela estava "pegada no ouro do Juvenal", o minério transformado em joia pelas mãos do ourives-artista e mestre mais reverenciado da história da ourivesaria de Natividade. O mestre Juvenal Rodrigues que, como vimos, teve seus nome e ensinamentos emprestados a um importante projeto de preservação deste bem cultural, a Oficina Mestre Juvenal.

É bem provável que essas demonstrações de contentamento fossem, a princípio, derivadas do convite para ser fotografada com seus ornamentos. Ali, no cenário que foi construído para realizar o ensaio, no edifício que abriga o Escritório Técnico do Iphan, ela viu

[250] Douglas; Isherwood, op. cit., p. 114.
[251] Id., ibid., p. 126.

uma oportunidade de exibir seu tesouro – especialmente o brinco *teta de moça* – a um público diferente, para além das oportunidades tradicionais vivenciadas nos encontros festivos do Divino Espírito Santo, da padroeira Nossa Senhora da Natividade e da romaria do Senhor do Bonfim. O cenário improvisado seria um lugar a mais de se mostrar aos outros (e de se ver) como "rainha". E quem sabe até deixar seu registro fotográfico para a posteridade!

Não sendo alguém de posses e não pertencendo a classes abastadas, Dizinha experimenta, com suas efusivas palavras e os gestos de ornamentar seu corpo com as joias, o sentimento de pertencimento comunitário, afirmação identitária e de sutil resistência diante de uma sociedade que historicamente desenvolveu mecanismos de denegação de negros e pobres. Lugares de onde ela veio. Lugares de onde ela lê a sociedade nativitana.

O segundo momento singular em que a encontramos foi na abertura da exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*, montada em espaço aberto, na praça Leopoldo de Bulhões, no centro histórico de Natividade, com as fotos do ensaio, inclusive com uma foto dela. E qual não foi nossa surpresa ao encontrá-la nesse dia! Dizinha estava com brincos diferentes! Nas orelhas, trazia reluzentes brincos *flor de maracujá*, e não o tradicional *teta de moça*, que a acompanhava há quase setenta anos! Diante da mudança surpreendente do adorno das orelhas, perguntamos o que havia acontecido com seus brincos *teta de moça*.

Dona Dizinha com seu novo brinco *flor de maracujá*, em Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Com a espontaneidade singular com que se expressou no primeiro encontro, ela respondeu que havia pedido a um dos ourives da cidade para derretê-los e fazer um brinco novo. Em seguida, explicou as razões da decisão: estavam muito velhos e queria algo que as

meninas de agora estão usando, queria ficar mais bonita. Por isso, com o ouro obtido do derretimento do *teta de moça,* escolheu o modelo *flor de maracujá*, de uso corrente nos dias de hoje pelas nativitanas de variadas idades. Pelas mãos de José Leal, um dos ourives mais renomados da cidade, a joia que ganhara de presente de sua mãe de criação há muitos anos sofreu uma transformação radical para se ajustar às tendências estéticas atuais: o *peito de moça* virou uma *flor de maracujá*, confeccionada com a técnica da filigrana. Em ouro ou prata, é uma das joias mais populares, seja como brinco, pulseira, anel ou pingente.

À esquerda, o ourives Zé Leal observa seu filho na Festa do Divino de Chapada da Natividade, durante exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*; à direita, Zé Leal e sua esposa Cássia Tavares na mesma ocasião. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Rafael Trapp e Daniel dos Santos).

A *performance* de Dizinha – fruto de ações que aconteceram no interior da pesquisa de campo e provavelmente agenciadas por ela – nos trouxeram interpretações expressivas do uso de joias pelos nativitanos, pois sintetizaram muitos dos códigos culturais produzidos na história da região cuja fundação se deveu ao empreendimento minerador do período colonial brasileiro. Pensamos ter demonstrado isso nos capítulos centrais do Dossiê.

A transformação dos seus brincos *teta de moça* em *flor de maracujá* não apenas produziu efeitos na sua autoestima, por trazê-la identificada com as joias filigranadas, mas também informa sobre processos democratizantes operados naquela sociedade e entrevistos na produção artesanal da ourivesaria contemporânea.[252] O primeiro deles é observado na

[252] A ourivesaria portuguesa, especialmente a da região norte do país, denominada de *ouro popular*, entre outras semelhanças com a ourivesaria nativitana, revela também as mudanças na estrutura hierárquica da sociedade lusitana: "Nas cidades, o ouro popular era consumido pelas populações urbanas de estamentos mais baixos, deslocadas da sua origem situada no campo, principalmente as mulheres e filhas dos camponeses parciais – aqueles que exportavam mão de obra para as cidades, sem nunca perder o vínculo à terra. [...] Uma outra característica importante e indissociável do ouro popular é a sua inegável ligação à reserva de valor, pois todos os grupos sociais que a utilizaram fizeram dela, em maior ou menor escala, uma forma de aforro, constituindo pecúlios que ajudariam em épocas de necessidade ou que se transmitiriam às gerações seguintes. Muitas das suas

generalidade do uso da *flor de maracujá.* As "flores" são confeccionadas com armações preenchidas com os fios muito finos de ouro ou prata – as filigranas, traço distintivo da joalheria nativitana –, o que diminui a quantidade do metal, comparativamente a uma peça feita em chapa. Com isso, os ornamentos de ouro ou prata ficam mais baratos.

Ao mesmo tempo, a técnica da filigrana, orgulhosamente identificada pelos ourives e pelos moradores como herança portuguesa, é tida por uma arte refinada que compensaria a quantidade menor do ouro da peça. Refinamento que se obtém pelas habilidades manuais-artísticas dos ourives nativitanos ou radicados em Natividade. E mais que isso, joias com a técnica da filigrana não são encontradas em outros lugares no Brasil, exceto na cidade de Pirenópolis, Goiás,[253] numa joalheria que fabrica joias filigranadas em prata. Esta é mais uma razão de orgulho dos nativitanos pela ourivesaria local que consideram uma das suas principais tradições. Suas joias são inteiramente artesanais e únicas no Brasil!

Voltando às trilhas abertas por Dizinha... Em sua primeira *performance*, ela atribuiu um valor intrínseco ao seu par de brincos por estar associado "ao ouro do Juvenal", isto é, o valor do ouro daquela peça estava acrescido da arte do ourives. Não nos esqueçamos de que a coroa de 400 gramas que orna a cabeça da padroeira, Nossa Senhora da Natividade, cuja imagem é cuidadosamente guardada pela comunidade, e grande parte de *peixas*, *anelões*, crucifixos, pulseiras *escravas*, correntes de *lantejoulas*, rosários e relicários entesourados ora nos corpos ora nos baús e cofres das casas nativitanas são produtos da sua arte e expertise. Mas então, por que esse valor atribuído inicialmente à arte joalheira de Juvenal não impediu a sua decisão de mudar o modelo tradicional *teta de moça*, autorizando a dissolução dos brincos para transformá-los em *flor de maracujá*, aparentemente sem qualquer constrangimento?

Esta guinada na valorização de um modelo antigo para um atual, de um ourives de reconhecida expertise na história da ourivesaria nativitana – Mestre Juvenal Rodrigues – para um ourives contemporâneo – Mestre Zé Leal, formado na primeira turma oferecida pela ASCCUNA –, aponta para uma configuração interessante das manifestações culturais nativitanas que se encontra em processos de mudança. Descolar o "corpo cheio de dinheiro" que se encontrava "pegado no ouro de Juvenal" para colar no "ouro do Zé Leal", é uma leitura possível que Dizinha propõe para pensarmos os processos de formação e transformação dos

peças encontram-se intimamente ligadas à religião católica, outras funcionam como amuletos e outras são apenas ornamentos. O seu uso determinava crenças e superstições, enquanto estabelecia estatutos sociais e económicos entre os seus usuários. Ligado ao povo, na sua essência, o ouro popular revelou-se transversal pois, de uma forma ou de outra, foi utilizado por todas as camadas sociais e em todas as décadas, desde finais do século XIX, até aos anos 80 do século XX". Cf. Mota, op. cit., 2020, p.37-38.

[253] Cf. <https://www.instagram.com/ateliedafiligrana/>.

bens e referências do patrimônio cultural brasileiro. A tradição joalheira de Natividade, depois de quase desaparecer, entre outras razões, por falta de ourives que transmitissem seus conhecimentos às novas gerações, passa por significativas transformações. Democratiza-se por abrir as oficinas e o ofício de ourives, integrando os menos favorecidos historicamente na regisão Sudeste do Tocantins – negros e mulheres – e mudando a valorização tipológica que resultou numa maior acessibilidade da população ao uso das joias artesanais.

É possível constatar essas mudanças nos depoimentos expressos de Dizinha. Ela nos mostra o enegrecimento das mãos que produzem atualmente as joias nas sete oficinas de Natividade. Enegrecimento que resultou de perspectivas inclusivas gestadas pela ASCCUNA que procurou, por meio da ourivesaria, oferecer oportunidades de trabalho para os cidadãos de famílias com menor poder aquisitivo em Natividade, através da oferta de cursos e da profissionalização de muitos jovens, que hoje trabalham por conta própria e ensinam às novas gerações a arte da joalheria artesanal.

Diferente então de Mestre Wal e do Mestre Bisa – que aprendeu as artes da ourivesaria nativitana em Goiânia, talvez por ser negro e não encontrar acesso a uma oficina em Natividade nos tempos de sua juventude –, no alvorecer do século XXI, os aprendizes do ofício da ourivesaria foram em sua maioria negros e negras de origem social nas classes de menor poder aquisitivo. Eles, os ourives, juntos aos cidadãos nativitanos e tocantinenses, são os detentores do bem cultural ourivesaria de Natividade, TO.

Ourives Uardon posiciona pote de barro a pedido de Dona Dizinha em sua cabeça, durante a exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Dessa forma, o passado colonial do lugar se reinventa e traz novos desafios nas reconfigurações que a vida cultural está desenhando na região. As populações rurais e urbanas negras e quilombolas e suas expressões culturais reivindicam presença em várias manifestações da vida coletiva nativitana: a suça; a capoeira; as previsões messiânicas e o jardim de esculturas de pedra canga de Mãe Romana; os versos cantados e declamados dos foliões Belarmino e Patrício; o trabalho com a medicina popular de Felisberta; os festejos do Divino Espírito Santo, a romaria do Bonfim; a história mítica de Mãe Ana – a rainha sudanesa que viveu em Natividade uma proto-experiência quilombola.

A ourivesaria é uma dessas manifestações que se encontra articulada às origens da cidade, por meio da qual é possível compreender a história e a cultura do Sudeste do Tocantins, feita de confluências e dissensos raciais, econômicos e sociais, de expressões religiosas amalgamadas num catolicismo eivado de festividades, materialidades e cerimônias públicas e privadas. Espelho multifacetado dessas temporalidades e de expressões e trânsitos culturais de distintas ancestralidades, a ourivesaria se configura como um patrimônio singular para os nativitanos e os tocantinenses e para afirmar a diversidade cultural brasileira.

Dona Dizinha com seus brincos *flor de maracujá*, na exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*, sobre a ourivesaria de Natividade, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Por fim, e ainda pela condução intelectual e sensível de Dizinha – e à luz dos ensinamentos de Aloísio Magalhães – tivemos uma compreensão mais alargada – e mais aprofundada – das dinâmicas que presidem a vida cultural no que diz respeito às configurações do patrimônio cultural brasileiro.[254] Essa nativitana, nascida em Almas, Tocantins, nos ensinou exemplarmente que as tradições de um lugar têm origens longínquas, que as matrizes da cultura percorrem muitos tempos e espaços e passam por mãos de diferentes grupos e interesses para chegarem até nós, no tempo presente.

E, ainda assim, elas não significam nada para nós, se não disserem, com os códigos dos tempos atuais, quem somos e quem queremos ser.

[254] "Uma cultura é avaliada no tempo e se insere no processo histórico não só pela diversidade dos elementos que a constituem ou pela qualidade de representações que dela emergem, mas sobretudo por sua continuidade. Essa continuidade comporta modificações e alterações num processo aberto e flexível, de constante realimentação, o que garante a uma cultura sua sobrevivência. Para seu desenvolvimento harmonioso, pressupõe a consciência de um largo segmento do passado histórico. Pode-se mesmo dizer que a previsão ou a antevisão da trajetória de uma cultura é diretamente proporcional à amplitude e profundidade de recuo no tempo, do conhecimento e da consciência do passado histórico. [...] Pode-se mesmo afirmar que, no processo de evolução de uma cultura, nada existe propriamente de 'novo'. O 'novo' é apenas uma forma transformada do passado, enriquecida na continuidade do processo, ou novamente revelada, de um repertório latente. Na verdade, os elementos são sempre os mesmos, apenas a visão pode ser enriquecida por novas incidências de luz nas diversas faces do mesmo cristal". Cf. Magalhães, Aloísio. *E Triunfo?* a questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Roberto Marinho, 1997, p. 51.

10 Recomendações de salvaguarda

Para a equipe de pesquisa, as ações de salvaguarda da ourivesaria, como todo e qualquer patrimônio imaterial, devem ser integradas a outras áreas do patrimônio, com vistas ao fortalecimento da diversidade cultural brasileira. Em Natividade, esta integração está presente no dia a dia da cidade ao considerarmos o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico tombado, associada às vivências, histórias de vida e memórias dos moradores.

A seguir, apresentamos recomendações para salvaguarda, articulando a eventual patrimonialização do bem cultural com políticas públicas simultaneamente de educação patrimonial e ambiental, economia criativa, educação, turismo e cultura, visando à redução das desigualdades sociais na região por meio da democratização do patrimônio cultural.

Em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), recomendamos desenvolver projetos de qualificação do Museu Histórico de Natividade, com vistas a realizar um diagnóstico das condições físicas do prédio onde o museu se encontra instalado; propor um plano museológico que contenha um diagnóstico sobre o acervo, com levantamento das condições de conservação e documentação do acervo, além de propor uma nova expografia. Acertadamente, o acervo que se encontra exposto se refere a duas manifestações da vida cultural nativitana, a saber, a Festa do Divino Espírito Santo e a ourivesaria artesanal (objetos e ferramentas dos mestres-ourives Altino de Sena e Juvenal Rodrigues). Neste item, avaliar a possibilidade de criação de um espaço expositivo especial para peças da ourivesaria artesanal como projeto piloto para propor futuramente a criação de um Museu do Ouro em Natividade.

Recomenda-se a criação de "Museus de Percurso" na Serra de Natividade, nos sítios arqueológicos identificados até agora como lugares da extração colonial do ouro e nas ruínas do Arraial de São Luís, sede de origem da atual cidade de Natividade. Ao modo do projeto *Roteiro Afetivo: audiotour patrimonial de Natividade, TO,* descrito a seguir, será preciso procurar relacionar esses percursos a outros espaços de relevância simbólica para os nativitanos, como o Sítio Jacuba, o ribeirão Poções, a Bica da Rainha etc.

O Sítio Jacuba é o lugar nas imediações de Natividade onde vive o grupo familiar de dona Romana (Romana Pereira da Silva) e onde ela atua no Centro Bom Jesus de Nazaré, respondendo à missão incumbida por seus guias de manter o fundamento espiritual para a firmeza do "Grande Eixo da Terra". Nesse lugar, além de atender a população com serviços espirituais, dona Romana e sua irmã Felisberta oferecem remédios caseiros fabricados com as plantas medicinais do Cerrado e compartilham conhecimentos ancestrais do poder curativo da

flora da Serra de Natividade. Nesse sentido, seria importante criar ações de reconhecimento associado da trajetória da nativitana Amália Hermano Teixeira quanto ao seu conhecimento botânico como orquidófila e formar pessoas interessadas nesse campo a fim de que os circuitos museológicos na serra incluam as orquídeas, mais uma riqueza que a Serra de Natividade oferece aos moradores do seu entorno e aos visitantes e turistas eventuais. Além disso, os percursos dessa modalidade museológica poderiam incluir sítios de interesse turístico como cachoeiras, balneários e restaurantes com comidas típicas do Tocantins. Com Museus de Percurso é possível agregar valor ao desenvolvimento regional com base em investimentos na cultura e turismo da cidade e entorno.

Por recomendação de Cláudia Borges dos Santos, que pesquisou a ourivesaria artesanal de Natividade no início dos anos 2000, sugere-se criar um Museu do Ouro[255] e uma Escola Técnica de Ourivesaria em Natividade. Acrescentamos a estas propostas estudar a possibilidade de criação de um campus avançado do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) em Natividade – sonho antigo da comunidade – que ofereça, além do curso de ourivesaria artesanal, outros cursos de áreas afins como turismo, geologia, educação ambiental e patrimonial para estudantes locais e cidades circunvizinhas. Sugerimos que os mestres ourives locais sejam incluídos como professores eventuais de disciplinas técnicas específicas do saber fazer ourivesaria artesanal nos respectivos cursos.

Seguindo a sugestão de vários detentores, aconselhamos a criação de uma associação de ourives de Natividade. Esta associação teria por principais objetivos: gerenciar ações de salvaguarda do bem cultural perante a comunidade, o Iphan e demais órgãos do Poder Público e a iniciativa privada; oferecer cursos de associativismo; promover cursos de capacitação para participação em editais públicos e elaboração de projetos culturais, gestão cultural, incluindo prestação de contas; apoiar iniciativas para o aprimoramento técnico dos ourives; propiciar oportunidades de trocas de experiências em oficinas de joalheria artesanal na América Latina e outras localidades nacionais e estrangeiras; estimular e fortalecer a posição dos ourives junto às grandes empresas mineradoras (Aura Minerals, em Almas e Engegold, em Chapada da Natividade), que poderiam destinar parte de sua produção para a ourivesaria com condições de compra facilitadas como forma de apoio social e compensação ambiental.

Ações de salvaguarda de patrimônio cultural com nexos na preservação do meio ambiente podem ser executadas por meio de projetos e cursos, que devem ser construídas em

[255] Bonfim (2019, p. 137), também sugeriu "um museu específico da ourivesaria/filigrana nativitana, onde seriam expostas peças antigas e novas, tradicionais e modernas, localizado preferencialmente no centro histórico".

parceria com instituições de pesquisa (Universidade Federal do Tocantins, Universidade Estadual do Tocantins, Instituto Federal do Tocantins, entre outras) e órgãos de controle ambiental, sobretudo o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), que possui sede regional em Dianópolis, com abrangência para Chapada da Natividade, Natividade e entorno.

A pesquisa sobre o Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade adquiriu uma força extraordinária que terminou por desencadear outras ações educativas e de pesquisas, como o projeto *Roteiro de Afetos: audiotour patrimonial de Natividade*. Este projeto visa a criação de *audiotours* em diferentes pontos (denominados de estações) da cidade de Natividade, via *QR codes*, disponibilizados aos participantes para acesso pelo celular. Consiste em percorrer a cidade a pé para estimular experiências acessíveis de educação patrimonial em áudio, possibilitando que os ouvintes explorem o centro histórico, parando em igrejas, becos, casas, praças, cemitério, ruínas e oficinas de ourivesaria para ouvir narrativas sobre a história da cidade, seus moradores e patrimônios culturais.

As histórias, baseadas em documentos convencionais ou nas memórias coletivas, incluem relatos de nativitanos de diferentes idades que compartilham oralmente saberes e conhecimentos sobre os bens culturais da cidade, ressignificando-os para si mesmos e para os muitos visitantes da localidade. Uma primeira parte do projeto - a produção de estações sonoras, originadas de memórias e histórias locais - foi realizada, e encontra-se no momento pronta para ser implementada por meio de totens com *QR Codes*, a serem disponibilizados na cidade. A sua implementação e difusão poderá ser considerada uma ação de salvaguarda, visto que a ourivesaria e seu universo simbólico está presente em várias estações do *Roteiro de Afetos: audiotour*. Além disso, outros bens culturais foram também identificados e trabalhados de modo a integrar e valorizar o conjunto arquitetônico da cidade, o meio ambiente, o passado colonial, as lendas, a religiosidade, as festas, entre outros. [256]

Ademais, recomendamos atenção para a questão da segurança nas ourivesarias, que hoje em dia operam de portas abertas na atmosfera até o momento sossegada de Natividade. Um possível reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro deverá aumentar a visibilidade da ourivesaria, o que pode trazer efeitos indesejados em termos de proteção às oficinas, às joias e aos próprios ourives. Sendo assim, uma associação poderá cumprir o papel de centralizar demandas dessa natureza perante as autoridades públicas de segurança.

[256] Conferir: <https://www.instagram.com/audiotour_natividade/>.

Relativamente à segurança do processo de produção, da marca e de sua comercialização, recomendamos que uma associação dos ourives faça parcerias com o Instituto Federal do Tocantins para implementar o reconhecimento das joias nativitanas como Indicação Geográfica (IG) pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), de modo a garantir a origem e a procedência da joalheria local. Em 2023, por meio do Edital nº 03/2022, da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e do Ministério da Educação (MEC), foi realizado diagnóstico de potencial de IG por um dos membros da equipe de pesquisa do Dossiê, o professor Rafael Trapp, à época servidor do IFTO de Dianópolis. Foi constatado o potencial das "Joias Artesanais de Natividade" em se tornarem objeto de IG, por sua notória relação com o território e a cultura local, o caráter distintivo e único da técnica da filigrana no Brasil, o trabalho manual e artesanal e a coesão produtiva entre os ourives. Os próximos passos de um trabalho dessa natureza seriam a estruturação e a implementação da IG, tarefa que precisaria ser abraçada pelos ourives associados e que ajudaria a proteger a identidade das joias (contra cópias e apropriações indevidas da ourivesaria nativitana entendida como marca, a exemplo de peças que usam a distinção "Joia de Natividade" feitas em latão que são vendidas como se fossem de ouro, ou joias alegadamente artesanais que são confeccionadas em fundições, principalmente em Goiânia) e salvaguardar ao mesmo tempo o bem cultural no escopo dos interesses da Política Nacional de Patrimônio Imaterial.

Consideramos que é preciso divulgar a importância da ourivesaria artesanal nas escolas públicas da cidade e da região, por meio de ações regulares de educação patrimonial. Por exemplo, roda de conversas com os ourives, professores, gestores e estudantes para mostrar a riqueza cultural e técnica da ourivesaria local, contar sobre seus saberes e fazeres e divulgar as potencialidades econômicas e empregatícias da ourivesaria.

Essas iniciativas, a médio e a longo prazo, poderiam desencadear ações de sustentabilidade econômica, ambiental e turística, com vistas ao desenvolvimento cultural e à preservação e valorização dos patrimônios material e imaterial de Natividade.

11 Conclusão

A ourivesaria de Natividade emerge como um bem cultural que vai além da simples confecção de joias de ouro e prata. Seu valor reside na sua capacidade de sintetizar técnicas artesanais, história e identidade local, refletindo as complexas relações entre tradição, fé, arte e memória elaboradas historicamente em território tocantinense. Ao longo de gerações, os ourives de Natividade têm preservado e inovado o fabrico de técnicas delicadas como a filigrana, elevando-as a um patamar artístico único no Brasil. A ourivesaria nativitana mantém forte vínculo com a cultura joalheira portuguesa e a cultura negra da ourivesaria baiana, reverberando as transformações sociais e culturais do interior do Brasil central.

As joias nativitanas, em especial aquelas com inspiração nas formas e símbolos da natureza brasileira, como a flor do maracujá, e nas manifestações religiosas, como os corações nativos e os diversos símbolos cristãos, são peças carregadas de significados, não apenas no plano material, mas também no simbólico e no social. Elas permeiam o cotidiano e as festividades religiosas, sendo um dos pilares da identidade cultural da comunidade nativitana e de outros municípios do sudeste tocantinense. Além disso, a continuidade e revitalização do ofício, com o apoio de iniciativas comunitárias como as da ASCCUNA e sues projetos de formação, garantem que essa a ourivesaria permaneça viva, transmitida para novas gerações de artesãos de diferentes extrações sociais, raciais e de gênero, e continue a gerar desenvolvimento na região, contribuindo para a redução das desigualdades.

Diante do exposto neste dossiê, em razão de sua relevância e continuidade histórica, cultural e social, recomenda-se que a **Ourivesaria de Natividade, TO** seja registrada no **Livro de Registro das Formas de Expressão** e/ou no **Livro de Registro de Saberes** do Iphan, conforme as disposições do Decreto 3.551/2000, para garantir sua preservação e o reconhecimento do seu valor enquanto bem cultural, representando não apenas a identidade e a memória de Natividade e do Tocantins, mas também um patrimônio da cultura brasileira.

Referências

ABREU, Janaina Torres Pinto. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da; Santos, D. Natividade, TO: 15/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

ABREU, Martha; Mattos, Hebe; DANTAS, Carolina V. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas e os historiadores. *Antíteses*, Londrina, v. 3, n. 5, p. 21-37, 2010.

ANDRADE, Mário. O artista e o artesão. In: ANDRADE, Mário. *O baile das quatro artes*. São Paulo: Livraria Martins Editora. 1975.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão negra no Tocantins colonial*: vivências escravistas em Arraias (1739-1800). Goiânia: Ed. Kelps, 2000.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Os Akroá e outros grupos indígenas do sertão*: as práticas das políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás - Século XVIII. Tese (Doutorado) - PPGH, UFPE, Recife, 2005.

ARAÚJO, S. Camêlo; BONFIM, Wátila; NASCIMENTO, Núbia N. *Filigranas à sombra da serra:* origens históricas e identidade nativitana. In: _____. (Orgs.). *Natividade - TO*: patrimônio do Brasil. Goiânia: Editora Kelps, 2021, v. 1. p. 11-24.

ARAÚJO, Simone Camêlo; CARVALHO, J. Wal. *Manual das 7 Joias Artesanais de Natividade*. Palmas: WR Gráfica e Editora, 2017.

ARAÚJO, Simone Camêlo Araújo. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 16/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARBOSA, Frederico. Direitos humanos, patrimônio cultural e políticas públicas. In: SOARES, Inês Virgínia Prado; CUREAU, Sandra (org.). *Bens culturais e direitos humanos*. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central*: eco-história do Distrito Federal. Do indígena ao colonizador. Brasília: Editora da UnB, 2011.

BONFIM, Wátila M. F. *Natividade*: história, esplendor e resistência [1734-1840]. Palmas-TO: Nagô Editora, 2015.

BONFIM, Watila M. F. *Os filigraneiros de Natividade*: patrimônio imaterial, identidade e turismo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFT, Porto Nacional, 2019a.

BONFIM, Wátila. M. F. *Senhores, escravos e forros no julgado de Natividade*. Goiânia: Ed. Kelps, 2023.

BORGES, Alfredo Batista. Entrevistadores Messias, C. N.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 26/08/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

BORGES, Jesumar Batista. Entrevistadores Messias, C. N.; Silva, R. F. da; Trapp, R. P.; Santos, D. Natividade, TO: 24/06/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O vento de agosto no pé do ipê*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

BRACANTE, Mª Helena. *Os ourives na história de São Paulo*. São Paulo: Ed. Árvore da Terra, 1999.

BRASIL. *Portaria Interna da Fundação Palmares nº 06 de 01 de março de 2004*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, nº 43, Brasília, DF, de 04 de março de 2004.

BUCHMANN, Luciano Parreira. *Escolares nos museus:* Ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais. São Paulo: MIDAS, 2014.

Camêlo, Genilze Grácia. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de; Silva, R. F. da. Natividade, TO: 23/08/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CANDEIA, Dia do Bonfim. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de; Silva, R. F. da. Natividade, TO: 14/08/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CARDOSO, Anfrísia Pereira. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Trapp, R. P.; Natividade, TO: 24/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CARVALHO, Mascarenhas Soares. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 26/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CARVALHO, Orleid Sérgio Pinto de. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 13/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CARVALHO, Joaquim Valdeides. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 12/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.

CAVALCANTE, Vicença Cardoso Tito. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 08/09/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CERQUEIRA, Tânia das Mercês Nunes. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 11/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

CISSÉ, Youssouf Tata. *Seydou Keïta.* São Paulo. Cosac Naify, 2014.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. *Joias de crioula*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

DIEGUES JR., Manuel. *Etnias e culturas do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens*: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 149.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias.* Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FACTUM, Ana B. S. *Joalheria escrava baiana*: a construção histórica do design de jóias brasileiro. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - USP, São Paulo, 2019.

FARIAS, Dorane Rodrigues Farias. Entrevistadores: Silva, R. F. da.; Santos, D. Palmas, TO: 10/10/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

FARIAS, Uaci Rodrigues. Entrevistadores Messias, C. N.; Silva, R. F.da; Santos, D. Palmas, TO: 07/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua*. *Portuguesa*. 11. ed., Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira Ltda., 1968.

FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado Visto pelo Botânico William John Burchell*: 1825-1829. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles, 1981.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.

GOLA, Eliana. *A joia*: história e design. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

GOMES, Abisania Ferreira. Entrevistadores Messias, C. N.; Silva, R. F. da.; Trapp, R. P.; Santos, D. Natividade, TO: 24/06/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

GRUZINSKI, Serge. *La colonización de lo imaginario*. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GUARNIERI, Thais; RIBEIRO, Mariana. *Filigrana*: história e técnica. São Paulo: LCTE Editora, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. *A pesquisa baseada nas artes:* propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; IRWN, Rita L. Pesquisa Educacional Baseada em Artes: A/r, TOgrafia. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 39-62.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, v. 1, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Divisão Regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

INGOLD, Tim. *The Perception of Environment*: Essays on Livelihood, dwelling and Skill. London: Routledge, 2021.

IPHAN. *Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO*. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2007.

IPHAN. *Jóias artesanais de Natividade*. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2006.

IPHAN; TAIPA Arquitetura e Patrimônio Cultural. *Projeto Executivo de Consolidação e Complementares*: Ruína da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos/Natividade, TO, Caderno de Estudos, Volume 1. Belo Horizonte: Taipa Arquitetura e Patrimônio Cultural/Iphan, 2018.

IPHAN. *Vivências e sentidos*. O patrimônio cultural do Tocantins. Goiânia: Iphan/14ª Superintendência Regional, 2008.

IPHAN. *Levantamento Preliminar para a Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais no Município de Natividade, TO (Relatório Final)*. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2005.

IPHAN. *INRC de Natividade*: estudos para o registro da ourivesaria em filigrana de Natividade, Tocantins como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Goiânia: 14ª Superintendência do Iphan, 2007.

IPHAN. *Processo de Tombamento n. 1.117-T-84 – Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico da cidade de Natividade, estado de Goiás*. Arquivo Central do Iphan, Brasília, 1985.

KARASCH, Mary. Os quilombos do ouro na capitania de Goiás. In: Reis, João José; Gomes, Flávio (Org.). *Liberdade por um fio*: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1996. p. 240-262.

LANHAS, Fernando (Org.). *Ourivesaria do Norte de Portugal*. Porto: FCG/FACM, 1983.

LATOUR, Bruno. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.

LEENHARDT, Jacques; TITAN JR., Samuel (orgs.). *Seydou Keïta*. São Paulo: IMS, 2018.

LIMA, Nei Clara. *Narrativas orais*: uma poética da vida social. Brasília: Editora da UnB, 2003.

LODY, Raul. *Jóias de axé*: fios-de-contas e outros adornos do corpo: A joalheria afro-brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: EDUSP, 1980.

MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Roberto Marinho, 1997.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. 41. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia histórica da província de Goiás. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo 37, v. 48, p. 213-398, 1874.

MARQUES, Lucas Mendonça. *Forjando orixás*: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. 2014. Monografia (Bacharelado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, UnB, Brasília, 2014.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. In: Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 185-318.

MENDES, Seyna Ueno Rabelo. A*valiação dos teores de mercúrio em cabelos de crianças residentes em área de garimpo no município de Chapada de Natividade, Tocantins*. Tese (Mestrado em Tecnologia Nuclear) - Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, USP, São Paulo, 2017.

MENEZES, Ernanny Pereira de. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 13/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

MESSIAS, Noeci Carvalho. Patrimônio Cultural: sentidos e significados nos espaços públicos de Natividade, TO. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 43-51, jun. 2023.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção*: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO. Tese (Doutorado em História) - UFG, Goiânia, 2010.

MOTA, Rosa Mª dos Santos. *A Ourivesaria Popular Portuguesa em Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2021.

MOTA, Rosa Mª dos Santos. *Glossário do uso do ouro no Norte de Portugal*. Porto: CIONP; CITAR. 2012.

MOTA, Rosa Mª dos Santos. O coração na ourivesaria popular portuguesa. *Res Mobilis - Revista internacional de investigación en mobiliario y objetos decorativos*, Oviedo, v. 5, n. 5, 2016.

MOTA, Rosa Mª dos Santos. O cordão e o colar de contas na ourivesaria popular portuguesa. In: Souza, Gonçalo Vasconcelos (Org.). *Matrizes da investigação em artes decorativas IV*. Porto: CITAR, 2013.

NASCIMENTO, João Bosco. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 24/06/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

NETO, Martinha Rodrigues. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 12/08/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

OLIVEIRA, J. *Filosofia da Viagem.* Curitiba: PUCPRESS, 2016.

OLIVEIRA, Octávia Corrêa dos Santos. Ourivesaria brasileira. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, 1958.

OLIVEIRA, Rosângela Rodrigues. Entrevistadores Messias, N. C.; Lima, N. C. de; Natividade, TO: 15/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

OZANAN, Luiz Henrique. *A joia mais preciosa do Brasil*: joalheria na comarca do Rio das Velhas, 1735-1815. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017.

PALACÍN, Luís. *O século do ouro em Goiás 1722-1822*: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas. 4. ed. Goiânia: Editora UCG, 1994.

PARENTE, Temis Gomes. *Fundamentos históricos do estado do Tocantins*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

PEDREIRA, Mons. Jones Ronaldo do E. S. (org.). *Romaria do Senhor do Bonfim*. Porto Nacional: R&M Gráfica e Editora, 2016.

PEREIRA, Valdomilson Patrício. Natividade, TO. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 12/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

PÓVOA, Osvaldo. *Crônicas de outros tempos*. Conceição do Tocantins: [editora do autor], 1983.

RODRIGUES, José Lopes. A cova da Mãe Ana. In: Mota, Ático Vilas Boas; Gomes, Modesto (org.). *Aspectos da cultura goiana*: antologia de artigos. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1971.

ROSA, Mercedes. Ourivesaria baiana colonial: os ourives e suas obras. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 7., Lisboa. *Anais [...]*. Porto: Cepese, 2007.

ROSAS, Manuel. Introdução às joias e ao ouro do norte de Portugal. In: ARPPA/AIORN (Org.). *Ourivesaria do Norte de Portugal*. Porto: Casa do Infante, 1984. p. 89-112.

SANCHIS, Pierre. *Arraial*: festa de um povo. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SANTANA, Patrício Dias. Natividade, TO. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 08/09/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

SANTOS, Cláudia Borges dos. *Joias de Natividade*: confluências e conflitos. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - UFT, Palmas, 2005.

SANTOS, Cláudia Borges. Ourivesaria tradicional e o tombamento de Natividade, 2006. Disponível: www.bocc.ubi.pt/bocc-santos-artigo.pdf.

SALLES, Gilka V. Ferreira. *Economia e escravidão na Capitania de Goias.* Goiânia: Ed. UFG, 1992.

SENA, Custódia Selma. *De sertões e sertanejos*. In: Chaul, N. Fayad (org.). *Goiás*. Goiânia: AGEPEL, 2005.

SENNETT, Richard. *O artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Alberto da Costa e. *A África e os africanos na história e nos mitos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

SILVA, José Leal Pereira da. Entrevistadores Messias, C. N.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 11/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

SILVA, Romana Pereira da Silva. Natividade, TO. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 25/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

SILVA, Simone Trindade Vicente da. *Referencialidade e representação*: um resgate do modo de construção de sentido nas pencas de balangandãs a partir da coleção Museu Carlos Costa Pinto. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – UFBA, Salvador, 2005.

SOUSA, Ana Cristina Correia. *Ourivesaria estampada e lavrada*: uma técnica milenar numa oficina de Gondomar. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1997, p. 20.

SOUZA JR, Antônio Luiz Alves de. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N.C. de.; Silva, R. F. da.; Santos, D. Natividade, TO: 14/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

SOUZA, Luiz Antonio Silva e. *Memória Estatística da Província de Goyaz*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1832.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravista*: história da festa de coroação de Rei Congo: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TALLON, LOÏC. *On Audio Tours:* An Unknown Quantity. Engage Journal. 2006. Ed 18.

TEIXEIRA, Amália Hermano. *História de Goiás.* Organização de Eleuzenira Maria de Menezes e Janete Romano Fontanezi. Goiânia: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; Editora Kelps, 2011.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Juvenal Rodrigues Pinto de Cerqueira. *O Popular*, Goiânia, 15 jul. 1978, p. 5.

TEIXEIRA, Amália Hermano. Altino de Sena Fernandes, exímio ourives nativitano. *O Popular*, Goiânia, Domingo, 20 jan. 1980, p. 5.

TEIXEIRA, Maximiano da Matta. *Outras estórias de Goiás*: lendas, terra, gente. Goiânia: Unigraf, 1983.

TEIXEIRA, Tassi Rafael. Dossiê. Moda, fotografia e memória afetiva em Seydou Keïta (1948-1962). *Dobras*. n. 30, set./dez. 2020.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Tradução do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Paris: Edições Unesco, 2006 [2003].

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. *Natividade*. Brasília: MEC/Pró-memória, 1985.

VILELA, Ilma Batista Borges. Natividade, TO. Entrevistadores Messias, C. N.; Lima, N. C. de.; Silva, R. F.; Trapp, R. P. Natividade, TO: 25/07/2023. Entrevista concedida à Pesquisa Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, TO.

VILHENA, Luiz dos Santos. *Recopilação de notícias soteropolitanas e brasílicas*. Salvador: IOE, 1921.

Apêndices

O processo da pesquisa baseada em Artes

Uma das ações desta pesquisa para registro de bem cultural foi a realização de um percurso metodológico baseado em artes como forma de gerar encontro, experiências de compartilhamento e afetividade, bem como a captura de sentidos sobre a utilização das joias envolvendo a comunidade em ações artísticas. Um modo investigativo artístico que ativa componentes estéticos com o objetivo de revelar outras formas de observação, percepção, interpretação e utilização do elemento pesquisado, a partir de pontos de vista específicos que as experiências estéticas são capazes de apresentar, sejam elas por intermédio de representações visuais ou performáticas. Este percurso contou com diversas ações de pesquisa. A primeira foi a realização de um ensaio fotográfico com os moradores da cidade na sede do Escritório Técnico do Iphan; a segunda ação foi a realização da exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem,* no centro histórico da cidade, e a terceira foi a ativação de uma *exposição andarilha* com percurso organizado pela própria comunidade com o apoio da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura do município. É importante destacar que as três ações foram pensadas a partir dos elementos culturais e visuais expressos nos festejos religiosos e no envolvimento dos moradores em várias etapas dessas ações, colaboração essencial à eficácia das propostas.

Na primeira ação, o ensaio fotográfico, convidamos os moradores para irem até o Escritório Técnico do Iphan com a roupa que quisessem para serem fotografados com suas joias. Nesta etapa nos interessava perceber: A comunidade iria aderir à proposta? Com qual traje as pessoas gostariam de ser fotografadas? Quais significados expressam com suas joias? Que narrativas partilham?

Além da captura de imagens das pessoas confeccionando joias ou participando dos festejos, nossa aposta metodológica propunha uma situação de encontro com os moradores num ensaio fotográfico para “dar a ver” outros sentidos.

A pesquisa baseada em artes possui uma ampla gama de possibilidades de ações por estar ligada à diversidade de expressões que a arte, conectada à tecnologia, é capaz de

produzir. Hernández[257] apresenta diferentes perspectivas para o desenvolvimento destas estratégias de pesquisa, uma delas é a perspectiva artística, na qual a investigação traça seu pensamento utilizando as representações visuais como narrativas independentes ao texto, que auxiliam sua compreensão e não se constituem apenas como figuras meramente ilustrativas. Tendo a imagem sua força simbólica, sua utilização não deve ser desperdiçada somente como força ilustrativa na pesquisa. Esta forma de pensamento parte de uma metodologia que se centra na prática, na ação artística, desde aquilo que se denomina de estudos performativos. Assim, ativar o encontro com as pessoas mediado por ações de produção artística é modo de pesquisa e captura de sentidos sobre a bem cultural ourivesaria de Natividade.

Ensaio fotográfico

Para o ensaio fotográfico, tomado como modo performativo de ativar os sentidos dos detentores do bem cultural que usam e se expressam por meio das joias, realizamos uma pesquisa de referência metodológica de um fotógrafo que nos inspirasse no diálogo com essa comunidade e o bem cultural em questão.

O fotógrafo escolhido foi o maliano Seydou Keïta (1921-2001) que trabalha com a produção de retratos em estúdio fotográfico em seu próprio quintal utilizando, geralmente, panos estendidos, paredes nuas ou cortinas e raros móveis como cadeiras o que "[...] esboça uma trama teatral"[258] nos espaços escolhidos para estúdio. No ensaio fotográfico que realizamos em Natividade, houve também aproximações ao trabalho de Keïta no que refere "[...] aos laços que unem os sujeitos à família e ao seu grupo de amigos"[259], o que nos interessou capturar a partir das escolhas dos participantes sobre com quem viriam para ser fotografados e na forma das joias expressarem esses vínculos afetivos.

Optamos por criar um estúdio teatralizado no pátio do Escritório Técnico do Iphan colocando panos, estandartes e objetos cedidos pelos moradores. Uma senhora cedeu colchas, outra tapetes e outro senhor pedaços de buriti. Divulgamos a ação convidando as pessoas a irem sozinhas, com amigos ou parentes. Assim que foram chegando ao local, um portfólio do fotógrafo Keïta foi mostrado a eles, como forma de partilha da inspiração metodológica da

[257] Hernández, Fernando. A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In: DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. *Pesquisa Educacional Baseada em Artes:* A/r, TOgrafia. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2013. p. 39-62.
[258] Leenhardt, Jacques; Titan Jr., Samuel (orgs.). *Seydou Keïta*. São Paulo: IMS, 2018.
[259] Ibid., p.18.

pesquisa, para que se sentissem mais à vontade e se vissem representados com a linguagem de retrato que gostaríamos de construir.

Equipe de produção no estúdio montado no Escritório Técnico do Iphan. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Já havíamos detectado na pesquisa o enegrecimento dos ourives que confeccionam as joias artesanais nativitanas ao longo dos anos. Cabe ressaltar que a população nativitana é afrodescendente. Diante disso, pareceu-nos potencializador buscar uma referência africana, a exemplo do trabalho de Keïta, em que acessórios, joias e vestimentas foram capturados em pessoas pretas por meio de encenações imagéticas que valorizaram as pessoas de Bamako, cidade onde o estúdio do fotógrafo foi montado e que "com o coração em festa homens e mulheres bamaquenses iam se deixar fotografar no estúdio [...] vestindo seus mais belos trajes".[260] Assim, nossa aposta metodológica foi lançada aos nativitanos.

Pouco a pouco, as pessoas iam convidando umas às outras e, durante a semana na qual realizamos a ação, o ensaio pareceu movimentar os salões de beleza locais, uma vez que os participantes pareciam se preparar com suas melhores roupas, penteados e manicure para as fotos. Da mesma forma que os malineses, vestiam o que lhes parecia mais conveniente para a ocasião, esboçando entusiasmo e orgulho ao participarem da ação com o "coração em festa". A seguir o quadro com o registro dos participantes:

	Nome	**Data**

[260] Cissé, Youssouf Tata. *Seydou Keïta*. São Paulo. Cosac Naify, 2014.

01	Anfrisia Pereira Cardoso	11/07/2023
02	Márcia Araújo Borges Pinheiro	
03	Karoline Gonçalves Almeida	
04	Tânia das Mercês Nunes Cerqueira	
05	José Leal Pereira da Silva	
06	Cássia Tavares de Albuquerque	
07	Patrício Dias Santana	12/07/2023
08	Belarmino Rumão Ferreira	
09	Ana Patrícia Pereira Santana	
10	Simone Camêlo Araújo	
11	Orleid Sérgio Pinto de Carvalho	13/07/2023
12	Ligiane da Silva Diniz	
13	Ohana Diniz Carvalho	
14	Advânia Gomes da Silva	
15	Danielle Marques Camêlo	14/07/2023
16	Uardon Moreira da Cunha	
17	Filomena Batista de Amorim Moreira	
18	Dia do Bonfim Candeia	
19	Domingas Rodrigues dos Santos	
20	Augusta Maria Nunes Gomes	
21	Belmira Bispo Rodrigues Barros	
22	Luciano de Barros	
23	Marina Leal Muniz Sabini	
24	Aurenilsa Ferreira Sousa Mendes	
25	Amilton Batista Mendes	
26	Edeltrudes Rodrigues de Sousa	
27	Vanice Nunes Pinto	
28	Karen Gonçalves de Araújo Antero	
29	Deuseilton Cardoso Lima	
30	Suélia Tolentino Reis	
31	Ester Maria Cardoso Tolentino	

32	Nilma Borges Napp	
33	Rosângela Rodrigues Oliveira	15/07/2023
34	Janaina Torres Pinto Abreu	
35	Viviane Carneiro Menezes	
36	Leandra Gonçalves de Melo	
29	Ailton de Paiva Moreira	25/08/2023
30	Jenypher Melyssa Oliveira da Silva	26/08/2023
31	Smith Stocllos de Oliveira Cardoso	
32	Karina Batista da Silva	
33	Rodrigo Gonçalves Pereira	
34	Kaik Lopes Guedes	
35	Denise Viana Camêlo	
36	Albany Nunes Cerqueira	
37	Sheylla Regina Camêlo da Costa	16/10/2023
38	Francisca Dionizio de Santana	
39	Lidiane Bonfim Pereira da Silva	
40	Jovita Pereira da Silva	
41	Andressa Avelino dos Santos	
42	Emilly Avelino de Sousa	17/10/2023

Pessoas que participaram do ensaio fotográfico, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa.

De modo geral, as pessoas se sentiram acolhidas e valorizadas com a ação. Algumas mencionaram que nunca imaginaram “viver algo assim nessa altura da vida”, “ser modelo”, “participar de uma sessão de fotos”. Eram fotografadas sozinhas ou acompanhadas de seus filhos, amigas etc. Outras traziam pequenas caixinhas e/ou saquinhos cheios de joias e escolhiam diferentes conjuntos em ouro ou prata para o ensaio. Enquanto se enfeitavam para as fotos, contavam sobre as joias: se foram herdadas ou compradas ou ainda recebidas de presente; se foram levadas aos ourives para serem consertadas ou limpas antes do ensaio; como eram escolhidas e usadas conforme os diferentes festejos e ocasiões sociais. Os nomes dos ourives eram também mencionados, o que demonstrava a relevância de se atribuir a autoria na confecção das peças. O reconhecimento da autoria parecia indicar que uma parte do valor atribuído às joias estava justamente nas técnicas utilizadas por estes detentores do bem cultural, encravadas no saber fazer dos mestres ourives para aquela comunidade.

Criança nativitana com estojo de joias da família. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Alguns participantes exibiam uma única joia, peça que nunca era tirada do corpo. Com isso, reforçavam uma categoria para análise dos sentidos, expressos pela coletividade sobre o bem cultural, já inferida pela equipe de pesquisadores, a de joia como a própria pele. Um exemplo é Dona Filó que jamais remove seu brinco de ouro de *peixa* com *cachinho de uva*, uma das joias tradicionais dos nativitanos. Nas suas palavras reforçou: "Não tiro nem para dormir e nem para tomar banho"!

Filomena Batista de Amorim Moreira (Dona Filó), com seu brinco *peixa,* e o filho ourives Uardon Moreira da Cunha. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Dona Filó nos mostrou a conexão afetiva que estas joias têm nas famílias por serem usadas como presentes especiais e/ou heranças familiares nas quais as mulheres da família

habitualmente vão repassando “os ouros” para as filhas e perpetuando uma circulação não só das peças, mas de sentidos afetivos, patrimoniais e religiosos da ourivesaria, de geração em geração. Ao ouvirmos as histórias das joias, durante o ensaio fotográfico, fomos entrando em contato com uma série de narrativas que nos demonstravam diferentes significados dados pela coletividade a estes bens culturais. Um exemplo eram as narrativas que tramavam as peças aos sentidos devocionais expressos nos festejos religiosos que movimentam a cidade. A joia com o pingente em formato de *pomba do Divino* apareceu de forma recorrente, conectada ao sentido de proteção espiritual, expressão de fé e de gratidão por bênçãos recebidas.

Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, com pingente *pomba do Divino*. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Nas transformações que a ourivesaria nativitana vem apresentando, é visível a conexão das novas gerações ao bem cultural. Na figura a seguir, a jovem exibe orgulhosa seu primeiro colar com pingente de *coração nativo*, joia que adquiriu com seu primeiro emprego como garçonete e durante o ensaio mencionou outras que pretende adquirir.

Advânia Gomes da Silva, com colar de *lantejoula* e pingente *coração nativitano* em filigrana de prata. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Este pingente aparece de forma expressiva e repetitiva nos colos das nativitanas tanto em ouro como em prata. Não há problema em se ter o mesmo modelo de joia que outras mulheres da cidade. Ao contrário, a posse de um *coração nativo* expressa um desejo de pertencimento a um grupo, a uma cidade, fazendo com que muitas delas aspirem o modelo similar. Isso ficou explícito em falas como esta: *Se você usar este pingente já sabem que você é de Natividade!*

A ação de dizer sim a um convite para um ensaio fotográfico com as joias também movimentou as pessoas a reagirem e atualizarem seus sentidos ao bem cultural. Em vários momentos do ensaio, os participantes se emocionaram, fazendo declarações de amor e carinho entre eles. Parecia que as joias ali exibidas reforçavam laços familiares, evocando memórias de antepassados e vínculos afetivos. Alguns grupos familiares também foram fotografados juntos, como por exemplo pai, filha e tio, como na imagem a seguir. Nesta participação, tínhamos uma dupla de foliões-catireiros da cidade que declamaram poemas na ocasião. Um deles não tinha consigo nenhuma joia naquele momento, mas ao cruzar com outra participante que estava deixando o estúdio, acabou por ganhar de presente um lindo crucifixo de prata que foi rapidamente adquirido de uma ourivesaria próxima ao Escritório Técnico do Iphan. Foi um momento emocionante do ensaio que evidenciava o quanto o ato performático da pesquisa agenciava encontros e sentidos ao bem cultural.

Belarmino Rumão Ferreira, Ana Patrícia Pereira Santana (filha de) Patrício Dias Santana, com cordão e pingente *pomba do Divino*. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Durante o ensaio, buscamos uma composição fotográfica que desse unidade às fotos e que dialogasse com as cores e referências culturais da cidade, a partir da inspiração dos estúdios do fotógrafo Seydou Keïta. Assim, mantivemos estandartes e tecidos doados como panos de fundo para a experiência que, somados ao próprio quintal do Escritório Técnico do Iphan, resultou numa unidade estética na produção visual. Na imagem a seguir, por exemplo, podemos ver uma ourives grávida exibindo joias confeccionadas por ela mesma, numa composição fotográfica com uma colcha de retalhos ao fundo. Esta foto também evidencia a participação das mulheres na fabricação de joias nas últimas décadas em Natividade.

Rosângela Rodrigues Oliveira, ourives, com conjunto de brinco *flor de maracujá* e colar com pingente *flor de maracujá*, em prata. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Após a realização do ensaio, percebemos que a comunidade aderiu à proposta e a ação se tornou também um meio de partilhar e divulgar o processo de pesquisa do Dossiê com os nativitanos. A partir desta ação foi ficando claro para a equipe que instrumentos de pesquisa baseados em arte podem desencadear a captura de outros sentidos do bem em questão, por um lado. Por outro, que a comunidade de Natividade se mostra aberta ao trabalho mais artístico por suas características festivas e pela capacidade de organização coletiva de eventos que, tradicionalmente, movimentam o calendário da cidade. Resolvemos partir então para a execução de uma primeira devolutiva parcial do processo, uma exposição fotográfica.

Exposição fotográfica *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*

A proposta desta ação de devolutiva foi produzir uma exposição fotográfica na praça Leopoldo de Bulhões, no centro histórico de Natividade, utilizando as janelas de uma casa que faz parte do conjunto arquitetônico tombado. Para tanto, nosso esforço foi o de realizar uma composição a partir dos elementos visuais da cultura local envolvendo a comunidade não somente como receptora da exposição, mas também na sua produção local.

A proposta circulou em formato de vídeo para que pudéssemos divulgar a ação em diferentes segmentos da cidade de forma a encontrar apoio, adesão e participação comunitária. Propusemos uma exposição inteiramente impressa em tecido para que remetesse às bandeiras e bandeirolas que tremulam nas festividades religiosas da cidade; estruturas em buriti para sustentação de título, créditos e *release* da exposição, inspirados nas luminárias artesanais feitas para os festejos com o mesmo material. Assim, esboçamos uma organização em duas séries fotográficas:

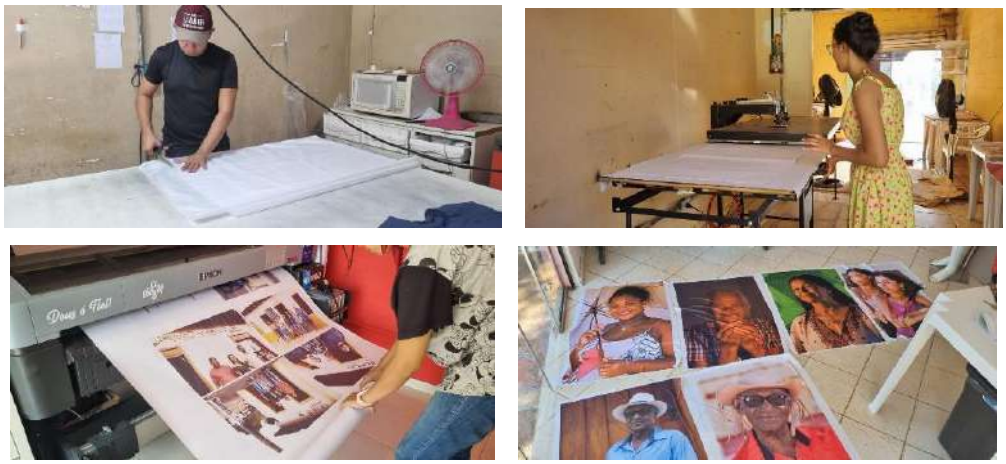
Série 01 - *Janelas*: Um conjunto de seis imagens com pessoas usando joias a partir de uma seleção feita dos retratos produzidos durante o ensaio fotográfico. As janelas do casarão seriam utilizadas como molduras, lembrando os tradicionais estandartes com imagens de santos e santas dos festejos da cidade.

Série 02 - *Bandeirolas*: Conjunto de 44 imagens de pessoas usando joias, durante as festividades de Natividade e de Chapada da Natividade. Foram impressas em tecido transparente em formato alusivo às bandeirolas que enfeitam as festas do Divino, de São João etc.O conjunto dessas imagens foi pendurado com barbantes entre os postes da praça.

Como elementos para a composição da série *janelas*, sugerimos um trabalho junto às bordadeiras da cidade, a partir de um bordado livre, como forma de dialogar sobre a fotografia

e os sentidos que poderiam ser produzidos na imagem. Para a série de *bandeirolas* sugerimos um arremate ao redor das imagens impressas para fixação no barbante e ao redor dos tecidos para evitar que desfiassem.

A ação de divulgação da proposta em vídeo engajou os moradores e rapidamente conseguimos apoio, inclusive o patrocínio de uma das moradoras da cidade para a sua realização. A produção de um esboço audiovisual da proposta ajudou na comunicação e integração de setores como a Secretaria de Turismo e Cultura, que se responsabilizou pela iluminação da praça, bem como com a estrutura da organização do espaço; e com o Iphan para obter autorização do uso do espaço requerido, e a empresa Simone de Natividade, com o financiamento da exposição e a realização da produção local. Após a curadoria das imagens, edição e diagramação no formato necessário, passamos à etapa da compra de tecidos e impressão das imagens com a técnica de sublimação, que foi realizada na cidade de Palmas.



Mosaico de imagens da etapa de impressão em tecido. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Renata Ferreira).

Com as imagens impressas, o trabalho com a comunidade passou por várias etapas. Primeiramente realizamos uma conversa com as bordadeiras e costureira. Apresentamos as fotografias já impressas nesta fase e mostramos referências de bordado livre sobre fotografia para discutirmos o que poderia ser feito. Estes encontros aconteceram no espaço comunitário da Secretaria Municipal de Assistência Social, onde são vendidos artigos produzidos localmente e no qual, bordadeiras e costureiras se reúnem para confeccionar peças de artesanato e artigos diversificados.

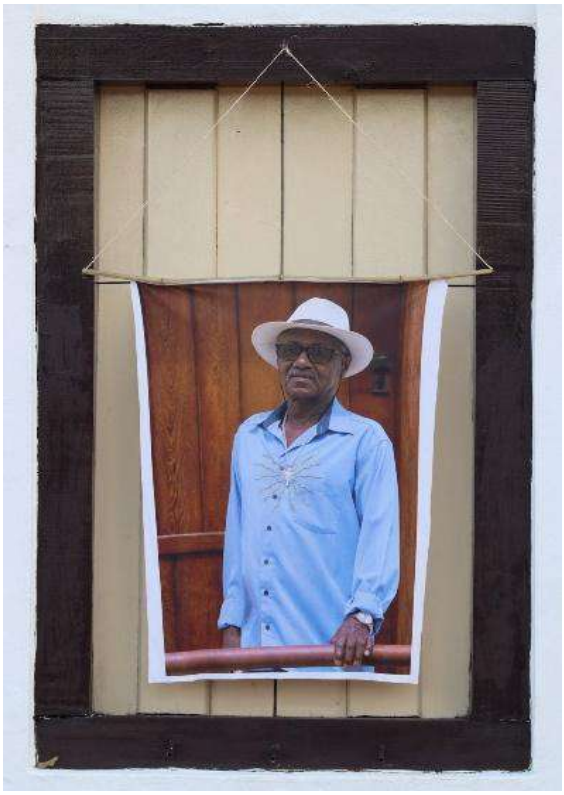
Estes encontros foram significativos. Por exemplo, nas negociações e posicionamentos na/com/sobre as imagens muitos sentidos foram postos em relevo. Percebemos um encantamento das bordadeiras e da costureira sobre a transparência e qualidade da impressão, ao visualizarem as *bandeirolas* impressas. Após este primeiro impacto com as imagens, um jogo de reconhecer quem estava nas fotos pareceu capturar o interesse das participantes, o que nos mostrou que as escolhas sobre quem seria visto (ou não) nas imagens teria reverberações diretas na recepção do material e na rede de significações dadas pelos nativitanos.

Costureira Maria José de Oliveira Machado, Dona Zeza, produzindo as bandeirolas. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Por se tratar de um material conhecido, a costureira que aceitou colaborar com a proposta sugeriu que as imagens deveriam ser costuradas ao barbante para não deslizarem ao longo do fio, aprendizado adquirido com o costume de produzir as bandeirolas nos festejos tradicionais da cidade. Uma das participantes da ação que colaborou com a produção local da exposição e também com financiamento manifestou que as fotos dessa série deveriam ter uma ordem e não poderiam ser colocadas de forma aleatória. Ao mencionar que os festejos religiosos têm uma sequência, foi sugerindo reorganizar as imagens numa disposição dizendo frases como: *Fotos do reinado devem ficar untas, isso é antes do reinado, isso já é depois!*

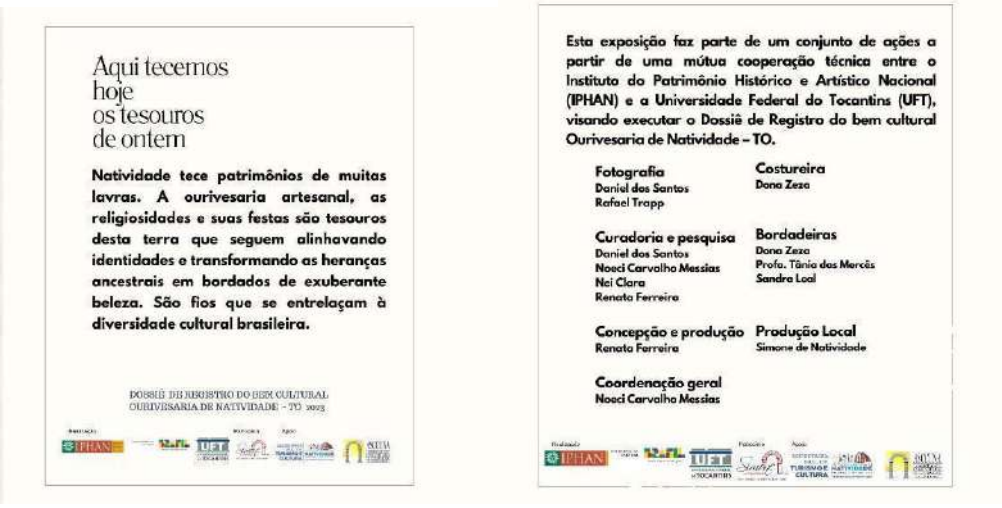
Pesquisadora Renata Ferreira observando a sequência de imagens a partir da curadoria da comunidade. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Rafael Trapp).

Na série *janelas*, ao visualizarmos as imagens impressas, as negociações foram em torno de como poderiam ser feitos os bordados e como seriam divididas as imagens entre as bordadeiras. Ao se depararem com um folião da cidade usando um crucifixo do Senhor do Bonfim em prata, definiram que deveriam bordar um resplendor ao redor da joia. Ao dialogarem sobre os raios da claridade intensa ao redor da peça, que deveria ser bordada em prata, manifestaram o desejo de bordar doze raios, visto que a pessoa que a está usando é um folião, um discípulo de Cristo. Interessante destacar que este crucifixo foi o presente recebido durante a ação do ensaio fotográfico, o que reforça em nós pesquisadores a premissa de que a pesquisa baseada em artes também impulsiona o campo, os sentidos e as relações.



Série *janelas:* Folião com crucifixo N.S, do Bonfim, em prata, e bordado com resplandor. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Ou seja, é também nos processos artísticos mediados pelo fazer coletivo e criativo que os sentidos são evidenciados e atualizados. Os créditos e o release da exposição foram apresentados e aprovados no grupo de trabalho da produção local, que contou com o apoio da equipe da empresa Simone de Natividade (pertencente a Simone Camêlo Araújo) na confecção das estruturas de buriti para fixar os tecidos impressos.



Release e créditos da exposição produzidos pela equipe. Fonte: Acervo da pesquisa (Designer - Renata Ferreira).

Como forma de divulgação, foi confeccionado um convite em formato digital, utilizando uma das imagens da exposição como fundo, conforme a imagem seguinte.

Cartaz da exposição. Fonte: Acervo da pesquisa (Designer - Renata Ferreira).

Após a divulgação da exposição, passamos à etapa de montagem na véspera da data prevista para a inauguração, 7 de setembro de 2023, ocasião em que também elaboramos o cerimonial de abertura. No evento de abertura, nos pareceu importante destacar o quanto precisamos de toda uma cidade para uma ação como aquela. Por isso, fizemos questão de mencionar as diversas pessoas que se envolveram na ação, de agradecer a acolhida e de reconhecer a capacidade de organização coletiva dos nativitanos.

Conjunto de fotos da abertura da exposição fotográfica, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos e Renata Ferreira).

O microfone foi aberto e antes que passássemos para a apresentação do grupo cultural de *Suça Mãe Ana* e o coquetel com bolos típicos e licores oferecido pela Secretaria de Turismo e Cultura do município, várias pessoas fizeram uso da palavra, entre elas a costureira, bordadeiras, ourives, participantes do ensaio fotográfico, produtora local, representantes do Iphan, Secretaria de Turismo e Cultura e a equipe desta pesquisa. Reportagens[261] do evento foram produzidas e podem ser acessadas digitalmente.

Ao final destas atividades, tivemos a compreensão de algumas mudanças operadas na nossa atuação como pesquisadores, nos transformando em agentes propulsores de ações que geram impactos positivos e imediatos na cidade. Por exemplo, a realização da exposição encorajou a Secretaria de Turismo e Cultura a fazer a manutenção das luminárias da praça. A exposição também propiciou um alargamento de nossa perspectiva museológica. Nesse sentido, o patrimônio cultural de uma das cidades mais antigas do estado do Tocantins e o seu conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico foi trazido para estimular a reflexão sobre os

[261] Cf. <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/33041-exposicao-fotografica-valoriza-as-joias-artesanais-de-natividade-como-patrimonio-cultural> e <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/33087-moradores-de-natividade-to-comentam-exposicao-fotografica-que-exalta-a-cultura-local-atraves-das-joias-artesanais>.

“mecanismos de trânsito entre a área cultural e a educação”, em diálogo com nossa pesquisa. Buchmann afirma que podemos pensar uma cidade a partir de ações que possam “[...] contribuir para que aconteçam mudanças na relação, tão complexa, de educar/mediar para a arte [...] e promover o sentimento de pertença ao patrimônio”.[262] Na inauguração da exposição, ficou claro que a ourivesaria já um patrimônio cultural para os nativitanos e que cabia a nós contribuir para torná-lo um patrimônio para os brasileiros.

Exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem*. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Daniel dos Santos).

Durante a exposição observamos que as pessoas gostavam de tirar fotos com as imagens em tecido, compartilharam nas redes sociais fotos do evento e mencionaram que tudo estava muito bonito. Também comentavam que a instalação parecia muito com Natividade, dado que nos remeteu à importância de trabalhar com os elementos locais.

[262] Buchmann, Luciano Parreira. *Escolares nos museus*: Ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais. MIDAS, n. 3, 2014.

Participantes tirando fotos com as imagens. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Daniel dos Santos).

Algumas pessoas que não apareceram nas imagens nos procuraram para reclamar sua presença, fato que reforçou a importância de ser reconhecido como parte da ourivesaria, de querer ser parte de algo que se mostra muito significativo. A *performance* colocou em relevo também tensões, conflitos e ressentimentos, trazendo dados para a equipe repensar ações futuras, bem como aprofundar o conhecimento das relações de sociabilidade de Natividade.

Parte da equipe de pesquisa e do Iphan, 2023. Fonte: Acervo da pesquisa (Foto - Simone Camêlo Araújo).

Os sentidos de um bem cultural tomados como forma de expressão são constantemente atualizados pelos detentores do bem. Conforme relatado no Prólogo e no Epílogo do Dossiê, ao derreter sua peça antiga e com valor afetivo (o brinco *peito de moça*), dona Dizinha propôs novos arranjos simbólicos para sua joia. A partir da situação de se ver numa exposição fotográfica, de ser entrevistada e fotografada pela equipe de pesquisadores com seu "velho" brinco, ela subverte os sentidos da ourivesaria de ontem e os ressignificam no hoje, trocando o *teta de moça* pelo *flor de maracujá*.

Após a inauguração da exposição, a própria comunidade definiu que o conjunto de imagens produzido, ao invés de ficar exposto na praça, iria circular pelas escolas. Avaliamos a iniciativa de forma muito positiva, pois evidenciava o quanto a exposição pertencia à comunidade e expressava algo importante que deveria ser divulgado entre os nativitanos. Assim a exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem* assume um formato *andarilho* que viajou em nove pontos da cidade conforme podemos visualizar no quadro e mapa seguir:

Local	**Data/Período**
Praça Leopoldo de Bulhões	06/09/2023 a 15/09/2023
Colégio Estadual Nossa Senhora de Fátima	20/09/2023 a 27/09/2023
Escola Municipal Archcelina Pacini	27/09/2023 a 03/10/2023
Colégio Militar Joaquim Lino Suarte	03/10/2023 a 08/10/2023
Prefeitura Municipal de Natividade / Casa de Cultura Amália Hermano Teixeira	09/10/2023 a 16/10/2023
Colégio Estadual Dr. Quintiliano da Silva	16/10/2023 a 23/10/2023
Colégio Agropecuário de Natividade	23/10/2023 a 06/11/2023
Escritório Técnico do Iphan	06/11/2023 a 24/11/2023

Locais e períodos da exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem.* Fonte: Acervo da pesquisa.

Registros da *Exposição Andarilha* feitos pela comunidade. Da esquerda para direita Colégio Agrícola, Colégio Nossa Senhora de Fátima e Colégio Militar de Natividade. Fonte: Acervo da pesquisa (Fotos - Renata Ferreira).

O caráter tátil e maleável de uma exposição feita em tecido como as bandeirolas cheias de simbolismo para os nativitanos, favoreceu a capacidade de adaptação do material aos espaços escolares. Foi possível pendurar os estandartes em corredores, paredes, colunas e janelas e manter as duas séries à altura dos olhos, de forma que pudessem ser tocadas.

Do que trata essa exposição? Por que tantas pessoas da comunidade estão aqui expostas? Por que as joias estão em evidência? Perguntas-atividade que supomos terem surgido nas pessoas por onde circulou a *Exposição Andarilha*. Com isso, pensamos ter contribuído para provocar uma "pedagogia da insubordinação", que significa, entre outras coisas, "redefinir e integrar as relações com as artes, a literatura e a educação nas experiências cotidianas".[263] Além disso, a itinerância da *exposição andarilha* pelas escolas e outros lugares da cidade, levou a que um maior número de pessoas – principalmente o público estudantil – tivesse acesso à exposição, contribuindo para amplificar as atividades da pesquisa.

[263] Hernández, op. cit., 2013, p.346.

Catálogos

Dadas as singularidades dos objetos que constituem a ourivesaria e a mobilização dos moradores de Natividade, suscitada pela pesquisa de documentação para o pedido de registro, e por força de uma inspiração da coordenadora do projeto, anunciada na Apresentação deste Dossiê, a equipe de pesquisadores e pesquisadoras resolveu entregar mais um produto – além do texto do Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade e do documentário Ourivesaria Artesanal de Natividade – qual seja, três catálogos, concebidos para mostrar por meio do poder das imagens e com *design* artístico, a beleza singular de um patrimônio brasileiro incrustado no Sudeste do Tocantins à espera de visibilidade e preservação.

As imagens do catálogo *A pele das joias* foram inspiradas nos trabalhos do fotógrafo malinês Seydou Keïta e capturadas no Ensaio Fotográfico, e buscaram mostrar nativitanos e chapadenses, individualmente ou em grupos familiares ou de amizade, usando as suas joias. Ele propõe a fruição de uma galeria de moradores exibindo performaticamente suas joias num cenário produzido para tal.

O catálogo *Joias Com Versos de Crianças* é resultado da sensibilização e criação dos estudantes da professora Cássia Albuquerque que, mobilizados pela pesquisa e pela exposição *Aqui tecemos hoje os tesouros de ontem* em sua versão *andarilha*, contribuíram para dar mais brilho poético às joias nativitanas, mostradas em pequenas coleções, mas individualizadas em suas especificidades técnicas e tipológicas.

O catálogo *Ferramentas*, também concebido artisticamente, é uma mostra de algumas das ferramentas que integram a *mesa* do ourives. Elas constituem o ambiente do saber-fazer ourivesaria e, portanto, as memórias técnicas de longa duração vindas de várias partes do mundo e se fundindo numa ancestralidade que se faz presente nas expressões culturais que singularizam Natividade e seus arredores.

Os catálogos foram concebidos individualmente, e, por essa razão e por questões de sequência narrativa, serão apresentados separadamente ao texto do Dossiê, na seguinte ordem:

A pele das joias

Joias Com Versos de Crianças

Ferramentas

Catálogo

A pele das joias

A pele das joias

DOSSIÊ DE REGISTRO DO BEM CULTURAL OURIVESARIA DE NATIVIDADE -TO

pesquisa baseada em artes
catálogo de fotos

Edição 1 Vol. 1

A pele das joias

catálogo de fotos

Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade -TO

foto	Daniel dos Santos
concepção e diagramação	Renata Ferreira
supervisão	Nei Clara de Lima
edição de imagens	Rafael Trapp
coordenação geral	Noeci Carvalho Messias

Equipe de Pesquisa

Noeci Carvalho Messias - Coordenadora/Pesquisadora

Nei Clara de Lima - Pesquisadora

Renata Ferreira da Silva - Pesquisadora

Rafael Petry Trapp - Pesquisador

Daniel dos Santos Coelho Silva - Pesquisador (Vídeo e fotografia)

Rodolfo Alves da Luz - Pesquisador (Geoprocessamento)

Dora Maria Soares de Oliveira - Bolsista de Graduação

Lais Paz Duarte - Bolsista de Graduação

Míriam Lucas da Silva Parente - Apoio técnico administrativo - financeiro

Produção local

INSERIR

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ministério da Cultura

Governo Federal Brasil União e Reconstrução

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários PROEX

UFT Universidade Federal do Tocantins

Foto da Capa

Dia do Bonfim Candeias nasceu na região do rio do Peixe, perto de Almas, no Tocantins. Mora em Natividade desde os tempos de criança onde é conhecida por dona Dizinha. É filha de Maria do Bonfim e neta de Maria das Candeias e foi criada por uma família que não a consanguínea, "vigiando bicho na roça". Ganhou da mãe de criação um brinco teta de moça, confeccionado em ouro por mestre Juvenal. Com ele, participou do ensaio fotográfico e disse que jamais o havia tirado da orelha. Assim que terminou o ensaio, disse de mãos postas e olhando para o céu: "Estou passando à rainha, cheia de dinheiro no corpo. Obrigada, meu Deus, por estar pegada no ouro do Juvenal!"

Dona Dizinha e seu discurso, saturado de muitas camadas de sentidos, é o guião interpretativo local da pesquisa sobre a ourivesaria de Natividade.

Nei Clara

APRESENTAÇÃO

O catálogo de fotos " A pele das joias" materializa uma das ações da pesquisa baseada em Artes do Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade -TO. A realização de um ensaio fotográfico com os moradores do munícipio de Natividade - TO e Chapada de Natividade - TO foi modo inventivo de pesquisa para gerar encontros, experiências e captura de sentidos sobre a utilização das joias. Quem são as pessoas que usam as joias? Como e com que propósitos?

O modo investigativo artístico ativa componentes estéticos com o objetivo de revelar outras formas de observação, percepção, interpretação e utilização do elemento pesquisado a partir de pontos de vista que as experiências estéticas são capazes de ativar, sejam elas por meio de representações visuais ou performáticas.

Pingentes de peixa, crucifixos, olhos de Santa Luzia e pombas do Divino Espírito Santo pendurados em colares de elo português, lantejoula ou cartier. Conjuntos de coração nativitano e flores de maracujá. Brincos têta de moça, anéis e pulseiras escravas... Joias que mostram a relevância social e simbólica que a ourivesaria de natividade tem na vida das pessoas.

Para o ensaio fotográfico, convidamos os moradores para virem até o Escritório Técnico do Iphan no centro histórico de Natividade com a roupa que quisessem para serem fotografados com suas joias. Nesta ação interessava perceber como a comunidade iria aderir à proposta; com qual o traje gostariam de ser fotografadas; que histórias seriam narradas e que joias seriam mostradas para "dar a ver" outros sentidos.

Este catálogo apresenta quarenta e duas pessoas que, por meio das joias nativitanas, comunicam ideias, valores e identidades que vem sendo transformadas por diversos grupos socias.

A pele das joias é um convite para imaginar um tempo presente entre o passado e o futuro do povo Nativitano que reconhece a ourivesaria como patrimônio cultural e assegura sua continuidade no tempo e no espaço.

Renata Ferreira

PREFÁCIO

Elaborar um catálogo de fotos para integrar o Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade teve dois propósitos: primeiro, destacar o modo como a pesquisa de campo foi construída no que se refere à captação de imagens de pessoas que compartilham conosco esta pesquisa e o interesse pela patrimonialização da ourivesaria de Natividade. Segundo, oferecer ao leitor um compêndio de imagens que possa, ao mesmo tempo, registrar esses compartilhamentos e sugerir ao leitor algumas possibilidades interpretativas das joias e dos gestos da ornamentação corporal nativitanas como "materializações da memória", como "objeto[s] animado[s] do amor e do trabalho humanos"[1] daquela localidade, apresentadas no texto do dossiê.

Inspirados pelo trabalho do fotógrafo africano Seydou Keita, o convite foi feito aos moradores para que se deixassem fotografar com suas joias num ambiente-cenário previamente preparado para tal fim.

Feitos os convites – que se espalharam pela cidade por meio daqueles que já haviam posado para as fotos, conforme nossa expectativa – várias pessoas procuraram o escritório do Iphan em Natividade, umas poucas sozinhas, outras em pequenos grupos de família ou de amigos, para serem fotografadas. Vieram bem vestidas, cabelos bem penteados; as mulheres com os rostos maquiados trazendo no corpo suas joias, a maioria de ouro.

Chegaram com seus brincos, colares, anéis e pulseiras, completando os trajes que, junto com os ornamentos da joalheria, exibiam, tanto para si próprias quanto para a equipe da pesquisa que acompanhava a captação das imagens, a importância que atribuem à posse e uso de joias. Esta exibição ganhou mais eloquência quando algumas pessoas trouxeram pequenos baús recheados de seus tesouros para nos mostrarem, além das joias que portavam no corpo. Então, possuir e usar joias confeccionadas pela ourivesaria nativitana se mostram, nesta performance , como também no sistema de valores local, como marcadores importantes de distinção social na vida social de Natividade e região.

Nei Clara

1] Stallybrass, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor. 3.ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.46

[2] Douglas, Mary e Isherwood, Baron. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p.126

Começamos então a guardar o ouro da minha vó, que afinal, era também da minha mãe e meu e, nesse momento, senti-me muita rica porque tinha um tesouro e o sabia compreender.

Rosa Maria do Santos Mota

ENEGRECER
PERTENCER

Deuseilton Cardoso Lima - Ourives
Suélia Tolentino Reis
Ester Maria Cardoso Tolentino

Viviane Carneiro Menezes
Leandra Gonçalves de Melo

Rosângela Rodrigues Oliveira - Ourives

Vanice Nunes Pinto (Nena)

Suélia Tolentino Reis

Patrício Dias Santana

Ester Maria Cardoso Tolentino

TRANSMISSÃO

TRANSFORMAÇÃO

Emilly Avelino de Sousa
Lidiane Bonfim Pereira da Silva

Sheylla Regina Camelo da Costa
Francisca Dionizio de Santana

Rosângela Rodrigues Oliveira (Rosa) - Ourives
Janaina Torres Pinto Abreu - Ourives

Emilly Avelino de Sousa

Ohana Diniz Carvalho

As coisas que usamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre o que buscamos ser.[...] Estamos intimamente envolvidos com objetos que amamos, desejamos ou com os quais presenteamos os outros"

Anette Weiner

| Aurenilsa Ferreira Sousa Mendes e seu esposo Amilton Batista Mendes

| Aurenilsa beijando sua mãe Edeltrudes Rodrigues de Sousa

| Cássia Tavares de Albuquerque e Zé Leal - Ourives

| Zé Leal - Ourives

| Denise Viana Camelo e seu esposo Albany Nunes Cerqueira

| Denise Viana Camelo

| Lidiane Bonfim Pereira da Silva
Andressa Avelino dos Santos
Jovita Pereira da Silva

| Ana Patrícia Pereira Santana e seu pai Patrício Dias Santana

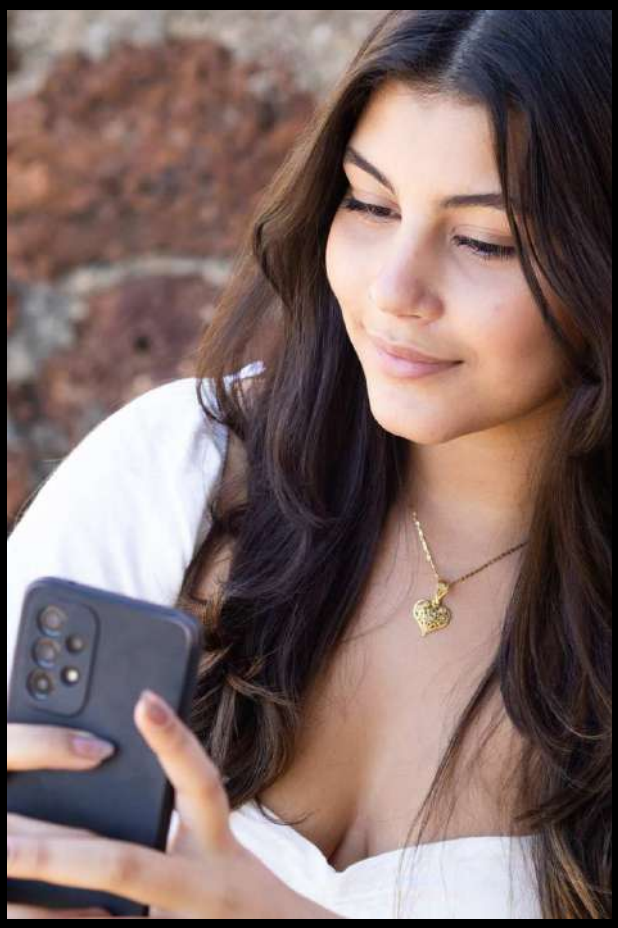
| Belarmino Rumão Ferreira
Ana Patrícia Pereira Santana
Patrício Dias Santana

| Belmira Bispo Rodrigues Barros e seu esposo Luciano de Barros

Não há patrimônio que não seja ao mesmo tempo condição e efeito de determinadas modalidades de autoconsciência individual ou coletiva. ”

José Reginaldo Santos Gonçalves

Danielle Marques Camelo



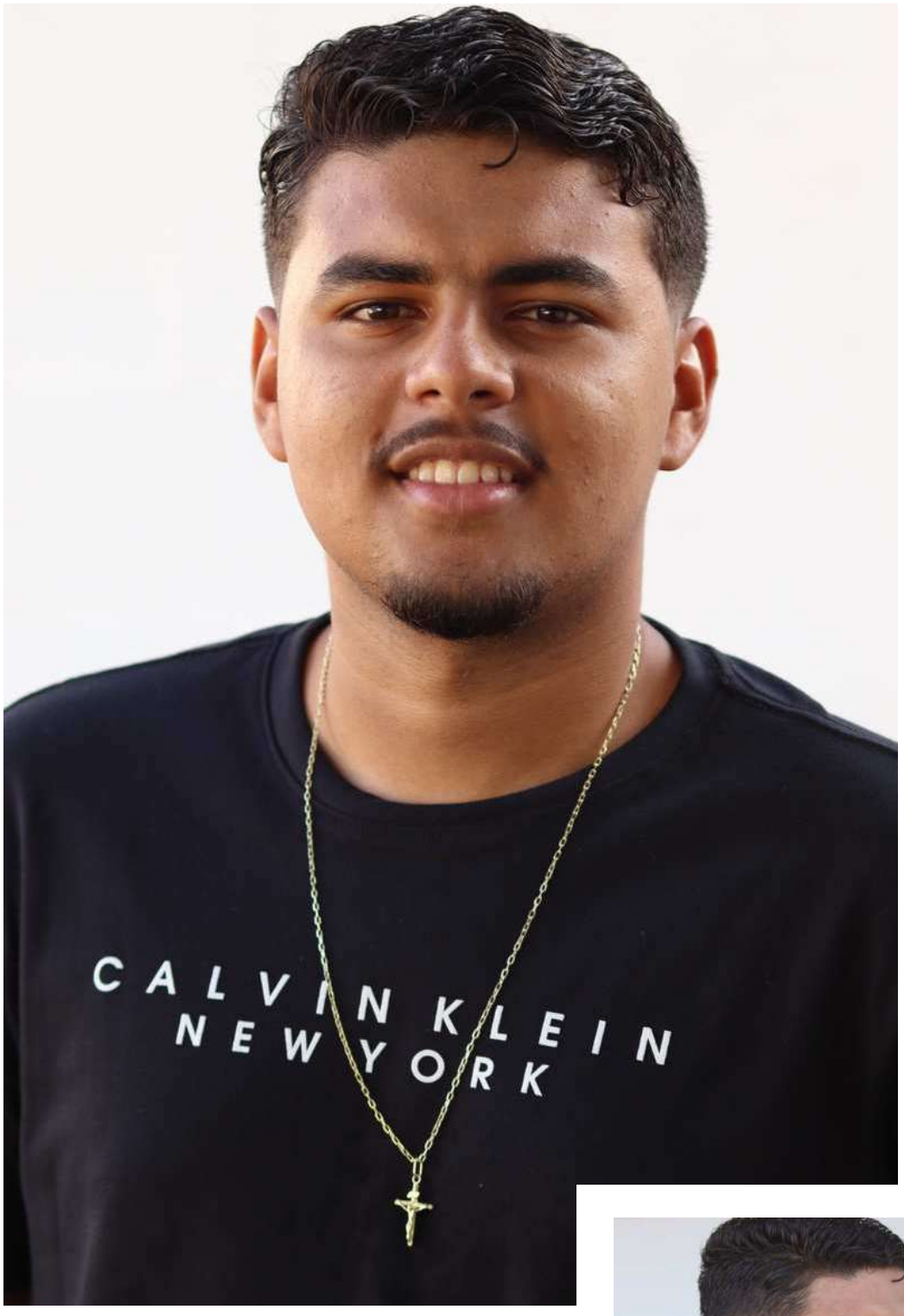
Marina Leal Muniz Sabini

Karoline Gonçalves Almeida

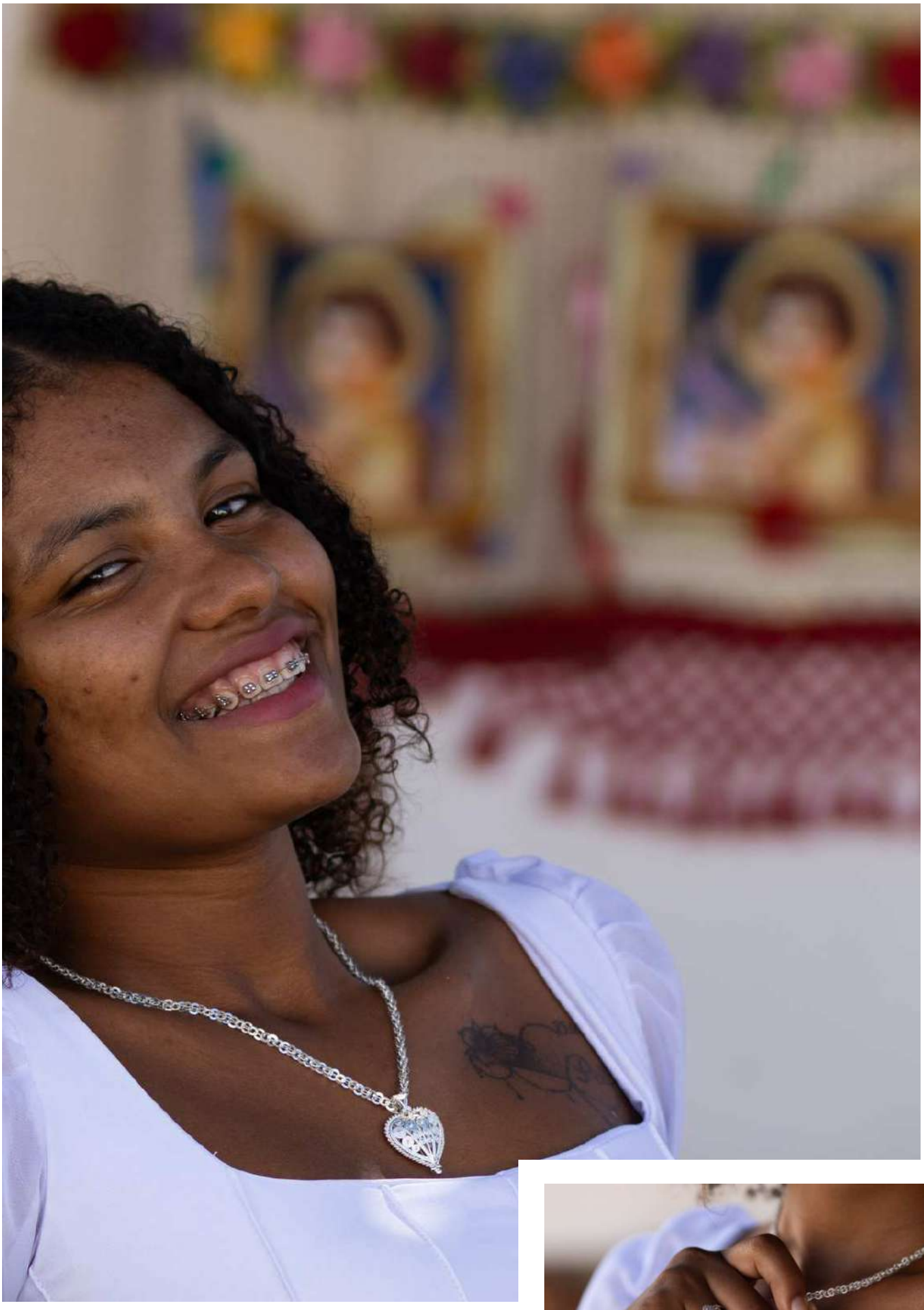
Karen Gonçalves de Araújo Antero

DEMARCAÇÃO

| Anfrisia Pereira Cardoso



| Kaik Lopes Guedes - Ourives



| Advânia Gomes da Silva

Sem joias não há dama que se considere suficientemente vestida.

Alcântara Machado

Nilma Borges Napp

Augusta Maria Nunes Gomes

Márcia Araújo Borges Pinheiro

Domingas Rodrigues dos Santos

Os objetos sagrados [...] além de estarem nas igrejas e outros locais santos, eram colecionados junto ao corpo, para o que bastava que fossem bentos e ungidos por água, óleos, orações e outros rituais. Assim o diabo, o maior dos inimigos, estaria distante pelo repertório de objetos, formas e materiais que significam Deus e sua igreja.

Raul Lody

Jenypher Melyssa Oliveira da Silva
Smith Stocllos de Oliveira Cardoso-

Uardon Moreira da Cunha - Ourives
Filomena Batista de Amorim Moreira - Mãe

Karina Batista da Silva
Rodrigo Gonçalves Pereira- Ourives

Orleid Sérgio Pinto de Carvalho - Ourives
Ligiane da Silva Diniz

A festa do Divino Espírito Santo e as joias artesanais de Natividade constituem umas das expressões mais vivas da identidade do povo nativitano.

Noeci Carvalho de Messias

DEVOÇÃO

Patrício Dias Santana
Belarmino Rumão Ferreira

Ailton de Paiva Moreira - (Darley)

Tânia das Mercês Nunes Cerqueira

Simone Camelo de Araújo

PÓSFACIO

As joias artesanais pertencem aos nativitanos. Em Natividade, as joias fazem parte do dia a dia e são uma vivência, uma expressão cultural forte. A história local se confunde com o avanço da exploração do ouro para abastecer Portugal. Portugueses e africanos se juntam para a retirada do ouro. Daqui saía o minério, mas algumas riquezas culturais, somadas às diversidades locais, vieram e ficaram como o saber e fazer da confecção das joias artesanais em ouro e prata. Os mestres e aprendizes foram os responsáveis pela preservação ao longo dos anos.

No século XX, o trabalho da Associação Comunitária Cultural de Natividade - ASCCUNA foi primordial para o resgate, preservação e ampliação das técnicas tradicionais, como a filigrana. Esta técnica de delicado trançado de fios do metal, soldados de forma a compor um desenho, exige muito do artista e dá mais significados à identidade local. De fundamental importância foi viabilizar a popularização do uso das joias artesanais com sua confecção na prata, tornando as peças com preços mais acessíveis. A presença feminina e de ourives negros nas bancadas é uma nova realidade.

Dessa forma, a filigrana é uma arte de tecer os fios que liga todas as gerações, que tornam as peças produzidas em verdadeiras obras de arte, assim como parte do dia a dia dos nativitanos, que as mostram fazendo das joias parte da sua própria pele, uma pele enegrecida.

O catálogo faz parte do estudo de reconhecimento como patrimônio imaterial brasileiro e o nome é justo: A PELE DAS JOIAS. Louvamos e parabenizamos a mobilização/ participação da comunidade na produção deste catálogo A PELE DAS JOIAS, ratificando colaborando ou despertando o interesse coletivo pelo reconhecimento como patrimônio nacional. Celebramos a rica herança dos portugueses e de matriz africana na formação da diversidade cultural do nosso povo.

Simone Camelo

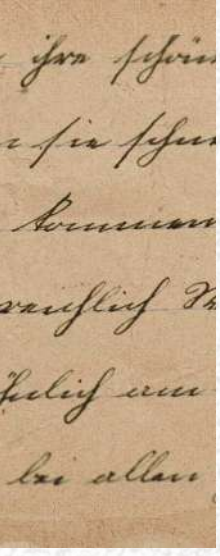
Catálogo

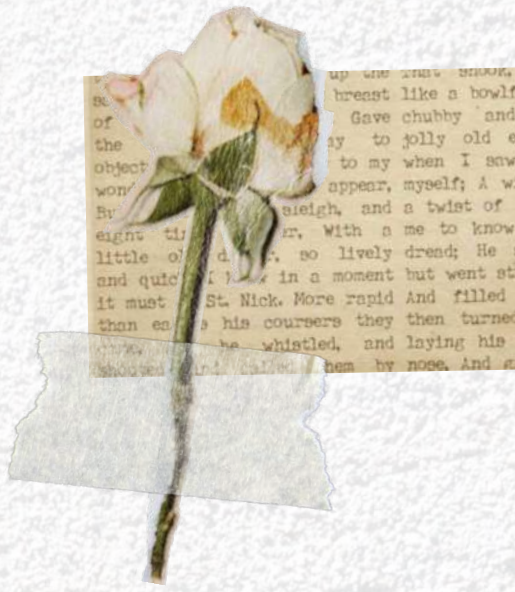
Joias Com Versos de Crianças

Catálogo do Joias

com versos de crianças

Dossiê de Registro do Bem Cultural
Ourivesaria de Natividade - TO





Catálogo do Joias

com versos de crianças

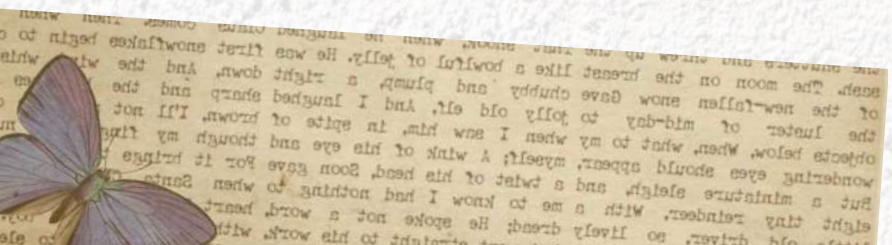
Dossiê de Registro do Bem Cultural
Ourivesaria de Natividade - TO

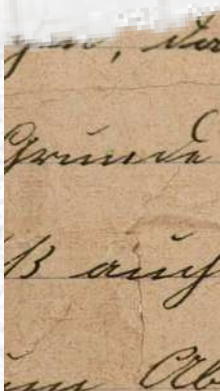
2024

MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários
PROEX
UFT
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS





EQUIPE

Fotos: Daniel dos Santos, Rafael Trapp e Jorge Dias

Diagramação e concepção:
Renata Ferreira

Versos: crianças do 5° ano do Ensino fundamental- Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira

Professora Orientadora:
Cássia Tavares de Albuquerque

Supervisão de edição: Nei Clara Lima

Coordenação Geral:
Noeci Carvalho de Messias

MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários PROEX
UFT UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

APRESENTAÇÃO

A ourivesaria de Natividade e as crianças

Neste catálogo, se relacionam, ao modo de colagem em caderno de escola, joias nativitanas fotografadas no decorrer da Pesquisa do Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade - Tocantins, com versos de crianças produzidas em sala de aula.

As joias são acervos de família, guardadas com zelo e mostradas com orgulho, catalogadas por tipologia aleatória nas casas dos nativitanos durante as inúmeras visitas realizadas no decorrer da pesquisa etnográfica realizada pela equipe.

Os versos são das crianças do 5° ano do Ensino Fundamental - séries iniciais, com idades entre 9 e 11 anos, orientadas pela professora Cássia Tavares de Albuquerque, na Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira em Natividade -TO. A partir desse bonito projeto as crianças são instigadas a conhecerem sua cultura para o pertencimento e valorização do patrimônio cultural da cidade.

A proposta é de pesquisa baseada em artes, aquela que, junto a comunidade nativitana, ativa condições para que as artes potencializem modos coletivos de construção de saberes. O que as crianças tem a nos dizer sobre os sentidos expressos na ourivesaria nativitana?

Nosso catálogo de joias com versos de crianças desenha práticas de investigação nos limiares e nos cruzamentos com a escola, de modo que os estudantes e professores participem de uma educação transdisciplinar e criativa junto a Universidade Federal do Tocantins e o IPHAN, a partir do projeto de pesquisa em torno do Bem Cultural da Ourivesaria de Natividade - TO.

Renata Ferreira

Atriz , professora e pesquisadora Licenciada em Teatro. Doutora e Mestra em Educação – Linha de pesquisa: Artes, educação e Comunicação – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

PREFÁCIO

O encantamento no olhar, a vontade de explorar lugares desconhecidos e de ouvir histórias sobre o que já passou são caminhos que as crianças percorreram para produzir os versos que você irá ler neste Catálogo.

Versos produzidos por estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental – séries iniciais, com idades entre 9 e 10 anos, da Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira, que fazem parte do projeto Nossa Cultura em Versos. Um projeto que vem desde 2021 levando os estudantes a transformar os conhecimentos adquiridos sobre a história de Natividade em belos poemas.

Versos simples, mas repletos de muito significados. Neles são expostos sentimentos construídos pelos pequenos, como o de pertencimento, admiração e orgulho pela sua cultura, o que vai fomentando o desejo de preservação e propagação da cultura local.

Em outubro de 2023, o projeto Dossiê de Registro do Bem Cultural Ourivesaria de Natividade, Tocantins realizou uma ação compartilhada com a comunidade, a exposição fotográfica Aqui Tecemos Hoje os Tesouros de Ontem, que chegou a nossa ue chegou a nossa escola contribuindo ainda mais com o projeto Nossa Cultura em Versos.

qNessa ação educativa, as crianças perceberam as joias, não só como um acessório, mas como parte da identidade dos nativitanos. A produção dos versos foi construída a partir do que essa ação proporcionou: uma forma leve e prazerosa de contar sobre a riqueza emocional que as joias nativitanas expressam para o seu povo.

É uma honra para o projeto Nossa Cultura em Versos ter as quadrinhas escritas por nossas crianças em um material que irá contribuir para a difusão e valorização do nosso bem patrimonial local, que são as joias artesanais de Natividade.

Amigo leitor, a obra Catálogo de Joias Com Versos de Crianças apresenta as joias nativitanas e a técnica da filigrana, por meio de fotografias das joias e de versos das crianças. A obra nos brinda com peças seculares confeccionadas em ouro e prata, produzidas de forma manual pelos ourives locais, que multiplicam os seus saberes há várias gerações. Tudo isso acompanhado de versos de crianças que comungam do sentimento de pertencimento à comunidade nativitana, que concebem as joias artesanais como parte das identidades locais.

Cássia Tavares de Albuquerque

Licenciada em geografia e pedagogia com especialização em coordenação pedagógica. Idealizadora do projeto Nossa Cultura em Versos na Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira em Natividade –TO

AS CRIANÇAS

Rhavylla de Paiva Nascimento, 10 ANOS

Marcela Sofia Ferreira Seraine de Souza, 10 ANOS

Emanuel Monteiro Ribeiro, 10 ANOS

Hugo Araújo da Cunha, 10 ANOS

Letícia Albuquerque Silva, 9 ANOS

PEDRO HENRIQUE BEZERRA, 10 ANOS

Diego Alves Marcos, 10 ANOS

Emanuelly Gonzaga de Sousa, 10 ANOS

Jeniphy Karoline Cardoso Lopes, 10 ANOS

Davy Ricardo Araújo Costa 10 ANOS

Leonardo Rodrigues Batista 11 ANOS

Kalleb Gomes Lopes Suarte 10 ANOS

KAMYLLA JORGE D DA MATA, 10 ANOS

Stefany Bispo Sarzeda 10 ANOS

Heitor Belchior Pereira Leite, 10 ANOS

Lauanne Ferreira de Almeida 10 ANOS

Pingente de peixa em ouro

As joias de Natividade
tem muita beleza,
tem o anel sete vidas,
uma grande riqueza.

Jeniphy Karoline Cardoso Lopes,
IO anos.

Dedal de ouro

Ourivesaria de natividade
tem joias de verdade,
cultura secular,
um orgulho pra cidade.

Lauanne Ferreira de Almeida,
IO anos.

ourivesaria
de Natividade

O Tesouro de natividade são as nossas joias, feitas de filigrana, são muito charmosas.

Pedro Henrique Bezerra, 10 anos.

A ourivesaria de
natividade
faz joias de montão,
joias artesanais,
que transmitem emoção.

Diego Alves Marcos, IO anos.

De baixo para cima: Pingente de pedra rendada com colar de cartier; Pulseira de dois corações e Crucifixo de madeira encastoado em ouro.

Da esquerda para direita, linha de cima: Pigente do Divino Espírito Santo, Coraçaozinho de filigrana e Encastoador de cabelo. Linha abaixo, esquerda para direita: Pingente de Peixa Pacu e Piabinha.

Na ourivesaria de natividade
tem joias de montão,
são lindas e artesanais,
que conquistam o coração.

Kamylla Jorge da Mata, IO anos.

Os ourives de natividade
fazem joias de coração,
cultura secular
trazendo muita emoção.

Letícia Albuquerque Silva,
9 anos.

Relicário de ouro com filigrana em corrente de lantejoula.

A joia de natividade
é uma joia artesanal,
cultura secular
vinda do período colonial.

Emanuelly Gonzaga de Sousa,
IO anos.

Conjunto de joias em ouro e prata.

Natividade é histórica
tem casarões e igrejas
tem as joias tradicionais,
cidade de grande riqueza.

Davy Ricardo Araújo Costa, IO anos.

De baixo para cima joias em ouro: Anéis do Divino Espírito Santo, Brincos de flor de maracujá, conjunto de brincos e pingente.

Crucifixo em ouro de parafuso

A joia de natividade
é mesmo artesanal,
passada de gerações,
veio de Portugal.

Emanuel Monteiro Ribeiro, IO anos.

Pingentes em prata de
Libélula e Flor de Maracujá

A joia de Natividade
é muito especial,
ela é de filigrana,
ela é artesanal.

Kalleb Gomes Lopes Suarte,
IO anos.

Detalhe de Pingente de Coração Nativitano em prata.

Aqui em Natividade
Tem seis ourivesarias
Produzindo joias
Com muita alegria

Hugo Araújo da Cunha, 9 anos

Conjunto de brincos de bolas em ouro.

A Ourivesaria de Natividade
Tem muitas riquezas,
Tem muitas joias
E também muitas belezas

Stefany Bispo Sarzeda, IO anos.

Pingentes de Peixas diversas.

A joia de natividade
é uma joia artesanal,
cultura secular,
vinda do período
colonial.

Emanuelly Gonzaga de
Sousa, IO anos.

Pingente do Divino Espírito Santo em prata

Ourivesaria de Natividade
faz joias com emoção,
é uma cultura secular,
que encanta meu coração.

Rhavylla de Paiva Nascimento, IO anos.

Anel escravo em ouro

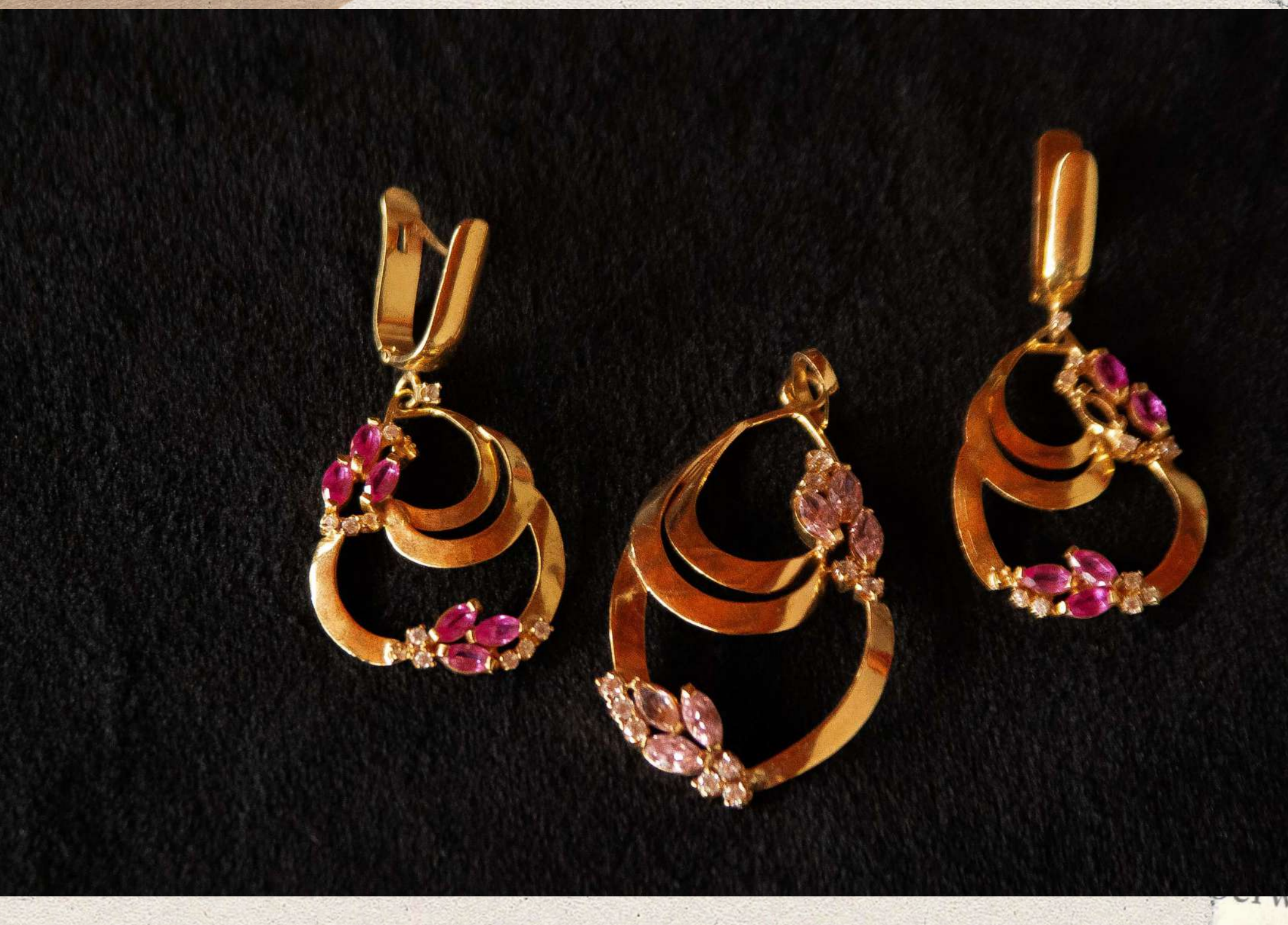
A ourivesaria de natividade
tem ourives de montão,
fazem anel sete vidas,
eles tem bom coração.

Marcela Sofia Ferreira Seraine de Souza, 10 anos.

Anel com detalhes em filigrana em ouro

Natividade tem:
encantos e belezas,
tem muitas joias,
e muitas riquezas.

Leonardo Rodrigues Batista,
II anos.



Conjunto de brincos e pingente em ouro
com pedras.

A ourivesaria de natividade
tem joias de montão,
cultura secular
alegrando o meu coração.

Heitor Belchior Pereira Leite,
IO anos

PÓSFACIO

Este catálogo traz para o leitor um pouco da história da ourivesaria de Natividade e dos sentimentos que essa arte desperta nas pessoas daquele lugar. Por meio de fotografias e poemas, enlaça o passado com o presente e evidencia que a "tradição" dessa joalheria tem sido possível porque tais peças de ouro e prata integram o ciclo de vida dos nativitanos. O ofício dos e das ourives tradicionais daquela localidade chega ao nosso tempo devido a essas joias, como dizem aqui os poemas das crianças: "conquistarem o coração", despertarem "emoção", terem "muita beleza". Com isso, a iniciativa deste projeto desenvolvido na Escola Municipal Archcelina Pacini Vieira representa o orgulho dos nativitanos pela estética e o legado de sua joalheria tradicional, assim como demonstra ter contribuído para que essas crianças reflitam sobre seu próprio papel na continuidade de tal expressão cultural.

Desse modo, os registros de joias de acervos de famílias nativitanas, apresentadas nesta obra, permitem que possamos conhecer a arte de importantes mestres ourives daquela cidade.

Um exemplo é mestre Juvenal Rodrigues, que aos 12 anos de idade aprendeu a joalheria com mestre Antônio Vicente Nunes e, tempos depois, foi responsável pela formação de outros tantos mestres ourives, como Jesumar e Uassí. E, posteriormente, o próprio Jesumar repassou o ofício para novos joalheiros, como mestre Wal. Então, as peças aqui expostas revelam o cuidado e o apreço dessas famílias com o trabalho de tais mestres tradicionais. Ao mesmo tempo que ilustram a existência de uma transmissão contínua, entre gerações, do ofício e dos modos de fazer as joias “de Natividade”.

O leitor também pode notar que o uso da técnica de filigrana nessas joias tradicionais já era utilizada antes mesmo de mestre Juvenal, como pode ser percebido nas imagens do Crucifixo em ouro de parafuso e no Relicário em ouro. Mas, pelo menos nos dois casos, é apresentado o uso comum da filigrana de rodilhão apenas como detalhes nas peças. Diferente do total enchimento em filigrana que é visto, hoje, em alguns dos principais modelos “clássicos” da joalheria artesanal nativitana, como os corações e a Flor de Maracujá.

Ainda, vale destacar a variedade de “peixas” exibidas neste catálogo, demonstrando a singularidade característica dos trabalhos artesanais. Incluindo pingentes representando os peixes pacu e piaba, confeccionados por mestre Juvenal. Essa joia articulável costuma ser feita em ouro ou prata e, comumente, é utilizada como pingente ou brinco pelas mulheres de Natividade.

Inclusive, naquela cidade, é entendida como símbolo das nativitanas. Nas décadas de 1950 e 1960, esse adorno foi bastante conhecido no antigo Norte de Goiás por ser comercializado por joalheiros que circulavam pelas cidades e regiões de mineração. E é sabido que muitos dos ourives que elaboravam essas “peixas” eram de Natividade. Além disso, tal joia articulável merece ser observada com atenção por ser um adorno que está se tornando cada vez mais incomum. São poucas as referências encontradas sobre esse tipo de item, fora do Tocantins. Em Portugal, que influenciou na tradição da joalheria nativitana, um peixinho articulável ainda é produzido, mas com pouca saída comercial. Outro exemplo similar dessa peça é encontrado em trechos do romance “Cem Anos de Solidão”, do colombiano Gabriel García Márquez, em que o personagem coronel Aureliano Buendía fabricava os “pescaditos de oro” articuláveis. E mesmo que essa joia também ocorra naquele país, tem sido menos demandada pelos compradorese

Cláudia Borges dos Santos

Jornalista e licenciada em Ciências Sociais. Doutoranda e mestra em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas, pela Universidade de Brasília (UnB)

Ourivesaria

de Natividade

Catálogo

Ferramentas

FERRA MENTAS

Dossiê de Registro do Bem Cultural
Ourivesaria de Natividade, TO

pesquisa baseada em artes

catálogo de ferramentas

EXPEDIENTE

coordenadora geral	**Noeci Carvalho Messias**
supervisora de edição	**Nei Clara de Lima**
designer e diagramação	**Renata Ferreira da Silva**
fotografia	**Rafael Petry Trapp** **Daniel dos Santos Coelho Silva** **Jorge Dias**
consultoria	**Júnior Ourives**

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

UFT UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

APRESENTAÇÃO

Os ourives são artífices que confeccionam e vendem joias de ouro ou prata. A fabricação de uma joia requer o domínio de técnicas transmitidas em um longo convívio entre mestres e aprendizes. Nesta relação a aprendizagem é direcionada para alcançar habilidades e destrezas no manuseio de ferramentas para transformar minerais em joias. Essas habilidades começam pela observação e imitação dos gestos do mestre. Mas não há ourives que se satisfaça com apenas a imitação dos seus mestres. Uma vez adquirida a perícia técnica esses artífices iniciam a produção “por conta própria” de suas peças e nelas imprimem suas marcas e autorias, fazendo de cada um deles artistas de uma tradição ourivesareira que chega até eles por meio de técnicas artesanais transmitidas artesanalmente.

Uma das formas do ourives alcançar as competências passa pela experiência com o uso das ferramentas. No caso da ourivesaria nativitana, considerando o seu estado atual em relação às ferramentas, não há como fundir os metais – matérias primas da joalheria local – sem o manuseio do cadinho no fogo e nem a transformação do lingote em placas ou fios; não há como cortar as placas ou espichar os fios sem tesouras, serras, alicates, limas, vídeas etc. A cadeia operatória da ourivesaria exige treinamentos sequenciais com ferramentas sem as quais não há o desenvolvimento das habilidades do artífice.

No entanto, mesmo sendo imprescindíveis ao desempenho do ourives, o trabalho de fundir, cortar, medir, torcer, laminar, soldar, achatar, preencher – um sem número de ações mecânicas com as ferramentas para a produção da joia – não lograriam êxito sem a sua mente, seus olhos e mãos. É dessa cadeia neuro-motora feita de intencionalidades e agenciamentos que a ferramenta executa o seu trabalho. Nesse sentido, elas participam das técnicas corporais e podem ser compreendidas como extensões do corpo do ourives.

Em Natividade, os corpos dos devotos e demais moradores, ornamentados com as joias confeccionadas por ourives nativitanos em suas oficinas, também entram na cadeia produtiva local da ourivesaria artesanal, pois demandam o trabalho desses ourives que seguem trazendo na memória da técnica joalheira a história colonial brasileira e conhecimentos ancestrais da mineração e da confecção de joias.

No *coração nativitano* e nas técnicas de sua confecção, essa história se materializa e ainda que as transformações tenham recriado seus formatos desde técnicas muito antigas, ele permanece oferecendo elementos significativos da identidade das mulheres nativitanas e dando continuidade à tradição ourivesareira de Natividade.

Nei Clara de Lima e Renata Ferreira - pesquisadoras

PREFÁCIO

As ferramentas manuais de um joalheiro são os instrumentos fundamentais que transformam pedras preciosas e metais em verdadeiras obras de arte. Entre elas, o arco de serra representa a precisão e habilidade necessárias para cortar os materiais com delicadeza.

O compasso, por sua vez, é a ferramenta que guia o artesão na criação de desenhos simétricos e detalhes intricados, mostrando a importância da geometria na joalheria. O dado de bola e o cadinho de fundição são essenciais para moldar e fundir os metais, dando forma às ideias do joalheiro. No entanto, são as limas de desbaste que permitem refinamento e perfeição às peças, exemplificando a paciência e dedicação que são intrínsecas ao trabalho manual do joalheiro.

Essas ferramentas não são apenas utensílios, mas extensões das mãos do artista, que carrega consigo o amor pela profissão e a arte de criar joias artesanais. Cada movimento, cada detalhe é uma expressão do cuidado e da paixão que o joalheiro dedica a cada peça.

O arco de serra não corta apenas metal, mas também corta caminhos para a expressão criativa do artista, enquanto o compasso traça os limites entre o sonho e a realidade, guiando o processo de transformação das ideias em objetos tangíveis. O dado de bola e o cadinho de fundição são os meios pelos quais a imaginação se materializa em formas e texturas, dando vida às visões do joalheiro.

Em um mundo cada vez mais dominado pela produção em massa, as ferramentas manuais de joalheiro representam uma conexão com a tradição e a transformação. Cada peça é única, carregando consigo a história e a habilidade do artesão que a criou. É essa singularidade que torna as joias artesanais de Natividade tão especiais e valorizadas, não apenas como objetos de luxo, mas como forma de expressão do amor pela profissão e pela arte.

Estas ferramentas são minhas companheiras no dia-dia do meu trabalho - na confecção da arte das joias - ver as imagens delas neste Catálogo é motivo de muito orgulho para mim.

Mascarenhas Soares de Carvalho - ourives

COMO SE FAZ UM CORAÇÃO NATIVITANO?

Um coração se faz com ouro ou prata da terra. Ourives preparam o metal para receber a liga, colocando um pouco de cobre aqui, um poco de prata ali para moldar um coração resistente.

É próprio do coração ficar exposto no peitoral.

A química da resistência de um coração passa por cálculos de porcentagem precisos. Para os fios da filigrana a liga é um pouco menor porque o metal precisa ficar mais maleável para ser torcido e achatado.

Uma boa liga faz o coração suportar os impactos da vida.
A coisa toda passa por fazer as armações, a estrutura que recebe os fios da filigrana. Ourives puxam os fios, laminam o metal até chegar na espessura correta. A medida é fina, muita fina com um fio de cabelo que ainda será dobrado, torcido e recozido no fogo brando para que suporte as altas rotações.

Processo que vai e volta ao laminador, que torna a achatar o fio para por fim, torná-lo vários rococózinhos, bem fechadinhos e feitos com pressão.

Um coração não tem pontas soltas.
Um processo milimétrico traz a leveza e os detalhes das bolinhas que ficam na ponta do coração nativitano. Mas, para ser forte, o coração precisa de argola e solda.

Fazer um joia em formato de coração nativitano é uma artesania preciosa que requer mãos firmes e cuidadosas e certa experiência de vida.

Renata Ferreira

1009
País de Origem: BRASIL
Aprovado pela portaria INMETR
76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93

preencher laminar

TORCER

RECOZER

ACHATAR

puxar modelar

fundir

Na verdade, o que interessava a ele, não era o negócio e sim o trabalho [...] Tão absorvente era a atenção que lhe exigia o preciosismo da artesania que em pouco tempo envelheceu mais do que em todos os anos de guerra, e a posição lhe entortou a espinha dorsal e a milimetria lhe gastou a vista, mas a concentração implacável o premiou com a paz de espírito.

Gabriel García Márquez

Se eu fizer de ouro puro a peça ela fica muito mole e não tem resistência, não tem uma dureza pra ela suportar impacto, alguma coisa do tipo.... Igual no coração, ele fica muito exposto no peitoral, se você abraça outra pessoa e apertar um pouco ele já amassa se não tiver a liga.

Júnior - ourives

FUNDIR
preparar

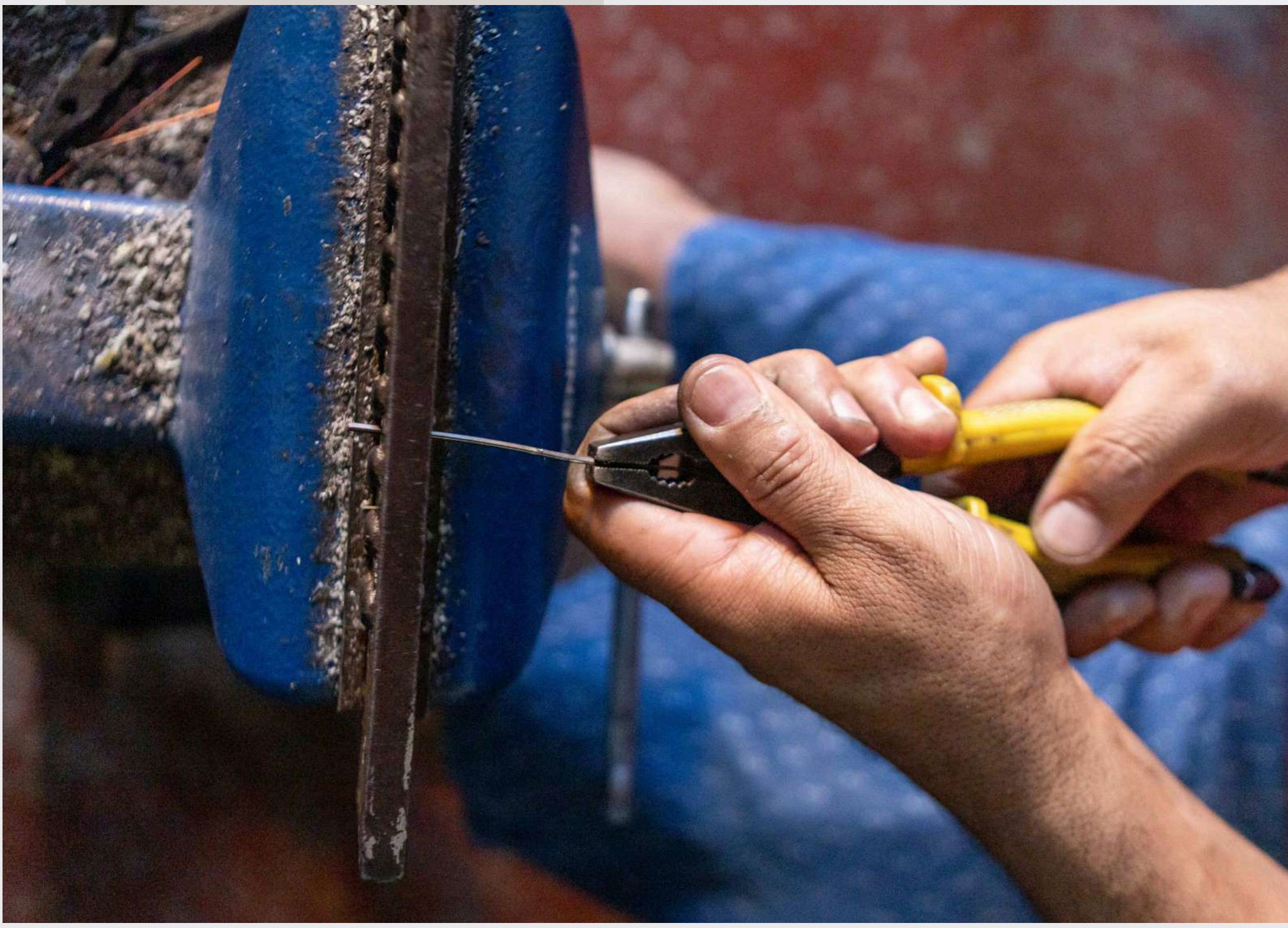
É preciso **fundir** o ouro, como todas as demais peças. **Prepará-lo** para receber a liga, a prata e o ouro que vão lhe dar resistência.

LAMINAR

recozer

Laminar até chegar ao ponto de "puxar para fio".

Puxar
afinar



Puxar até fazer o fio chegar na espessura adequada.

MODELAR

achatar

Modelar até dar forma e tamanho ao coração.

PREENCHER

enrolar

Enrolar até dar o tamanho do rococó que se quer.

FERRAMENTAS PARA SE FAZER UM CORAÇÃO

O gesto, no coração, precisa ser mais delicado.

Júnior - ourives

Fieira ou Chapa de fieira

Chapa de aço com vários furos e medidas diferentes de uso coletivo que afina o metal.

Cadinho com suporte

Material refratário que suporta altas temperaturas com haste de metal presa a cabo de madeira com mola.

Rilheira

Recipiente para despejar ouro ou prata, de uso coletivo. Feita de ferro, dá forma ao material derretido no cadinho.

Videas

Peças redondas de ferro com furo no centro de uso coletivo.

Paquímetro

Pequena ferramenta de latão que mede de forma móvel.

Compasso

Ferramenta de ferro de uso individual com duas pontas que podem ser aproximadas ou afastadas fazendo ajustes no diâmetro do regulador.

Arco de serra

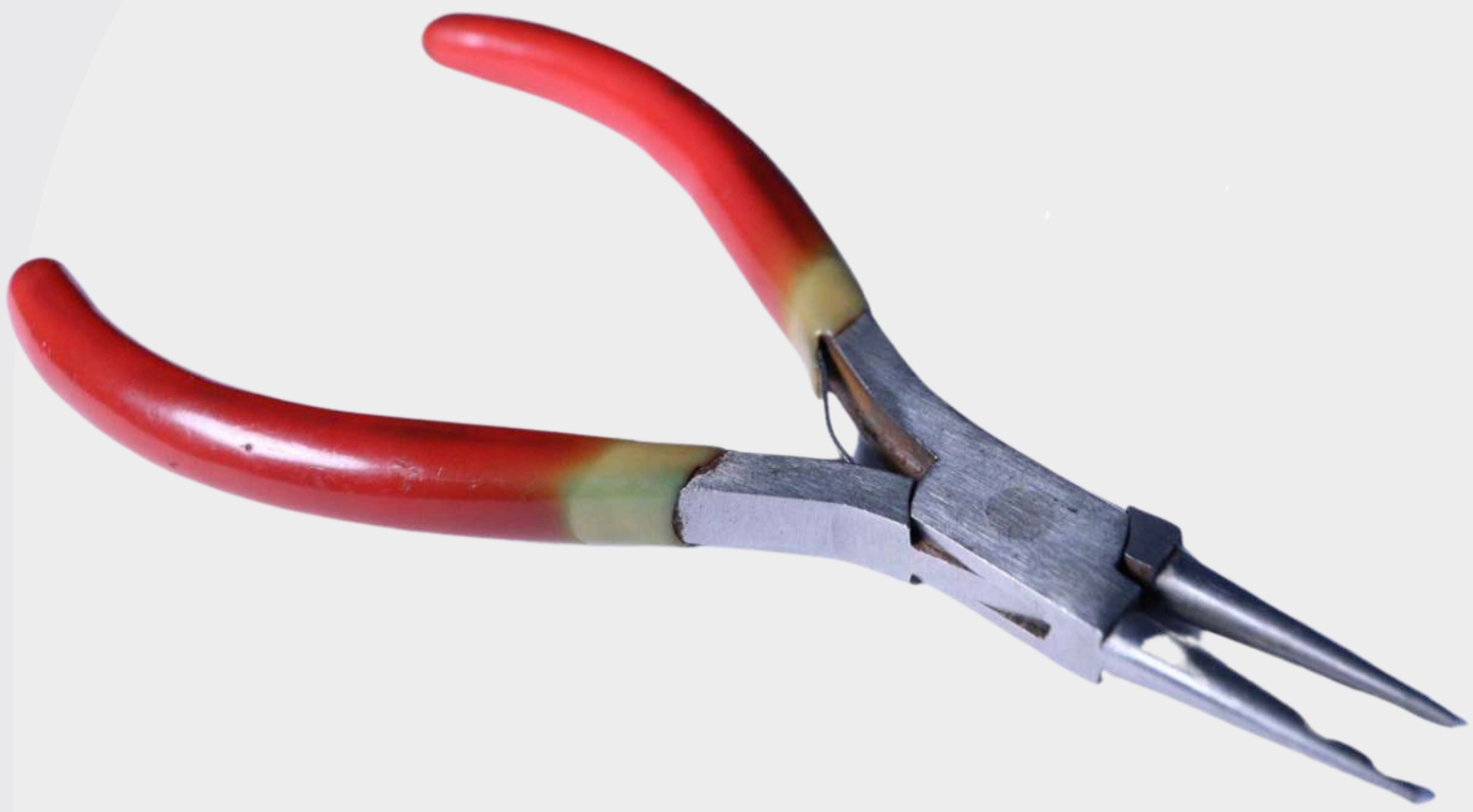
Haste de ferro com cabo de madeira regulável de uso individual.

Chicote ou motor suspenso

Motor elétrico de alta rotação acionado por pedal que fica suspenso na haste de madeira acoplada na lateral da bancada.

Lima

Chapa com várias ranhuras de tamanhos diferentes em sequência uniforme, com cabo de plástico ou madeira usada para desgastar o fio e deixá-lo arredondado.



Alicate de ponta redonda

Peça de ferro de uso individual que dá início à modelagem da armação do coração. Ele vem com duas molas. O ourives costuma tirar uma para facilitar o manuseio.

Alicate de ponta fina

Peça de ferro de uso individual para finalização e acabamento na modelagem da armação.

Pinça

Duas hastes de ponta fina ligadas em uma das extremidades que, pressionadas, constituem uma alavanca. Peça de ferro de uso individual .

Dado de bola

Dado de ferro maciço com concavidades arredondadas de diferentes tamanhos em cada um dos lados. Utilizado com o ponche embutidor. Peça de uso coletivo que dá suporte arredondado para abaular o coração nativitano.

Conjunto de ponches embutidores

Cilindros de ferro maciços com cabeças esféricas, de uso coletivo utilizados para abaular o coração e fazer bolas no dado de bola.

Broca de bola

Instrumento perfurante de uso individual de ferro ou inox que também marca o metal para a solda utilizado junto com o chicote.

Brocas espigas

Instrumentos perfurantes de ferro ou inox de uso individual que furam ou marcam o metal, aumentando a cava da lateral do coração. As brocas desgastam o metal para fazer uma canaletinha para passar o fio lateral da peça.

Pedra ou tijolo refratário

Suporte de amianto de uso individual usado para vários processos, tais como recozer fios, soldar, apoiar peças e preencher peças com filigrana.

POSFÁCIO

Em tempos imemoriais, os antigos ourives de Natividade, Tocantins, utilizavam muitas vezes a criatividade para o fabrico das joias, posto que se era muito custoso puxar a filigrana, brincos, colares, e mesmo as joias maciças, como a peixa e o Divino. Tudo era feito manualmente, e muitas vezes levava dias para se fabricar uma única joia. Um labor cotidiano palmilhado em paciência, delicadeza e zelo.

Utilizando suas ferramentas, tais como cadinho, rilheira, alicate, paquímetro, compasso, brocas, arco de serra etc., criados e recriados, fruto da acumulação de experiências, a que denominamos cultura, esses atores sociais, secularmente e ao longo de décadas, tecem com suas mãos artesãs, muito mais que artefatos que comunicam a trazem a identidade de um povo. Assim, os ourives e seus meios de produção são um elo que ligam uma geração à outra, dando densidade histórica às relações, aproximando o sujeito com seu lugar no mundo, o seu lugar de origem. Há em cada peça, um trabalho artesanal, seja em ouro ou prata, o sentimento de ser nativitano de quem as possui.

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. Desse modo, os artífices, preenchendo, laminando, torcendo, recozendo, achatando, puxando, fundindo e modelando... no seu âmago evocam através de suas veias a ancestralidade de um povo, erigido à custa de metal e de suor, sonho e memória. Há por traz de cada utensílio de trabalho o sentimento de pertencimento: não são apenas instrumentos, mas, sobretudo, parte de uma cadeia afetiva.

Os ourives, mestres e aprendizes de Natividade, codificam a identidade, constituindo uma linha entre o passado e o presente. Estes artesãos, com suas ferramentas antigas e/ou modernas, ajudam a manter viva a arte secular de joias artesanais no Tocantins. São também os guardiões do modo de fazer e do saber herdado de seus antepassados, pois registram, por meio de suas joias, fragmentos coletivos de um patrimônio cultural que resistiu por várias gerações.

Wátila Bonfim
Professor, Historiador, Doutorando em História (UnB)

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

UFT
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS